

SABRINA GEWEHR BORELLA

**“TU DAMPÉM FALA ASSIM?”: MACROANÁLISES PLURIDIMENSIONAIS DA  
VARIAÇÃO DE SONORIZAÇÃO E DESSONORIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DO  
PORTUGUÊS DE FALANTES BILÍNGUES HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS**

PORTO ALEGRE  
2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: LINGUÍSTICA APLICADA

**“TU DAMPÉM FALA ASSIM?”: MACROANÁLISES PLURIDIMENSIONAIS DA  
VARIAÇÃO DE SONORIZAÇÃO E DESSONORIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS DO  
PORTUGUÊS DE FALANTES BILÍNGUES HUNSRIQUEANO-PORTUGUÊS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em  
Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial para obtenção do título de  
Doutor em Letras, área de Estudos da Linguagem.

SABRINA GEWEHR BORELLA  
ORIENTADOR: PROF. DR. CLÉO VILSON ALTENHOFEN

PORTO ALEGRE  
2014

### CIP - Catalogação na Publicação

GEWEHR-BORELLA, Sabrina

"Tu dampém fala assim?": Macroanálises pluridimensionais da variação de sonorização e dessonorização das oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português / Sabrina GEWEHR-BORELLA. -- 2014.

204 f.

Orientador: Cléo Vilson ALTENHOFEN.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Hunsrückisch/hunsriqueano . 2. Contatos linguísticos e plurilinguismo. 3. Variação fonética. 4. Transferências interlinguísticas. 5. Dialetologia pluridimensional e relacional. I. ALTENHOFEN, Cléo Vilson, orient. II. Título.

Ao Catulo e à Carolina.

Meus agradecimentos...

Ao meu orientador, Professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen, pelo auxílio, dedicação e ensinamentos prestados ao longo de meu doutoramento.

Ao Professor Dr. Harald Thun e ao Professor Dr. Klaus Kohler, pela atenção e conhecimento disponibilizados no período de meu doutorado-sanduíche na Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha.

A todos os professores e funcionários do PPG-Letras, pelo ensinamento e suporte ofertados.

Aos membros da banca de qualificação da Tese, pelas contribuições teóricas.

À Capes e ao CNPq, pelas bolsas de doutorado e doutorado-sanduíche concedidas.

Ao Projeto ALMA-H, pela disponibilização do banco de dados e da biblioteca.

Aos colegas de disciplinas e do Projeto ALMA-H, em especial à Jussara Habel, pela amizade, ajuda e torcida mútua.

À Monique Fritscher, pela amizade e auxílio prestado na Alemanha.

À minha família, em especial a meus pais, pelo incentivo aos estudos.

Por fim, agradeço ao meu marido, Celson Catulo de Souza Borella, pelo apoio, companheirismo e por sempre me encorajar a seguir em frente.

## RESUMO

A presente Tese tem como objetivo central descrever a variação de sonorização e de dessonorização das oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ em dados de fala do português de falantes de hunsriqueano como língua de imigração alemã, a partir de uma perspectiva macroanalítica e pluridimensional (THUN, 1998). Para tanto, são analisadas leituras em português da ‘Parábola do Filho Pródigo’ de informantes de 16 localidades do Projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), divididos em duas gerações (jovens [GI] e velhos [GII]) e dois estratos sociais (classe sócio-cultural alta [Ca] e baixa [Cb]). A análise dos dados é dividida em quatro etapas. Na primeira etapa, são analisadas 43 leituras completas da Parábola de 15 localidades do Projeto, a fim de verificar o número total de dessonorizações/sonorizações de oclusivas e os condicionamentos linguísticos que favorecem as transferências do hunsriqueano para o português (tipo de processo, tonicidade silábica, tipo de oclusiva, etc.). A segunda etapa é dividida em dois momentos. Primeiramente, é feita uma comparação em tempo aparente, da leitura de jovens e de velhos (GI *versus* GII), uma análise mesocronológica (THUN, 2009), do primeiro e segundo parágrafos de 59 leituras de 16 localidades do Projeto. Em seguida, é realizada uma descrição em tempo real, a partir de uma análise macrocronológica (THUN, 2009) de 9 cartas antigas (1892-1922) trocadas entre falantes de hunsriqueano de diferentes localidades do Rio Grande do Sul. Ambas as análises têm o intuito de observar a existência de uma mudança em curso em relação à variável analisada, na comparação de diferentes gerações (dimensão diageracional e diacrônica). Na terceira etapa, são descritas as análises das 59 leituras, na dimensão diastrática (Ca *versus* Cb), com o objetivo de verificar o papel da escolaridade na manutenção ou mudança das marcas de influência da língua de imigração nos dados analisados. Na última etapa, são descritas as análises das 59 leituras, tomando por base a dimensão diatópica (diferentes pontos), visando comparar, por meio da cartografia pluridimensional, o comportamento variável dos informantes analisados em uma rede de 16 pontos de pesquisa. Os resultados da primeira etapa apontam: a) um número bastante reduzido de transferências interlinguísticas (apenas 1,98%); b) um maior número de dessonorizações (84,14%) do que sonorizações (15,86%) de oclusivas; c) a predominância de dessonorizações em sílabas pretônica e tônica e de sonorizações em sílaba postônica, seguindo as regras de vozeamento do hunsriqueano (ALTENHOFEN, 1996) e d) um número elevado de dessonorizações em posição inicial de palavra, o que leva a crer que tanto as oclusivas sonoras quanto a posição inicial de palavra são condicionamentos linguísticos propícios para a ocorrência de transferências do paradigma de dessonorização. As outras etapas mostram: a) um maior número de dessonorizações/sonorizações em informantes da GII do que da GI (análise mesocronológica); b) um crescente aumento no número de dessonorizações e uma queda no número das sonorizações com o passar do tempo (análise macrocronológica); c) um maior número de transferências nos informantes da Cb do que da Ca e d) um predomínio de padrões distintos do português em informantes pertencentes às colônias velhas e com baixo índice populacional. De modo geral, observa-se o predomínio de padrões distintos nos informantes CbGII, seguidos dos informantes CaGII, CbGI e, por fim, CaGI. Conclui-se, com isso, que o número de transferências do padrão de vozeamento da língua de imigração para o português está decrescendo. O resultado apresentado favorece uma mudança de atitude, tendo em vista que a diminuição de transferências faz com que os benefícios do bilinguismo fiquem mais evidentes do que, contrariamente, sugerem os estereótipos normalmente associados à fala de indivíduos bilíngues português-hunsriqueano, o que contribui para uma imagem e postura mais favoráveis ao uso dessa língua de imigração.

**Palavras-chave:** língua de imigração alemã, Hunsrückisch/hunsriqueano, contatos linguísticos e plurilinguismo, variação fonética, transferências interlinguísticas, dialetologia pluridimensional e relacional.

## ABSTRACT

This dissertation is mainly aimed to describe the variation of voicing and devoicing plosives (/p, b/, /t, d/ and /k, g/) in Portuguese speech data from speakers of Hunsrückisch, as a German immigration language, from a macroanalytic and pluridimensional perspective (THUN, 1998). So that, readings, in Portuguese of the ‘Prodigal Son Parable’ from informants of 16 localities of ALMA-H Project (Contactual-Linguistic Atlas of German Minorities in La Plata Basin- Hunsrückisch), divided into two generations (young [GI] and old [GII] and two social strata (high [Ca] and low [Cb] socio-cultural class), are analysed. The data analysis is divided into four steps. In the first step, 43 complete readings of the Parable from 15 localities of the Project are analysed, in order to check the total number of devoicing/voicing in the plosives and the linguistic constraints that favor transfers from Hunsrückisch to Portuguese (type of process, Syllable Stress, type of plosive, etc.). The second step is divided into two moments. Firstly, a comparison of readings from young and old is made (GI *versus* GII- *apparent time*), a mesochronological analysis (THUN, 2009), from the first and the second paragraphs of 59 readings of 16 Project localities. After that, a description in *real time* (macrochronological analysis (THUN, 2009)) of 9 old letters exchanged among Hunsrückisch speakers of different locations of Rio Grande do Sul is made. Both analyses aims to observe the existence of a change in progress in relation to the variable analyzed, in the comparison of different generations (diagenational and diachronic dimensions). In the third step, the analyzes of 59 readings (diastatic dimension (Ca *versus* Cb)) are described, aiming to verify the role of education in maintaining or changing the marks of the immigration language influence in the analyzed data. In the last step, the analyzes of 59 readings (diatopic dimension- different points), are described, aiming to compare, through pluridimensional cartography, the variable behavior of the analyzed informants in a network of 16 points of research. The results of the first step show: a) a very low number of interlinguistic transfers (only 1,98%); b) a larger number of devoicing (84,14%) than voicing (15,86%) of plosives; c) the predominance of devoicing in pretonic and tonic syllables, and voicing in posttonic syllables, following to the rules of voicing in Hunsrückisch (ALTENHOFEN, 1996) and d) a great number of devoicing in word initial position, which suggests that both voiced plosives and word initial position are linguistic constraints that favor transfers. The other steps show: a) a larger number of devoicing/voicing in GII than GI informants (mesochronological analysis); b) an increasing in the number of devoicing and a decreasing in the number of voicing over time (macrochronological analysis); c) a larger number of transfers in informants from Cb than from Ca and d) A predominance of Portuguese distinctive patterns in informants from old colonies and low degree of population. Overall, there is a predominance of distinctive patterns in CbGII informants, followed by CaGII, CbGI and finally CaGI informants. With that we can conclude that the number of voicing pattern transfers from the immigration language to Portuguese is decreasing. The result shown favors a change in attitude, taking into account that the decreasing in transfers makes the benefits of bilingualism become more evident than contrarily suggest the stereotypes usually associated with the speech of Portuguese-Hunsrückisch bilinguals, which contributes to an image and stance more favorable to the use of this immigration language.

**Keywords:** German immigration language, Hunsrückisch/Hunsriqueano, linguistic contacts and plurilingualism, phonetic variation, interlinguistic transfers, pluridimensional and relational dialectology.

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

- A: Alto índice populacional
- ADDU: Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai
- ALERS: Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil
- ALF: *Atlas Linguistique de La France*
- ALGR: Atlas Linguístico Guaraní-Românico
- ALiB: Atlas Linguístico do Brasil
- ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch
- B: Baixo índice populacional
- Ca: Classe alta
- Cb: Classe baixa
- CN: Colônias novas
- CV: Colônias velhas
- HARAS<sup>1</sup>: homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário
- Hrs: hunsriqueano/hunsrückisch
- DP: Dialetologia pluridimensional e relacional
- DAS: *Deutscher Sprachatlas*
- Des.: desonorizações
- DM: Dialetologia monodimensional
- GI: Geração nova
- GII: Geração velha
- NORMs<sup>2</sup>: *non-mobile, older, rural males*
- Pt: português
- ROM<sup>3</sup>: *rural old man*
- S: sociolinguística
- Son.: sonorizações
- VOT: *Voice Onset Time*

---

<sup>1</sup> Cf. Zágari (1998, p. 36)

<sup>2</sup> Cf. Chambers & Trudgill (1998, p. 29).

<sup>3</sup> Cf. Peter Trudgill (1983, p. 33).

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Análise geral da produção das oclusivas do Pt (43 leituras completas).....	107
Gráfico 2: Relação entre os índices de dessonorização e sonorização das oclusivas do Pt (43 leituras completas)	108
Gráfico 3: Transferências de dessonorização e sonorização das oclusivas divergente dos padrões do Pt conforme a tonicidade da sílaba (43 leituras completas) .....	109
Gráfico 4: Dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt de acordo com a posição silábica (43 leituras completas) .....	110
Gráfico 5: Número de ocorrências de transferência em cada oclusiva (43 leituras completas) .....	110
Gráfico 6: Produções de oclusivas divergente dos padrões do Pt na GI e GII (59 leituras -1º e 2º parágrafo)	115
Gráfico 7: Dessonorizações/Sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt na leitura da GI e da GII (59 leituras -1º e 2º parágrafo).....	116
Gráfico 8: Tonicidade das transferências de sonoridade das oclusivas na GII e na GI (59 leituras -1º e 2º parágrafo)	117
Gráfico 9: Tipo de oclusiva transferida pela GI e pela GII (59 leituras -1º e 2º parágrafo)...	118
Gráfico 10: Desvios de grafia das oclusivas conforme o tipo de processo subjacente (cartas antigas)..	122
Gráfico 11: Dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt conforme a tonicidade da sílaba (cartas antigas).....	123
Gráfico 12: Desvios de grafia conforme o tipo de oclusiva dessonorizada/sonorizada (cartas antigas)	124
Gráfico 13: Dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt (análise diacrônica)	125
Gráfico 14: Tonicidade silábica das dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt (análise diacrônica) .....	126
Gráfico 15: Tipo de oclusiva dessonorizada/sonorizada (análise diacrônica).....	127
Gráfico 16: Produções das oclusivas divergente dos padrões do Pt na Ca e Cb (59 leituras - 1º e 2º parágrafo)	129
Gráfico 17: Dessonorizações/Sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt na Ca e na Cb (59 leituras -1º e 2º parágrafo) .....	129
Gráfico 18: Tonicidade das transferências de oclusivas na Ca e Cb (59 leituras - 1º e 2º parágrafo)	130
Gráfico 19: Tipo de oclusiva transferida pela Ca e pela Cb (59 leituras - 1º e 2º parágrafo).....	132
Gráfico 20: Porcentagem de oclusivas com padrões distintos do Pt nos 16 pontos (59 leituras - 1º e 2º parágrafo)	136

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Variação de marcação de plural no sintagma nominal .....	24
Figura 2: O contínuo das variedades do alemão .....	27
Figura 3: CARTA 30 QFF 22 –DI(A).....	39
Figura 4: Espaço variacional e disciplinas da variação .....	42
Figura 5: Esquema das variantes X e Y.....	47
Figura 6: Mapa 2601: <i>Caçula</i> , perspectiva monodimensional (ADDU-Norte, experimental) 54	54
Figura 7: : Mapa 2602: <i>Caçula</i> , enfoque pluridimensional (ADDU-Norte).....	55
Figura 8: Três tipos de VOT.....	71
Figura 9: Padrões de VOT do português e do hunsriqueano .....	75
Figura 10: Produção da palavra <i>Buch</i> - [p]uch (17ms).....	76
Figura 11: Produção da palavra <i>Buch</i> - [b]uch (4ms).....	76
Figura 12: Produção da palavra <i>Kalt</i> ‘frio’ - [kʰ]alt (75ms).....	77
Figura 13: Produção da palavra <i>Tür</i> ‘porta’ [t]ur (15ms).....	77
Figura 14: Produção da palavra <i>Torte</i> ‘torta’, com a sonorização da oclusiva /t/=[tʰɔ.də].....	78
Figura 15: Produção da palavra <i>Torte</i> ‘torta’, com sonorização parcial da oclusiva /t/=[tʰɔ.də]... 78	78
Figura 16: Produção da palavra <i>Geld</i> ‘dinheiro’, com dessonorização da oclusiva /d/=[t].....	80
Figura 17: Produção da palavra ‘tatu’ no hunsriqueano.....	81
Figura 18: Percepção do VOT .....	86
Figura 19 : Mapa da rede de pontos de pesquisa do ALMA-H.....	90
Figura 20 : Pontos seleccionados para análise .....	93
Figura 21: Cartogramas das leituras (1º e 2º parágrafos) analisadas em cada um dos pontos da pesquisa ...	103
Figura 22 : Sequência de símbolos utilizada nos mapas .....	104
Figura 23 : Exemplo de planilha do Excel utilizada pelo ALMA-H.....	105
Figura 24: Anexo A - Delimitações do Hunsrück .....	165

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Eixos da cronologia .....	44
Quadro 2: Diferença entre o alemão-padrão e o hunsriqueano .....	66
Quadro 3: Oclusivas do português.....	67
Quadro 4: Regras de vozeamento do hunsriqueano, seguindo Altenhofen (1996) .....	69
Quadro 5: Oclusivas no <i>Mittelrheinischer Sprachatlas</i> .....	73
Quadro 6: Dimensões, parâmetros e critérios de coleta .....	88
Quadro 7: Dados sócio-demográficos da rede de pontos do Brasil do Projeto ALMA-H .....	92
Quadro 8: Informantes em cada um dos pontos (siglas explicativas) .....	94
Quadro 9: Palavras com oclusivas bilabiais presentes no texto para leitura completa em português .....	97
Quadro 10: Palavras com oclusivas alveolares/dentais presentes no texto para leitura completa em português.....	98
Quadro 11: Palavras com oclusivas velares presentes no texto para leitura completa em português .....	99
Quadro 12: Palavras com oclusivas bilabiais presentes no texto para leitura parcial (1º e 2º parágrafo) em português.....	100
Quadro 13: Palavras com oclusivas alveolares/dentais presentes no texto para leitura parcial (1º e 2º parágrafo) em português.....	101
Quadro 14: Palavras com oclusivas velares presentes no texto para leitura parcial (1º e 2º parágrafo) em português.....	101
Quadro 15: Resumo das etapas de análise dos dados .....	104
Quadro 16: Palavras com maior ocorrência de dessonorização, na leitura da Parábola do Filho Pródigo, em português.....	113
Quadro 17: Transferências grafo-fônico-fonológicas de oclusivas nas cartas antigas.....	122
Quadro 18: Índice populacional dos 16 pontos de pesquisa analisados .....	135
Quadro 19: Pontos de pesquisa quanto à área histórico-geográfica em que se situam .....	135
Quadro 20: Comparativo entre percentual de oclusivas com padrões distintos do Pt, índice populacional e área histórico-geográfica.....	138
Quadro 21: Produções corrigidas pelos informantes.....	147
Quadro 22: Anexo B - Parábola do Filho Pródigo com oclusivas destacadas .....	166
Quadro 23: Anexo E - Resumo dos resultados da 1ª etapa de análise dos dados.....	202
Quadro 24: Anexo E - Resumo dos resultados da 2ª etapa (a) de análise dos dados .....	203
Quadro 25: Anexo E - Resumo dos resultados da 2ª etapa (b) de análise dos dados .....	203
Quadro 26: Anexo E - Resumo dos resultados da 3ª etapa de análise dos dados.....	204
Quadro 27: Anexo E - Resumo dos resultados da 4ª etapa de análise dos dados.....	204

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Percentual de transferência em cada uma das oclusivas analisadas (43 leituras)...	111
Tabela 2: Percentual de transferência em cada uma das oclusivas analisadas (GI e GII - 59 leituras)	119
Tabela 3: Percentual de transferências em cada uma das oclusivas analisadas (Ca e Cb - 59 leituras)..	132
Tabela 4: Resumo dos dados cartografados nos mapas 002 a 017 .....	146
Tabela 5: Valores e porcentagens do total de padrões distintos do Pt.....	190
Tabela 6: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras .....	190
Tabela 7: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas .....	191
Tabela 8: Valores e porcentagens do total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba pretônica.	191
Tabela 9: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba pretônica.	192
Tabela 10: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba pretônica .....	192
Tabela 11: Valores e porcentagens do total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba tônica ....	193
Tabela 12: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba tônica ....	193
Tabela 13: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba tônica.....	194
Tabela 14: Valores e porcentagens do total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba postônica.....	194
Tabela 15: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba postônica ...	195
Tabela 16: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba postônica .....	195
Tabela 17: Valores e porcentagens do total de sonorizações de /p/ .....	196
Tabela 18: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de /b/ .....	196
Tabela 19: Valores e porcentagens do total de sonorizações de /t/ .....	197
Tabela 20: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de /d/ .....	197
Tabela 21: Valores e porcentagens do total de sonorizações de /k/ .....	198
Tabela 22: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de /g/ .....	198
Tabela 23: Dessonorização da oclusiva velar na palavra ‘g(uardar)’ .....	199
Tabela 24: Dessonorização da oclusiva bilabial na palavra ‘b(olotas)’ .....	199
Tabela 25: Dessonorização da oclusiva velar na palavra ‘g(astou)’ .....	200
Tabela 26: Dessonorização da oclusiva bilabial na palavra ‘b(ens)’ .....	200
Tabela 27: Dessonorização da oclusiva velar na palavra ‘(desre)g(rada)’ .....	201

## LISTA DE MAPAS

Mapa 001: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt.....	167
Mapa 002: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras.....	168
Mapa 003: Total de sonorizações de oclusivas surdas .....	169
Mapa 004: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba pretônica.....	170
Mapa 004.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba pretônica.....	171
Mapa 004.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba pretônica .....	172
Mapa 005: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba tônica.....	173
Mapa 005.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba tônica.....	174
Mapa 005.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba tônica .....	175
Mapa 006: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba postônica .....	176
Mapa 006.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba postônica .....	177
Mapa 006.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba postônica.....	178
Mapa 007: Sonorizações de /p/ .....	179
Mapa 008: Dessonorizações de /b/.....	180
Mapa 009: Sonorizações de /t/ .....	181
Mapa 010: Dessonorizações de /d/.....	182
Mapa 011: Sonorizações de /k/.....	183
Mapa 012: Dessonorizações de /g/.....	184
Mapa 013: G(uardar) .....	185
Mapa 014: B(olotas).....	186
Mapa 015: G(astou).....	187
Mapa 016: B(ens) .....	188
Mapa 017: (Desre)g(rada) .....	189

## SUMÁRIO

<b>RESUMO .....</b>	<b>VI</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>VII</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS .....</b>	<b>VIII</b>
<b>LISTA DE GRÁFICOS.....</b>	<b>IX</b>
<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>X</b>
<b>LISTA DE QUADROS.....</b>	<b>XI</b>
<b>LISTA DE TABELAS.....</b>	<b>XII</b>
<b>LISTA DE MAPAS .....</b>	<b>XIII</b>
<b>SUMÁRIO .....</b>	<b>XIV</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>1 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA SOCIAL .....</b>	<b>24</b>
<b>1.1 O <i>status</i> das línguas minoritárias .....</b>	<b>25</b>
1.1.1 O hunsriqueano no Brasil .....	26
1.1.2 Hunsriqueano: língua ou dialeto? .....	28
1.1.3 Brasil: um país multilíngue .....	29
1.1.4 Valor do hunsriqueano no mercado linguístico.....	32
<b>1.2 O modelo teórico da dialetologia pluridimensional (DP).....</b>	<b>35</b>
1.2.1 Percursos para uma ciência ampla da variação linguística.....	35
1.2.2 Nanocronologia, microcronologia, mesocronologia e macrocronologia na DP.....	44
1.2.3 Dimensões observadas no modelo teórico da DP.....	46
1.2.3.1 A dimensão diatópica .....	46
1.2.3.2 A dimensão diastrática.....	48
1.2.3.3 A dimensão diageracional .....	48
1.2.3.4 A dimensão diassexual .....	49
1.2.3.5 A dimensão dialingual .....	50
1.2.3.6 A dimensão diafásica.....	51
1.2.3.7 A dimensão diarreferencial.....	51
1.2.3.8 A dimensão diarreligiosa .....	52
1.2.4 Vantagens e desvantagens da adoção do modelo pluridimensional .....	53
<b>2 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA PSICOLINGUÍSTICA .....</b>	<b>57</b>

<b>2.1 Bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo .....</b>	<b>57</b>
<b>2.2 Processos de transferência interlinguística .....</b>	<b>59</b>
<b>2.3 Estudos de transferências de sonoridade do hunsriqueano .....</b>	<b>61</b>
<b>2.4 As oclusivas no sistema fonético-fonológico do português e do hunsriqueano .....</b>	<b>67</b>
<b>2.5 O <i>Voice Onset Time</i> do português e do hunsriqueano.....</b>	<b>70</b>
<b>2.6 Correlatos de oposição das oclusivas do alemão-padrão e de outros dialetos .....</b>	<b>81</b>
<b>2.7 Papel da percepção nas transferências interlinguísticas.....</b>	<b>85</b>
<b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>88</b>
<b>3.1 Dimensões de análise .....</b>	<b>88</b>
<b>3.2 Rede de pontos .....</b>	<b>89</b>
<b>3.3 Informantes .....</b>	<b>94</b>
<b>3.4 Metodologia de coleta de dados do Projeto ALMA-H .....</b>	<b>94</b>
<b>3.5 Dados escolhidos para análise da Tese .....</b>	<b>96</b>
<b>3.6 Cartografia e apresentação dos dados analisados .....</b>	<b>104</b>
<b>4 DESCRIÇÕES, ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS DADOS .....</b>	<b>106</b>
<b>4.1 Análise da primeira etapa: número total de transferências e condicionamentos linguísticos .</b>	<b>106</b>
4.1.1 Número de transferências (dessonorizações e sonorizações) <i>versus</i> o número de dados lidos ....	106
4.1.2 Condicionamentos linguísticos mais propícios à ocorrência de transferências .....	108
<b>4.2 Análise da segunda etapa: dimensão diageracional e diacrônica.....</b>	<b>114</b>
4.2.1 Análise mesocronológica: 59 leituras (parágrafos 1 e 2) por falantes da GII e da GI.....	114
4.2.2 Análise macrocronológica: cartas antigas (1892-1922).....	121
<b>4.3 Análise da terceira etapa: dimensão diastrática .....</b>	<b>128</b>
<b>4.4 Análise da quarta etapa: dimensão diatópica.....</b>	<b>133</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>150</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>156</b>
<b>ANEXO A – DELIMITAÇÕES DO HUNSRÜCK .....</b>	<b>165</b>
<b>ANEXO B – PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO (LUCAS 14,15) .....</b>	<b>166</b>
<b>ANEXO C – MAPAS.....</b>	<b>167</b>
<b>ANEXO D – VALORES E PORCENTAGENS DOS MAPAS .....</b>	<b>190</b>
<b>ANEXO E – RESUMO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES DOS DADOS.....</b>	<b>202</b>

## INTRODUÇÃO

A presente Tese de Doutorado contribui para os estudos da variação fonética do português falado por indivíduos bilíngues hunsriqueano-português. Por hunsriqueano (al. *Hunsrückisch*) entende-se, de acordo com Altenhofen (2004), uma língua de imigração derivada historicamente do contato de variedades do contínuo dialetal de base francônio-renana e francônio-moselana do alemão imigrado da região da Renânia Central, na Alemanha, para o Brasil, a partir da primeira metade do séc. XIX. A essa base original trazida pelos imigrantes agregaram-se elementos e traços de diferentes contatos linguísticos, sobretudo com o português, os quais lhe conferiram características próprias e um *status* e identidade particulares que justificam o atributo de “língua brasileira de imigração”. Em termos sócio-históricos, o hunsriqueano configura-se, na relação com o português, como uma língua minoritária do tipo língua de migração e, em relação ao alemão *standard*, como uma variedade dialetal em constante mudança.

A presente Tese ocupa-se com o português falado por esses falantes de hunsriqueano. Seu **tema central** é a descrição da variação de sonorização e de desonorização das oclusivas do português, numa perspectiva macroanalítica e pluridimensional, seguindo os pressupostos da dialetologia pluridimensional e relacional (cf. THUN, 1998) e considerando a influência ou transferência do padrão fonético da língua de imigração alemã para o português. Para tanto, servem de base para a análise os dados coletados pelo Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch (ALMA-H)<sup>4</sup> – ver mapa 1 em anexo. O enfoque macroanalítico e pluridimensional justifica-se, desta maneira, por se realizarem análises da variável <sonorização/dessonarização das oclusivas> em grupos de falantes distribuídos em uma rede de localidades de pesquisa (dimensão diatópica), diferenciados conforme a idade (dimensão diageracional) e a escolaridade (dimensão diastrática), como veremos mais adiante. Com isso, buscam-se identificar macrotendências do comportamento linguístico variável dos falantes bilíngues em português e hunsriqueano/alemão em relação à sonoridade das oclusivas do português.

---

<sup>4</sup> Projeto desenvolvido pelo Orientador da Tese, Cléo V. Altenhofen (UFRGS, Porto Alegre), em parceria com Harald Thun (Universidade de Kiel, Alemanha), com o apoio da Fundação Alexander von Humboldt. O Projeto objetiva constituir um banco de dados linguísticos e etnográficos da variedade Hunsrückisch em contato com o português e o espanhol em uma rede de 41 pontos de pesquisa selecionados na Bacia do Prata. Para maiores informações ver: <http://www.ufrgs.br/projalma/>.

A escolha pela pesquisa da língua de imigração hunsriqueana surgiu a partir de minha experiência como professora, no ano de 2000, de uma primeira série do Ensino Fundamental, localizada no interior do município de Ivoti (RS), na qual tinha como alunos falantes bilíngues hunsriqueano-português que apresentavam transferências interlinguísticas tanto na fala quanto na escrita. Na alfabetização desses alunos bilíngues, percebi que as ocorrências de desonorização e sonorização de oclusivas que eles cometiam, como, por exemplo, na escrita da palavra *gaterno* ao invés de *caderno*, eram as mesmas que minha mãe, também falante bilíngue (hunsriqueano-português), fazia, principalmente na escrita, e que, já à época de minha infância, despertavam minha indagação. Lembro-me de corrigi-la diversas vezes em razão do que escrevia na lista do mercado: “Mãe ‘pasta de dente’ é com ‘P’, não é com ‘B’”.

O hunsriqueano configura uma língua de imigração alemã introduzida no Brasil a partir da primeira metade do séc. XIX. Mesmo depois de decorridos 190 anos desde a chegada dos primeiros imigrantes (em 25 de julho de 1824), estima-se que o hunsriqueano ainda seja falado nos dias atuais por cerca de 500.000 pessoas no Rio Grande do Sul (cf. ALTENHOFEN *et al.*, 2008). Do Rio Grande do Sul, o hunsriqueano migrou para “novas terras”, no centro e oeste de Santa Catarina<sup>5</sup>, sudoeste do Paraná, faixa fronteira do Paraguai e da província de Misiones, na Argentina. Essa migração de excedentes populacionais das colônias velhas do Rio Grande do Sul para novas áreas não ficou restrita, no entanto, ao sul do país; ela se estende mais recentemente para áreas da Amazônia, como Mato Grosso e Pará.

O contato com a população nativa fez com que os imigrantes aprendessem a língua portuguesa. Características fonético-fonológicas do hunsriqueano foram muitas vezes transferidas nessa aprendizagem, gerando incongruências no padrão fonológico do português. Nos dias atuais, à medida que aumenta a presença do português nas práticas linguísticas das comunidades de falantes, observa-se uma redução dessas transferências. Apesar de ser comum em situações de contato linguístico, esse tipo de transferência é ainda bastante estigmatizado. As transferências fonético-fonológicas (na fala) e grafo-fônico-fonológicas (na escrita) são chamadas comumente, no domínio público, de “trocas de letras”. Tais trocas, utilizadas para fins humorísticos, tanto em textos escritos (livros, jornais, postagens) quanto orais (programas de rádio, peças de teatro, vídeos na Internet), mostram o quanto um falar diferente do considerado “comum/correto” chama a atenção de grande parte da sociedade.

---

<sup>5</sup> Ressalta-se que a imigração no leste de Santa Catarina teve início já na primeira metade do século XIX (Ponto SC01, por exemplo, 1829).

Essas transferências foram analisadas por mim já na dissertação de mestrado (GEWEHR-BORELLA, 2010) e em outros trabalhos (GEWEHR, 2008; GEWEHR-BORELLA *et al*, 2009 e GEWEHR & ZIMMER, 2009), porém sob um enfoque psicolinguístico. A análise das oclusivas do português, nesses estudos, mostrou que crianças bilíngues (hunsriqueano-português) apresentam um padrão de VOT (*Voice Onset Time*<sup>6</sup>) distinto do português, com muito mais frequência do que crianças monolíngues (português). Para ilustrar essa relação, pode-se citar como exemplo a palavra *bico* que foi produzida, diversas vezes, dentro da *categoria zero de VOT*<sup>7</sup>, ao ser pronunciada como [p]ico ou [b̥]ico ao invés de [b]ico. Nos contextos em que foram produzidas distintamente dos padrões do português, as demais oclusivas sonoras /d/ e /g/ seguiram o mesmo padrão de VOT do exemplo, gerando produções como [t]edo/[d̥]edo, ou [k]ambá/[g̥]ambá, respectivamente para as palavras *dedo* e *gambá*. Da mesma forma, porém em menor frequência, foram observados padrões de *VOT negativo*, quando eram esperadas produções de *VOT zero* (ver mais detalhes em 2.5). São exemplos desse tipo de mudança de padrão as palavras [b]onte/ponte, [d]emporal/*temporal* e [g]opo/*copo*. Um número mais elevado de dessonorizações do que de sonorizações também foi corroborado por Lara (2013), ao analisar oclusivas bilabiais para sua dissertação de mestrado, fato que reforça o conhecimento de que as dessonorizações são mais numerosas que as sonorizações nas transferências do hunsriqueano para o português.

Esse tipo de padrão diferenciado, produzido pelos alunos bilíngues, é resultado de transferências fonético-fonológicas entre a L1<sup>8</sup> (hunsriqueano) e a L2 (português) desses falantes, nas quais são utilizados os padrões da primeira língua na produção da segunda língua. Tais transferências também podem influenciar a escrita, gerando o que chamamos de transferências grafo-fônico-fonológicas. Ao falar [k]ambá, por exemplo, o falante tende a grafar tal palavra com o grafema <C>, transferindo o padrão utilizado na fala para a escrita. Esse tipo de transferência

<sup>6</sup> O VOT é o período de surdez entre a soltura/explosão da consoante e o início da periodicidade de vozeamento do segmento seguinte (LISKER & ABRAMSON, 1964). Para mais informações, consultar p. seção 2.5.

<sup>7</sup> Mais informações: seção. 2.5.

<sup>8</sup> L1: primeira língua. Neste trabalho L1 equivale ao conceito de *língua materna*, definida como a primeira língua aprendida pelo falante. Grande parte dos informantes pesquisados têm o hunsriqueano como primeira língua e o português como segunda língua (isto é, L2), tendo em vista que aprenderam o português apenas no momento em que entraram para a escola, falando até então somente o hunsriqueano. Grande parte dos informantes apresentam tanto o português quanto o hunsriqueano como L1, pelo fato de aprenderem as duas línguas concomitantemente, desde o nascimento.

só não acontece quando o informante supera a hipótese fonética na relação grafema-fone e aprende o registro gráfico esperado.

É preciso destacar que, apesar de ter encontrado um maior número de transferências de oclusivas em crianças bilíngues do que em crianças monolíngues (GEWEHR-BORELLA, 2010), também foi observado um número significativo de crianças bilíngues que, contrariamente, não apresentaram transferências com relação às oclusivas, apresentando, portanto, padrões de VOT e de escrita característicos do português. Cabe acrescentar, além disso, que ocorreu variação nos padrões de vozeamento<sup>9</sup> no mesmo informante, isto é, padrões derivados ou não de transferência. Isso mostra que a regra de vozeamento do hunsriqueano nem sempre é transferida para a fala do português, o que comprova que o padrão apresentado é variável, não sendo, portanto, uma regra categórica.

É preciso considerar que os dados desta pesquisa se restringem à fala em português de falantes bilíngues hunsriqueano-português. Tal como apontam outros estudos (Altenhofen, 1990; Gewehr-Borella, 2010) a desonorização/sonorização desviante no português não se restringe a esses falantes bilíngues, mas pode ocorrer igualmente entre membros monolíngues falantes de um português de contato originado na comunidade.

Considerando a base de dados do ALMA-H, na qual se fundamentam as macroanálises pluridimensionais pretendidas na presente Tese, tem-se como **objetivo central** descrever a variação de sonorização e de desonorização das oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ em dados de fala do português de falantes de hunsriqueano como língua de imigração alemã. O português figura para esses falantes como L1 simultânea ao hunsriqueano, ou como L2, conforme a ordem de aquisição pelos informantes do ALMA-H. Complementando esse objetivo central, têm-se os seguintes **objetivos específicos**:

1) Verificar em que medida se mantêm ou mudam as marcas de influência da língua de imigração hunsriqueana na sonorização/dessororização das oclusivas do português desses falantes, considerando sua mudança em tempo real e aparente.

---

<sup>9</sup> O termo *vozeamento* é utilizado na Tese em seu sentido mais amplo (ex: ‘padrões de vozeamento’, ‘regras de vozeamento’, etc.), abarcando tanto as desonorizações quanto as sonorizações.

Mais especificamente, pretende-se a) observar se há uma mudança em curso em relação a essa variável, na comparação da fala da GII<sup>10</sup> (geração velha) para a GI (geração jovem) – comparação em *tempo aparente* (LABOV, 2008 [1972]). Este nível de análise equivale à dimensão diageracional e à análise mesocronológica, na perspectiva de Thun (2009). Paralelamente, b) busca-se –descrever, mesmo que seletivamente, o comportamento da variável no eixo do *tempo real* (LABOV, 2008 [1972]), ou seja, considerando a dimensão diacrônica e a análise macrocronológica, na perspectiva de Thun (2009).

2) Analisar o papel da escolaridade na manutenção ou mudança das marcas de influência da língua de imigração hunsriqueana na sonorização/dessonorização das oclusivas do português falado por informantes de dois estratos sociais distintos (Ca e Cb<sup>11</sup>), considerando o contexto sócio-histórico da escolarização dos diferentes grupos etários (dimensão diastrática).

3) Correlacionar, por meio da cartografia pluridimensional, o comportamento variável de velhos e de jovens (GI e GII) com mais ou menos escolaridade (Ca e Cb) em uma rede de localidades de pesquisa (dimensão diatópica), buscando identificar condicionamentos sociogeográficos distintos, com ênfase na área histórico-geográfica (colônias velhas e novas) e no índice populacional das localidades de pesquisa selecionadas.

Grosso modo, pode-se afirmar que a presente Tese objetiva descrever, por meio da macroanálise pluridimensional, como falantes mais velhos (GII) e mais jovens (GI) de estrato social mais escolarizado (Ca) ou com menos escolaridade (Cb) de localidades e áreas geográficas distintas (pontos RS02, RS04, RS05, RS07, RS08, RS10, RS11, RS13, RS14, RS16, RS19, RS23, SC02, SC06, PR03, MT02) mantêm ou mudam/variam as marcas de influência do hunsriqueano na produção das oclusivas do português no que se refere a sua sonorização ou desonorização.

Apesar de saber que as transferências de sonorização/dessonorização se aplicam igualmente às consoantes fricativas, a restrição, nesta Tese, à análise das consoantes oclusivas do português de falantes bilíngues hunsriqueano-português deve-se à necessidade de um recorte que garanta uma clareza e exequibilidade da pesquisa, necessárias nas circunstâncias atuais de uma Tese de Doutorado.

A partir dos objetivos elencados, colocam-se as seguintes perguntas de pesquisa:

<sup>10</sup> GI (18-36 anos) GII (acima de 55 anos). Para mais informações ver: cap. 3, procedimentos metodológicos.

<sup>11</sup> Ca (Classe alta, com formação universitária parcial ou completa) Cb (Classe baixa, até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita). Para mais informações ver cap. 3, procedimentos metodológicos.

**Com relação ao objetivo central 0):**

- a) O processo de transferência do padrão de vozeamento das oclusivas do hunsriqueano para o português, com relação à dessonorização/sonorização, ocorre num número considerável de dados?
- b) Ocorrem mais sonorizações ou dessonorizações de oclusivas?
- c) A tonicidade da sílaba tem influência na dessonorização/sonorização das oclusivas?
- d) A dessonorização/sonorização ocorre mais em uma oclusiva do que em outra?
- e) Quais são os condicionamentos linguísticos mais salientes a serem observados na ocorrência de transferência?

**Com relação ao objetivo 1):**

- a) Há variação no grau de transferência entre falantes de faixas etárias distintas (GI e GII)?
- b) Como se dão os processos de sonorização e dessonorização de oclusivas em cartas antigas (séc. XIX e XX), escritas em português, trocadas entre falantes de hunsriqueano?
- c) Como se dão os processos de sonorização e dessonorização de oclusivas de períodos distintos (cartas antigas, GII e GI [dados atuais])<sup>12</sup>?

**Com relação ao objetivo 2):**

- a) As transferências analisadas são exclusivas das classes menos escolarizadas? Qual o papel da escolaridade no grau de ocorrência da transferência?

**Com relação ao objetivo 3):**

- a) Há variação no grau de transferência associada ao contexto sociogeográfico de cada localidade da rede de pontos do Projeto ALMA-H?

As perguntas apresentadas acenam para as **seguintes hipóteses:**

- 1) *O padrão de vozeamento do hunsriqueano transfere-se de forma significativa para o português nos dados dos informantes entrevistados pelo ALMA-H, tendo em vista seu alto grau de bilinguismo em hunsriqueano (como L1) e em português (como L2).*

---

<sup>12</sup> Não se tem, aqui, uma hipótese específica relativa a esta pergunta de pesquisa.

- 2) *O índice de ocorrência de desonorizações supera quantitativamente o de sonorizações das oclusivas, pelo fato de a posição tônica ser foneticamente mais marcada e, nessa posição, se privilegiar a desonorização.*
- 3) *São esperadas mais desonorizações em sílabas tônicas e pretônicas e mais sonorizações em sílabas postônicas, seguindo as regras de vozeamento do hunsriqueano (ALTENHOFEN, 1996);*
- 4) *A oclusiva mais propensa à desonorização é a oclusiva velar. Isto ocorre em razão da menor cavidade de oclusão entre o local de produção da oclusiva e a glote (conforme explicado na seção 2.5);*
- 5) *O tipo de oclusiva e a tonicidade da sílaba são condicionamentos linguísticos especialmente relevantes no processo de transferência das oclusivas da língua de imigração para o português. Esta hipótese se deve à expectativa de que as oclusivas sonoras apresentarão muito mais transferência que as oclusivas surdas e que esta transferência ocorrerá muito mais em sílabas pretônica e tônica do que em sílaba postônica, conforme as regras de vozeamento do hunsriqueano (ALTENHOFEN, 1996).*
- 6) *Esperam-se mais ocorrências de transferência na fala dos informantes da GII (mais velhos) do que da GI (mais jovens). Esta hipótese deve-se a uma série de fatores. Um deles pode ser a maior proficiência em português pelos informantes da GI, a qual tende a inibir a aplicação da regra do hunsriqueano.*
- 7) *As desonorizações/sonorizações de oclusivas ocorrem com frequência já desde os primeiros tempos da imigração, como se pode constatar em registros de cartas antigas (do séc. XIX e XX), escritas em português entre falantes de hunsriqueano.*
- 8) *Os informantes menos escolarizados tendem a apresentar mais desonorizações/sonorizações de oclusivas do que os mais escolarizados, mostrando que quanto maior o grau de escolaridade, menor a probabilidade de ocorrência de transferência, embora esta não esteja descartada;*
- 9) *O contexto sociogeográfico da rede de pontos analisados influencia na manutenção ou redução do número de transferências. Assim como observado em outros estudos, espera-se a ocorrência de variação diatópica atrelada sobretudo ao grau de urbanização (ou de “ruralidade”) e, conseqüentemente, de maior ou menor presença de falantes bilíngues hunsriqueano-português em cada um dos pontos selecionados.*

Para estruturar o trabalho de análise da variável do estudo – a variação de sonorização e dessonorização das oclusivas no português de falantes de hunsriqueano – dividiu-se a presente Tese em 4 capítulos. Os referenciais teóricos do trabalho são apresentados em dois capítulos: um voltado para a dialetologia enquanto base para uma “ciência ampla da variação linguística” (cap. 1), e outro voltado para a interface psicolinguística do problema abordado (cap. 2). No cap. 3, são explanados os procedimentos metodológicos utilizados na execução e desenvolvimento da Tese. No cap. 4, são feitas as descrições, análises e interpretações dos dados. Salienta-se que os dados analisados nesta Tese foram retirados do banco de dados linguísticos do projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*). Por fim, são apresentadas as considerações finais e principais conclusões do trabalho.

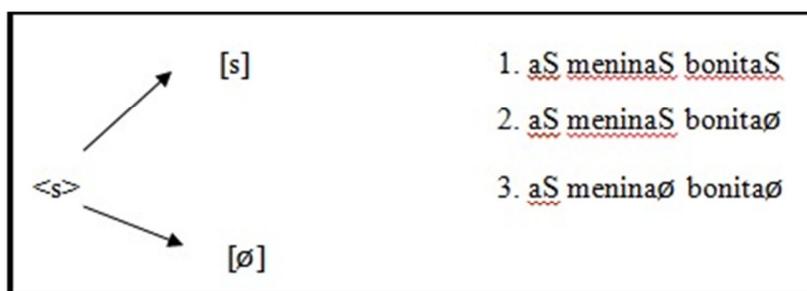
Cabe ressaltar, a título de introdução, que já existem na literatura alguns trabalhos que apontam transferências de sonoridade de oclusivas entre o hunsriqueano e o português (MUELLER, 1985; HILGEMANN, 2004; SCHNEIDER, 2007; GEWEHR-BORELLA, 2010; LARA, 2013) e entre o hunsriqueano e o alemão-padrão (NEDEL, 1995; KUHN, 2009). Reconhecendo, antes de tudo, a relevância desses estudos, espera-se contribuir com uma macrovisão que permite comparar a variação da sonorização e da dessonorização das oclusivas num plano mais amplo que abrange uma área e dimensões possíveis por meio de um atlas que se constroi pelos pressupostos do modelo teórico da dialetologia pluridimensional.

A compreensão do comportamento linguístico relativo à variável fonológica analisada poderá auxiliar na busca de melhorias para o ensino de português a falantes bilíngues, na medida em que discute e esclarece melhor os processos linguísticos ocorridos com tais falantes. Nos âmbitos social e linguístico, o presente trabalho pode, além disso, contribuir para diminuir preconceitos linguísticos em relação à fala de indivíduos da língua minoritária hunsriqueana, na medida em que se confirma que as transferências estudadas não são categóricas, mas, sim, relativas, visto que apresentam variação e que decorrem de uma série de fatores que é preciso entender.

## Capítulo 1

### VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA SOCIAL

A **variação linguística** ocorre quando certas formas linguísticas, relativas a diferentes níveis, como a sintaxe, fonologia ou morfologia, apresentam alternância em uma determinada comunidade, num mesmo período de tempo, isto é, sincronicamente (CRISTÓFARO-SILVA, 2011, p. 217). Como exemplo de variação, tem-se na fala do português a marcação do plural no sintagma nominal, a qual pode englobar as seguintes variantes: (1) presença do segmento fônico /s/ e (2) ausência desse segmento, conforme o esquema e os exemplos apresentados por Tarallo (2007, p. 09):



**FIGURA 1:** Variação de marcação de plural no sintagma nominal  
**Fonte:** Tarallo (2007, p. 9)

Nos exemplos acima, têm-se no mesmo sintagma nominal variações de marcação de plural, incluindo a presença da marca ao longo de todo sintagma, conforme o padrão do português, no primeiro exemplo (1), ou sua ausência na posição de adjetivo modificador (2) e nas duas posições finais do sintagma (3), no segundo e terceiro exemplos, respectivamente.

Ao longo do tempo, considerando o eixo da diacronia, uma variação pode levar a uma **mudança linguística**. Contudo, se nem toda variação leva a uma mudança, é certo que toda mudança surge a partir de uma variação (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006 [1968], p. 126). Para a compreensão dos processos de mudança, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) citam algumas questões cruciais a respeito da utilização de uma nova variante. Tais questões estão relacionadas aos fatores condicionantes, à transição, ao encaixamento, à avaliação e à implementação de uma mudança (PAIVA & DUARTE, 2006, p. 140).

De acordo com Tarallo (2007), a pergunta que deve ser feita com relação aos fatores condicionantes é a seguinte: “Quais são os fatores gerais efetivos para a mudança – se é que existem – que determinam e distinguem possíveis mudanças de mudanças impossíveis do sistema e que, ao mesmo tempo, apontam direções de mudanças?” (TARALLO, 2007, p. 73). No que diz respeito à transição, Tarallo lembra a necessidade de conhecer a maneira e os caminhos percorridos na mudança linguística. Para determinar o encaixamento, faz-se necessário, de acordo com Tarallo (2007, p. 73), descobrir “como uma determinada mudança linguística se encaixa no sistema circundante de relações sociais e linguísticas”. Já a avaliação da mudança linguística é feita, segundo Tarallo, pelos membros de uma determinada comunidade linguística, os quais além de avaliarem a mudança, avaliam também os efeitos da própria avaliação. Por fim, a implementação é respondida a partir de questionamentos relativos à razão (por quê?), ao tempo (quando?) e ao local (onde?) uma mudança linguística ocorre (TARALLO, 2007, p. 74).

A variável analisada na presente Tese, <sonorização/dessonorização de oclusiva>, apresenta variação entre os informantes. Alguns dos falantes mantêm as marcas de influência do hunsriqueano, transferindo totalmente o padrão da língua de imigração para a fala do português; já outros produzem padrões intermediários/gradientes entre as duas línguas. Por fim, há aqueles que substituem na sua totalidade o padrão do hunsriqueano pelo padrão do português, não apresentando, portanto, transferências. A partir dos resultados obtidos na análise dos dados será possível afirmar se as variações observadas até o momento são apenas variações ou se elas já caminham para um processo de mudança linguística.

O presente capítulo, que apresenta conceitos relacionados à variação sob um ponto de vista social, é dividido em duas partes. Num primeiro momento, é feita uma discussão sobre o *status* das línguas minoritárias. Em seguida, apresenta-se o modelo teórico da dialetologia pluridimensional, base teórica que ampara o método utilizado na análise da Tese, comparando-o com os modelos da dialetologia monodimensional e da sociolinguística, de modo geral.

### **1.1 O *status* das línguas minoritárias**

O *status* atribuído às línguas minoritárias frente às majoritárias é discutido, na primeira parte do presente capítulo, a partir de alguns pressupostos teóricos. Primeiramente, é feita uma pequena retomada histórica sobre a introdução do hunsriqueano no Brasil. Em seguida, discute-se

o *status* do hunsriqueano frente às denominações *língua e dialeto*. Seguem-se considerações sobre o multilinguismo no Brasil. Por fim, faz-se uma discussão sobre o valor do hunsriqueano no mercado linguístico.

### 1.1.1 O hunsriqueano no Brasil

No início do século XIX, Dom Pedro I enviou o Major Georg Anton von Schaeffer para a região da atual Alemanha, com o intuito de arregimentar soldados, para reforçar o exército do Império recém formado, e colonos, para o povoamento de vazios demográficos na fronteira sulina. De lá, Schaeffer encaminhou os imigrantes para as áreas a eles destinadas. Com a chegada ao Brasil, a partir de 25 de julho de 1824, esses imigrantes trouxeram juntamente com seus costumes, sua língua (FLORES, 2004; MÜLLER, 2005). Uma das línguas trazidas foi o **hunsriqueano**, proveniente de uma região na Alemanha denominada Hunsrück<sup>13</sup>, demarcada pelos rios Nahe, Mosela, Reno e Saar, próxima das fronteiras da França e de Luxemburgo.

Falado por cerca de 500.000 pessoas só no RS, conforme estimativas de pesquisa (ALTENHOFEN *et al.*, 2008), essa coiné<sup>14</sup> de contato, também chamada de *Hunsrückisch*, *Deutsch*, *Plattdeutsch*, *Hunsbucklisch*, alemão-cachorro e *Hunsbuckel*<sup>15</sup>, é definida por Altenhofen (1996, p. 27) como:

Uma variedade supra-regional do alemão falado no sul do Brasil, que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, e que recebem, no novo meio [brasileiro], uma forte influência do português e de outras variedades em contato<sup>16</sup>.

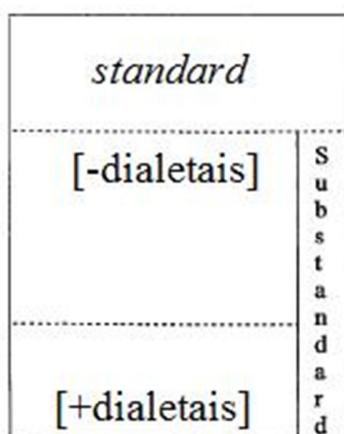
<sup>13</sup> O Anexo A apresenta as delimitações do Hunsrück na Alemanha.

<sup>14</sup> Pode-se definir uma *coiné* como uma variedade escolhida para a comunicação de falantes de variedades de línguas que compartilham uma base comum, como, por exemplo, os falantes de diferentes variedades do alemão que, ao estarem em situações de contato, utilizam uma dessas variedades para se comunicarem, geralmente a falada pela maioria dos indivíduos. Uma coiné também pode surgir a partir do contato de falantes de línguas que não compartilham a mesma base, gerando uma variedade que seja compreensível a todos os falantes.

<sup>15</sup> Denominação retirada de Müller (2005, p. 80).

<sup>16</sup> Tradução feita por Gerson Roberto Neumann (2008, p. 1217) do original: “Hunsrückisch ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul / Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Portugiesischen einschließt”.

As diferentes variedades do alemão são classificadas num contínuo que vai do alemão *standard* ao *substandard*. O alemão-padrão é considerado a variedade *standard*, ocupando o topo da escala. Todas as outras variedades subjacentes e subordinadas a esse *standard* (cf. COSERIU, 1982) fazem parte do que Bellmann (1983, *apud* LENZ, 2005, p.231) resume no conceito de *substandard* e que pode incluir a) variedades [-dialetais], que ocupam o centro da escala, sendo mais próximas ao alemão-padrão e b) [+dialetais], ocupando a outra ponta da escala, por apresentarem características mais distantes do alemão-padrão, conforme mostra o esquema a seguir:



**FIGURA 2:** O contínuo das variedades do alemão

**Fonte:** Figura adaptada de Bellmann (1983, *apud* LENZ, 2005, p. 231).

O hunsriqueano apresenta características bem próximas à variedade *standard*, sendo classificado, portanto, na categoria [-dialetal]. Os exemplos apresentados no decorrer da Tese comprovam a semelhança do hunsriqueano com o alemão-padrão. Outras variedades do alemão são classificadas na categoria [+dialetal]. O *vestfaliano* é um exemplo de variedade classificada na categoria [+dialetal].

O contato com o português e com outras variedades do alemão, assim como a influência do novo meio físico e sócio-cultural, que colocou novas exigências de denominação e significação, sem dúvida levou a uma nova configuração do hunsriqueano em terras brasileiras e latino-americanas. Pode-se dizer que todos os níveis foram atingidos nesse processo, desde o fonético-fonológico ao pragmático, observável por exemplo em expressões como *Alles gut!* como tradução literal da forma de cumprimento do Pt *tudo bem!*, ausente no alemão de origem. Mas, de

todos os níveis, o léxico é o que tem recebido talvez a maior atenção, por refletir mais claramente essa adaptação ao novo meio. Elementos até então desconhecidos, como os da fauna e da flora, foram aos poucos sendo introduzidos no vocabulário dos falantes. O legume *chuchu* é um exemplo deste fenômeno. Desconhecido na Alemanha, o vocabulário foi incorporado ao léxico do hunsriqueano como [ʃuʒu], conferindo à palavra falada no Brasil características fonéticas do hunsriqueano. Tal assunto será retomado na seção 2.4. Antes, cabe precisar a relação entre os conceitos de *língua* e *dialeto* na identificação do hunsriqueano.

### 1.1.2 Hunsriqueano: língua ou dialeto?

O conceito de *dialeto*, do grego *dialektós*, onde significa ‘modo de falar’, é um dos mais controversos da linguística, pois comporta uma série de sentidos desde o mais vulgar e tradicional ao mais polissêmico. Como bem lembra Coseriu, “(...) todo sistema que tenha função de fala (...) é uma língua<sup>17</sup>” (COSERIU, 1982, p.10). Disso decorre que “(...) o termo *dialeto*, contrariamente a uma opinião muito difundida, não significa outra coisa que o termo *língua*. Mas, se todo “dialeto” é uma língua, nem toda “língua” é um dialeto<sup>18</sup>” (COSERIU, 1982, p.10). Os dialetos constituem, neste sentido, variedades das línguas, ou subsistemas subordinados a uma língua histórica. Daí, segundo o mesmo Coseriu, não se poder dizer *\*línguas de um dialeto*, mas apenas *dialetos de uma língua*. O dialeto seria, assim, “(...) um modo de falar próprio de um lugar<sup>19</sup>” (COSERIU, 1982, p.18). Com o mesmo olhar, Camara Jr. (1997) define os dialetos como sendo “os falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais” (CAMARA Jr., 1997, p. 115).

A partir de tais definições, podemos ver que um dialeto nada mais é que uma variedade subordinada a uma língua de ordem superior. Não é, sistemicamente, portanto, inferior às línguas, embora seu *status* social varie, uma vez que predomina na oralidade e nas situações informais do dia a dia. Referir-se a um dialeto do português falado no sul do Brasil, por exemplo, significaria

<sup>17</sup> No original: “(...) todo sistema que pueda funcionar em el hablar (...) es una lengua”.

<sup>18</sup> No original: “(...) el término dialecto – contrariamente a una opinión muy difundida – no significa otra cosa que el término lengua. Pero, si todo “dialecto” es una lengua, no toda “lengua” es un dialecto”.

<sup>19</sup> No original: “(...) modo de hablar próprio de um lugar”.

referir-se a uma variedade regional enquadrada dentro da língua portuguesa, assim como seria no caso uma variedade do nordeste, ou uma variedade falada em determinado grupo de imigração, etc.

Por outro lado, referimo-nos ao hunsriqueano como uma *língua* e não um *dialeto*, quando o identificamos como uma variedade autônoma, não subordinada a outra, mas sim apenas na sua configuração enquanto sistema de signos verbais. Apesar de não existirem diferenças linguísticas substanciais entre *língua* e *dialeto*, já que ambos possuem “sistemas fônicos, gramaticais e léxicos” definidos (COSERIU, 1982, p. 10), a opção pela designação de *língua de imigração* recomenda-se em virtude da má utilização da palavra *dialeto* no âmbito extralinguístico. Esta denominação é atribuída ao hunsriqueano em razão: 1º) de sua origem em outro país (neste caso, na Alemanha); e 2º) do seu *status* minoritário de língua, conforme observa Altenhofen (2008, p. 25).

As línguas de imigração foram, por muito tempo, vistas apenas como meros dialetos, o que as tornava “invisíveis” perante as línguas dominantes (SKUTNABB-KANGAS; PHILLIPSON, 1996, p. 671). Infelizmente, no uso extralinguístico, o termo *dialeto*, muitas vezes, ainda é empregado por leigos com a intenção de “rebaixar” o sistema do falante. Em regiões de imigração alemã, por exemplo, é comum escutar expressões que minimizam o papel do falante como *fulano não fala alemão; ele fala o dialeto*. Dessa forma, a substituição do termo *dialeto* por *língua de imigração* fez-se oportuna por permitir que a acepção pejorativa do termo por leigos pudesse ser desfeita.

### 1.1.3 Brasil: um país multilíngue

De acordo com o artigo 13 da Constituição Brasileira,<sup>20</sup> “a língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Além dela, o país reconhece “como meio legal de comunicação e expressão a língua brasileira de sinais (Libras)<sup>21</sup>”. Outras línguas também são reconhecidas legalmente em alguns municípios. Como exemplo, têm-se a língua *talian*<sup>22</sup>, considerada língua co-oficial no município de Serafina Corrêa (RS)<sup>23</sup>; as línguas *tukano*, *nheengatu* e *baniwa*, também reconhecidas como línguas co-oficiais na cidade de São Gabriel da

<sup>20</sup> Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.

<sup>21</sup> Conforme lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002.

<sup>22</sup> O *Talian* foi certificado como referência cultural brasileira pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a partir de sua inclusão no INDL (Inventário Nacional da Diversidade Linguística), recentemente em 2014. O mesmo ocorreu com as línguas indígenas *Asurini do Trocará* e *Guarani Mbya*.

<sup>23</sup> Conforme lei nº 2615 de 13 de novembro de 2009.

Cachoeira (AM)<sup>24</sup>; a língua alemã, instituída como idioma secundário e complementar no município de Pomerode (SC)<sup>25</sup>, dentre outras<sup>26</sup>.

A partir dos exemplos, é possível perceber que o português não é a única língua falada no país. Dados de 2013 apontam aproximadamente 330 línguas faladas no Brasil (ALTENHOFEN, 2013, p. 106). Dessas, 274 são *línguas autóctones (línguas indígenas)* e 56 são *línguas alóctones (línguas de imigração)*, dentre as quais está o hunsriqueano. O que se verifica, portanto, é um Brasil de múltiplas línguas, o que confirma a tendência da grande maioria dos países, uma vez que, em apenas 6% dos países do mundo é falada somente uma língua (OLIVEIRA, 2009, p.1). A Islândia é um desses raros territórios monolíngues. Já a Nigéria, com mais de 500 línguas, e a Índia, com mais de 1600, assim como o Brasil, são exemplos de países com maior índice de multilinguismo (SKUTNABB-KANGAS, 1988, p. 11).

Apesar das inúmeras línguas existentes, muitos falantes bilíngues se consideram pessoas monolíngues. Isso porque falam línguas consideradas *minoritárias*. Trata-se de línguas minoritárias, não na quantidade de falantes, mas no poder e no prestígio atribuído a essas línguas e a seus falantes, diferentemente do que se costuma associar aos usuários de *línguas majoritárias* (HORNBERGER, 1998, p. 453). São exemplos de línguas minoritárias as línguas indígenas, de imigração, além das variedades não prestigiadas do português. Línguas oficiais como o inglês, o alemão e o português-padrão, pelo contrário, são consideradas línguas majoritárias, isto é, línguas associadas a um poder e prestígio maior.

Entre o reconhecimento dos falantes de duas ou mais línguas de prestígio como indivíduos efetivamente bilíngues e o anonimato das línguas minoritárias como parte de um repertório linguístico que representa um patrimônio cultural de igual direito vem prevalecendo, infelizmente, a força do monolingüismo como um mito que precisa ser superado por meio de ações de conscientização linguística (BROCH, 2014) e de salvaguarda da diversidade linguística brasileira (ALTENHOFEN, 2004, 2013). De acordo com Cavalcanti (1999), “esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes e, por extensão,

---

<sup>24</sup> Conforme lei nº 145 de 11 de dezembro de 2002.

<sup>25</sup> Conforme Lei nº 2251, de 1º de setembro de 2010.

<sup>26</sup> Recentemente, em 27/10/2014, foi aprovado pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) o projeto que irá inventariar o “*Hunsrückisch (hunsriqueano) como língua brasileira de imigração*”.

as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português” (CAVALCANTI, 1999, p. 387). O mito do monolinguismo, no entanto, não está restrito ao Brasil. Segundo Edwards (2007), “(...) enquanto que existem aproximadamente 5000 línguas em 200 países, apenas um quarto de todos esses países reconhece mais do que uma língua” (EDWARDS, 2007, p. 448)<sup>27</sup>.

A ideologia do monolinguismo como base da formação dos estados nacionais do ocidente encontra-se na origem de uma concepção que atribui à língua o valor simbólico da nacionalidade, capaz de unificar e manter coesa toda uma nação. Essa concepção ainda perpassa fortemente os discursos, no contexto brasileiro. Se fôssemos perguntar “que língua é falada no país?”, a grande maioria dos entrevistados provavelmente responderia apenas “português” ou “brasileiro”. A concepção de que, em um país, *todos* devem falar a *mesma língua* é muito forte, como atestam estudos em diferentes áreas (cf. ALTENHOFEN, 2004). Essa ideia tem sido muito atuante no passado, no Brasil, apesar dos avanços na história recente do país (OLIVEIRA & ALTENHOFEN, 2011). Já em 1757, Sebastião Joseph de Carvalho Mello, conhecido como Marquês de Pombal, estabeleceu em um diretório<sup>28</sup> o uso obrigatório somente da língua portuguesa no país:

Para desterrar esse perniciosíssimo abuso, será um dos principais cuidados dos Diretores, **estabelecer** nas suas respectivas Povoações **o uso da Língua Portuguesa, não consentindo** por modo algum, que os Meninos, e as Meninas, que pertencerem às Escolas, e todos aqueles Índios, que forem capazes de instrução nesta matéria, usem da **língua própria das suas Nações**, ou da chamada geral; **mas unicamente da Portuguesa**, na forma, que Sua Majestade tem recomendado em repetidas ordens, que até agora se não observaram com total ruína Espiritual, e Temporal do Estado [grifo nosso]. (Diretório dos Índios (§ 6).

Outra medida igualmente proibitiva foi instituída pela política de nacionalização do Estado Novo (1937-1945). Com o intuito de tirar a voz dos imigrantes que viviam no Brasil e com a justificativa de unificação da nação, Getúlio Vargas, na época no comando político, impôs o uso exclusivo da língua portuguesa em locais públicos. Muitos imigrantes, nesta ocasião, foram presos por utilizarem sua língua materna.

<sup>27</sup> No original: “(...) while there exist something like five thousand languages in about two hundred countries, only a quarter of all states recognize more than one language”.

<sup>28</sup> Diretório dos Índios (§ 6), disponível em: [http://www.nacaomestica.org/diretorio\\_dos\\_indios.htm](http://www.nacaomestica.org/diretorio_dos_indios.htm). Acesso em: 10/03/2011.

Infelizmente, as imposições descritas até aqui não são apenas “*coisas do passado*”. Em 1999, um pouco mais de uma década atrás, o então deputado Aldo Rebelo criou um projeto de lei (nº 1676)<sup>29</sup> com o intuito de tratar da “*promoção, proteção, defesa e o uso da língua portuguesa*”. Tal documento tinha em dois de seus propósitos a *obrigação* da utilização da língua portuguesa por brasileiros natos e naturalizados (Art. 3º) e a *proibição* do emprego de palavra ou expressão em língua estrangeira no país (Art. 4º). Felizmente, tal projeto ficou apenas no papel, não entrando em vigor.

O mito do monolingüismo e o conseqüente prestígio da língua majoritária têm levado muitos pais falantes de línguas minoritárias à crença de que a aprendizagem precoce de duas línguas pode gerar confusão no processo de aprendizagem de seus filhos. A maior mobilidade dos falantes, em tempos de globalização, assim como as políticas de promoção e salvaguarda da diversidade linguística, implementadas no Brasil sobretudo pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e do IPOL (Instituto de Desenvolvimento e Investigação em Política Linguística) tem contribuído para reverter esse quadro de perdas linguísticas. O temor de muitos pais sobre o que poderá ocorrer a seus filhos no instante em que ingressarem na escola com nenhum ou pouco conhecimento da língua majoritária (EDWARDS & NEWCOMBE, 2006, p. 139) acena, além disso, para a necessidade de uma educação plurilingüística, ou como querem Altenhofen & Broch (2011), para uma “pedagogia do plurilingüismo”. É o mesmo temor que se manifesta em relação à variação linguística como fator de não-aprendizagem da norma “vista como correta” e que leva Faraco (2007) a defender a necessidade de uma “pedagogia da variação linguística”.

#### 1.1.4 Valor do hunsriqueano no mercado linguístico

Em seu livro “*Linguagem, escrita e poder*”, Maurizio Gnerre (1994) defende que: “uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes” (GNERRE, 1991, p.6). Tal posição remete ao conceito de *mercado linguístico* apresentado por Bourdieu (1983). Segundo Bourdieu (1983, p. 96), “existe mercado linguístico sempre que alguém produz um discurso para receptores capazes de avaliá-lo, de apreciá-lo e de dar-lhe um preço” e que “uma competência só tem valor quando existe mercado para ela” (BORDIEU, 1983, p. 98). Cabe

---

<sup>29</sup> O projeto de lei nº1676/1999 está disponível em: <http://www.camara.gov.br>. Acesso: 10/03/2011.

observar que o valor de uma língua varia conforme o contexto em que ela é empregada. Na esfera mundial, a língua inglesa ocupa o centro do mercado linguístico, pelo fato de ser a língua utilizada nas grandes transações. Outras línguas majoritárias, como o alemão, o espanhol e o português, ficam em segundo plano, porém com uma cotação bastante elevada em diversas transações desse mercado.

No contexto brasileiro, a língua portuguesa, instituída como língua oficial, se configura como instrumento linguístico principal de ascensão econômica e social. No entanto, para que a ascensão pretendida aconteça, é preciso não apenas conhecer o português, mas, sim, ter a competência necessária para falar a “língua legítima”, regida pelas normas linguísticas impostas a todos os falantes. Tais normas, impostas e reforçadas pelo mercado escolar, ampliam as diferenças existentes da competência legítima de indivíduos com e sem formação. As diferenças sociais existentes ficam visíveis a partir da observação dos “desvios diferenciais” (na pronúncia, no léxico, etc.) apresentados pelos falantes. Quanto mais desviante da língua legítima, maior sua desvalorização no mercado linguístico (BOURDIEU, 2008, p.40-42). Vê-se com isso que “(...) o **valor** nasce sempre do desvio, eletivo ou não, em relação ao uso mais diferenciado” (BOURDIEU, 2008, p.47). As diferenças de valores e, conseqüentemente, as diferenças de **lucro** existentes no mercado, só são possíveis em razão dessa “(...) distribuição desigual das oportunidades de acesso aos instrumentos de produção da competência legítima” (BOURDIEU, 2008, p. 44).

Num contexto mais restrito, como em uma comunidade formada por descendentes de imigrantes alemães, o conhecimento da língua de imigração ocupa o centro do mercado linguístico. É comum encontrar anúncios em portas do comércio dessas localidades solicitando a contratação de “pessoas que falam alemão”.<sup>30</sup> O conhecimento da língua de imigração, pelo atendente, facilita a comunicação deste com os clientes, sobretudo com os mais idosos, muitos dos quais falam pouco o português, o que contribui para a satisfação do comprador e, conseqüentemente, para a venda do produto. O conhecimento do português, nessas comunidades, divide o centro do mercado linguístico com a língua de imigração. Falar português torna-se necessário em diversas situações do dia a dia, visto que nem todos os serviços básicos para a população contam com trabalhadores bilíngues. Falar alemão-padrão em contextos como o

---

<sup>30</sup> O ‘falar alemão’, nestes contextos, se refere à língua de imigração alemã da localidade, não o alemão-padrão.

descrito é considerado algo diferenciado, uma vez que o alemão-padrão carrega o *status* de ‘língua correta’ quando comparado com a língua de imigração alemã. Vários exemplos coletados nas entrevistas do Projeto ALMA-H ilustram essa relação. Ao comentar sobre o *Hochdeutsch* (alemão-padrão) um informante diz: “(...) es is das richtiche Deitsch” (é o alemão correto) (RS06-CaGI).

Comentários metalinguísticos como este contrapõem o alemão-padrão ao hunsriqueano. A opinião expressa nesse tipo de comentário, bastante comum entre os falantes de hunsriqueano, “(...) adquire força de lei no e pelo sistema de ensino” (BOURDIEU, 2008, p. 35), pelo fato de o alemão-padrão estar associado à escrita, enquanto que a língua de imigração está ligada somente à fala.

De acordo com Bourdieu (2008) “(...) lembrar que há leis de formação de preços, é lembrar que o valor de uma competência particular depende do mercado onde ela é colocada em ação” (BOURDIEU, 2008, p.97). A partir das colocações feitas, nota-se que há variações no valor do hunsriqueano no mercado linguístico. Nas esferas mundial e nacional, seu valor, em geral, é nulo, apagado. Por vezes, ainda é considerado moeda desvalorizadora, pelo fato de transferir para a fala do português características da língua de imigração, isto é, os desvios diferenciais apontados por Bourdieu (2008). Já em uma esfera mais particular, a língua de imigração volta a adquirir valor nas cotações do mercado, conforme explicitado anteriormente.

Mesmo tendo uma variação no valor, conforme o contexto de uso, a ideia de que uma língua possa ser superior a outra ainda é bastante frequente (CRYSTAL, 1997, p. 7). No entanto, tal crença não tem nenhum amparo linguístico. Linguisticamente, não existe língua primitiva, isto é, todas as línguas possuem o mesmo valor (SKUTNABB-KANGAS, 1988, p. 12). O que muda, ao longo da história, é o *status* atribuído a cada língua. Segundo Edwards, “tempos atrás, não saber latim, grego ou francês, além da língua materna, seria impensável para pessoas educadas”<sup>31</sup> (EDWARDS, 2007, p. 458). Nos dias atuais, a língua inglesa é a que ocupa este espaço de prestígio entre as línguas do mundo.

Os falantes de línguas minoritárias e/ou dialetos não-padrão, que não têm suas falas enquadradas no ‘padrão ideal’, sofrem com o **estigma linguístico** da sociedade em geral. Skutnabb-Kangas (1988) dá um exemplo desse tipo de comportamento, ao dizer que “muitas crianças minoritárias são forçadas a sentirem vergonha de suas línguas maternas, seus pais, suas origens, seu grupo e sua cultura” (SKUTNABB-KANGAS, 1988, p.18). Tal sentimento de

---

<sup>31</sup> No original: “In earlier times, not to have known Latin or Greek or French in addition to one’s mother tongue would have been unthinkable for educated people”.

vergonha pode ser visto no depoimento de falantes bilíngues hunsriqueano-português. Um dos maiores estigmas ligado aos falantes dessa língua de imigração diz respeito ao tema da presente Tese: a transferência de sonoridade das oclusivas, conforme atesta o exemplo a seguir.

“P: Não, não, é... o nosso português é muito

M: **A gente fala muito errado**

P: É muito errado

M: Realmente, **a gente troca muito**

P: **Troca as letra**, no falar, no próprio falar, o pê pelo pê (b), o cê (z), ésse...

P: Troca muito”

(Depoimento de uma família bilíngue hunsriqueano-português – M: Mãe, P: Pai – retirado de LEÃO, 2007, p. 92)

A seguir, depois de caracterizar o tipo de contexto e a relação de forças – em termos de *status* e de configuração linguística – entre as línguas em contato, passo à apresentação do modelo teórico da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1996), e contatual (ALTENHOFEN, 2013b), finalizando, assim, a parte teórica relativa à variação linguística.

## 1.2 O modelo teórico da dialetologia pluridimensional (DP)

Nesta segunda parte, primeiramente são feitas considerações sobre os percursos para uma ciência ampla da variação linguística, abordando as diferenças existentes entre os modelos teóricos da dialetologia monodimensional (DM), da sociolinguística (S) e da dialetologia pluridimensional (DP). Em seguida, seguindo a perspectiva pluridimensional, são tecidas considerações relativas aos diferentes tipos de análises cronológicas, seguidas de outras referentes às dimensões presentes no modelo teórico da DP. Finalmente, são discutidas as vantagens e desvantagens da adoção do modelo pluridimensional.

### 1.2.1 Percursos para uma ciência ampla da variação linguística

As origens da **ciência da variação linguística**, atreladas à chamada dialetologia, seguiram-se, nessa ordem, a **dialetologia monodimensional** (surgida a partir do final do séc. XIX) e a **sociolinguística** (impulsionada a partir dos anos 60 do séc. XX) – cf. Thun (2009, p.

535). A **dialetologia monodimensional (DM)**, também denominada de geografia linguística<sup>32</sup> ou dialetologia tradicional, espacial ou areal, surgiu em torno do conceito central de *dialeto*, entendido como uma variedade de determinada região, vista como mais conservadora e mais próxima da origem cultural e linguística do respectivo grupo de fala. Daí a noção de *dialeto-base* (ou *basileto*), depurado de qualquer influência da norma *standard*, dominar por muito tempo o foco de interesses dos estudos dialetológicos tradicionais. Assim, esses estudos privilegiaram o registro dos ‘dialetos puros’, encontrados nos depoimentos de informantes denominados de ROM<sup>33</sup> (*rural old man*), NORMs<sup>34</sup> (*non-mobile, older, rural males*) ou HARAS<sup>35</sup> (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário). Tem-se com isso a crença de que o ‘dialeto puro’, mais próximo de um ‘dialeto original’, encontra-se com mais probabilidade na fala desses homens, portanto do sexo masculino, de idade avançada, morador topostático (sem mobilidade) do meio rural. A consequência mais evidente para os objetivos das pesquisas dialetológicas desse modelo foi a realização de uma única entrevista em uma rede de pontos rurais, com um único informante.

Independente das vantagens e desvantagens dessa opção teórica e metodológica, ela teve o mérito de produzir registros autênticos da fala de um período em que ainda não havia estudos mais consistentes voltados a línguas faladas. Esses registros deram-se essencialmente na forma de atlas linguísticos – portanto, com ênfase na dimensão diatópica – que buscavam, acima de tudo, identificar ‘áreas dialetais’, ou dialetos. Dois nomes com seus respectivos atlas linguísticos tornaram-se protagonistas dessa nova abordagem: o *Deutscher Sprachatlas* (DAS - 1888–1923 – Atlas Linguístico da Alemanha), do alemão Georg Wenker, e o *Atlas Linguistique de La France* (ALF -1902-1910), do suíço Jules Gilliéron (THUN, 2010, p. 507; LAMELI, 2010, p. 574).

Com o objetivo de registrar os dialetos alemães de sua terra natal, a partir de 1877, Georg Wenker enviou, via correspondência, a professores e alunos de mais de 45.000 localidades, um questionário com 40 frases escritas em alemão-padrão, para serem traduzidas para os dialetos locais. Com a devolução das frases traduzidas para os dialetos locais, Wenker produziu à mão

---

<sup>32</sup> Alguns estudiosos fazem distinção entre os termos **dialetologia** e **geografia linguística** (geolinguística), sendo a dialetologia uma ciência voltada para o estudo dos dialetos, enquanto que a geografia linguística seria apenas um método da dialetologia, destinado ao reconhecimento das áreas de extensão de fatos linguísticos (sintáticos, fonéticos, etc.) num espaço geográfico específico (IMAGUIRE, L., 2005, p. 433). Muitos pesquisadores, entretanto, não fazem tal distinção, considerando ambos os conceitos sinônimos.

<sup>33</sup> Cf. Trudgill (1983, p. 33).

<sup>34</sup> Cf. Chambers & Trudgill (1998, p. 29).

<sup>35</sup> Cf. Zágari (1998, p. 36)

mais de 1500 mapas geograficamente detalhados, separados por fronteiras, fato considerado um marco para a cartografia linguística. Bielenstein (1892) aponta que o termo *isoglossa*<sup>36</sup>, muito utilizado na área da dialetologia/geolinguística, pode ser mencionado já no trabalho de Wenker, uma vez que alguns de seus mapas apresentavam linhas coloridas que dividiam elementos específicos produzidos de forma similar em algumas localidades, como o som, por exemplo (BIELENSTEIN, 1892, *apud* LAMELI, 2010, p. 575). Outra característica inovadora, presente em alguns dos trabalhos de Wenker, foi o uso de transparências sobrepostas, utilizadas para a comparação de mapas.

Diferentemente de Wenker, que reuniu o material de sua pesquisa de forma indireta, Jules Gilliéron teve seus dados coletados *in loco* na região sul do vale Rhone.<sup>37</sup> Com os dados em mão, este linguista suíço transcreveu foneticamente as entrevistas, colocando as respostas em mapas e depois em alguns atlas, datados a partir de 1880. Uma característica marcante do trabalho de Gilliéron, do ponto de vista cartográfico, diz respeito à utilização de símbolos coloridos nos mapas, para comparação de dialetos. Devido ao alto custo de impressão, muitos de seus mapas foram feitos à mão, assim como os de Wenker. Um último tópico comumente lembrado quando o nome de Gilliéron é mencionado refere-se à forma como seus dados foram coletados. Ao informante pesquisado era permitido uma única resposta para cada questão, não sendo aceitos comentários metalinguísticos. Esse detalhe foi intitulado de ‘foto instantânea sem retoques’, característica marcante do modelo de coleta escolhido por Gilliéron (THUN, 2009, p. 534).

Tanto Gilliéron quanto Wenker incluíram informações extralinguísticas em seus mapas, como informações relativas à população pesquisada e à história da língua, por exemplo. Tais informações foram, e ainda hoje são, essenciais para uma comparação de aspectos pluridimensionais, como o que foi feito por Wenker já em 1889, em um de seus mapas, no qual o linguísta comparou o uso linguístico de pessoas velhas e jovens (LAMELI, 2008b, *apud* LAMELI, 2010, p. 578).

Por trabalhar com dados do mesmo tipo de informante, geralmente homem, com idade avançada, habitante do meio rural, o modelo teórico empregado na dialetologia até aqui descrita é

---

<sup>36</sup> “Isoglossas são fronteiras entre duas regiões que se diferenciam com respeito a algumas características linguísticas (isto é um item lexical, a pronúncia de uma palavra particular, etc.)” (CHAMBERS & TRUDGILL, 1980, p. 103). No original: “Isoglosses the boundaries between two regions which differ with respect to some linguistic feature (i.e. a lexical item, the pronunciation of a particular word, etc.)”.

<sup>37</sup> Os dados foram coletados em pesquisa de campo por Edmond Edmont, no Vale Rhone, local que corresponde a Suíça, Itália e Savoia, onde são faladas variedades românicas.

considerado *monodimensional*. O enfoque está na variação diatópica, ou seja, nos diversos pontos de pesquisa.

A grande maioria dos atlas linguísticos nacionais publicados até o momento no Brasil apresenta um caráter monodimensional<sup>38</sup>. Um exemplo de atlas quase que exclusivamente monodimensional, com ênfase na diatopia, é o *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS, 2011<sup>39</sup>), o qual apresenta cartas semântico-lexicais, fonéticas e morfossintáticas feitas a partir de entrevistas em 275 localidades rurais, com informantes prioritariamente do sexo masculino, entre 35 e 65 anos, como pode ser observado na carta fonética apresentada a seguir, na qual são apresentadas as realizações fonéticas da sílaba <di>, da palavra *dia*, nos 275 pontos de pesquisa.

---

<sup>38</sup> Para maiores informações consultar: <http://twiki.ufba.br/twiki/bin/view/Alib/AtlasNacionais>

<sup>39</sup> O ALERS não é exclusivamente monodimensional, visto que inclui, em alguns pontos, a fala de informantes universitários, além do registro dos informantes com baixa escolaridade, apresentando assim uma comparação diastrática. Além disso, o ALERS permite uma análise da variação do português na dimensão dialingual, visto que entre os 275 informantes, das 275 localidades de pesquisa, há falantes monolíngues e bilíngues de português e outras línguas de imigração, sobretudo alemão (28), italiano (41), polonês (8) e ucraniano (3). Cf. Altenhofen (2006, p. 175).

## ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS)

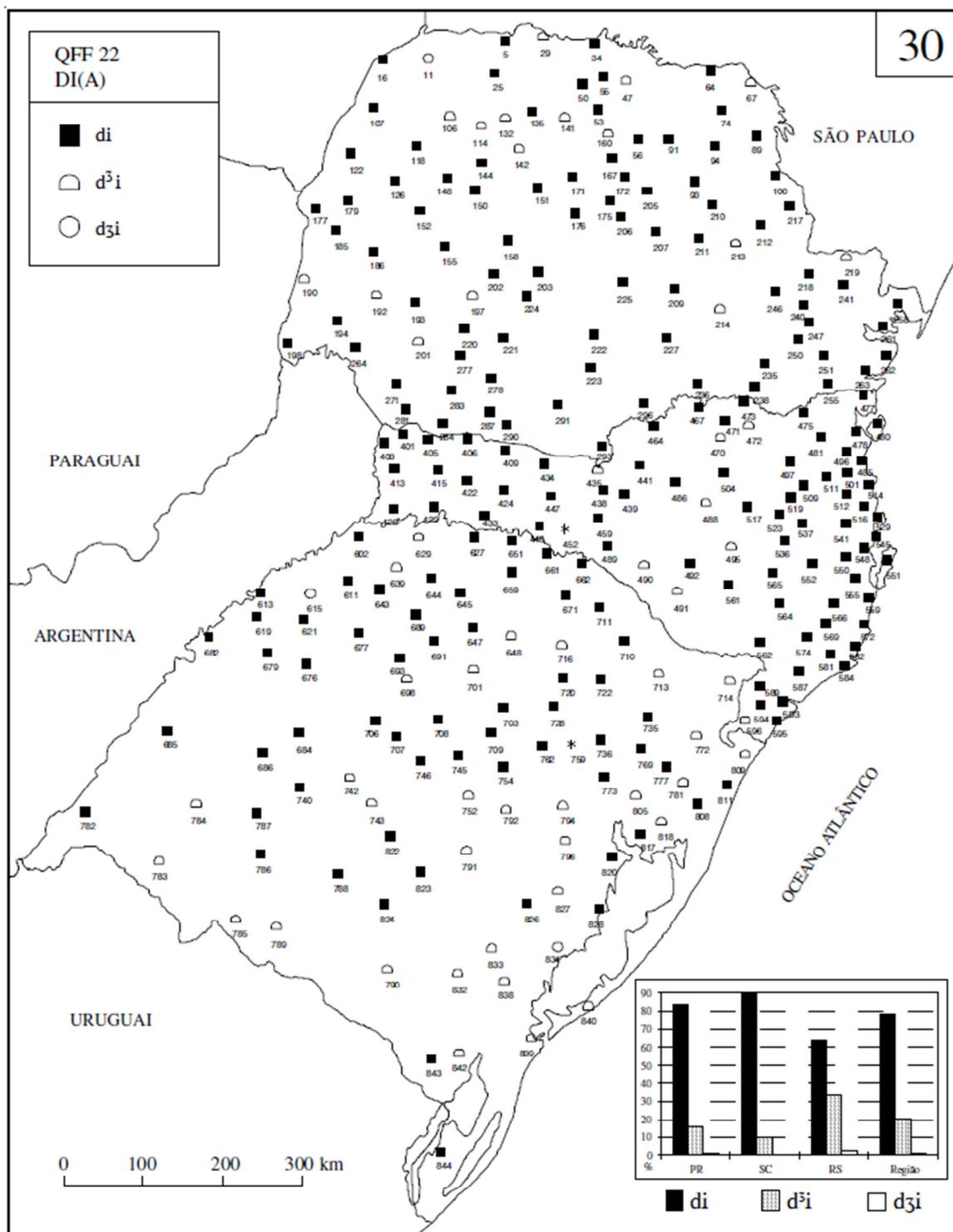


FIGURA 3: CARTA 30 QFF 22 – DI(A)

Fonte: ALERS: Cartas fonéticas e morfossintáticas (2011, p. 193).

Ao criticar as análises feitas pela dialetologia monodimensional, que envolviam somente informantes homogêneos (do mundo rural, homens de idade avançada) e por acreditar que “(...) a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas” (BRIGHT, 1966, *apud* CALVET, 2002, p. 29), a **sociolinguística (S)** surge, a partir de 1964, distanciando-se da dialetologia monodimensional, ao desenvolver uma teoria que busca o registro da variação linguística a partir da observação de diferentes tipos de variações não relacionadas ao espaço geográfico (THUN, 2009, p. 535). Tais variações são observadas considerando-se diferentes variáveis extralinguísticas, tais como idade, gênero, classe social, etc.

Um exemplo dessa abordagem é dado por Labov (1966a). Em seu conhecido estudo sobre a estratificação do /r/ pós-vocálico, a partir de uma técnica simples de levantamento dados aplicada em grandes lojas de departamento de Nova York, Labov correlacionou a realização ou queda de /r/ pós-vocálico com variáveis extralinguísticas relativas à raça, à ocupação, à idade e, sobretudo, à classe social. Ao comparar a variação fonética de empregados de três lojas de perfis econômicos distintos (topo da escala (loja Saks), meio da escala (loja Macy's) e base da escala (loja Klein), Labov (1966a) encontrou a presença de 62% de /r/ pós-vocálico em palavras como *fourth* e *floor* na loja Saks, 51% na Macy's e 21% na Klein, constatando que a diferença de presença dessa variante ocorrera na mesma ordem que a relativa ao fator econômico das lojas, concluindo, portanto, que as diferenças sociais influenciaram a variável estudada. Labov (1966a) ainda verificou que os chefes de seções produziram um maior índice de /r/ pós-vocálico do que o apresentado por empregados que ocupavam outros cargos e que a presença de empregados negros gerou um menor índice de /r/ pós-vocálico, constatando que as variáveis independentes *raça* e *ocupação* também influenciaram a variável dependente estudada (LABOV, 2008 [1972], p. 63-90).

Em outro estudo, igualmente conhecido, realizado com moradores da ilha Martha's Vineyard (Massachusetts), Labov (1963) verificou que as atitudes dos moradores para com a ilha investigada interferiam na produção do fonema /a/ dos ditongos /aɪ/ e /aʊ/ em palavras como *white* e *house*. Quanto mais positiva a atitude dos moradores, ou seja, quanto mais os moradores queriam continuar morando na ilha, maior era a tendência do /a/ ser centralizado, tendo uma pronúncia próxima de [e], característica local de produção dos ditongos mencionados. Tem-se

nesse exemplo a interferência de atitudes na ocorrência de variantes fonéticas (LABOV, 2008 [1972], p. 19-62).

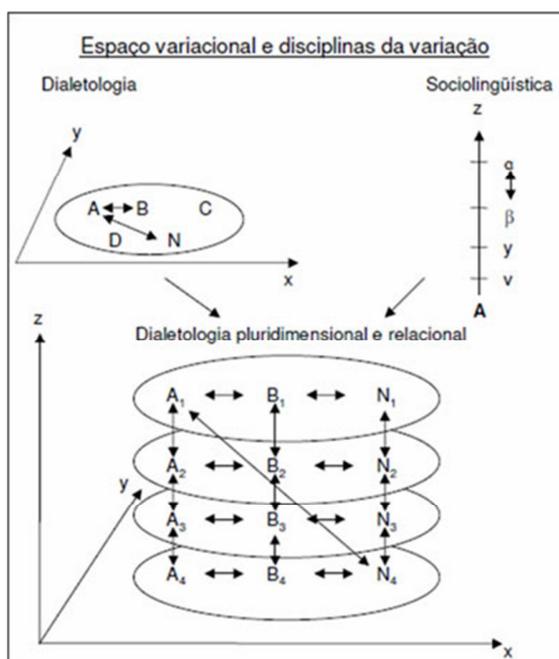
Ao mesmo tempo em que enriquece os estudos ao inserir as variáveis extralinguísticas, a sociolinguística reduz o espaço de análise estudado pela dialetologia monodimensional. Uma variável estudada em diversos pontos por um falante idealizado, observando-se o modelo da dialetologia monodimensional, é, num modelo baseado na sociolinguística, estudada em apenas um pequeno espaço, considerando-se as variáveis extralinguísticas. Tal situação faz Thun (1998) afirmar que “a dialetologia areal, monodimensional por tradição majoritária, mas não por necessidade intrínseca, é uma sociolinguística (e pragmática) limitada<sup>40</sup>” e “a sociolinguística, multidimensional por tradição, mas relutante ao espaço, é uma dialetologia limitada” (THUN, 1998, p. 702). Em consequência das características apresentadas pelos modelos expostos, surge, então, o modelo da *dialetologia pluridimensional e relacional* (THUN, 1998; 2010).

Diferentemente da dialetologia monodimensional, que se restringe quase que exclusivamente à variação diatópica, deixando de abordar diferentes variáveis extralinguísticas, e da sociolinguística, que aborda diferentes dimensões em apenas um determinado espaço, a **dialetologia pluridimensional e relacional (DM)** busca suprir as lacunas existentes nessas duas abordagens ao analisar diferentes variáveis extralinguísticas em diversos pontos/localidades de pesquisa (THUN, 1998; 2010).

Os modelos descritos são ilustrados na figura 4 a seguir, de Thun (1998). Vê-se, à esquerda, o esquema da dialetologia monodimensional, no qual apenas a fala de um determinado tipo de sujeito é estudada em diversos pontos de pesquisa (A, B, C... N). À direita, tem-se o modelo da sociolinguística, no qual várias variáveis ( $\alpha$ ,  $\beta$ ...) são analisadas em um único local de coleta. Abaixo, pode-se visualizar o modelo da dialetologia pluridimensional e relacional, uma estrutura tridimensional gerada a partir da combinação entre a superfície (dialetologia monodimensional) e o eixo vertical (sociolinguística). Segundo Altenhofen (2006), tal modelo reagrega “(...) à dimensão diatópica horizontal as dimensões verticais reclamadas pela sociolinguística” (ALTENHOFEN, 2006, p. 163).

---

<sup>40</sup> No original: “La Dialectología areal, monodimensional por tradición mayoritaria pero no por necesidad intrínseca, es una sociolingüística (y pragmática) limitada” e para “La Sociolingüística, multi-dimensional por tradición pero reacia al espacio, es una dialectología limitada”.



**FIGURA 4:** Espaço variacional e disciplinas da variação  
**Fonte:** Thun (1998, p.705)

A partir do modelo proposto pela dialetologia pluridimensional (doravante DP), é possível realizar análises não apenas horizontalmente ( $A_1, B_1 \dots N_1$ ) e verticalmente ( $A_1, A_2, \dots$ ) como também diagonalmente ( $A_1, B_2 \dots N_4$ ). Essas análises diagonais possibilitam o contraste de diferentes tipos de dados ( $A_1 \leftrightarrow N_4$ , por exemplo), os quais não seriam possíveis na adoção de um dos modelos anteriormente expostos.

O modelo proposto não pode ser visto como uma mera fusão metodológica da dialetologia monodimensional e da sociolinguística, visto que “(...) envolve adicionalmente aspectos e técnicas de análise de contato de línguas”<sup>41</sup> (THUN, 2010, p. 706). Um dos grandes méritos da DP foi justamente trazer à agenda de pesquisa temas modernos como as migrações e os contatos linguísticos (cf. RADTKE & THUN, 1996, p. 38). A DP não considera os contatos linguísticos como sendo contatos de sistemas homogêneos, mas como “(...) uma aproximação de duas ou mais variedades complexas, cada uma delas uma arquitetura de mais do que um sistema mais ou

<sup>41</sup> No original: “It additionally involves aspects and techniques of language contact analysis”.

menos homogêneo (cf. Coseriu, 1967)<sup>42</sup> (THUN, 2010, p. 706). Ou seja, o que entra em contato são complexos variacionais, e não línguas puras, homogêneas.

O foco de estudo da DP não está mais na busca do registro do ‘dialeto puro’, enfatizado pela dialetologia monodimensional, nem exclusivamente dos socioletos, preferidos pela sociolinguística, mas reside, sim, na descrição do *contínuo variacional*, ao comparar uma determinada variável na fala de informantes de segmentos sociais distintos (homens e mulheres, velhos e jovens com mais ou menos escolaridade de localidades marcadas por condicionamentos sócio-geográficos distintos). De acordo com Thun (1998):

“(…) são de igual interesse as variedades mistas, os fenômenos de contato linguístico entre línguas contíguas ou superpostas de minorias e majorias, formas regionais, a variação diafásica (ou estilística), o comportamento linguístico dos grupos topodinâmicos (demograficamente móveis) contrastado o de grupos topostáticos (pouco móveis no espaço), a atitude metalinguística dos falantes comparada com seu comportamento linguístico e outros parâmetros mais (THUN, 1998, p. 706)<sup>43</sup>.

A DP faz parte, portanto, da ciência geral da variação. Apesar de se aplicar normalmente ao estudo da variação em diferentes níveis linguísticos (fonéticos, morfológicos, etc.), fatos do microcosmo, em uma grande área geográfica (em escala macrocósmica), essa preferência não exclui o trabalho em áreas menores, podendo ocorrer, portanto, em macrozonas, mesozonas e microzonas. Segundo Thun (1998):

Dentro desta ciência geral (“linguística variacional”), a dialetologia pluridimensional corresponde à parte da variação que se estende ao espaço tridimensional. Não deixa de ser uma geolinguística porque a dialetologia pluridimensional não pode renunciar a variação diatópica e a superfície bidimensional. Seu campo predileto são a superfície e o espaço o suficientemente grandes para que apareçam todas as inter-relações. Mas esta preferência pela macroanálise não exclui a possibilidade que a dialetologia pluridimensional trabalhe em escala menor (em mesozonas e microzonas)<sup>44</sup> (THUN, 1998, p. 704)

<sup>42</sup> No original: “(...) an approximation of two or more variety complexes, each of them an architecture of more than one more-or-less homogeneous system”.

<sup>43</sup> No original: “(...) son de igual interes las variedades mixtas, los fenómenos de contacto lingüístico entre lenguas contiguas o superpuestas de minorias y de mayorías, formas regionales, la variación diafásica (o estilística), el comportamiento lingüístico de los grupos topostáticos (poço móviles en el espacio), la actitud metalingüística de lós hablantes comparada con su comportamiento lingüístico, y otros parâmetros más”.

<sup>44</sup> No original: “Dentro de esta ciencia general (“linguística variacional” / “Varietätenlinguistik”), a la Dialectología pluridimensional le corresponde la parte de la variación que se extiende al espacio tridimensional. No deja de ser una geolingüística porque la Dialectología pluridimensional no puede renunciar a la variación diatópica y a la superficie bidimensional. Su campo predilecto son la superficie y el espacio ló suficientemente grandes para que

### 1.2.2 Nanocronologia, microcronologia, mesocronologia e macrocronologia na DP

Conforme já se aludiu, a variação linguística em diferentes dimensões de análise está intimamente ligada à mudança da língua no eixo do tempo. Neste particular, Thun (2009) classifica os trabalhos orientados pelo modelo da DP em quatro subdivisões de eixo cronológico, sendo elas: nanocronologia, microcronologia, mesocronologia e macrocronologia. O quadro a seguir resume os principais pontos de cada eixo:

<b>Eixos da Cronologia</b>	<b>Explicação</b>	<b>Exemplo</b>
<b>I. Nanocronologia</b>	segmentos de formas na fala de um informante em um estilo contínuo.	a palatalização em <i>tia, dia</i> na conversa.
<b>II. Microcronologia</b>	formas na fala de um informante em estilos diferentes.	[ʌ]/ [j] na leitura, resposta, conversa.
<b>III. Mesocronologia</b>	“tempo aparente” (W. Labov), fala de informantes que pertencem a grupo distinguidos por idade, sexo, escolaridade, etc., mas conviventes num tempo dado.	<i>caçula</i> no norte do Uruguai e sul do Brasil
<b>IV. Macrocronologia</b>	“tempo real” (W. Labov), fala de informantes que pertencem a gerações que se seguem.	italianismos léxicos no Uruguai.

**QUADRO 1:** Eixos da cronologia

**Fonte:** Quadro adaptado de Thun (2009, p. 537).

**Análises nanocronológicas** são feitas, segundo Thun (2009), sempre dentro do mesmo estilo de coleta, com o cuidado de que só podem ser analisados dados contínuos, isto é, que não tenham sofrido nenhum tipo de interrupção no decorrer da coleta, nem por parte de terceiros, nem mesmo pelo próprio informante. No modelo da DP, podem ser feitas análises nanocronológicas nos três estilos de coleta realizados<sup>45</sup>: nas leituras, nas respostas ao questionário e nas conversas com o entrevistador ou com outro participante.

**Análises microcronológicas** de variáveis linguísticas são feitas, por outro lado, num campo um pouco maior do abrangido pela nanocronologia. Elas englobam todos os estilos em que os dados são coletados. A partir desse tipo de análise, é possível verificar que fenômenos como a despalatalização (*ieísmo*), por exemplo, apresentam variação conforme o estilo de coleta do material. É o que observou Thun (2009) em um estudo realizado no Brasil, no qual encontrou

---

aparezcan todas las interrelaciones. Pero esta preferència por el macroanálisis no excluye la posibilidad de que la Dialectología pluridimensional trabaje en escala menor (em mesozonas y microzonas)”.  
<sup>45</sup> A explanação dos ‘três estilos de coleta’ da DP é feita na seção 3.4.

nos informantes da CbGII (classe baixa, geração mais velha) um índice zero de despalatalização na *leitura*, 40-60% nas respostas e 1-39% nas conversas livres (THUN, 2009, p. 541).

Considerado o campo mais fértil da DP, a **mesocronologia** combina variáveis linguísticas e extralinguísticas em diferentes grupos sociais. A comparação do registro do afrolusismo *caçula*, por exemplo, é feita em grupos distintos conforme a faixa etária, estrato social, etc. A partir dessa combinação, é possível visualizar parte do percurso percorrido por uma mudança linguística (THUN, 2009, p. 537). A análise de diferentes grupos etários pode apontar situações de mudança em progresso<sup>46</sup> quando, por exemplo, “(...) o uso da variante mais inovadora for mais frequente entre os mais jovens, decrescendo em relação à idade dos outros informantes” (TARALLO, 2007, p. 65).

Por fim, porém não menos importante, a **macrocronologia** analisa dados de informantes pertencentes a gerações separadas por um período de tempo bastante considerável.<sup>47</sup> Este tipo de análise pode ser feito de duas maneiras. A primeira refere-se à análise de dados coletados identicamente, ou seja, o mesmo tipo de dado e com os mesmos informantes, em períodos de tempo distintos (após 20 anos, por exemplo): é a chamada análise de painel (*panel analysis*). A partir dela registram-se as mudanças linguísticas sofridas pelo mesmo informante em períodos distintos de sua vida. A segunda, denominada *análise de tendência*, diz respeito à análise cronológica feita a partir da comparação de duas séries de dados. Uma delas é coletada no momento da análise, e a outra, que precisa ser de um período diferente, é obtida a partir de outros métodos de coleta. Isto significa que a forma como foram coletados os dados distingue-se, o que torna este tipo de análise um pouco inferior à análise de painel (THUN, 2009, p. 542).

As análises mesocronológicas e macrocronológicas equiparam-se aos conceitos de análise em **tempo aparente** e em **tempo real**, respectivamente, apontadas por Labov (2008 [1972]). Tarallo (2007) diz que “especialmente quando a mudança tiver sido evidenciada no tempo aparente, é fundamental que o investigador procure dar à variável a dimensão histórica do tempo real” (TARALLO, 2007, p. 71). Por essa razão, serão feitas análises mesocronológicas e macrocronológicas da variável estudada na presente Tese<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> É o que W. Labov (2008 [1972]) chama de *mudança em tempo aparente*.

<sup>47</sup> É o que W. Labov (2008 [1972]) chama de *mudança em tempo real*.

<sup>48</sup> Diferentemente da *análise de tendência*, que analisa dados de diferentes épocas e de diferentes informantes, mas de igual perfil, as análises macrocronológicas realizadas na presente Tese analisarão dados de informantes de perfis também distintos, conforme descrito na seção 3.5.

Para finalizar essa breve explanação referente à cronologia, é importante registrar que análises microcronológicas e mesocronológicas são possíveis de serem feitas apenas a partir do modelo da DP. Enquanto a DP abarca estudos pertencentes às quatro classificações da cronologia, a DM consegue realizar apenas análises nanocronológicas e macrocronológicas.

O modelo da DP tem em seu título a expressão *relacional*, por apresentar as relações existentes entre o contato de línguas ou variedades linguísticas, primeiramente, na pesquisa, e, posteriormente, na apresentação cartográfica dos dados. O questionário aplicado no decorrer das entrevistas fomenta interrelações entre os informantes, a partir das quais surgem comentários metalinguísticos. Forma-se a partir de tais comentários uma outra relação, que liga o saber metalinguístico e o comportamento linguístico dos informantes (THUN, 1996, p. 213). O modelo proposto também é *pluridimensional* por incluir diversas dimensões<sup>49</sup> de análise.

### 1.2.3 Dimensões observadas no modelo teórico da DP

Conforme colocado anteriormente, a DP distingui-se da DM ao incluir em seus estudos análises de diferentes variáveis extralinguísticas. A presente seção trata das principais dimensões de análise abordadas no modelo da DP.

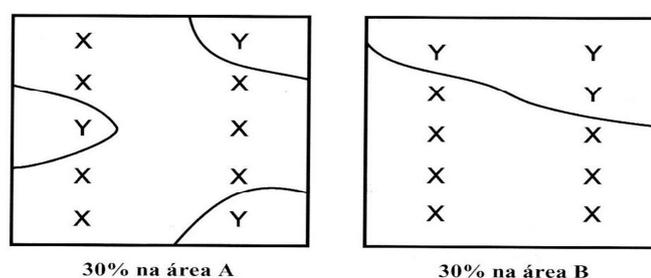
#### 1.2.3.1 A dimensão diatópica

A dimensão diatópica refere-se à descrição dos dados em diversos pontos de coleta. Nessa dimensão, busca-se identificar macrotendências da variação linguística no espaço. A arealização de variantes constitui, neste sentido, uma importante ferramenta na visualização da relação entre a ocorrência de determinada variante e um espaço geográfico específico. Dizer que uma determinada variante ocorre em 30% do estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, sem determinar os pontos em que isso realmente ocorre, pode encobrir um fator importante da explanação dos dados analisados, uma vez que a região geográfica em que ocorre tal variante pode ser uma das variáveis extralinguísticas que contribuem para a difusão ou reclusão de determinada variante.

---

<sup>49</sup> Thun (1999) define dimensão como “(...) a relação opositiva, na maioria dos casos binária, de parâmetros definitórios como “geração dos jovens”, “homens”, “estilo da leitura”, etc.” (THUN, 1999, p. 484).

A figura 5, apresentada por Altenhofen (2006), demonstra a relevância dessa dimensão. Nas duas áreas ilustradas (A e B) existem as mesmas variantes (X e Y), nas mesmas proporções estatísticas de ocorrência (70% e 30%). No entanto, enquanto que na área A, a variante Y encontra-se dispersa, na área B, ela se concentra em uma área específica. Ou seja, a distribuição diatópica diferente dos mesmos 30% de ocorrência da variante Y, nas duas áreas, reflete a atuação de condicionamentos sociais e geográficos distintos. Sem o mapeamento, essa diferença passaria despercebida e seria tratada como igual. Ou seja, a cartografia serve para validar a distribuição de percentuais de ocorrências de variantes em um território específico.



**FIGURA 5:** Esquema das variantes X e Y  
**Fonte:** Altenhofen (2006, p. 168).

Existem, segundo Thun (1996), dois tipos de diatopia: a topostática e a topodinâmica. A diatopia topostática se restringe ao estudo de informantes demograficamente estáveis. Desde a primeira inclusão deste parâmetro em estudos dialetológicos, para ser classificado como informante topostático o entrevistado deveria ter passado toda sua vida num mesmo local, deveria ser filho de informantes da mesma localidade e sua esposa também deveria ser nascida e criada na mesma região (THUN, 1996, p. 210). No entanto, a falta de informantes que obedecessem a todos os critérios exigidos fez com que alguns estudos, como o do *Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay* (ADDU), flexibilizassem tais critérios. Para ser classificado como informante topostático bastava “(...) ter passado pelo menos a metade da vida em um respectivo lugar e obrigatoriamente os últimos cinco anos”<sup>50</sup> (THUN, 1996, p. 211). Pelo mesmo motivo que o informante topostático, o informante topodinâmico também foi flexibilizado no ADDU,

<sup>50</sup> No original: “(...) haber pasado por lo menos la mitad de su vida en el lugar respectivo y obligatoriamente los últimos cinco años”.

sendo, já assim classificado, quando apresentasse uma mobilidade relativa, ao residir entre dois e cinco anos num novo lugar.

Nem sempre a diatopia por si só é suficiente para compreender a realização de uma determinada variante. Ela ainda não responde à pergunta por onde se inicia uma inovação, ou onde – isto é, em qual segmento social – prepondera um comportamento linguístico mais conservador ou mais inovador. Por essa razão, é preciso recorrer a outras dimensões, para refinar o modelo teórico e a análise que está sendo feita.

### 1.2.3.2 A dimensão diastrática

Separar os entrevistados em estratos sociais distintos é tarefa da dimensão diastrática. Para tanto, costuma-se observar, nos trabalhos orientados pela DP, a escolaridade dos sujeitos estudados e, em alguns casos, também a ocupação. Indivíduos com baixa escolaridade são, desta forma, categorizados diferentemente dos que frequentaram por mais tempo os bancos escolares. O ADDU, por exemplo, durante a elaboração metodológica de seu projeto, separou os informantes da classe socioculturalmente baixa, isto é, com nenhuma formação escolar até oito anos de escola primária, representados pela sigla Cb ‘classe baixa’, dos participantes da classe socioculturalmente alta, ou seja, dos indivíduos com ensino fundamental concluído e pelo menos dois anos de ensino secundário ou formação profissional, representados pela sigla Ca ‘classe alta’. Por se tratar de um projeto que teve suas coletas de dados feitas entre o final da década de 80 e início dos anos 90, essa classificação foi a que mais se adequou às circunstâncias. Projetos mais recentes, como o ALMA-H, a partir do qual se analisam os dados da presente Tese, tiveram que categorizar seus informantes de forma diferente, em razão do aumento da escolaridade da população nos dias atuais, incluindo na Ca a formação universitária e admitindo, no grupo CbGI, até o Segundo Grau concluído. A razão é simples: dificilmente se encontram nas localidades de pesquisa do ALMA-H jovens entre 18 e 36 anos que não tenham o ensino secundário concluído.

### 1.2.3.3 A dimensão diageracional

A dimensão diageracional diz respeito à separação em grupos conforme a faixa etária dos informantes. Dependendo do objetivo do estudo, faz-se a escolha da quantidade de grupos a

serem divididos. A grande maioria dos trabalhos que abordam a dimensão diageracional subdivide seus informantes em dois ou três grupos etários. O *Atlas Linguístico do Brasil* (ALiB), por exemplo, divide seus informantes em duas faixas etárias, sendo: uma, constituída de sujeitos entre 18 e 30 anos, e outra, composta de entrevistados entre 50 e 65 anos de idade. O que varia, muitas vezes, é o recorte de cada faixa etária. No ALMA-H, por exemplo, a idade dos jovens (GI) se situa entre 18 e 36 anos e, da geração mais velha (GII), acima de 55anos.

Conforme já se destacou, a dimensão diageracional é especialmente relevante, porque permite observar as mudanças linguísticas de uma geração a outra. Os hábitos distintos do dia a dia dos informantes desses diferentes grupos, como o contato mais acentuado dos jovens com a televisão, faz com que diferenças linguísticas notáveis apareçam nos resultados (THUN, 2004, p. 11).

#### 1.2.3.4 A dimensão diassexual

Como já sugere a denominação, a dimensão diassexual concerne ao sexo/gênero do informante, marcando a variação da fala entre homens e mulheres. Fazer essa separação no momento de apresentar os dados pode mostrar que indivíduos de sexos opostos apresentam diferenças em seus comportamentos linguísticos que refletem hábitos e papéis sociais distintos. É o que demonstrou Bister (1990) em um estudo, no qual encontrou diferenças significativas entre homens e mulheres na preferência de dois dialetos. Ao serem questionados se achavam melhor/mais legal o dialeto local (*Krefeldian*<sup>51</sup>) ou um outro dialeto (*Kölsch*<sup>52</sup>), os informantes do sexo masculino não apresentaram preferência entre um e outro, enquanto que os do sexo feminino valorizaram mais o dialeto *Kölsch*, justificando que este era “(...) uma língua mais urbana, leve, não tão grosseira como o dialeto *Krefeldian*<sup>53</sup>” (VANDERMEEREN, 2005, p. 1325).

Entre os informantes do ALMA-H, falantes de hunsriqueano, descendentes de imigrantes alemães, historicamente se espera dos homens da GII uma proficiência maior em português, tendo em vista que, por muito tempo, foram os homens que fizeram a ponte com um mundo exterior às comunidades de falantes, seja pelas relações de trabalho e de comércio, seja pela

<sup>51</sup> Krefeld é uma cidade independente da Alemanha localizada na [região administrativa](#) de [Düsseldorf](#), [estado da Renânia do Norte-Vestfália](#). Informação retirada de: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Krefeld>. Acesso em: 03/05/2013.

<sup>52</sup> Colognean ou *Kölsch* - dialeto alemão que se fala em Colônia (Köln) e boa parte da Renânia. Ao sul de Krefeld. Informação retirada de: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Colônia\\_\(Alemanha\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Colônia_(Alemanha)). Acesso em: 03/05/2013.

<sup>53</sup> No original: “(...) more an urban language, lighter, not as rough as the Krefeldian dialect”.

possibilidade do serviço militar, ou mesmo pelas funções políticas. A mulher da GII – sobretudo da Cb – permaneceu por muito tempo circunscrita às lidas domésticas e à família. A consideração dessa dimensão, no ALMA-H, vale acrescentar é feita de forma qualitativa, por meio da pluralidade de informantes, em que se reuniu pelo menos um homem e uma mulher do mesmo perfil – CaGII, CbGII, CaGI, CbGI.

#### 1.2.3.5 A dimensão dialingual

A dimensão dialingual aborda o contato entre as línguas faladas pelos informantes da pesquisa, sendo eles monolíngues, bilíngues ou plurilíngues. Ao se comparar dados, é preciso saber quais são as línguas faladas pelos participantes da pesquisa, visto que os dados de informantes que utilizam mais de uma língua podem apresentar transferências interlinguísticas. A atenção a essa dimensão faz-se necessária sobretudo nas regiões fronteiriças e em locais em que há a presença de grupos falantes de línguas minoritárias, como é o caso do hunsriqueano, abordado na presente Tese. Entrevistas feitas nas línguas faladas na região pesquisada ajudam a compreender a relevância de cada uma das línguas no multilinguismo local e no repertório do falante. No projeto ALMA-H, os informantes fazem a leitura da ‘Parábola do Filho Pródigo’ em hunsriqueano, português, espanhol e alemão-padrão. A partir dessas leituras, pode-se verificar o nível de conhecimento/proficiência do informante nas respectivas línguas de seu repertório, isto é, seu grau de bilinguismo e as transferências interlinguísticas observadas.

O parâmetro dialingual é aplicado externa e internamente. Ao apresentar o ADDU, Thun (1996) faz a seguinte afirmação:

O parâmetro dialingual se aplica duas vezes, externa e internamente. Empregamos em todo o Uruguai um questionário em espanhol e agregamos, nas zonas bilíngues do Norte, um questionário de estrutura análoga em português. Esta é a aplicação externa. Além disso, há no questionário espanhol perguntas que se referem a palavras equivalentes em português (perguntas e sugestões ‘relacionais’). Da mesma maneira, no questionário português se pergunta por equivalências castelhanas. Esta é a aplicação interna (THUN, 1996, p. 212)<sup>54</sup>.

<sup>54</sup> No original: “El parámetro dialingual se aplica dos veces, externa e internamente. Empleamos em todo el Uruguay un cuestionario em español y agregamos, em las zonas bilíngues del Norte, un cuestionario de estructura análoga em português. Esta es la aplicación externa. Además, hay en el cuestionario español preguntas que se refieren a las palabras equivalentes em português (preguntas y sugerencias ‘relacionales’). De la misma manera, en el cuestionario português se pregunta por equivalências castelhanas. Esta es la aplicación interna”.

Uma metodologia que utiliza tais parâmetros busca visualizar todo o contínuo linguístico existente nas línguas faladas pelos informantes. Vê-se, portanto, que, ao contrário da dialetologia/geolingüística monodimensional, que busca a coleta do dialeto puro, “a geolingüística pluridimensional não exclui dialetos, mas abre os seus campos de observação a todo espectro de variedades que ocupam o espaço linguístico entre o padrão e o subpadrão<sup>55</sup>” (THUN, 2010, p. 509).

#### 1.2.3.6 A dimensão diafásica

A dimensão diafásica ou variação estilística refere-se aos diferentes estilos<sup>56</sup> em que são coletados os dados da pesquisa. Para os três projetos coordenados por Harald Thun na América Latina (ADDU<sup>57</sup>, ALGR<sup>58</sup> e ALMA-H) foram selecionados três estilos: *conversa livre*, *resposta* (a perguntas do questionário) e *leitura* (da Parábola do Filho Pródigo). A partir desses três estilos, tem-se uma coleta constituída de uma escala de espontaneidade, na qual os dados são menos monitorados pelo informante na conversa livre, apresentam um monitoramento parcial na resposta a perguntas do questionário e, por fim, são mais controlados na leitura do texto. A presente Tese analisa, sobretudo, dados coletados no estilo da leitura. A escolha do estilo *leitura* fez-se para que fosse possível comparar dados produzidos em português, por falantes de hunsriqueano, num mesmo segmento ou contexto linguístico.

#### 1.2.3.7 A dimensão diarreferencial

A dimensão diarreferencial diz respeito aos comentários metalingüísticos feitos pelos informantes no conjunto dos dados levantados. Diferentemente da dialetologia monodimensional

---

<sup>55</sup> No original: “Pluridimensional Geolinguistics of course, does not exclude dialects but it opens its field of observation to the whole spectrum of varieties which occupy the linguistic space between standard and substandard.

<sup>56</sup> Entende-se estilo por “(...) maneiras específicas de interação linguística configuradas por tradições sociais” (THUN, 2010, p. 508). No original: “(...) specific manners of linguistic interactions configured by social traditions”.

<sup>57</sup> O Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU) é um projeto comum uruguaio-alemão, financiado pelo Conselho Alemão de Investigação Científica (DFG), e realizado por grupos de trabalhos dirigidos por A. Elizaincín (Universidad de la República, Montevideu) e H. Thun (Universität Kiel)” (THUN, 2005, p. 70).

<sup>58</sup> Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). Realizam este projeto os “(...) institutos alemães de filologia românica da Universidade de Münster (representado pelo conhecido romanista e guaranitólogo Wolf Dietrich) e de Kiel (Harald Thun), juntamente com o Instituto de Lingüística Guaraní del Paraguay (IDELGUAP, representado por seu diretor, o professor Almidio Aquino)” (THUN, 2005, p. 75).

que impede o registro de mais de uma resposta a cada uma das questões feitas, sobretudo os comentários metalinguísticos, a DP ao contrário cria situações propícias para o surgimento desses comentários<sup>59</sup>.

Nos dados do Projeto ALMA-H, os comentários metalinguísticos surgem, principalmente, a partir de duas características presentes na metodologia de obtenção dos dados: a técnica em três tempos e a pluralidade de informantes.

Aplicada às perguntas dirigidas, a técnica em três tempos consiste em três passos pelos quais se obtém não apenas uma resposta espontânea do respondente, como também outras variantes que compõem o repertório da localidade, seja de uso ativo nas práticas do dia a dia, seja de conhecimento passivo do informante. Fazem parte dessa técnica as etapas de *pergunta, insistência e sugestão*. Para um detalhamento e explanação desses três passos, veja-se o capítulo 3, que relata os procedimentos metodológicos da Tese.

Nos levantamentos de dados do ALMA-H, as perguntas dirigidas foram, muitas vezes, feitas com mais de um informante simultaneamente. Essa pluralidade simultânea de informantes permitiu uma maior representatividade dos dados, visto que possibilitou registrar convergências, divergências e covariações de variantes nas respostas dos informantes, abarcando, assim, o contínuo de variantes na sua totalidade. Tal representatividade seria mais reduzida se apenas um informante fosse entrevistado, comprometendo pelo menos parcialmente a confiabilidade dos dados, ou seja, se a resposta dada pelo informante é representativa de seu grupo social (THUN, 2010, p. 509). As divergências e convergências observadas, a partir do método utilizado, possibilitam a visualização de mudanças linguísticas sincrônicas e diacrônicas, visto que os dados coletados podem ser isolados e utilizados em análises futuras (THUN, 1998, p. 706).

#### 1.2.3.8 A dimensão diarreligiosa

Não se pode menosprezar, no grupo de imigração alemã, o papel da religião, ou da confissão religiosa, de modo geral dividida entre católicos (estimativa de 40%) e evangélicos luteranos (60% dos imigrantes, segundo estimativas de Koch (1974b, p. 85)). É através da

---

<sup>59</sup> As várias respostas dadas pelos informantes, juntamente com os comentários metalinguísticos, quando comparadas com a analogia da ‘foto instantânea de Gillieron’ seriam consideradas como “(...) uma série de fotos de comportamento linguístico individual e sequências de fotos que gravam a interação linguística dentro de um grupo de indivíduos” (THUN, 2010, p. 512). No original: “(...) a series of photos of individual linguistic behavior and sequences of photos which record the linguistic interaction within a group of individuals”.

religião que muitos falantes de hunsriqueano entraram em contato com o alemão-padrão, e em grande parte também com o português. Ainda hoje, em muitas comunidades de origem alemã é comum a realização mensal de cultos ministrados no alemão *standard*, onde são feitas leituras e cantados hinos. Horst (2014) confirmou a influência da religião, em sua dissertação, ao analisar a fala de informantes evangélicos luteranos. A pesquisadora verificou que principalmente os informantes da GII (geração mais velha) possuem marcas do alemão-padrão em suas falas, em razão do contato com a língua *standard* nas práticas religiosas (HORST, 2014, p. 5).

#### 1.2.4 Vantagens e desvantagens da adoção do modelo pluridimensional

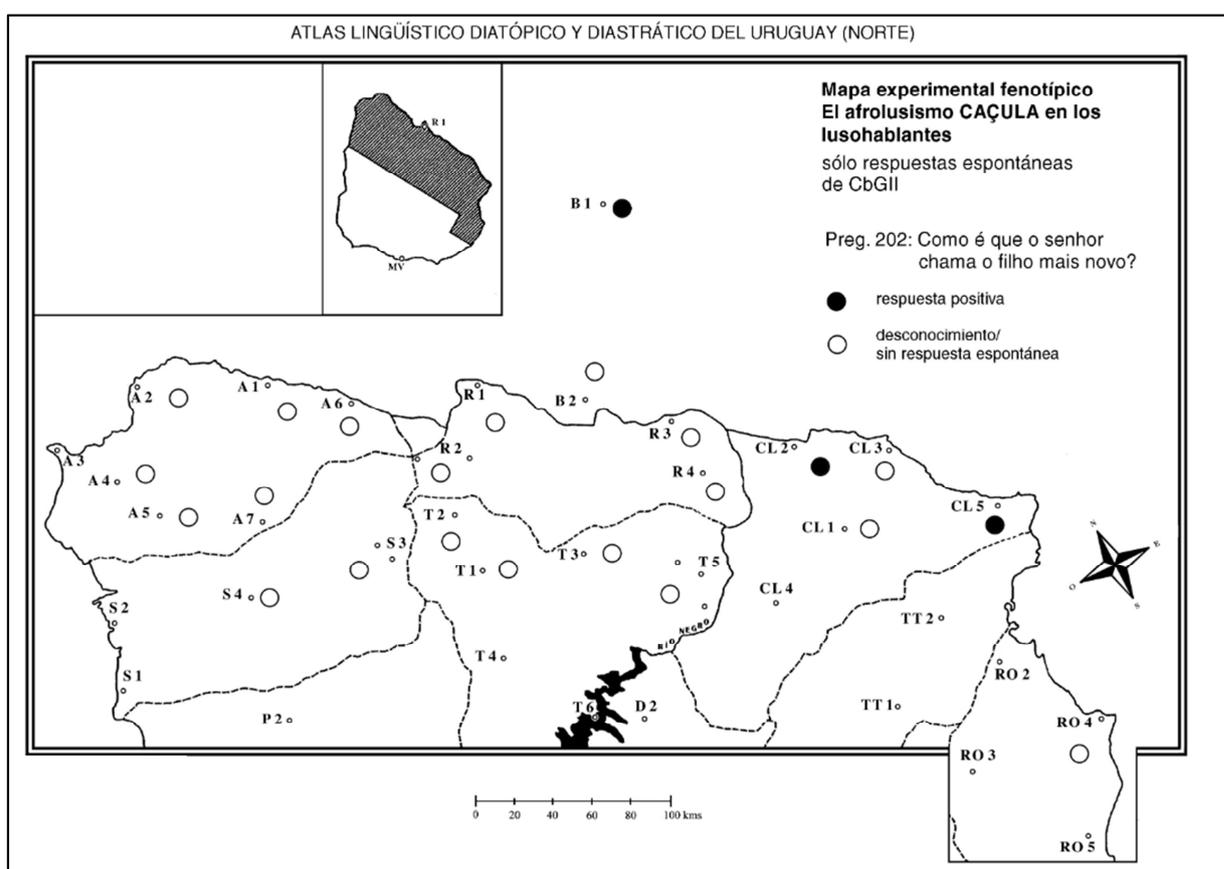
Em consonância com os mais recentes avanços da cartografia, optou-se por inserir o presente estudo dentro do campo da geolinguística/dialetologia pluridimensional, a partir da análise do banco de dados do Projeto ALMA-H, coletado dentro dessa perspectiva. Essa escolha deu-se em razão das vantagens de uma análise pluridimensional frente a uma análise monodimensional. Para ilustrar as diferenças existentes entre os dois tipos de análise, é interessante mostrar um exemplo, apresentado por Thun (2009; 2010), em que ele cartografa, com base em dados do ADDU-Norte, a presença do afrolusismo *caçula* no português falado no norte do Uruguai. Os dois mapas apresentados exemplificam o primeiro a metodologia monodimensional (fig. 6), e o segundo, a pluridimensional (fig. 7).

Seguindo os critérios sugeridos por Gillierón, isto é, de registrar os dados apenas de informantes homens, velhos, com baixa escolaridade, moradores da área rural, além de computar somente a primeira resposta espontânea, o primeiro mapa apresenta o conhecimento da palavra *caçula* em apenas três pontos de pesquisa (os pontos CL2 e CL5 no Uruguai, e o ponto B1 no Brasil). Já o segundo mapa, pluridimensional, registra 24 ocorrências da variante. Essa diferença no número de respostas tem a ver o fato de a perspectiva pluridimensional coletar os dados em quatro grupos por ponto<sup>60</sup>, com pluralidade de informantes em cada ponto e com a consideração não apenas da primeira resposta espontânea.

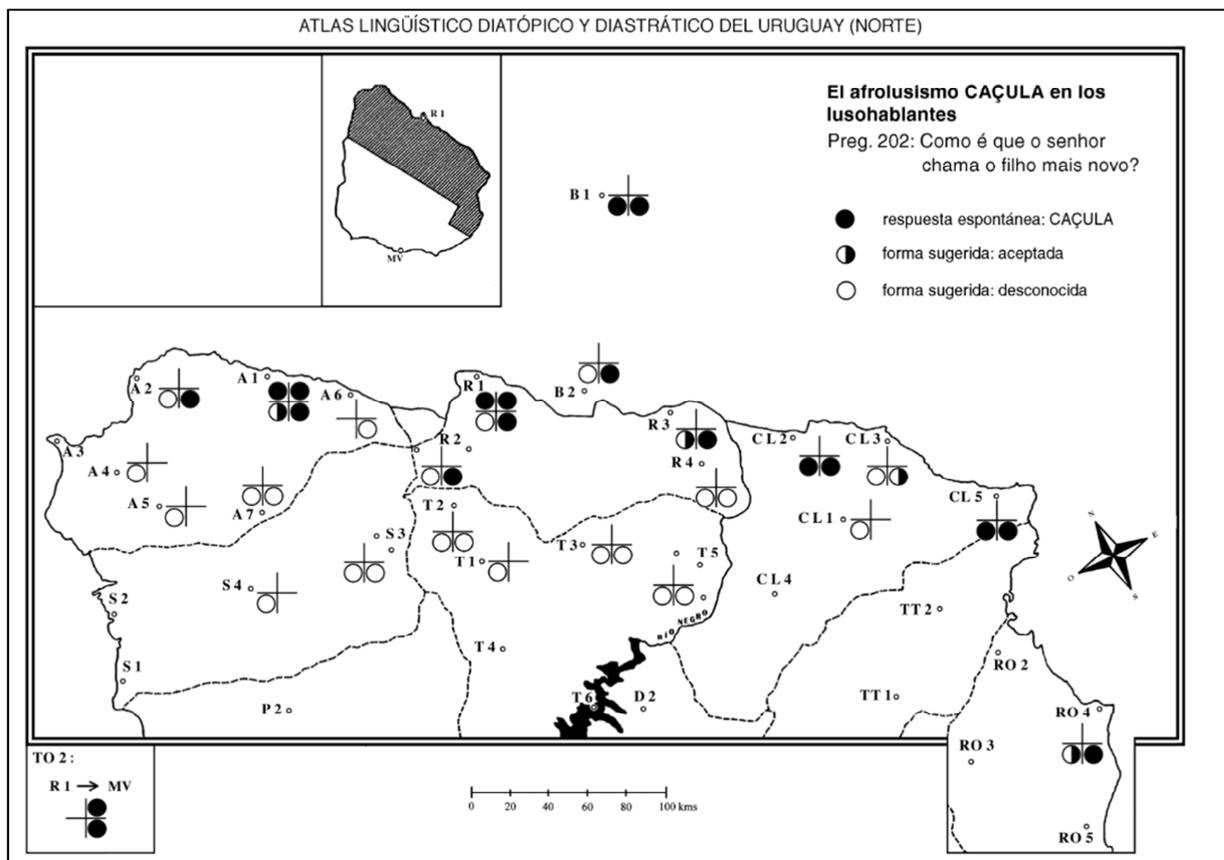
---

<sup>60</sup> Os quatro informantes de cada ponto são representantes dos grupos CaGII (classe socioculturalmente alta e da geração de 1960 ou mais anos), CaGI (classe socioculturalmente alta e da geração entre 18 e 36 anos), CbGII (classe socioculturalmente baixa e da geração de 1960 ou mais anos) e CbGI (classe socioculturalmente baixa e da geração entre 18 e 36 anos) (THUN, 2009, p. 538).

Por meio da análise monodimensional, no exemplo apresentado, chega-se à conclusão de uma “(...) existência esporádica da palavra na zona de observação, impossibilidade de indicar um movimento no espaço ou um centro de inovação” (THUN, 2009, p. 538). Já a análise pluridimensional permite visualizar o caminho dessa inovação. É perceptível no mapa apresentado na figura 7 que a palavra *caçula* entra no Uruguai a partir do Brasil. Sua presença nas zonas que fazem fronteira com o Brasil já está bem estabelecida nos informantes jovens (GI), pertencentes à classe alta (Ca), provavelmente pela influência das novelas brasileiras. Nos pontos mais distantes da fronteira, a ocorrência da variante inovadora vinda do Brasil é ainda escassa e aparentemente ainda não havia chegado na década de 90, período em que foram feitas as coletas para o estudo.



**FIGURA 6:** Mapa 2601: *Caçula*, perspectiva monodimensional (ADDU-Norte, experimental)  
**Fonte:** Thun (2010, mapa 2601)



**FIGURA 7:** Mapa 2602: *Caçula*, enfoque pluridimensional (ADDU-Norte)  
**Fonte:** Thun (2010, mapa 2602)

Apesar dos benefícios que a macroanálise pluridimensional possibilita, é preciso mencionar também as desvantagens para as quais se deve estar preparado no modelo pluridimensional. Análises pluridimensionais exigem um esforço mais acentuado na análise e cartografia do material coletado, em razão da grande quantidade de dados obtidos (THUN, 2009, p. 549). Uma alternativa em trabalhos realizados sob essa perspectiva consiste em aprofundar seletivamente as dimensões de análise mais relevantes para os objetivos da pesquisa, normalmente as dimensões diatópica, diageracional e diastrática. Ou seja, a macroanálise pluridimensional não pressupõe a necessidade de abarcar a totalidade das possibilidades, e sim é legítimo estabelecer “pontos de corte”, ou “fotografias instantâneas”. É o que será feito na presente Tese, a qual dará ênfase às dimensões diatópica, diastrática e diageracional.

Outro desafio com o qual a análise pluridimensional tem de lidar está ligado à pluralidade simultânea de informantes. Por um lado, essa pluralidade enriquece a coleta de dados e eleva sua

representatividade, como já mencionado. Por outro, ela pode proporcionar a sobreposição de dados quando mais de um informante fala ao mesmo tempo, dificultando a compreensão e reconhecimento do dado e, por vezes, inviabilizando seu aproveitamento, por exemplo, para determinadas análises fonéticas. Para esse tipo de análise, é necessário, por isso, prever métodos próprios de obtenção dos dados, como por exemplo a tradução de palavras isoladas do português para o hunsriqueano, na parte do questionário do ALMA-H voltada especificamente à fonética (Cfon).

Finalizo, deste modo, a parte do referencial teórico relativa à variação linguística na perspectiva social, apresentando a seguir a parte que observa a variação sob um ponto de vista psicolinguístico. Embora este não seja o foco central desta Tese, é relevante destacar alguns pontos que subsidiam as macroanálises sociolinguísticas que se pretende implementar a partir das leituras em português dos informantes do ALMA-H.

## Capítulo 2

### VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA PERSPECTIVA PSICOLINGUÍSTICA

Como já se expôs na introdução, as transferências interlinguísticas entre o hunsriqueano e o português no que se refere à sonoridade das oclusivas ocorrem na fala não apenas de falantes bilíngues, e não em sua totalidade, e são observadas também entre monolíngues que vivem em contato na comunidade. Além disso, o mesmo informante pode apresentar variação nos padrões de vozeamento em sua fala, isto é, padrões derivados ou não de transferência, o que mostra que a regra de vozeamento do hunsriqueano nem sempre é aplicada na fala do português. Ou seja, trata-se de um comportamento bastante variável, longe de ser uma marca categórica de quem fala hunsriqueano ou vive em uma comunidade de falantes de hunsriqueano.

Como se explicam esses comportamentos variáveis? Qual o papel da percepção das “realizações fonéticas” nesses processos? Para melhor compreender o que está por trás dessa variação, esta parte do referencial teórico irá aprofundar os seguintes temas: bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo; os processos de transferência interlinguística; estudos de transferências de sonoridade do hunsriqueano; as oclusivas no sistema fonético-fonológico do português e do hunsriqueano; o sistema de vozeamento do português e do hunsriqueano; a tensão como propriedade distintiva e, por fim, o papel da percepção nas transferências interlinguísticas.

#### 2.1 Bilinguismo, multilinguismo e plurilinguismo

Várias são as definições encontradas na literatura para os termos *bilinguismo*, *multilinguismo* e *plurilinguismo*. Só para o termo *bilinguismo* há umas vinte definições diferentes, a grande maioria baseada em critérios relativos à competência e a performance dos falantes (MACKEY, 2005, p. 1483).

Segundo Mackey (2005), os termos em questão são utilizados comumente da seguinte forma: bilinguismo está associado ao uso de duas línguas; multilinguismo ao uso de mais de duas línguas e plurilinguismo ao uso de mais de uma língua (MACKEY, 2005, p. 1483). No entanto, como já dito, nem sempre os termos citados possuem tais significados. O próprio Mackey em um texto mais antigo utiliza o termo bilinguismo para referir-se ao “(...) uso alternado de duas ou

mais línguas pelo mesmo indivíduo<sup>61</sup>” (MACKEY, 1972, p.555), descartando, portanto, naquela época a definição de *multilinguismo*.

Outras definições para os termos *multilinguismo* e *plurilinguismo*, por exemplo, são apresentadas por Altenhofen & Broch (2011) no tocante a *pedagogia do plurilinguismo*<sup>62</sup>. Para os autores, o *multilinguismo* está atrelado à diversidade, ou seja, a coexistência de línguas e variedades na sociedade, enquanto que o *plurilinguismo* está associado à pluralidade, isto é, a uma postura plural e habilidade de uso de mais de uma língua/variedade pelo indivíduo (ALTENHOFEN & BROCH, 2011, p.17). Na visão dos autores, é necessário “(...) desenvolver nos indivíduos uma postura para a pluralidade linguística, ou seja, para o “ser plural” diante da diversidade e dinamicidade do mundo como observamos em nossos dias” (ALTENHOFEN & BROCH, 2011, p.20). Desta forma, seria possível frear a *exclusão do plurilinguismo do âmbito escolar*; ação constante observada nas pesquisas de campo para o projeto ALMA-H, na qual “(...) a escola, que teria em seu currículo a tarefa de adicionar/ensinar línguas às competências dos alunos, [é] apontada pelos pais, falantes bilíngues em alemão e português, como o ambiente onde seus filhos “deixaram/pararam de falar o Hunsrückisch” (ALTENHOFEN, 2013a, p. 100).

Independentemente das variações encontradas nos termos *bilinguismo*, *multilinguismo* e *plurilinguismo*, ao abordar a ‘utilização de mais de uma língua por um indivíduo’, segundo Mackey (1972), deve-se levar em conta: a) o grau, isto é, a capacidade de utilização da nova língua pelo falante; b) a função de utilização da nova língua; c) a alternância, ou seja, as situações nas quais o indivíduo alterna entre uma língua e outra e d) a interferência, advinda com a utilização da nova língua (MACKEY, 1972, p.555).

Tendo em vista que a presente Tese aborda a variação de dessonorização e sonorização de oclusivas de falantes bilíngues, o próximo item tratará da *interferência* apontada por Mackey (1972). Denomina-se, no entanto, na presente Tese, seguindo a tendência apresentada em estudos psicolinguísticos, tal interferência de *transferência*.

---

<sup>61</sup> No original: “(...) as alternate use of two or more languages by the same individual”.

<sup>62</sup> Para maiores informações sobre a “Pedagogia do Plurilinguismo” ver: Altenhofen & Broch (2011).

## 2.2 Processos de transferência interlinguística

O cérebro humano é especializado na transferência de diferentes tipos de informações. Nesta Tese, analisam-se as transferências interlinguísticas entre uma língua minoritária de imigração, hunsriqueano, e a língua oficial do Estado e, portanto, por extensão da escola e dos meios de comunicação, o português. Enquanto o português equivale à língua da escolarização, recaem sobre o hunsriqueano as funções de língua da família, da identidade e da origem. Em termos cognitivos, essa língua – sobretudo quando adquirida precocemente – desempenha um papel central no desenvolvimento do indivíduo. A direção das transferências linguísticas é, neste sentido, sintomática, pois pode revelar qual língua é mais forte, mais dominante no momento.

Na presente Tese, analisamos a transferência de um padrão fonético-fonológico do hunsriqueano para o português. Isso quer dizer que a intensidade e frequência da transferência varia conforme o grau de dominância de cada língua em contato. A transferência ocorre em um estágio em que o sistema neurolinguístico do falante se encontra entrincheirado<sup>63</sup> nas redes neuronais durante a aquisição da nova língua (MACWHINNEY, 2001; 2007). Ao aprender uma nova língua, o aprendiz tende a buscar na sua língua materna, mais entrincheirada, as características necessárias para a formação estrutural da nova língua, ocasionando, assim, as transferências.

É preciso, contudo, considerar que o próprio *input* – por exemplo, o português de contato que uma criança monolíngue em português ouve na comunidade – pode já conter as marcas da transferência fonológica. Como falar em transferência linguística, neste caso?

Vale destacar que há diferentes tipos de transferências linguísticas (semânticas, lexicais, fonéticas, sintáticas etc.), geradas de forma inconsciente. Uma transferência sintática, por exemplo, ocorre quando aprendizes brasileiros empregam o adjetivo após o substantivo na fala ou escrita do inglês ou do alemão, seguindo a ordem sintática do português (adjetivo posposto ao substantivo) ao invés de utilizá-lo em posição anterior ao substantivo, conforme o padrão dessas línguas. Desse processo decorrem frases como *I'd like to buy a dress yellow / Ich möchte ein Kleid gelb kaufen*, ao invés de *I'd like to buy a yellow dress / Ich möchte ein gelbes Kleid kaufen*, nas quais o substantivo precede o adjetivo, diferente do padrão estrutural do português 'Eu gostaria de comprar um vestido amarelo'.

---

<sup>63</sup> O conceito de “entrincheiramento” se refere ao sistema neurolinguístico que já está com suas representações engramadas com os padrões da língua materna, ou seja, moldada de acordo com as características da L1 do aprendiz (MACWHINNEY, 2001; 2007).

O sistema neurolinguístico da L1 atua fortemente, impondo-se sobre a L2, mesmo em situações em que o aprendiz tem um conhecimento razoável da língua-alvo. Lembro-me de uma situação de transferência que ilustra bem essa afirmação. Logo que cheguei ao Canadá para um intercâmbio, puxei algumas vezes portas de prédios públicos ao invés de empurrá-las, em razão do adesivo <PUSH> colado nas portas, mesmo sabendo que *push* significa ‘empurrar’ em inglês. Ao visualizar o adesivo, minha primeira reação era puxar, por estar acostumada a fazer esse movimento ao ler a palavra <PUXE> no Brasil. Foi preciso certo tempo para que meu cérebro se acostumasse com a nova informação, gerando o movimento correto ao visualizar a palavra <PUSH> e inibindo a relação com a forma do português <PUXE>. Tem-se nessa situação uma transferência lexical e até mesmo movimental/corporal em razão da semelhança gráfica e fonética entre a L1 e a L2.

De todas as transferências interlinguísticas existentes, duas estão fortemente ligadas ao tema desta Tese. Uma delas ocorre na fala, a denominada transferência fonético-fonológica; a outra tem relação tanto com a fala quanto com a escrita, a transferência grafo-fônico-fonológica.

A transferência fonético-fonológica ocorre na fala no momento em que o falante utiliza os padrões já estabelecidos em sua língua materna na produção da língua adicional. Tal processo ocorre em razão da dificuldade de percepção das diferenças acústico-articulatórias entre as duas línguas (FLEGE, 2002; BEST & TYLER, 2007). Desta forma, quanto mais próximos os sons das duas línguas, mais difícil torna-se a percepção das diferenças, e, por conseguinte, a sua produção.

As transferências fonético-fonológicas ocorrem, por exemplo, nas produções das palavras inglesas *theater* ‘teatro’ e *these* ‘estes’ por aprendizes iniciantes brasileiros. Como não existem no inventário fonológico do português os fonemas /θ/ e /ð/, presentes nessas palavras (*theater* [ˈθiətər] / *these* [ðiz]), os falantes utilizam fones do português que substituem esses fonemas, nas suas produções. Como consequência, utilizam-se, na interlíngua de diferentes aprendizes do inglês, normalmente os fones [t, s, f] para /θ/, e respectivamente [d] para /ð/. O fonema acessado na memória é aquele que mais se aproxima da percepção de cada aprendiz e, por vezes, resulta da transferência grafo-fônico-fonológica. É o que ocorre na utilização do fone [t] na produção da palavra *theater*.

Casos alofônicos como o da aspiração das oclusivas /p/, /t/, /k/ do inglês constituem ambientes propensos para o surgimento de transferências fonético-fonológicas. Sendo assim, falantes de línguas não aspiradas, como no caso dos brasileiros, tendem a produzir as oclusivas surdas sem a aspiração, isto é, produzindo os fones [p], [t] e [k] em lugar de [p<sup>h</sup>], [t<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>], como é esperado em palavras como *pen*

‘caneta’, *table* ‘mesa’ e *car* ‘carro’. São processos deste tipo que estão na origem do que popularmente se costuma denominar como *sotaque* e que via de regra envolvem a aplicação de padrões acústico-articulatórios da L1 do aprendiz para a fala da L2.

A utilização de padrões de vozeamento divergente dos padrões usuais socialmente aceitos da língua adicional é um exemplo típico de transferência fonético-fonológica. Essa transferência pode ser repassada para a escrita, resultando, dessa forma, em uma transferência grafo-fônico-fonológica.

A transferência grafo-fônico-fonológica ocorre, portanto, quando o falante confere aos grafemas que compõem as palavras da língua adicional a mesma ativação fonético-fonológica que tais grafemas ocasionariam durante a produção oral na língua materna (ZIMMER & ALVES, 2006). Um exemplo bastante comum desse tipo de transferência ocorre, por exemplo, na leitura do grafema <o> da palavra inglesa *mother* ‘mãe’, cuja pronúncia padrão é feita com o fone [ʌ] ([<sup>h</sup>mʌðər]). Como o grafema <o> do português é lido ou como [o] ou como [ɔ], o aprendiz tende a produzir a mesma pronúncia na leitura da palavra inglesa, realizando, assim, uma transferência do padrão utilizado em sua L1 para a produção na L2.

A transferência grafo-fônico-fonológica pode ocorrer também de forma inversa, isto é, da fala para a escrita. Esse processo de transferência foi analisado mais profundamente em minha dissertação de mestrado (GEWEHR-BORELLA, 2010), em que se observaram transferências do padrão de vozeamento utilizado na fala do hunsriqueano para a escrita do português em produções escritas de alunos bilíngues em hunsriqueano e português. Por estarem habituados a utilizar as oclusivas surdas em início de palavra, no hunsriqueano, um percentual significativo de alunos falantes dessa língua tendiam à transferência deste padrão para a fala do português, repassando o mesmo padrão de pronúncia para a escrita. Ao pronunciar a palavra *bolo* como [pɒlu] ou [bɒlu], o informante utiliza na escrita o grafema <P> ao invés de <B>, produzindo, deste modo, uma transferência grafo-fônico-fonológica da fala para a escrita.

A seguir, são apresentados exemplos coletados da literatura que tratam, igualmente, de transferências fonético-fonológicas e grafo-fônico-fonológicas envolvendo o hunsriqueano.

### **2.3 Estudos de transferências de sonoridade do hunsriqueano**

A presente seção busca dar um quadro geral dos estudos realizados sobre transferências de sonoridade da língua de imigração hunsriqueana para as línguas portuguesa e alemã, em diferentes contextos, situações e abordagens. É objetivo reunir as principais conclusões e

resultados a que chegaram esses estudos, para servir de parâmetro e subsídio na análise da dessonorização/sonorização de consoantes oclusivas nos dados da presente Tese.

Descrevemos cinco estudos que tratam da transferência dos padrões de vozeamento do hunsriqueano para o português. **Mueller** (1985), em seu trabalho de Pós-Graduação em Língua Portuguesa sobre “A influência da língua portuguesa nos falantes da língua alemã do interior do município de Tenente Portela”, constata a troca de fonemas sonoros por surdos nas oclusivas: de /b/ para [p] (ex: <bastão>= [paston]), de /d/ para [t] (ex: <duplicata>= [tuplikata]) e de /g/ para [k] (ex: <galeto>= [kaletto]). O contrário também é registrado, ou seja, do fonema surdo para o sonoro, mas com uma frequência muito menor (ex: <rapadura> = [rabatura]). A autora conclui haver influência do português no vocabulário das palavras da língua de imigração, através da “germanização” de algumas palavras, como é o caso do verbo <namorieren> ‘namorar’, bem diferente do alemão-padrão *flirten*. Mueller (1985) constata, ainda, a influência da língua de imigração nos fonemas do português, como já apontado nos exemplos acima.

**Hilgemann** (2004), por sua vez, em sua dissertação de mestrado, analisando “Mitos e concepções linguísticas do professor em contextos multilíngues”, identifica, entre outros aspectos, as crenças de professores relativas à influência das línguas de imigração alemã e italiana na aprendizagem do português. Os professores observados, provindos de dois contextos, um de maior bilinguismo (Daltro Filho) e outro mais urbanizado (Estrela), apresentam visões distintas com relação à influência das línguas de imigração na aprendizagem do português, tendo os professores do ambiente menos urbanizado uma maior tolerância com as transferências, compreendendo-as como algo natural do contato entre línguas, enquanto que os professores do contexto mais urbanizado discriminam as transferências observadas. De acordo com a autora, “(...) a ‘trocas de letras’, tanto na fala quanto na escrita, é citada como o problema mais marcante e perceptível que o domínio da língua minoritária acarreta, revelando uma supervalorização da ortografia e da pronúncia” (HILGEMANN, 2004, p. 111) por parte dos professores. A autora chega a essa conclusão a partir da análise de depoimentos feitos pelos professores, como o apresentado a seguir, de uma estudante do curso de Letras que leciona numa comunidade bilingue português-alemão:

Eles não aprendem português porque só querem falar alemão. Eles não sabem nada, escrevem tudo errado, **trocamos letras na escrita** e não sabem pronunciar as palavras (grifo nosso) (HILGEMANN, 2004, p.111).

Além das crenças dos professores sobre o tema abordado na presente Tese, é interessante observar algumas transferências feitas pelos alunos da pesquisa de Hilgemann (2004, p. 112), como, por exemplo, a transferência grafo-fônico-fonológica transcrita a seguir:

O Japão com a reTução do número de jovens e o aumento da população aDiva e idosa resultou uma grande melhoria, principalmente na população aDTiva [escrito com sobreposição de D e T] que aumentou a proTução e o capital do Japão. O Brasil também reTuziu o número de jovens e aumentou o número de adultos e idosos, mas o número de adultos ou população ativa não aumentou o suficiente para dar um equilíbrio [sem acento] na população como no Japão [resposta escrita por um aluno numa prova de Geografia. Detacam-se em letras maiúsculas os erros de ortografia assinalados pelo professor] (grifo nosso) (HILGEMANN, 2004, p.112).

Ressalta-se, no exemplo, a variação da palavra *ativa* (*aDiva*, *aDTiva*, *ativa*), resultante, muito provavelmente, do conflito existente entre os sistemas das duas línguas faladas pelo aluno, português e hunsriqueano. Hilgemann (2004) destaca que os professores dão muita importância para a ortografia, esquecendo-se de observar outros aspectos importantes para o bem escrever de seus alunos. O exemplo acima, de escrita da mesma palavra em três grafias distintas, pode ser uma estratégia do aluno para atender às expectativas da professora.

**Schneider** (2007) segue uma linha de pesquisa similar a de Hilgemann (2004), ao discutir, em sua Tese de Doutorado realizada em três comunidades bilíngues português-alemão, as atitudes e concepções linguísticas de professores no que diz respeito ao “sotaque alemão” de seus alunos, mais precisamente, relativas às (des)sonorizações de consoantes e a neutralização da vibrante. A autora aponta alguns depoimentos feitos pelos professores, como os apresentados a seguir:

“Existem diferenças, pois os que falam alemão **apresentam um sotaque onde trocam os sons das letras** como, por exemplo: p por b, d por t, r por rr, etc.”(Ane) (SCHNEIDER, 2007, p. 194).

“Sim. Noto que as **crianças não-falantes de alemão sabem se expressar melhor e utilizam palavras mais difíceis** (vocabulário). As trocas do /t/ pelo /d/ e do /d/ pelo /t/ são as mais comuns na fala dos falantes de alemão e depois se refletem também na escrita. **As crianças que moram junto com os avós trocam mais letras que as outras.** Nas crianças que vêm para a 1ª série e que praticamente não sabem português, nota-se que essa troca é uma das mais difíceis de ser superada, assim como a troca do /p/ pelo /b/ e do /b/ pelo /p/”(Lisa) (SCHNEIDER, 2007, p. 194).

Schneider (2007) observa nos depoimentos “(...) juízos de valor que apontam para a crença de que falar alemão dificulta o aprendizado do português” (SCHNEIDER, 2007, p. 194). Além disso, os professores retratam “(...) que as “trocas de letras”, particularmente as (des)sonorizações dos fonemas /b, d, g, ʒ/ < > /p, t, k, ʃ/ e a neutralização da vibrante são muito mais comuns na produção dos alunos que falam muito alemão em casa” (SCHNEIDER, 2007, p. 195). A autora conclui que as trocas apresentadas pelos alunos são descritas pela maioria dos professores como “(...) “interferências” ou “transferências” advindas do alemão (HR<sup>64</sup>)” (SCHNEIDER, 2007, p. 254).

Na mesma linha da interface entre fala e escrita, porém sob um enfoque cognitivo, minha dissertação de mestrado (GEWEHR-BORELLA, 2010) analisa e compara trocas de sonoridade em oclusivas no tripé produção escrita, percepção e produção oral, por parte de alunos monolíngues, falantes apenas do português, e de alunos bilíngues, falantes do português e da língua de imigração hunsriqueana. Participaram do estudo alunos de três grupos: monolíngues da cidade de Rio Grande (MR), monolíngues da cidade de Picada Café (MP) e bilíngues da cidade de Picada Café (B). A pesquisa foi dividida em três fases. Na fase ‘A’, que envolveu a produção escrita, foram analisadas, primeiramente, o número de trocas e suas subdivisões (sonorizações, dessonorizações, palavras de baixa e alta frequência) dos grafemas <p, b>, <t, d> e <c, g> da escrita de 183 alunos (*análise geral*) dos três grupos considerados. Num segundo momento, foram aprofundadas, separadamente, as análises dos dados escritos de 30 alunos (10 de cada grupo selecionado - *análise parcial*) dos 183 alunos analisados na fase anterior. Na fase ‘B’, foram analisados os resultados de um teste de percepção, realizado pelo grupo de 30 alunos. A fase ‘C’, que tratou da produção de fala, foi dividida em dois momentos. Primeiramente, foi feita a análise acústica, através do programa Praat<sup>65</sup> (versão 5.0.3.2), das medidas dos VOTs dos segmentos oclusivos do português dos 30 participantes. Por fim, foram analisados os valores dos VOTs das oclusivas do hunsriqueano dos 10 alunos bilíngues dos 30 participantes das três fases do trabalho. Os resultados mostraram a ocorrência de mais trocas grafêmicas (e suas subdivisões) entre os participantes bilíngues (grupo B), seguidos dos alunos monolíngues do grupo MP e, por fim, com menos trocas, dos alunos monolíngues do grupo MR (Fase ‘A’ - escrita). Apesar de as médias seguirem o mesmo ordenamento tanto na *análise geral*, como na *análise parcial*, foram encontradas diferenças significativas nas trocas apenas na *análise geral*. Na fase ‘B’ ocorreram mais erros de percepção no grupo MP, seguido do grupo MR e do grupo B. Foi encontrada diferença significativa em apenas uma

---

<sup>64</sup> HR = hunsriqueano.

<sup>65</sup> Programa computacional livre. Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 23 ago. 2008.

das análises realizadas nesta fase, mostrando haver uma diferença significativa entre o grupo bilíngue e os demais grupos. Na fase ‘C’, parte dos valores apresentados confirmou as expectativas, de ocorrência, nos segmentos surdos, de VOTs menores no grupo MR do que no grupo B, e nos segmentos sonoros, pré-vozeamentos maiores no grupo MR do que no grupo B. Através da análise dos dados, perceberam-se valores gradientes em algumas transferências fonético-fonológicas encontradas. Concluiu-se que alguns dos participantes apresentaram uma correlação positiva entre a taxa de trocas dos grafemas <p, b>, <t, d> e <c, g> e os erros de percepção e produção de fala dos mesmos segmentos, o que sugere uma possível relação entre os processos de produção escrita, produção oral e percepção.

Por fim, em sua dissertação de mestrado sobre a “Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil meridional”, **Lara** (2013) investiga a realização variável das consoantes plosivas bilabiais com relação ao vozeamento das plosivas desvozeadas (**p**udim ~ **b**udim) e o desvozeamento das plosivas vozeadas (**b**loco ~ **p**loco). A pesquisa utiliza entrevistas sociolinguísticas, com uma rede de 24 informantes, divididos em três faixas etárias (15-30 anos, 31-46 anos, 47 anos ou mais), três níveis de escolaridade (ensino fundamental, médio e superior) e dois gêneros (masculino, feminino), todos residentes na localidade de Glória, comunidade de falantes de hunsriqueano situada na zona rural do município de Estrela (RS). Em 14.189 contextos, Lara (2013) registra 223 ocorrências de aplicação da regra de desvozeamento/vozeamento das plosivas bilabiais, o que equivale a apenas 1,6% dos dados analisados. Analisando variáveis linguísticas (contexto precedente, contexto seguinte, sonoridade da consoante-alvo, tonicidade da sílaba e número de sílabas) e extralinguísticas (gênero, idade, escolaridade e bilinguismo), Lara chega às seguintes conclusões:

- 1) Baixa frequência na aplicação total da regra;
- 2) Os informantes velhos, mulheres, bilíngues, que atuam quase exclusivamente em Glória, condicionam o processo de aplicação da regra;
- 3) Os idosos, informantes centrais na rede, não difundem a regra aos informantes jovens e
- 4) Há sistematicidade nas ocorrências encontradas. As variáveis linguísticas: sonoridade da consoante-alvo, tonicidade da sílaba e contexto precedente, juntamente com as extralinguísticas: escolaridade, bilinguismo e gênero, têm papel no desvozeamento/vozeamento das plosivas. O processo é favorecido, segundo a autora, pela “(...) plosiva bilabial sonora, o tepe alveolar precedente e sílabas tônicas” (LARA, 2013, p. 83). Por fim, Lara (2013) acrescenta que “(...) o nível escolar ensino

fundamental, o bilinguismo ativo e os informantes femininos têm relevo na realização variável” (LARA, 2013, p.83).

Cito, por fim, dois trabalhos de conclusão de graduação, de **Nedel** (1995) e de **Kuhn** (2009). Apesar das limitações teóricas e metodológicas, esses trabalhos ilustram o tratamento dado à questão da transferência dos padrões de vozeamento do hunsriqueano também na aprendizagem do alemão-padrão. O quadro a seguir, feito a partir dos resultados de **Nedel** (1995, p.40-45), mostra uma percepção bastante intuitiva da pronúncia do Hunsrückisch, partindo da percepção do português:

	<b>Alemão-padrão</b>	<b>Hunsrückisch</b>
/b/ - [p]	<u>b</u> eten, <u>B</u> adeanzug, <u>b</u> aden	<u>p</u> êerã, <u>P</u> ódzeich, <u>p</u> órã
/k/ - [g]	trink <u>en</u> , En <u>k</u> elkind, <u>J</u> ack <u>e</u>	Tringã, Eng <u>el</u> kind, Jagã
/d/ - [t]	<u>d</u> urstig	<u>t</u> éschtich
/g/ - [k]	<u>G</u> roß	<u>K</u> roß

**QUADRO 2:** Diferença entre o alemão-padrão e o hunsriqueano

**Kuhn** (2009) direciona sua análise da interferência do Hunsrückisch na aprendizagem do alemão como língua estrangeira para a discussão dos benefícios ou dificuldades dessa língua na aprendizagem. Para tanto, descreve diferenças entre o alemão-padrão e o hunsriqueano, presentes no momento em que alunos bilíngues hunsriqueano-português estão aprendendo o alemão-padrão, como, por exemplo, na grafia de <ti>, <tas> e <to> ao invés de <die> (artigo feminino), <das> (artigo neutro) e <dort> (ali). Na comparação da aprendizagem do alemão-padrão entre crianças monolíngues e bilíngues (hunsriqueano-português), a autora conclui que os falantes bilíngues aprendem o alemão-padrão com muito mais facilidade. Acrescenta, ainda, que os alunos bilíngues possuem uma maior quantidade de erros gramaticais do que os monolíngues, mas que esse detalhe não pode ser considerado um “vilão” na aprendizagem da língua alemã.

Os trabalhos mencionados, independente do enfoque ou recorte feitos, mostram antes de tudo a relevância desses processos de sonorização/dessonorização do hunsriqueano e sua transferência para o português e o alemão-padrão, assim como também o significado social que assumem por exemplo no contexto escolar (HILGEMANN, 2004; SCHNEIDER, 2007). Sua base de análise são contextos específicos, sem uma visão macroanalítica como a que estamos buscando empreender

nesta Tese, para compreender mais amplamente os condicionamentos sociais que favorecem ou inibem a transferência para a fala, já que se trata de uma regra variável, como mostram sobretudo Lara (2013) e Gewehr-Borella (2010). Para compreender melhor como se dão os processos de transferência interlinguística no âmbito cognitivo e perceptual, é necessário entender os sistemas fonético-fonológicos das línguas em questão, conforme veremos no item a seguir.

## 2.4 As oclusivas no sistema fonético-fonológico do português e do hunsriqueano

Os sons das línguas de modo geral são produzidos a partir de diferentes parâmetros articulatórios. Um deles é o modo de articulação, que se refere às modificações empreendidas pelos articuladores sobre a corrente de ar. Um desses modos é a oclusão. Para a formação de uma consoante oclusiva é necessário um bloqueio completo da passagem da corrente de ar. De acordo com Cagliari, “esse bloqueio pode ocorrer ao nível das cordas vocais com o fechamento da glote, ou na boca, estando o véu palatino tapando o acesso às cavidades nasais” (CAGLIARI, 2007, p. 35).

Conforme descrições encontradas na literatura, o português apresenta seis fonemas oclusivos, caracterizados pela soltura/explosão do ar, sendo eles: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/ e /g/, conforme explicitado no quadro a seguir:

Símbolo	Classificação do segmento consonantal	Exemplo ortográfico	Transcrição fonética
p	Oclusiva bilabial desvozeada	<pata>	[ˈpate]
b	Oclusiva bilabial vozeada	<bala>	[ˈbale]
t	Oclusiva alveolar/dental <sup>66</sup> desvozeada	<tapa>	[ˈtape]
d	Oclusiva alveolar/dental vozeada	<data>	[ˈdate]
k	Oclusiva velar desvozeada	<capa>	[ˈkape]
g	Oclusiva velar vozeada	<gata>	[ˈgate]

**QUADRO 3** : Oclusivas do português

**Fonte:** Quadro adaptado de CRISTÓFARO-SILVA (2008, p. 37).

É importante frisar que o português do Brasil, muitas vezes denominado de *português brasileiro*, é constituído por um conjunto de variedades. A simples denominação *português brasileiro* não é suficiente para explicar o conjunto de possibilidades de variedades fonético-

<sup>66</sup> As oclusivas /t/ e /d/ podem ocorrer com articulação alveolar ou dental (CRISTÓFARO-SILVA, 2008, p. 37).

fonológicas existentes no país, as quais variam conforme o local, o estrato social, a idade, a escolaridade, o gênero, a proficiência em português e ainda a proficiência em línguas adicionais, já que o bilinguismo/multilinguismo influencia a produção da língua materna, conforme explicitado anteriormente. Por esse motivo, utiliza-se na presente Tese apenas o termo genérico *português*, para denominar uma das línguas faladas pelos informantes analisados nesta pesquisa.

Uma diferença que serve para exemplificar essa relação está na palatalização das consoantes oclusivas /t/ e /d/ diante de /i/, as quais são produzidas por alguns grupos de falantes como consoantes africadas<sup>67</sup> – por exemplo, em palavras como *tia* ([tʃ]ia) e *dia* ([dʒ]ia) ao invés de [t]ia e [d]ia. Referente à palatalização, Gewehr-Borella & Altenhofen (2012) verificaram, em um pequeno estudo que comparou a fala de informantes de dois pontos de pesquisa do Projeto ALMA-H (RS07 e RS19), um índice menor de palatalização entre informantes mais velhos do que entre os mais jovens, além de um índice menor de palatalização entre informantes de Panambi (RS19) do que de Harmonia (RS07) (dimensão diageracional<sup>68</sup>). A partir dessas observações, o que se quer ressaltar é que a variação é inerente a cada língua e que, portanto, ninguém fala, como afirma Coseriu (1982), o português, mas determinada variedade do português. Ao empregarmos o termo *português*, não vai nessa perspectiva portanto qualquer tipo de generalização, embora se reconheça determinado padrão fonológico.

Considerando que a presente Tese tem como tema a transferência interlinguística das oclusivas do português e do hunsriqueano, cabe descrever o que exatamente são as oclusivas da língua de imigração estudada.

Altenhofen (1996, p. 344) identifica no sistema fonológico do hunsriqueano as seguintes oclusivas: /p<sup>h</sup>/, /b/, /t<sup>h</sup>/, /d/, /k<sup>h</sup>/ e /g/. Em Gewehr-Borella & Altenhofen (2012, p. 5), optou-se por representar os fonemas do hunsriqueano pelos símbolos mais genéricos, sendo os fonemas surdos representados pelos símbolos /p/, /t/ e /k/ e os sonoros por /b/, /d/ e /g/, reservando as formas apresentadas com aspiração e ensurdecimento para a realização fonética.

---

<sup>67</sup> Consoantes africadas: “Na fase inicial da produção de uma africada os articuladores produzem uma obstrução completa na passagem da corrente de ar através da boca e o véu palatino encontra-se levantado (como nas oclusivas). Na fase final dessa obstrução (quando se dá a soltura da oclusão) ocorre então uma fricção decorrente da passagem central da corrente de ar (como nas fricativas)” (CRISTÓFARO-SILVA, 2008, p. 33).

<sup>68</sup> A diferença de palatalização encontrada nos pontos RS07 e RS19 também é corroborada pelo ALERS (2011).

De acordo com Altenhofen (1996), as regras de vozeamento no hunsriqueano seguem o seguinte paradigma: a) em início e fim de palavra e em sílabas pretônica e tônica, ocorrem, via de regra, oclusivas com dessonorização (*Halbfortes*<sup>69</sup> ‘semi-surdas’), representadas com diacrítico, como em [b̥], [d̥] e [g̥]; um ensurdecimento parcial, como na pronúncia da palavra *Butter* ‘manteiga’, pronunciada como [‘b̥ude] ou [‘p̥ude]; b) em sílaba postônica e intervocálica, ocorre normalmente a sonorização, como parte de um processo de lenização<sup>70</sup> (ALTENHOFEN, 1996, p. 260). Como exemplo, a palavra *backen* ‘assar’, do alemão-padrão, é pronunciada no hunsriqueano como [‘b̥agə]. Segundo Altenhofen (1996), a regra de vozeamento pode ser considerada alófona. Com frequência, as oclusivas vozeadas podem variar com suas respectivas não-vozeadas no mesmo idioleto. Por esta razão, seguindo a prática corrente em estudos dialetológicos do alemão, visando também à comparação com essas descrições, Altenhofen coloca as oclusivas *Halbfortes* como unidades relevantes. O quadro<sup>71</sup> a seguir resume as regras de vozeamento/desvozeamento do hunsriqueano identificadas por Altenhofen (1996).

Posição na sílaba	Sílaba pretônica e início de palavra	Sílaba tônica	Sílaba postônica	Fim de palavra
Processo/Exemplo	dessonorização	dessonorização	sonorização	dessonorização
<i>bedanke</i> ‘agradecer’	<be	dan	ke>	-
Pronúncia no hunsriqueano	[b̥]	[d̥]	[g̥]	-
<i>lieb</i> ‘querido’ <i>Rad</i> ‘roda’ <i>lang</i> ‘longo’	-	-	-	<lieb> <Rad> <lang>
Pronúncia no hunsriqueano	-	-	-	[b̥] [d̥] [g̥]

**QUADRO 4 :** Regras de vozeamento<sup>72</sup> do hunsriqueano, seguindo Altenhofen (1996)

<sup>69</sup> Fortis: “(consoante) articulada, ou com tendência a ser articulada, com tensão muscular acentuada. Termo tradicionalmente usado para consoantes surdas em oposição a consoantes sonoras. Do Latim “fortis” ‘forte’ (MATHEWS, 1997, p. 134). Como ‘Halb’ em alemão significa ‘meio’, poderíamos dizer que o termo significa uma oclusiva gradiente, às vezes manifestando-se como surda e às vezes, como sonora.

<sup>70</sup> Lenização ou lenição: qualquer processo através do qual um som é concebido como sendo “enfraquecido”. Ex. Na história do Espanhol, as oclusivas sonoras [b], [d] e [g] tornaram-se fricativas entre vogais, a partir da redução do esforço da articulação (Oxford, 1997, p 202). Maiores detalhes sobre esse processo, consultar Altenhofen (1996).

<sup>71</sup> Padrão de vozeamento das oclusivas do hunsriqueano, seguindo Altenhofen (1996, p. 344).

<sup>72</sup> O vozeamento deve ser entendido aqui em seu sentido amplo, abarcando tanto as sonorizações quanto as dessonorizações.

As **regras de desonorização e sonorização** observadas no hunsriqueano podem ser transferidas para a fala do português. Com isso, palavras como *guri* e *disse*, onde [g] e [d] aparecem respectivamente em sílaba pretônica e tônica, podem ocorrer como [g̃]uri e [d̃]isse, sendo as oclusivas desonorizadas. Em posição postônica, por outro lado, pode ocorrer a sonorização, como no exemplo da palavra *público*, pronunciada com o segmento /k/ sonorizado, ou seja, *públi[g]o*.

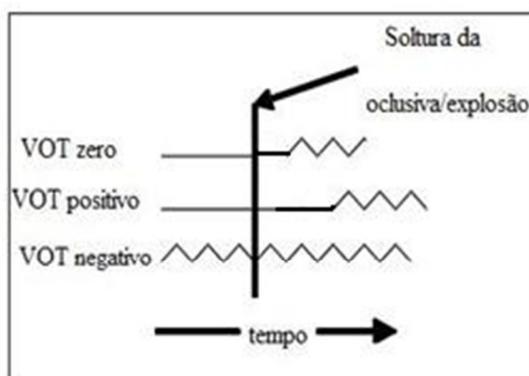
Além dessas regras de desonorização e sonorização, faz-se necessário lembrar os processos de **hipercorreção** que ocorrem na fala em português de falantes da língua de imigração estudada e que reproduzem muito mais a tentativa do falante de se adequar a uma regra socialmente esperada do que a transferência de uma regra de pronúncia de uma língua a outra. Ocorrências como [b]ai, para a palavra *pai*, têm sua origem na hipercorreção. Comentários como “(...) não é com ‘p’ é com ‘b’” mostram que o falante tem consciência da relação entre as grafias de [b] e de [p], porém nem sempre consegue distinguir a alternativa certa. A hipercorreção pode surgir, por isso, muito frequentemente em razão do *status* alofônico da oposição surdo/sonoro apresentado pelo hunsriqueano (STEFFEN, J., 2013, p. 75).

Outra característica presente nas oclusivas do hunsriqueano e ausente no português, diz respeito à aspiração, já observada acima. Palavras como *Puder* ‘pó de maquiagem’ e *picken* ‘picar’ apresentam VOT positivo no hunsriqueano, conforme atestou Gewehr-Borella (2010). A diferença de vozeamento entre as línguas estudadas é apresentada a seguir.

## 2.5 O sistema de vozeamento do português e do hunsriqueano

Compreender as diferenças existentes no vozeamento das oclusivas do hunsriqueano e do português, faz-se necessário para entender por que alguns informantes apresentam transferências interlinguísticas. O vozeamento pode ser medido nas consoantes oclusivas de ambas as línguas a partir do *Voice Onset Time* (VOT).

O VOT é o período de surdez entre a soltura/explosão da consoante e o início da periodicidade de vozeamento do segmento seguinte (LISKER & ABRAMSON, 1964). Os padrões de vozeamento são caracterizados a partir de três categorias de VOT, conforme pode ser observado na figura 8.



**FIGURA 8:** Três tipos de VOT  
**Fonte:** Gewehr-Borella (2010, p. 36)<sup>73</sup>

1ª) Na categoria ‘VOT zero’, tem-se a soltura da oclusiva, representada pela barra vertical, seguida de um pequeno período de ensurdecimento, em torno de +10ms, representado pela linha reta horizontal, e, logo após, o início da vibração das cordas vocais, na produção do segmento seguinte, ilustrada pela linha dentilhada. Estão enquadradas nesta categoria as oclusivas surdas /p/, /t/ e /k/ do português.

2ª) Na categoria ‘VOT positivo’, tem-se, ao invés de um pequeno período de ensurdecimento, um tempo maior de surdez, em torno de +75ms, representado pela linha reta horizontal um pouco mais longa, e, logo após, da mesma forma, o início da vibração das cordas vocais, ilustrada pela linha dentilhada. Nesta categoria, estão enquadradas as oclusivas surdas do inglês, do alemão-padrão e do hunsriqueano, produzidas com aspiração.

3ª) Na categoria ‘VOT negativo’, também chamada de pré-vozeamento, tem-se a vibração das cordas vocais durante toda a produção da oclusiva, com o vozeamento já ocorrendo antes mesmo da soltura da oclusiva, em torno de -100ms. Neste valor, tem-se como exemplo as oclusivas sonoras /b/, /d/, /g/ do português.

Como os valores de VOT sofrem variações influenciadas por características como idade, velocidade da fala, dentre outras, não há consenso entre os pesquisadores a respeito dos seus valores médios para cada consoante. Entretanto, alguns estudiosos apresentam algumas classificações. Istre, citada por Klein (1999), afirma, por exemplo, que os valores médios das oclusivas surdas do português são de 12ms para /p/; 18ms para /t/ e 38ms para /k/ (KLEIN, 1999,

<sup>73</sup> Figura adaptada de Cohen (2004, p. 13).

*apud* REIS & NOBRE-OLIVEIRA, 2007, p. 398). As oclusivas surdas do português enquadram-se, portanto, dentro da categoria ‘VOT zero’. Já as oclusivas sonoras, /b/, /d/ e /g/, são produzidas com pré-vozeamento, sendo classificadas, portanto, dentro da categoria ‘VOT negativo’.

É interessante mencionar aqui que, para produzir o vozeamento é necessário que exista uma diferença de pressão acima (menor pressão) e abaixo da glote (maior pressão). No momento em que tal diferença é equalizada, as cordas vocais param de vibrar, não existindo mais o vozeamento. Quanto maior a cavidade da oclusão, mais demorado o processo de equalização da pressão. Por tal razão, é muito mais difícil produzir vozeamento e continuar o vozeamento numa oclusiva velar do que numa oclusiva bilabial ou alveolar (KOHLENER, 2014). Tal colocação será observada na análise dos dados.

Quanto aos padrões de vozeamento das línguas de imigração alemã, entre as quais se inclui o hunsriqueano, Braun (1996) demonstra que a grande maioria apresenta um período de surdez longo nas oclusivas /p/, /t/ e /k/, interpretadas como aspiradas, e um curto período de surdez nas oclusivas /b/, /d/ e /g/, concebidas como surdas não-aspiradas. A autora apresenta alguns estudos que investigaram valores de VOT de alguns dialetos da Alemanha. O hunsriqueano europeu, falado em Koblenz e no francônio moselano de modo geral, por exemplo, apresentam os seguintes valores de VOT, respectivamente: (/p/= 32, /t/=37, /k/=67, /b/=11, /d/=18, /g/=35) e (/p/= 38, /t/=51.5, /k/=68.5, /b/=9, /d/=10.5, /g/=21.5) (BRAUN, 1996, p. 24). Jessen & Ringen (2002, p. 190) acrescentam que o VOT negativo, ou seja, o pré-vozeamento, é bastante raro nas línguas de imigração alemã.

Outra fonte de comparação de dados para o hunsriqueano é o *Mittelrheinischer Sprachatlas* (Atlas Linguístico da Renânia Central - MRhSA, 1994-2002), de Bellmann; Herrgen & Schmidt. Embora não utilize análises de VOT, a transcrição fonética dos dados,<sup>74</sup> conforme mostra o quadro a seguir, reconhece diferentes níveis de sonoridade das oclusivas na variação do hunsriqueano europeu, falado na região de mesmo nome, o Hunsrück. Ao analisar os dados de 127 mapas do MRhSA (volumes 1 e 4),<sup>75</sup> encontrei 798 oclusivas com as seguintes realizações fonéticas:

<sup>74</sup> Altenhofen (1996) segue o mesmo padrão de transcrição dos dados, a fim de permitir a comparação futura das variantes do hunsriqueano rio-grandense com o hunsriqueano europeu.

<sup>75</sup> Os dados apresentados nos mapas foram coletados entre os anos de 1978 e 1988.

Oclusiva	Início de palavra	Meio de palavra	Fim de palavra
/p/ 59 dados	17 [b̥] ex.: <i>passieren</i> ‘ocorrer’ 10 [p] ex.: <i>pfeifen</i> ‘apitar’ 9 [pʰ] ex.: <i>Pfund</i> ‘1/2 quilo’	22 [b̥] ex.: <i>Papier</i> ‘papel’ 1 [p] ex.: <i>Kupfer</i> ‘cobre’	–
/b/ 208 dados	120 [b̥] ex.: <i>bitter</i> ‘amargo’	45 [β] ex.: <i>Abend</i> ‘noite’ 28 [b] ex.: <i>gebacken</i> ‘assado’ 1 [b] ex.: <i>Gabel</i> ‘garfo’ 1 [v] ex.: <i>schreiben</i> ‘escrever’	10 [pʰ] ex.: <i>lieb</i> ‘querido’ 3 [b̥] ex.: <i>ab</i> ‘desde’
/t/ 194 dados	37 [ɖ] ex.: <i>Tag</i> ‘dia’ 1 [t] ex.: <i>trocken</i> ‘seco’	94 [ɖ] ex.: <i>bitter</i> ‘amargo’ 1 [t] ex.: <i>Garten</i> ‘jardim’	36 [tʰ] ex.: <i>schmeckt</i> ‘provar’ 23 [ɖ] ex.: <i>gibt</i> ‘dá’ 2 [t] ex.: <i>Arbeit</i> ‘trabalho’
/d/ 95 dados	30 [ɖ] ex.: <i>Durst</i> ‘sede’ 1 [t] ex.: <i>Deichsel</i> ‘cabeçalho’ 1 [tʰ] ex.: <i>Deichsel</i> ‘cabeçalho’	9 [ɖ] ex.: <i>schneiden</i> ‘cortar’ 1 [d] ex.: <i>Kleider</i> ‘vestido’	30 [ɖ] ex.: <i>Kind</i> ‘criança’ 22 [tʰ] ex.: <i>Pfund</i> ‘1/2 quilo’ 1 [t] ex.: <i>Abend</i> ‘noite’
/k/ 151 dados	66 [kʰ] ex.: <i>Kind</i> ‘criança’ 36 [k] ex.: <i>Kugel</i> ‘bola’ 32 [ɡ̊] ex.: <i>Knopf</i> ‘botão’	10 [ɡ̊] ex.: <i>trocken</i> ‘seco’ 5 [k] ex.: <i>schmeckt</i> ‘provar’ 1 [ɡ] ex.: <i>gebacken</i> ‘assado’ 1 [ɣ] ex.: <i>schmeckt</i> ‘provar’	–
/g/ 91 dados	71 [ɡ̊] ex.: <i>gebacken</i> ‘assado’ 4 [k] ex.: <i>gekauft</i> ‘comprado’ 2 [kʰ] ex.: <i>gekauft</i> ‘comprado’ 2 [ɡ] ex.: <i>gelassen</i> ‘deixado’	4 [ɡ̊] ex.: <i>morgen</i> ‘manhã’ 1 [ɣ] ex.: <i>Kugel</i> ‘bola’	3 [ɡ̊] ex.: <i>Tag</i> ‘dia’ 2 [k] ex.: <i>Teig</i> ‘massa’ 2 [kʰ] ex.: <i>Berg</i> ‘montanha’

QUADRO 5: Oclusivas no *Mittelrheinischer Sprachatlas*

Conforme mostra o quadro 5 em início de palavra, tem-se o registro de 208 oclusivas surdas. Destas, 86 sonorizam-se parcialmente [b̥, ɖ, ɡ̊] (41,34%), 47 mantêm-se surdas [p, t, k] (22,57%) e 75 tornam-se surdas-aspiradas [pʰ, kʰ] (36,06%). As oclusivas sonoras, nesta posição, somam 231 dados. Destes, dois mantêm-se sonoros [ɡ] (0,87%), 221 dessonorizam-se parcialmente [b̥, ɖ, ɡ̊] (95,67%), cinco dessonorizam-se totalmente [t, k] (2,16%) e três tornam-se surdos-aspirados [tʰ, kʰ] (1,30%). Em suma, em início de palavra predomina no hunsriqueano europeu a dessonorização, parcial ou total, tal como ocorre no hunsriqueano rio-grandense, descrito por Altenhofen (1996). Os casos de ocorrência de oclusiva sonora são mínimos.

Observam-se, em **meio de palavra**, 135 oclusivas surdas. Destas, uma sonoriza-se totalmente [ɡ] (0,74%), 126 sonorizam-se parcialmente [b̥, ɖ, ɡ̊] (93,33%), sete mantêm-se

surdas [p, t, k] (5,19%) e uma é produzida como fricativa velar vozeada [ʁ] (0,74%). As oclusivas sonoras somam 90 dados. Destes, dois mantêm-se sonoros [b, d] (2,23%), 41 desonorizam-se parcialmente [b̥, d̥, ɡ̊] (45,55%), 45 ocorrem como fricativa bilabial vozeada [β] (50%), um é produzido como fricativa velar vozeada [ʁ] (1,11%) e um como fricativa lábio-dental vozeada [v] (1,11%). Como podemos observar, o hunsriqueano europeu mantêm um índice elevado de desonorização ou mesmo fricatização em meio de palavra, contrariamente ao que ocorre no hunsriqueano rio-grandense, onde é comum a lenização.

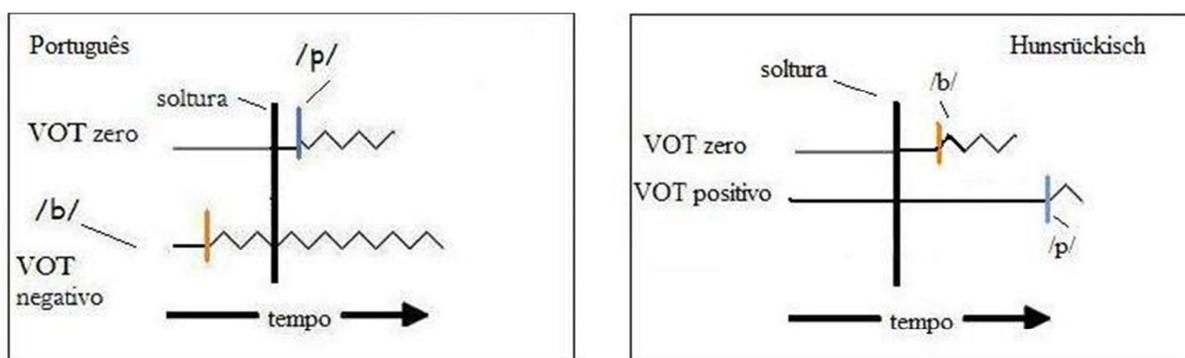
Finalmente, têm-se em **final de palavra** 61 oclusivas surdas. Destas, 23 sonorizam-se parcialmente [d̥] (37,70%), duas mantêm-se surdas [t] (3,28%) e 36 tornam-se surdas-aspiradas [tʰ] (59,02%). As oclusivas sonoras representam 73 dados. Destes, 36 oclusivas desonorizam-se parcialmente [b̥, d̥, ɡ̊] (49, 31%), três desonorizam-se totalmente [t, k] (4,11%) e 34, além de desonorizarem-se totalmente, apresentam aspiração [pʰ, tʰ, kʰ] (46,58%). Nesta posição, como é de se esperar, predomina amplamente a desonorização das oclusivas.

É, portanto, perceptível, na totalidade dos dados apresentados no *Mittelrheinischer Sprachatlas*, o predomínio das oclusivas (des)sonorizadas [b̥, d̥, ɡ̊]. A diferença entre oclusivas surdas e sonoras aparece mais fortemente em posição inicial de palavra, na qual as oclusivas sonoras /b, d, ɡ/ ocorrem quase que exclusivamente parcialmente desonorizadas [b̥, d̥, ɡ̊] (em 221 de 231 dados), enquanto que as surdas aparecem além de parcialmente sonorizadas [b, d, ɡ] (86 de 208), também surdas [p, t, k] (em 47 de 208) e surdas-aspiradas [pʰ, kʰ] (em 75 de 208). Nota-se ainda, de forma geral, que as oclusivas sonoras são raras na região do Hunsrück europeu, o que está em consonância com o que Altenhofen (1996) registra no hunsriqueano rio-grandense, a partir de sua Tese de Doutorado analisada em dez pontos de pesquisa do RS<sup>76</sup>.

Com relação ao VOT do hunsriqueano falado no Brasil, tem-se, a partir de minha dissertação de mestrado (GEWEHR-BORELLA, 2010), em início de palavras, as seguintes medidas, com a ressalva de se referirem à fala de crianças em idade escolar: /p/= [pʰ] 87ms; /t/= [tʰ] 81ms, /k/= [kʰ] 91ms, /b/= [p] 27ms, /d/= [t] 23ms, /ɡ/= [k] 40ms. As oclusivas surdas são,

<sup>76</sup> Para maiores informações ver: Altenhofen (1996).

portanto, classificadas dentro da categoria ‘VOT positivo’, por apresentarem aspiração, e as sonoras dentro da categoria ‘VOT zero’, por terem um período menor de surdez. A figura 9 apresenta uma exemplificação.



**FIGURA 9:** Padrões de VOT do português e do hunsriqueano<sup>77</sup>  
**Fonte:** Gewehr-Borella (2010, p. 37)

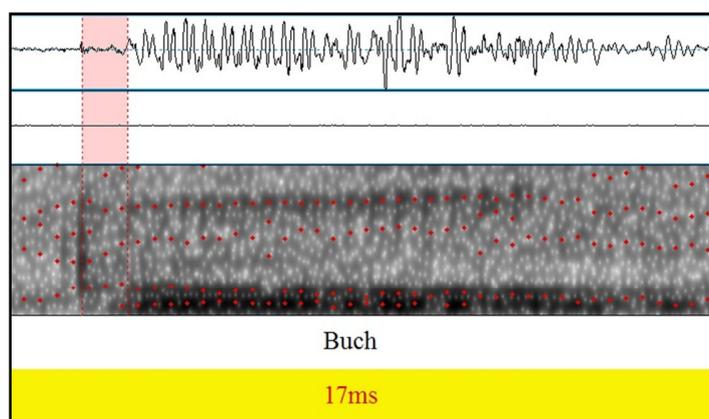
As oclusivas surdas do português, exemplificadas a partir do /p/ da figura da esquerda, são muito próximas às oclusivas sonoras do hunsriqueano, representadas pelo /b/ da figura da direita. Ao final da dissertação, concluí que tal proximidade pudesse ser a razão pela qual os falantes viessem a apresentar em suas falas em português produções como [p]anana ou [b̥]anana, ao invés de [b]anana, por exemplo.

Feitas mais algumas análises<sup>78</sup>, no decorrer do doutorado, pode-se dizer que as oclusivas do hunsriqueano se comportam da seguinte forma:

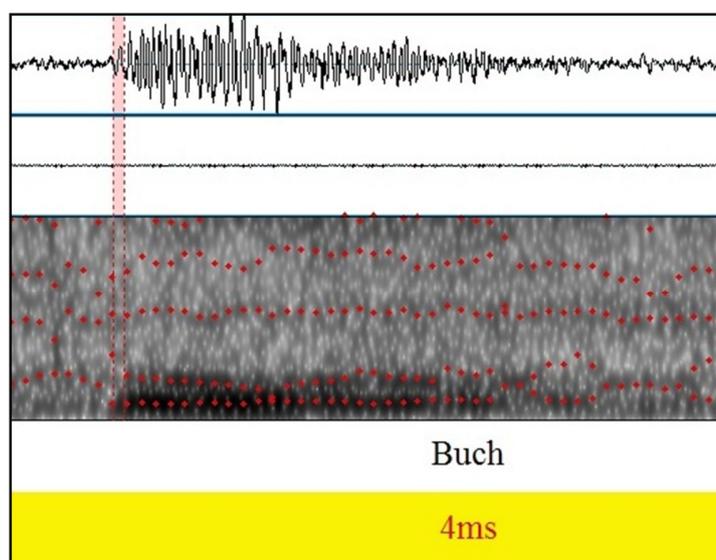
Em **início de palavra**, as oclusivas sonoras são produzidas dentro da categoria ‘VOT zero’, ora aparecendo com desonorização parcial, representada pelo diacrítico [b̥, d̥, ɡ̥], ora com desonorização total [p, t, k]. A palavra *Buch* ‘livro’, produzida por dois informantes distintos, é um exemplo dessa produção diferenciada.

<sup>77</sup> Dados de crianças, falantes de hunsriqueano, do município de Picada Café (RS).

<sup>78</sup> Alguns dados analisados aqui foram retirados do banco de dados do Projeto ALMA-H. Outros foram retirados do banco de dados pessoal da pesquisadora. Os dados, gravados em formato *wav*, foram abertos no programa computacional *Praat* (versão 5.3.81), para serem analisados acusticamente. Para maiores informações quanto à coleta de dados do banco da pesquisadora, ver: Gewehr-Borella, 2010, p. 64.



**FIGURA 10:** Produção da palavra *Buch* - [p]uch (17ms)<sup>79</sup>



**FIGURA 11:** Produção da palavra *Buch* - [b]uch (4ms)<sup>80</sup>

Vê-se, no primeiro exemplo (Fig. 10), a produção do /b/ com 17ms, representada foneticamente como um [p]. Já no segundo (Fig. 11), o período de ensurdecimento entre a soltura da oclusiva e o início da vibração das cordas vocais da vogal seguinte é mínimo, apenas 4ms, o

<sup>79</sup> Exemplo nº 51 retirado do questionário do Projeto Alma-H, parte C, capítulo 2 (Fonologia), produzido por um informante RS04CaGII.

<sup>80</sup> Exemplo nº 51 retirado do questionário do Projeto Alma-H, parte C, capítulo 2 (Fonologia), produzido por um informante RS04CaGII.

que nos leva a representar o /b/ produzido foneticamente como um [b̥]. A velocidade da fala pode interferir nas diferenças encontradas. No primeiro exemplo, a produção total da palavra *Buch* levou 337ms. Já no segundo, a palavra foi produzida em 175ms.

As oclusivas surdas também apresentam variação. Nas análises feitas para a dissertação, acreditava-se que todas as oclusivas surdas eram classificadas dentro da categoria de ‘VOT positivo’. No entanto, ao analisar um número maior de palavras, pude constatar que, conforme a palavra ou até mesmo a região em que é falada e contexto em que ela é produzida (velocidade da fala, por exemplo), as oclusivas surdas podem ocorrer tanto dentro da categoria ‘VOT positivo’ [p<sup>h</sup>, t<sup>h</sup>, k<sup>h</sup>] quanto dentro da categoria ‘VOT zero’ [p, t, k], conforme atestam os exemplos apresentados a seguir.

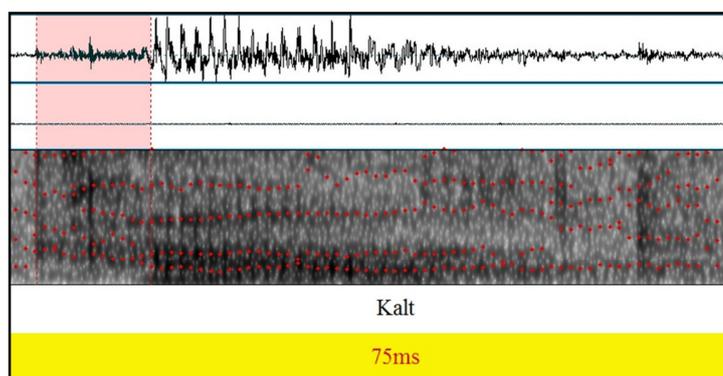


FIGURA 12: Produção da palavra *kalt* ‘frio’ - [k<sup>h</sup>]alt (75ms)<sup>81</sup>

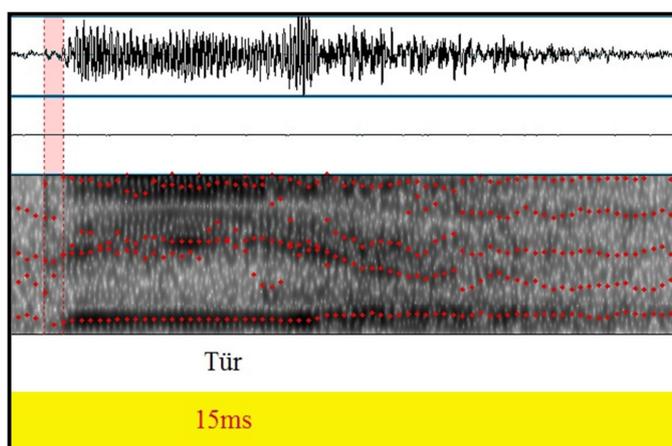


FIGURA 13: Produção da palavra *Tür* ‘porta’ [t̥]ür (15ms)<sup>82</sup>

<sup>81</sup> Exemplo nº 96 retirado do questionário do Projeto Alma-H, parte C, capítulo 2 (Fonologia), produzido por um informante RS04CaGII.

Em **meio de palavra**, conforme colocado por Altenhofen (1996), em sílaba postônica, as oclusivas tendem a ser sonorizadas. No entanto, tal regra é facultativa, tendo em vista a ocorrência de alofones nesta posição. Encontramos em meio de palavra, tanto nas oclusivas surdas como nas sonoras, variações, que vão do vozeamento ao ensurdecimento das oclusivas.

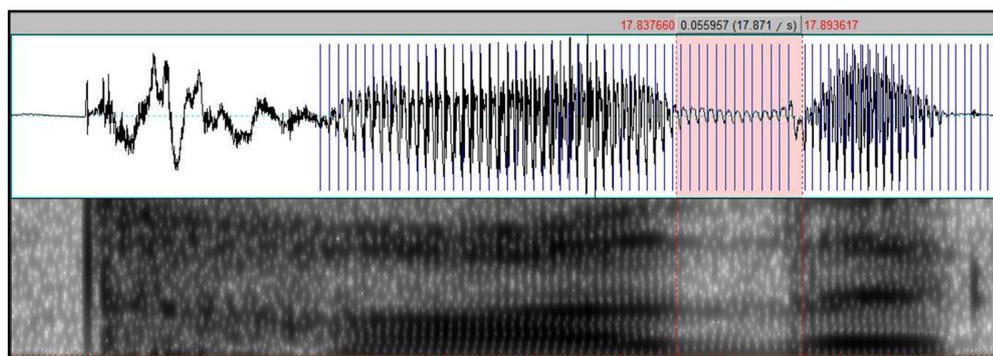


FIGURA 14: Produção da palavra *Torte* 'torta', com a sonorização da oclusiva /t/ = [t<sup>h</sup>ɔ.ɔ̃] <sup>83</sup>

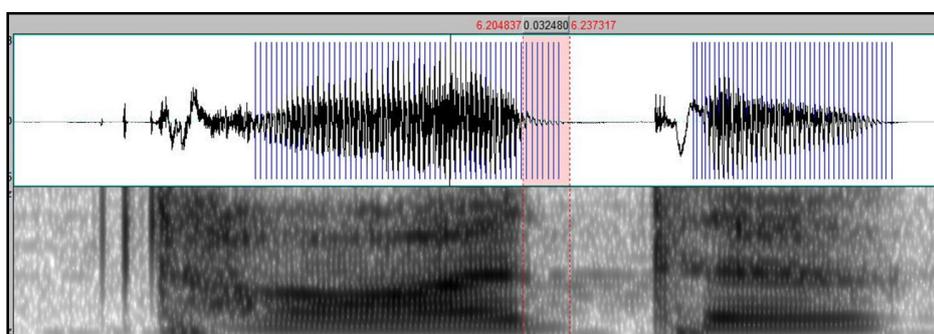


FIGURA 15: Produção da palavra *Torte* 'torta', com sonorização parcial da oclusiva /t/ = [t<sup>h</sup>ɔ.ɔ̃] <sup>84</sup>

Fica claro, portanto, que a variação encontrada em meio de palavra justifica-se pelo fato de não existirem diferenças fonêmicas, mas, sim, alofônicas nesta posição no hunsriqueano.

Cabe ressaltar ainda que a variação existente, em posição medial de palavra, não diz respeito apenas à dessonorização/sonorização. Em análises feitas, no decorrer de meu doutorado-sanduíche, com o auxílio do foneticista Dr. Klaus J. Kohler, do Instituto de Fonética da

<sup>82</sup> Exemplo nº 63 retirado do questionário do Projeto Alma-H, parte C, capítulo 2 (Fonologia), produzido por um informante RS04CaGII.

<sup>83</sup> Exemplo retirado de Gewehr-Borella (2010, p. 159).

<sup>84</sup> Exemplo retirado de Gewehr-Borella (2010, p. 158).

Universidade de Kiel (Christian-Albrechts-Universität - Alemanha), encontramos, em diferentes falantes de hunsriqueano, as seguintes variantes para a produção do segmento /d/ da palavra *baden* ‘banho’:

- a) sonorização total da oclusiva: [ˈpɔːd̥ə];
- b) desvozeamento parcial da oclusiva: [ˈpɔːd̥ə];
- c) produção de um *flap* ao invés da oclusiva (rotacismo)<sup>85</sup>: [ˈpɔːrə]<sup>86</sup>;
- d) produção de uma aproximante ao invés da oclusiva: [ˈpɔːɹ̥ə]<sup>87</sup>;
- e) vocalização da oclusiva, na qual a oclusiva ficou submergida na transição das vogais. De acordo com Kohler (2014), a língua não chega a fazer o movimento necessário, neste caso, nem mesmo para produzir uma aproximante no lugar da oclusiva. O movimento da língua é ainda mais reduzido, gerando uma amalgamação de uma vogal a outra.

A partir das variantes encontradas, Kohler ressalta a necessidade de olhar cada uma das produções como algo dinâmico. Nas palavras do foneticista:

“(...) Você tem que introduzir esse aspecto dinâmico, afastar-se apenas da distinção paradigmática entre um /t/ e um /d/, um /k/ e um /g/, etc. Olhe para o movimento, para o movimento dentro de uma estrutura de um sintagma, neste caso, dentro de uma estrutura dissilábica, o que acontece na transição da vogal precedente e da vogal seguinte, olhe para essa janela<sup>88</sup>” (KOHLER, 2014).

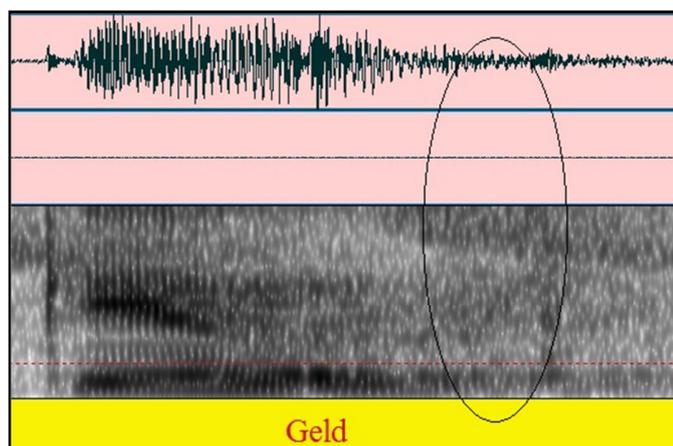
Por fim, conforme apontado por Altenhofen (1996), todas as oclusivas em **final de palavra** apresentam-se desonorizadas. É possível visualizar na localização do segmento /d/ da figura 16 uma menor energia no espectrograma, o que caracteriza a produção de uma oclusiva desvozeada.

<sup>85</sup> Dependendo do local de coleta da fala do hunsriqueano, as oclusivas /t/ e /d/ em meio de palavra, podem ser produzidas com um *flap*, assim como ocorre na expressão inglesa *Get out* (Ge[r]out).

<sup>86</sup> De acordo com Kohler, o *flap* é produzido com um movimento de clousura muito curto.

<sup>87</sup> De acordo com Kohler, na produção da aproximante a língua movimenta-se para cima num movimento lento, sem atingir a clousura alcançada no *flap*.

<sup>88</sup> No original: “You have to introduce this dynamic aspect, get away from just the paradigmatic distinction of t and d, k, and g, and so on. Look at the movement, at the movement in a syntagmatic frame, of here dissyllabic frame, what happens in the transition from the preceding vowel to a following vowel, look at that window”.

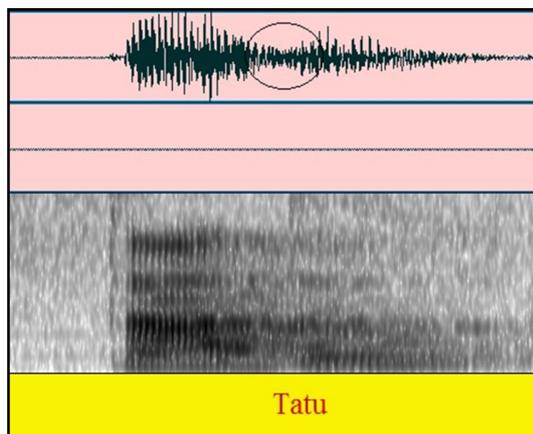


**FIGURA 16:** Produção da palavra *Geld* ‘dinheiro’, com dessonorização da oclusiva /d/ = [t]<sup>89</sup>

Para finalizar, é relevante observar que, de modo geral, empréstimos do português no vocabulário do hunsriqueano seguem as mesmas regras de vozeamento do hunsriqueano (ALTENHOFEN, 1996). Para dar um exemplo, o empréstimo *tatu*, que no português apresenta a sílaba tônica na segunda sílaba, é produzido no hunsriqueano como [‘tadu], tendo a sílaba tônica transferida para a primeira sílaba. Observa-se, neste caso, um processo de integração da forma do português ao sistema fonológico do hunsriqueano que segue, de um lado, uma regra antiga, surgida no germânico ocidental, a qual é conhecida nos estudos germanísticos como *westgermanische Initialakzentuierung* (acentuação germânico-ocidental em sílaba inicial).<sup>90</sup> De outro lado, a oclusiva na sílaba postônica sofre sonorização, seguindo as regras de vozeamento do hunsriqueano.

<sup>89</sup> Exemplo nº 99 retirado do questionário do Projeto Alma-H, parte C, capítulo 2 (Fonologia), produzido por um informante RS04CaGII.

<sup>90</sup> Outros exemplos de aplicação dessa regra, cf. Altenhofen (1996), são [‘sagu] ‘sagu’, [‘vovə] ‘vovó’.



**FIGURA 17:** Produção da palavra ‘tatu’ no hunsriqueano<sup>91</sup>

Como colocado anteriormente, a proximidade das oclusivas surdas do português com as sonoras do hunsriqueano, pode ser a razão pelo qual falantes de hunsriqueano venham a cometer transferências fonético-fonológicas em suas falas na língua portuguesa. Com o intuito de verificar se esta hipótese se confirma, ao menos parcialmente, faz-se na seguinte seção um levantamento teórico sobre os correlatos utilizados na oposição das consoantes oclusivas do alemão-padrão e de alguns dialetos.

## **2.6 Os correlatos de oposição das oclusivas do alemão-padrão e de outros dialetos**

Existe na literatura uma série de termos utilizados para diferenciar as oclusivas /p, t, k/ de /b, d, g/. No português, por exemplo, tais oclusivas são identificadas como surdas e sonoras, respectivamente. No alemão-padrão, no entanto, as diferenças existentes na oposição das oclusivas são ainda bastante discutidas (BRAUN, 1996, p. 19). Jessen (1998), por exemplo, sugere que a distinção seja feita a partir da tensão (tenso/frouxo) e não do vozeamento (surdo/sonoro). O autor justifica sua escolha a partir de resultados que obteve em três experimentos feitos para verificar quais eram os correlatos básicos das obstruintes do alemão-padrão. Tendo em vista que a presente Tese analisa transferências de oclusivas de uma língua de

<sup>91</sup> Exemplo nº 156 retirado do questionário do Projeto Alma-H, parte C, capítulo 1 (Léxico), parte VIII (Fauna), produzido por um informante RS04CaGII.

imigração alemã para o português, resumem-se nesta seção algumas colocações feitas por Jessen (1998) a respeito da oposição das oclusivas do alemão-padrão e de alguns dialetos.

Participaram dos experimentos, analisados por Jessen (1998), seis informantes do norte da Alemanha. Cada um dos informantes teve oclusivas gravadas em três contextos, sendo eles: a) intervocálico, como o que ocorre com o /t/ da palavra *Miete* ['mi:t<sup>h</sup>ə] ‘aluguel’; b) em posição inicial de frase, isto é, sem a presença de uma palavra antes da palavra-alvo (exemplo: o /b/ da palavra *Biene* ['bi:nə] ‘abelha’); e, finalmente, c) em início de palavra após uma consoante surda, como o que acontece na pronúncia da oclusiva /b/ dita após o artigo *das* (ex.: *das Buch* [das bu:x] ‘o livro’).

No **primeiro experimento**, Jessen mediu a duração da clousura, a duração da aspiração e a duração do vozeamento das consoantes oclusivas. Com relação à duração da clousura, o autor encontrou valores mais longos para as oclusivas tensas (/p, t, k/) do que para as oclusivas frouxas (/b, d, g/). No entanto, tal medida foi considerada um correlato confiável de oposição somente nos dados intervocálicos. Com relação à duração da aspiração, o autor encontrou diferenças significativas em todos os seis informantes, nos três contextos analisados, sendo a aspiração, portanto, um correlato bastante confiável na distinção dos pares de oclusivas. Com relação ao vozeamento, as consoantes oclusivas apresentaram diferença em apenas um dos contextos (em posição intervocálica), sendo considerado, portanto, um correlato redundante na oposição das oclusivas.

No **segundo experimento**, denominado de ‘perturbação de F0’, Jessen mediu a frequência fundamental da vogal (F0) após as oclusivas tensas e frouxas em posição inicial de frase. O autor encontrou valores de F0 maiores após as oclusivas tensas do que as oclusivas frouxas. Tais diferenças só foram encontradas, no entanto, nos dados em que houve diferença de vozeamento. Quando as oclusivas foram produzidas com diferença em aspiração, mas não em vozeamento, por exemplo, a diferença de F0 da vogal seguinte não foi significativa. Quando, no entanto, foram produzidas com diferença em aspiração e vozeamento, o F0 foi significativo.

No **último experimento**, chamado de H1-H2, o autor mediu a amplitude do primeiro e do segundo harmônico, verificando, assim, o grau de abertura da glote na produção das oclusivas estudadas. O autor verificou que as oclusivas tensas induziram um valor mais alto de H1-H2

(significativo grau de abertura maior da glote) do que as oclusivas frouxas (pouca ou nenhuma) em todos os informantes, perto do primeiro período da vogal seguinte.

Todas essas medições foram feitas tendo em vista que “(...) o denominador fonético comum do traço [tenso] está no comportamento da duração das obstruintes tensas (*tense*) *versus* frouxas (*lax*)<sup>92</sup>”, também denominadas na literatura de ‘*fortis*’ e ‘*lenis*’,<sup>93</sup> respectivamente (JESSEN, 1998, p. xiv), sendo as obstruintes [+tensas] mais longas, em termos de duração, que as obstruintes [-tensas] (JESSEN, 1998, p. 122).

A partir dos resultados encontrados, Jessen (1998) conclui que a aspiração é o correlato básico das oclusivas do alemão, em razão de ser considerada muito mais confiável do que o vozeamento para tais consoantes, visto que ocorre sob a maioria das condições e contextos (JESSEN, 1998, p. 68). Já o vozeamento apresenta bastante instabilidade no alemão para ser considerado distintivo, sobretudo no que diz respeito às consoantes oclusivas. Por tal razão, Jessen considera a tensão a propriedade distintiva da oposição das oclusivas /p, t, k/ e /b, d, g/.

Jessen (1998) não é o único que acredita que a tensão seja mais adequada que o vozeamento na oposição das obstruintes analisadas. Alexander (1983) diz que “(...) o vozeamento não é distintivo nas línguas germânicas<sup>94</sup>” (ALEXANDER, 1983, p. 22 *apud* JESSEN, 1998, p. 155). A oposição ‘*fortis/lenis*’ descreveria melhor a distinção existente. Jessen corrobora o exposto por Alexander ao afirmar que “(...) todas as línguas germânicas (com a possível exceção do holandês) usam o traço [tenso] no sistema das oclusivas<sup>95</sup>” (JESSEN, 1998, p. 155). Já as línguas românicas teriam a oposição feita a partir do vozeamento (JESSEN, 1998, p. 184), como o que ocorre na oposição das obstruintes do português.

Com relação a dialetos alemães, Jessen afirma que “(...) um grande número de dialetos alemães tem uma distinção em aspiração (geralmente medidos como VOT positivos)<sup>96</sup>” (JESSEN, 1998, p. 155). Essa oposição, no entanto, não ocorre em todos os dialetos. Winteler (1876) afirma, por exemplo, em um estudo feito com o dialeto alemão suíço, que a oposição das oclusivas de tal dialeto não está nem na aspiração nem no vozeamento. O autor propõe os termos

<sup>92</sup> No original: “(...) the common phonetic denominator of the feature [tense] lies in the durational behavior of the tense versus lax obstruents” (JESSEN, 1998, p. xiv).

<sup>93</sup> Nem sempre os termos ‘*fortis*’ e ‘*lenis*’ tem o mesmo significado que ‘*tense*’ e ‘*lax*’. Por tal razão, faz-se necessário verificar o significado que cada autor atribui para os termos referidos.

<sup>94</sup> No original: “Voice is non-distinctive in Germanic languages”

<sup>95</sup> No original: “(...) all Germanic languages (with the possible exception of Dutch) use the feature [tense] in the stop system”.

<sup>96</sup> No original: “(...) a great number of German dialects do have an aspiration distinction (usually measured as positive VOT”.

‘*fortis*’ e ‘*lenis*’, ressaltando que a oposição reside na ‘energia expiratória e articulatória’ (p. 25), realizada mais fortemente nas oclusivas ‘*fortis*’ do que nas oclusivas ‘*lenis*’. Tal energia seria sentida a partir de ‘uma pressão maior na musculatura expiratória e articulatória’ (p. 28). O autor ainda acrescenta que: a) as consoantes ‘*lenis*’ teriam uma duração menor que as consoantes ‘*fortis*’; b) a amplitude do *burst* seria menor para as consoantes ‘*lenis*’ do que para as consoantes ‘*fortis*’; e c) a duração da clousura seria mais curta para as consoantes ‘*lenis*’ do que para as consoantes ‘*fortis*’ (WINTELER, 1876, cf. JAKOBSON & HALLE 1961, *apud* JESSEN, 1998, p. 153).

Em um estudo feito mais recentemente, com oclusivas tensas e frouxas do alemão suíço, Willi (1996) verificou que as oclusivas tensas, produzidas intervocalicamente antes de /ə/, apresentam quase sempre “(...) mais do que o dobro de duração de clousura do que as oclusivas frouxas”<sup>97</sup> (JESSEN, 1996, p. 154). O autor encontrou ainda uma pequena diferença de duração de vogal, sendo que vogais que antecediam oclusivas frouxas eram maiores (18%) do que as que precediam as oclusivas tensas.

A partir das colocações de Willi (1996), Winteler (1876) e de outros apontamentos teóricos, Jessen afirma que: “(...) o alemão suíço não distingue as oclusivas tensas e frouxas em termos de duração de aspiração”<sup>98</sup>. O vozeamento, segundo o autor, também não é considerado um correlato confiável. O que parece diferenciar as séries de oclusivas é, na verdade, a duração da clousura. Tendo em vista que a duração da clousura é um correlato presente em ambas as propriedades, [vozeamento] e [tensão], não fica claro qual é a propriedade distintiva utilizada para essa língua (JESSEN, 1998, p. 275).

A partir do que a literatura apresenta e das análises acústicas feitas até o momento, pode-se dizer que o hunsriqueano utiliza a aspiração como propriedade distintiva de suas oclusivas, sendo as oclusivas /p, t, k/ surdas/aspiradas e as oclusivas /b, d, g/ surdas/não-aspiradas. Pares mínimos, como *Garten/Karten* ‘jardim/cartas’ realizam-se como [ˈɡɔːdə] / [ˈkʰɔːdə] e *backen/packen* ‘assar/conseguir’ [ˈbʌgə] / [ˈpʰagə], encontrados na língua, comprovam tal colocação.

Apesar da existência de pares mínimos, encontramos poucos na língua. Há também variações nas produções, como, por exemplo, palavras que são produzidas ora com aspiração, ora

<sup>97</sup> No original: “(...) more than twice the closure duration of lax stops”.

<sup>98</sup> No original: “(...) Swiss German does not distinguish tense from lax stops in terms of aspiration duration”.

sem aspiração (ex. *Teller* ‘prato’, *Kilo* ‘quilo’ e *putze* ‘limpar’ ). Tais diferenças ocorrem entre informantes e até no mesmo informante, conforme a produção. Talvez o crescente número de empréstimos do português na língua esteja influenciando as diferenças observadas.

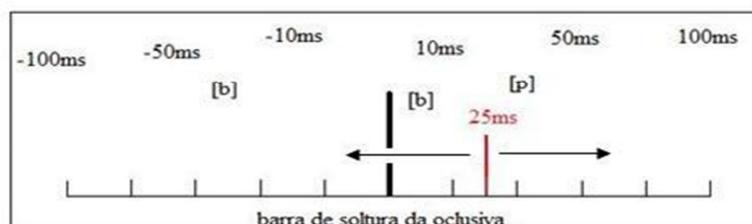
Acredito que a pouca existência de vozeamento observada no hunsriqueano, aliada à aspiração presente na língua, faz com que falantes de hunsriqueano tenham dificuldade em perceber as diferenças existentes entre as oclusivas surdas e sonoras do português. O fato de o vozeamento ser distintivo apenas na língua portuguesa faz com que os falantes bilíngues apresentem as transferências discutidas na presente Tese.

A próxima seção aborda algumas considerações referentes às percepções, visto que percepção e produção estão indiscutivelmente ligadas às transferências interlinguísticas.

## **2.7 O papel da percepção nas transferências interlinguísticas**

Como verificado até o momento, a língua de imigração hunsriqueana diferencia-se da língua portuguesa em termos de produção de suas oclusivas. Os padrões distintos apresentados entre tais línguas, e entre outras quaisquer, faz com que os falantes apresentem também percepções distintas, frente a uma determinada produção. Falantes de línguas que apresentam aspiração, por exemplo, como o inglês e o alemão-padrão, tendem a perceber as oclusivas surdas não aspiradas, como o /p, t, k/ da língua portuguesa, como oclusivas vozeadas, visto que para tais línguas a aspiração é o correlato básico de diferenciação entre os pares /p, t, k/ e /b, d, g/, não o vozeamento.

Apesar da produção ocorrer em um *continuum* fonético, Lieberman & Blumstein (1988), assim como Jessen (1998, p. 10), afirmam que a percepção é categórica. Com relação à percepção de padrões de VOT, por exemplo, Lieberman & Blumstein (1988) relatam que as oclusivas produzidas com um atraso de fonação, ou seja, com o vozeamento da vogal seguinte iniciando antes de 25ms, são percebidas como um [b], enquanto que as oclusivas que são produzidas com o vozeamento da vogal seguinte após 25ms são percebidas como um [p] (LIEBERMAN & BLUMSTEIN, 1988, p. 197), conforme demonstra a figura a seguir:



**FIGURA 18:** Percepção do VOT  
**Fonte:** GEWEHR-BORELLA (2010, p. 38)

Os autores colocam que não é possível perceber diferença entre medições que apresentam 40 e 60ms, por exemplo, sendo ambas percebidas como [p]. No entanto, os mesmos 20ms que diferenciam produções de 10 e 30ms, são percebidos diferentemente, sendo o primeiro identificado como um [b] e a segundo como um [p]. Isso ocorre sempre nas produções em que o segundo valor ultrapassa os 25ms (LIEBERMAN & BLUMSTEIN, 1988).

Da forma como é colocado pelos autores, parece que o ponto de diferenciação entre o que é percebido como um fone ou outro, a *fronteira fonética*, é algo estanque. Sabe-se, no entanto, considerando a dinamicidade existente entre as diversas línguas e até mesmo dentro de um determinado sistema, conforme o contexto de produção, que tal *fronteira* varia. O fonema /p/ do português, por exemplo, é produzido com menos de 25ms e nem por isso é percebido como um [b]. Provavelmente, a grande quantidade de pré-vozeamento, aliada à ausência de aspiração apresentada no português, venha a “transferir” a chamada *fronteira fonética* mais para perto da barra de soltura da oclusiva, o que faz com que, ao perceber um fone de 10ms, ou até menor, o ouvinte já o classifique como um /p/ no português. Um ouvinte alemão, no entanto, classificaria a mesma produção, provavelmente, como um /b/, já que o padrão de vozeamento do alemão diferencia-se do padrão do português.

É comum um falante de português, por exemplo, aprendiz iniciante de inglês ou alemão, produzir os fones [p<sup>h</sup>] e [k<sup>h</sup>] das palavras *pen* ‘caneta’ em inglês e *Karte* ‘carta’ em alemão, respectivamente, sem aspiração, pelo fato de não perceber essa propriedade tão importante nos sistemas do inglês e do alemão, porém irrelevante no sistema do português. Vê-se, com isso, que as percepções variam de língua para língua. Assim como a produção, a percepção muda, à medida que o falante interage com outros sistemas.

A partir dos exemplos expostos, vê-se que a percepção tem um grande papel no surgimento das transferências interlinguísticas. O impacto negativo das transferências geradas pelo fato de o informante utilizar em seu repertório linguístico mais de uma língua fica minimizado em razão, pode-se dizer, de uma espécie de perde-e-ganha no contato e aprendizagem de mais de uma língua. Se há transferências, não se pode negar por outro lado, os benefícios que acompanham o bilinguismo/plurilinguismo. Um exemplo disso são os ganhos cognitivos consideráveis observados em falantes bilíngues (BIALYSTOK, 2001). É o que mostraram Bandeira (2010) e Martins (2010) em suas dissertações de mestrado, ao sugerir que “pessoas multilíngues desenvolvem os processamentos ligados às funções executivas mais rapidamente e com níveis maiores de acurácia do que monolíngues” (BANDEIRA, p. 5) e ao concluir que “o bilinguismo pode atuar como um fator neuroprotetor contra as consequências do envelhecimento” (MARTINS, 2010, p. 5).

Com o exposto, finaliza-se o referencial teórico. Seguimos com os procedimentos metodológicos da Tese.

## Capítulo 3

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, são apresentados os procedimentos metodológicos utilizados na Tese, em grande parte definidos pelo ALMA-H, de onde são retirados os dados a serem analisados. Isso inclui, na seguinte ordem, a definição das dimensões de análise, os pontos de pesquisa do ALMA-H, o perfil dos informantes, a metodologia da coleta de dados, além dos dados propriamente ditos, escolhidos para análise na Tese. O capítulo se encerra com uma breve explanação sobre como esses dados serão apresentados no capítulo seguinte.

#### 3.1 Dimensões de análise

Conforme observado na seção 1.2.3, o modelo teórico da DP dispõe de uma série de dimensões de análise. O quadro a seguir apresenta o conjunto das dimensões de análise da variação e dos contatos linguísticos previstas no ALMA-H.

<b>Dimensão</b>	<b>Parâmetro</b>	<b>Critério</b>
diatópica	topostático (informantes com domicílio fixo)	41 pontos de inquérito <b>(16 pontos – Brasil)</b>
diatópico-cinética	topodinâmico(domicílio fixo e mudança de domicílio- mobilidade espacial)	Em grande parte, também relação entre colônias velhas e novas (colônia-mãe e colônia-filha)
diatrática	Ca = “classe (socioculturalmente) alta” Cb= “classe (socioculturalmente) baixa”	Ca (com formação universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
diageracional	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
diassexual	homens vs. mulheres	
dialingual	hunsriqueano vs. português vs. alemão-padrão	Esta dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do Português (ALERS e ALiB)
diafásica	respostas ao questionário vs. leitura vs. conversa livre	Três estilos de uso da língua
diarreferencial	língua-objeto vs. metalingua incluindo língua apresentada	“técnicas de entrevista em três tempos” (Thun, ADDU): perguntar (resposta espontânea) -insistir – sugerir
diarreligiosa	católico vs. evangélico-luterano	

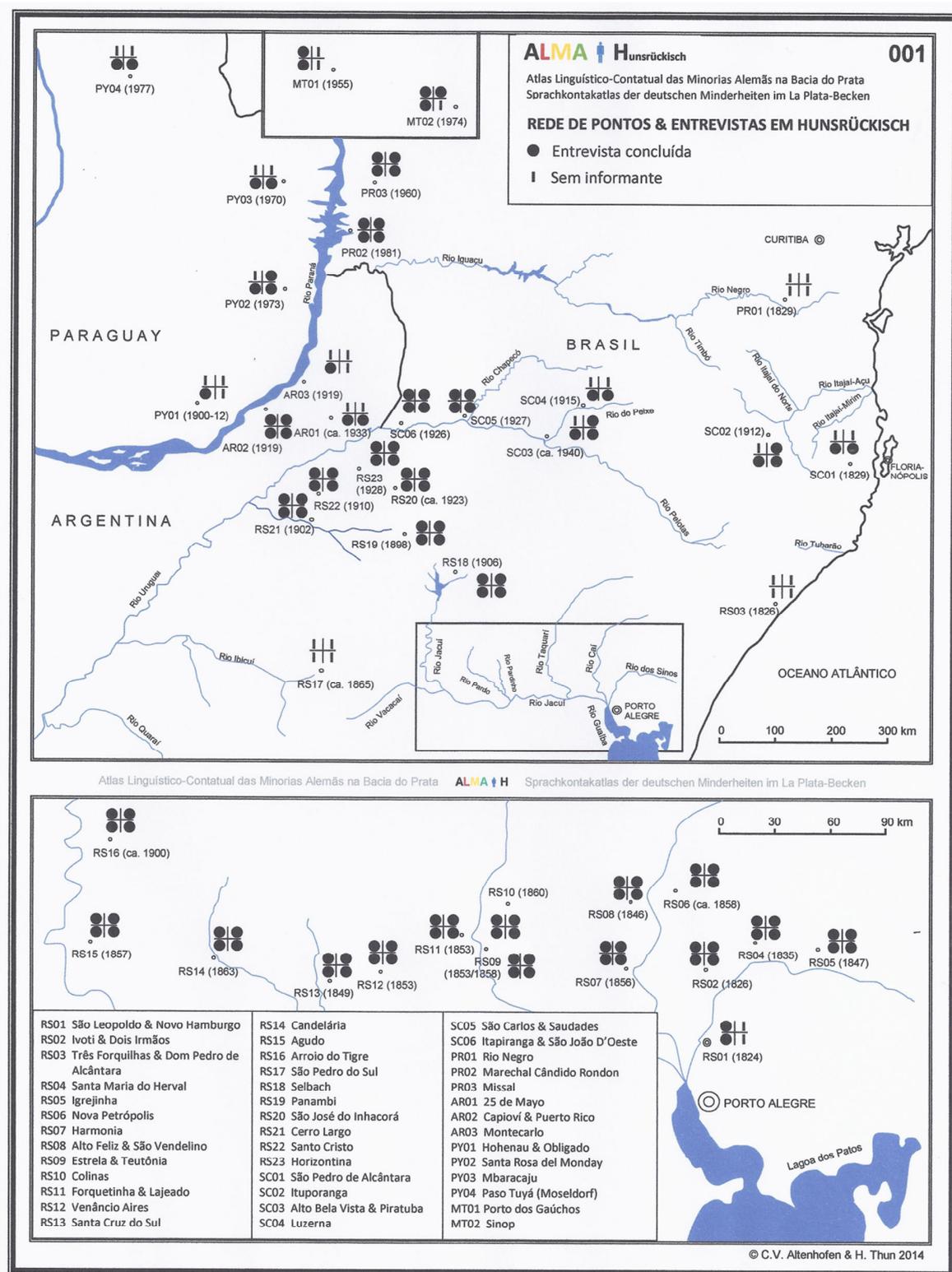
**QUADRO 6:** Dimensões, parâmetros e critérios de coleta

**Fonte:** Adaptado de Altenhofen (2009, p. 1)

Buscando garantir a exequibilidade da Tese, serão utilizadas na análise dos dados apenas as dimensões hachuradas no quadro 6, equivalentes às três dimensões básicas de análise, essenciais na realização das entrevistas nos 41 pontos de pesquisa do Projeto: a) a dimensão diatópica (variação em diferentes pontos de pesquisa); b) a dimensão diastrática (variação entre falantes da Ca *versus* Cb) e c) a dimensão diageracional (variação entre falantes da geração mais velha GII *versus* mais jovem GI). A seguir apresento a seleção dos pontos do ALMA-H analisados especificamente para esta Tese.

### **3.2 Rede de pontos**

O banco de dados linguísticos do Projeto ALMA-H, que serve de base para a Tese, foi levantado, entre 2007 e 2013, em uma rede de 41 pontos de pesquisas distribuídos desde o Rio Grande do Sul (RS01 a RS23), Santa Catarina (SC01 a SC06) e Paraná (PR01 a PR03) até Argentina (AR01 a AR03), Paraguai (PY01 a PY04) e, mais recentemente, Mato Grosso (MT01 e MT02). A lista completa dos pontos de pesquisa pode ser vista no mapa da fig. 19 a seguir.



**FIGURA 19:** Mapa da rede de pontos de pesquisa do ALMA-H  
**Fonte:** Altenhofen (2013, p. 41)

Tendo em vista que a variável investigada neste estudo abrange o contato do português com o hunsriqueano, foram analisados apenas dados de pontos do Brasil. O quadro apresentado a seguir fornece dados sócio-demográficos complementares de cada um desses pontos presentes no país. Os pontos hachurados equivalem às localidades cujos dados foram considerados para a pesquisa da presente Tese.

Ponto	Município(s):	Área (Km <sup>2</sup> ) <sup>99</sup>	População estimada/2013	Distância da Capital/(Km) <sup>100</sup>	Ano de chegada dos imigrantes <sup>101</sup>
RS01	São Leopoldo Novo Hamburgo	102,738 223,821	225.520 247.781	33 47	1824
RS02	Ivoti Dois Irmãos	63,151 65,156	21.450 29.528	55 59	1826
RS03	Três Forquilhas Dom Pedro de Alcântara	217,264 78,158	2.953 2.623	167 179	1826
RS04	Santa Maria do Herval	139,598	6.295	79	1835
RS05	Igrejinha	135,861	33.711	91	1847
RS06	Nova Petrópolis	291,300	20.126	97	ca.1858
RS07	Harmonia	44,761	4.517	74	1856
RS08	Alto Feliz São Vendelino	79,173 32,087	3.035 2.062	91 89	1846
RS09	Estrela Teutônia	184,176 178,624	32.309 29.411	111 110	1853/58
RS10	Colinas	58,373	2.497	126	1860
RS11	Forquetinha Lajeado	93,570 90,087	2.537 76.187	130 120	1853
RS12	Venância Aires	773,241	69.154	134	1853
RS13	Santa Cruz do Sul	733,409	124.577	151	1849
RS14	Candelária	943,945	31.334	187	1863
RS15	Agudo	536,114	17.161	243	1857
RS16	Arroio do Tigre	318,234	13.235	257	ca.1900
RS17	São Pedro do Sul	873,593	16.817	336	ca.1865
RS18	Selbach	177,642	5.114	283	1906
RS19	Panambi	490,857	40.439	366	1898
RS20	São José do Inhacorá	77,806	2.237	475	ca. 1923
RS21	Cerro Largo	177,675	13.872	497	1902

<sup>99</sup> As informações quanto à *área* e a *população estimada* foram retiradas do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) - <http://www.cidades.ibge.gov.br/> Acesso em: 10/02/2014.

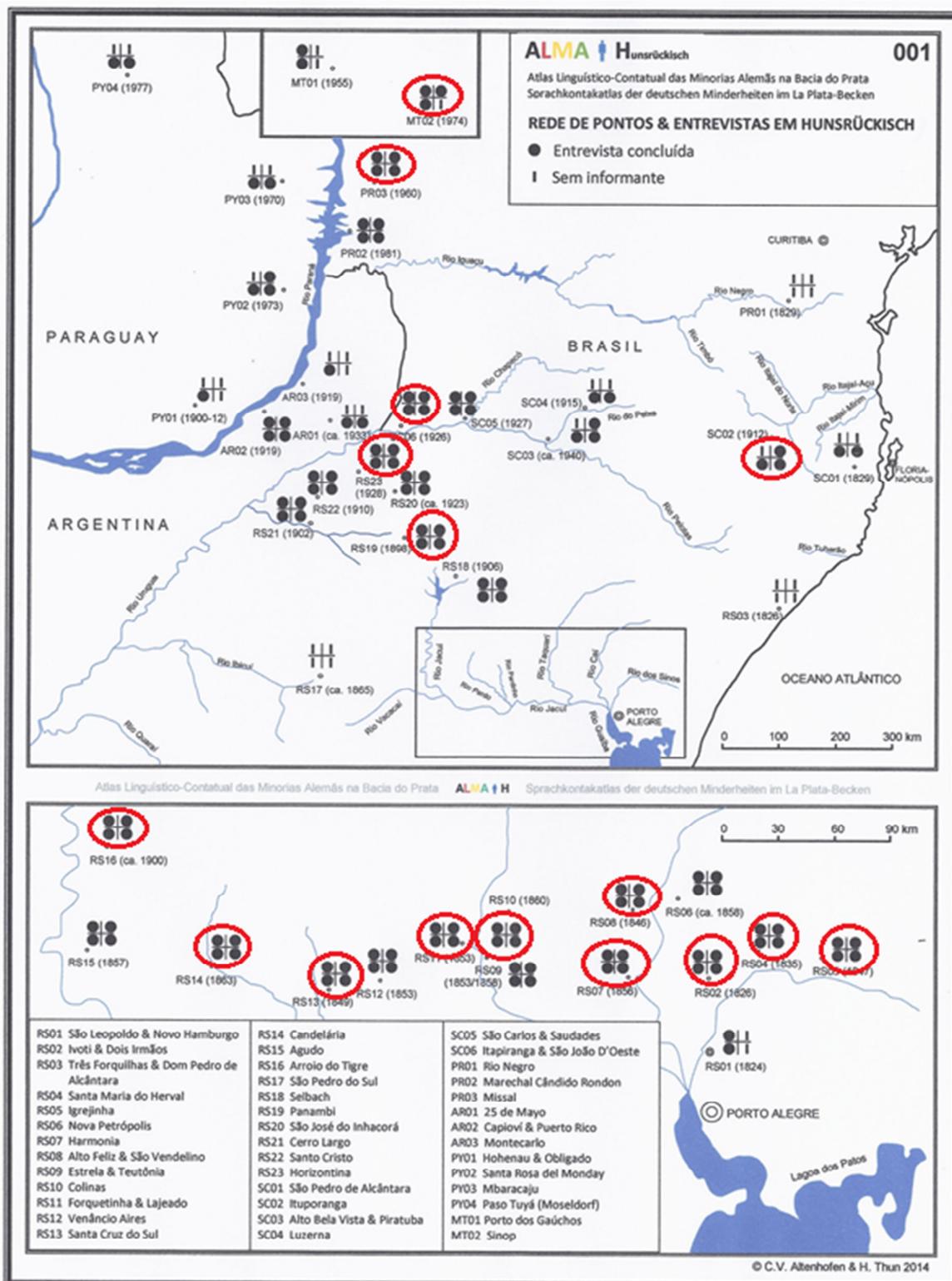
<sup>100</sup> A distância da capital foi calculada utilizando o site do *Google maps*- <https://maps.google.com/> Acesso em: 10/02/2014.

<sup>101</sup> O ano de chegada dos imigrantes foi retirado do site do Projeto Alma-H - <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/pontos.html>- Acesso em: 10/02/2014.

<b>RS22</b>	Santo Cristo Alecrim	366,886 314,743	14.778 7.010	516	1910
<b>RS23</b>	Horizontina	232,476	19.112	508	1928
<b>SC01</b>	São Pedro de Alcântara	140,016	5.139	36	1829
<b>SC02</b>	Ituporanga	336,929	23.490	161	1912
<b>SC03</b>	Alto Bela Vista Piratuba	103,980 145,976	2.007 4.533	447 420	ca.1940
<b>SC04</b>	Luzerna	118,382	5.698	393	1915
<b>SC05</b>	São Carlos Saudades	161,292 206,596	10.753 9.382	599 600	1927
<b>SC06</b>	Itapiranga São João do Oeste	282,704 163,304	16.107 6.211	713 692	1926
<b>PR01</b>	Rio Negro	604,138	32.911	109	1829
<b>PR02</b>	Marechal Cândido Rondon	748,002	49.773	589	1981
<b>PR03</b>	Missal	324,397	10.813	606	1960
<b>MT01</b>	Porto dos Gaúchos	6.992,698	5.389	595	1956
<b>MT02</b>	Sinop	3.942,231	123.634	477	1974

**QUADRO 7:** Dados sócio-demográficos da rede de pontos do Brasil do Projeto ALMA-H

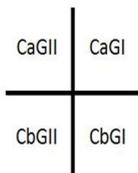
A escolha dos 16 pontos para aprofundamento da análise nesta Tese (localidades hachuradas, no quadro 7), deve-se a uma série de motivos. Além de facilitar a análise com um volume de dados menor, compatível com o prazo de conclusão da Tese de Doutorado, a sua escolha buscou identificar tipos de localidades com determinados condicionamentos sócio-históricos, para os quais se observaram os seguintes critérios: a) pontos em áreas histórico-geográficas distintas (colônias velhas e colônias novas) e b) pontos com índices populacionais distintos (baixo e alto). Os pontos selecionados, os quais contemplam as diferentes regiões abrangidas pelo Projeto ALMA-H (de todos os estados, do leste, do oeste, etc.), estão assinalados na figura a seguir.



**FIGURA 20 :** Pontos selecionados para análise  
**Fonte:** Figura adaptada de Altenhofen (2013, p.41)

### 3.3 Informantes

Em cada um dos pontos foram coletados, por entrevistadores do Projeto ALMA-H, dados de fala de informantes de quatro grupos sociais (CaGII, CaGI, CbGII e CbGI), equivalentes aos parâmetros das dimensões diastrática e diageracional, conforme quadro abaixo. Todos os informantes são bilíngues hunsriqueano-português, com proficiência em hunsriqueano, nasceram na localidade ou vivem  $\frac{3}{4}$  da vida na localidade, obrigatoriamente nos últimos cinco anos.

	<b>Ca</b> = Classe alta	Informantes com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma
	<b>Cb</b> = Classe baixa	Informantes com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <b>não</b> exija o uso da escrita
	<b>GI</b> = Geração I	Informante de 18 a 36 anos
	<b>GII</b> = Geração II	Informante acima de 55 anos

**QUADRO 8:** Informantes em cada um dos pontos (siglas explicativas)

**Fonte:** Gewehr-Borella & Altenhofen (2012, p. 9)

Em cada um dos grupos, buscou-se entrevistar pelo menos um informante, tendo cada ponto, portanto, o mínimo de quatro entrevistas. Em vários grupos, todavia, conseguiu-se a participação de mais sujeitos, como, por exemplo, no grupo CbGII do ponto RS02, o qual contou com a participação de dois homens e duas mulheres. A pluralidade simultânea de informantes possibilitou, conforme já mencionado no referencial teórico, o registro de convergências, divergências e covariações de variantes nas respostas dos informantes. No caso citado, ela também oportunizou análises diassexuais, em razão da existência de informantes homens e mulheres com o mesmo perfil (p.ex. CbGI) na mesma entrevista.

### 3.4 Metodologia de coleta de dados do Projeto ALMA-H

As coletas de dados do Projeto ALMA-H são feitas a partir de três estilos de linguagem: a) respostas ao questionário (R); b) leitura (L) e c) conversas livres (C).

As *respostas ao questionário*(R) englobam as três primeiras partes da entrevista. Na **parte A**, são recolhidas informações sobre os participantes da pesquisa. Na **parte B**, são solicitadas

descrições sobre a localidade da entrevista. Por fim, na **parte C**, são feitas questões a respeito da língua, relativas ao léxico (Clex), fonologia (Cfon) e gramática (CgramI, CgramII CgramIII). A formulação das perguntas segue, quando pertinente para aprofundar questões sobre o repertório linguístico completo da comunidade, a chamada técnica em três tempos (al. *Dreischritt-Method*): **perguntar, insistir e sugerir**, conforme mostra o exemplo apresentado a seguir.

Segundo essa técnica, o entrevistador descreve um objeto, solicitando que o informante diga a palavra descrita em hunsriqueano. Tomando por base a pergunta Clex29, referente à variável *alfaiate*, tem-se que, primeiramente, o entrevistador faz a **pergunta** para obter uma resposta que equivalha à variante espontaneamente usada para designar ‘alfaiate’. Após a resposta espontânea, o entrevistador **insiste** em saber se existem outras variantes coexistentes na localidade. Este segundo momento “(...) é acompanhado muitas vezes de comentários metalinguísticos espontâneos ou estimulados por perguntas do tipo ‘quem fala assim?’”<sup>102</sup>. Por fim, o entrevistador **sugere** novas variantes, que no caso da pergunta em questão são as seguintes, já previstas no questionário: a) Schneider; b) Schneirer e c) Alfaiat<sup>103</sup>. Neste último momento, “(...) são esperadas respostas do tipo ‘não conheço/nunca ouvi falar’, ‘conheço e uso’, ‘já ouvi falar, mas não uso’”. As sugestões, para cada uma das questões, foram elaboradas a partir de estudos realizados anteriormente, principalmente de Altenhofen (1996).

A *leitura* (L), parte Dleit, é feita nas diferentes línguas faladas pelos informantes (português, alemão-padrão, hunsriqueano,<sup>104</sup> espanhol). O texto escolhido para essa parte é a ‘Parábola do Filho Pródigo’ (Lucas 14,15). A Parábola do Filho Pródigo, escrita em uma versão arcaizante, com expressões em desuso como ‘*lhas dava*’ ao invés de ‘*lhes dava*’, é utilizada no Projeto ALMA-H com o objetivo de verificar como o falante contorna as diferenças existentes entre o português atual e as expressões arcaicas apresentadas na Parábola. O texto escolhido justifica-se pelo fato de ser um texto clássico da Dialetoлогия Românica (THUN, 1996, p. 217), utilizado em diversos outros projetos, incluindo o ADDU, o que possibilita que comparações futuras com outros grupos de fala possam ser feitas.

<sup>102</sup> Cf. página do Projeto Alma-H. Acesso em 28/12/12 - <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/entrevistas.htm>

<sup>103</sup> Exemplos retirados do questionário do Projeto Alma-H, p. 24.

<sup>104</sup> Embora previsto, não se colocou praticamente nenhuma leitura em hunsriqueano.

Por fim, a parte E diz respeito a *conversas livres* (C), as quais acontecem a partir da sugestão de alguns temas pré-definidos, pelo entrevistador, como, por exemplo, o tema ‘como preparar um chimarrão’.

Na seção seguinte, apontam-se as partes do questionário do Projeto ALMA-H selecionadas para a análise de dados da presente Tese.

### 3.5 Dados escolhidos para análise da Tese

Para descrever a variação de sonorização/dessororização das oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ do português, produzida por falantes bilíngues hunsriqueano-português, a presente Tese analisa dados de *Leitura* em português, relativos à parte D da entrevista do Projeto ALMA-H. A escolha de dados de leitura justifica-se pelo fato de a leitura ser: a) um dado comparável, contendo, portanto, o mesmo número de oclusivas; e b) um estilo mais monitorado, a partir do qual será possível identificar o comportamento dos falantes bilíngues, no que diz respeito à dessororização/sonorização de consoantes oclusivas, frente a este estilo.

A análise dos dados é dividida em quatro etapas. Com o intuito de responder ao objetivo central da Tese, na primeira etapa serão analisadas 43 leituras completas da ‘Parábola do Filho Pródigo’ em português. As leituras analisadas foram coletadas em 15 pontos de pesquisa<sup>105</sup> distintos do Projeto ALMA-H, sendo: uma nos pontos RS16 e SC02; duas nos pontos RS04, RS11 e PR03; três nos pontos RS02, RS05, RS19, RS23 e MT02 e quatro nos pontos RS07, RS08, RS10, RS13 e SC06.

A partir de tais leituras serão observados:

- 1º) o número de transferências (dessororizações e sonorizações) *versus* o número de dados lidos;
- 2º) os condicionamentos linguísticos mais propícios para o surgimento de transferências, considerando para isso: a) o tipo de processo ocorrido (dessororização ou sonorização); b) a tonicidade em que ocorreu a transferência (sílabas pretônica, tônica ou postônica); c) o índice de ocorrência de transferência em cada oclusiva; e, por fim, d) algum outro condicionamento linguístico que gere a transferência, como, por exemplo, as palavras que mais apresentarem sonorizações/dessororizações.

---

<sup>105</sup> O ponto RS14 não será analisado nesta etapa, pelo fato de não apresentar gravações completas da ‘Parábola do Filho Pródigo’. As diferenças existentes entre os pontos (diferentes números de leituras) devem-se ao fato de que: a) em alguns pontos os informantes não realizaram a gravação completa da leitura, por motivos diversos, como: cansaço, dificuldade para ler, vergonha, insegurança, etc.; b) em alguns pontos mais de um informante dispôs-se a ler, tendo, portanto, mais de uma leitura por célula. Decidiu-se analisar, nesta etapa, as leituras completas, em busca de uma maior quantidade de oclusivas para a análise das transferências e dos condicionamentos linguísticos que atuam no surgimento de tais transferências.

A seguir, apresento três quadros contendo uma visão geral da totalidade das palavras do texto em que aparecem uma ou mais oclusivas, ordenadas conforme a posição e o acento na palavra. Os números entre parênteses indicam mais de uma ocorrência da mesma palavra. O texto completo da versão da Parábola do Filho Pródigo utilizado encontra-se no Anexo B.

Palavras com oclusivas bilabiais (81)					
<P> (64)			<B> (17)		
pretônica (30)	tônica (30)	postônica (4)	pretônica (8)	tônica (9)	postônica (0)
<b>p</b> ediu	<b>p</b> ai (15)	cam <b>p</b> os	<b>b</b> olotas	também (2)	-----
experiê <b>n</b> cia	<b>p</b> arte	roup <b>a</b>	trabalhad <b>o</b> res (2)	<b>b</b> ens	
<b>p</b> ertence	<b>p</b> oucos	cam <b>p</b> o	<b>b</b> ezerro (3)	trab <b>a</b> lho	
re <b>p</b> artiu	de <b>p</b> ois	semp <b>r</b> e	<b>b</b> anquete	<b>b</b> om	
<b>p</b> artiu	<b>p</b> ara (5)		desobedec <b>i</b> do	<b>b</b> raços	
<b>p</b> adecer	<b>p</b> orcos (2)			cob <b>r</b> iu-o	
<b>p</b> edir	espéc <b>i</b> e			<b>b</b> eijos	
<b>p</b> ensou	de <b>p</b> ressa			cab <b>r</b> ito	
<b>p</b> erdi	<b>p</b> onham-l <b>e</b>				
<b>p</b> enúria	<b>p</b> és				
<b>p</b> arado	<b>p</b> átio				
<b>p</b> equei (2)					
ap <b>e</b> rtou-o					
emp <b>r</b> egados (2)					
<b>p</b> orque (2)					
<b>p</b> erdido (2)					
ap <b>a</b> receu (2)					
ap <b>r</b> oximando-se					
<b>p</b> erguntou-l <b>e</b>					
emp <b>r</b> egado					
res <b>p</b> ondeu					
des <b>p</b> erdiçou					
<b>p</b> reciso					
<b>p</b> or (2)* <sup>106</sup>					

**QUADRO 9:** Palavras com oclusivas bilabiais presentes no texto para leitura completa em português

Palavras com oclusivas alveolares/dentais (194)					
<T> (97)			<D> (97)		
pretônica (6)	tônica (56)	postônica (35)	pretônica (33)	tônica (32)	postônica (32)
também (2)	tin <b>h</b> a(3)	cert <b>o</b>	decepcion <b>a</b> do	dis <b>s</b> e (2)	vid <b>a</b> (3)
trab <b>a</b> lho	ten <b>h</b> o(2)	part <b>e</b>	de <b>p</b> ois	do <b>i</b> s(2)	decepcion <b>a</b> do
trabalhad <b>o</b> res (2)	part <b>e</b> nce	ent <b>r</b> e	dist <b>a</b> nte	ped <b>i</b> u	ond <b>e</b>

<sup>106</sup> As palavras sinalizadas com asterisco (\*) nos quadros 9 a 14 são elementos átonos. Por essa razão, foram classificadas na categoria *pretônicas*.

ternura	repartiu	muito	dinheiro (3)	ideia	todo
	partiu	distante	desregrada	dá-me	desregrada
	terra	muita	padecer	dias	quando
	distante	sofrimento	desejava	liquidou	árduo
	gastou	bolotas	doente	dele	necessidade
	todo	noite	depressa	necessidade	comida
	extrema	inquieta	indignado	pedir	parado
	estômago	tantos (2)	desobedecido	mandou-o	chamado (2)
	então (2)	quanta	desperdiçou	guardar	empregados (2)
	tantos (2)	doente	de (10)*	cuidar	dedo
	têm	contra (4)	da (3)*	dava	gordo (3)
	estou	aceita-me	do (3)*	perdi	perdido (2)
	ter (3)	visto	dos*	trabalhadores (2)	aproximando-se
	ti (2)	vistam-lho		digo-lhe	admirado
	teu (7)	matem-no		disse-lhe (3)	empregado
	teus	banquete		Deus	ordem
	levantou-se	pátio		dedo	chegado
	voltou (4)	este (3)		sandálias	indignado
	apertou-o	morto (2)		perdido (2)	amolado
	tragam (2)	festa (3)		danças	desobedecido
	estava (5)	sirvo-te		respondeu	ordens
	perguntou-lhe	deste		deste	tudo
	matamos (2)	cabrito		dói	
	entrar				
	tuas				
	tua				
	tênu				
	tu				
	estás				
	tudo				

**QUADRO 10:** Palavras com oclusivas alveolares/dentais presentes no texto para leitura completa em português

Palavras com oclusivas velares (92)					
<C/QU> (66)			<G> (26)		
pretônica (32)	tônica (28)	postônica (6)	pretônica (5)	tônica (12)	postônica (9)
liquidou	quando	poucos	ganhar	desregrada	estômago
começou	como (2)	porcos (2)	gastou	alguém	mínguo
cuidar	naquela	nunca (2)	guardar	ninguém	digo-lhe
comiam	campos	música	regressar	empregados (2)	logo
caiu	cães		perguntou-lhe	gordo (3)	tragam (2)
inquieta	riqueza (2)			empregado	amigos
comida	quanta			chegado	míngues
correu	querem			agora	comigo
cobriu-o	aqui			alegrarmo-nos	
criamos	pequei (2)				
começaram	contra (4)				
queria	casa (2)				
convencer	calcem-lhe				

cabrito	banquete				
comigo	porque (2)				
que (10)*	campo				
com (7)*	aquilo				
	ficou				
	sequer				
	quero				

**QUADRO 11:** Palavras com oclusivas velares presentes no texto para leitura completa em português

Como pode ser observado nos quadros 9 a 11, em cada uma das leituras serão analisados 64 <P>, 17 <B>, 97 <T>, 97 <D>, 66<C/QU> e 26 <G>, o que gera um total de 367 oclusivas. Em razão do grande número de dados a serem contemplados na análise, optou-se em verificar o padrão de vozeamento das oclusivas de cada leitura a partir de uma análise de oitava.

Com uma análise de oitava, já é possível classificar as produções que perceptivelmente diferenciam-se do padrão do português. Até mesmo leigos no assunto percebem quando um falante apresenta características distintas do que julga ser o padrão. A variável estudada na Tese é um exemplo disso. Os padrões diferenciados de sonoridade são tão aparentes no meio social, ao ponto de os próprios falantes de hunsriqueano fazerem piadas envolvendo as “trocas de letras”, como já se fez menção. Apesar de a produção ocorrer num *continuum* fonético, o ouvinte comum tende a separar categoricamente suas percepções, classificando tudo o que lhe soa estranho dentro do rol ‘fora do padrão = sotaque alemão’. Por essa razão, os dados que, aos ouvidos da pesquisadora, apresentarem marcas de ‘dessonorização/sonorização’ serão classificados como dados distintos do padrão do português.

A análise foi feita da seguinte maneira. Em cada leitura foi feita, primeiramente, uma escuta total da leitura,<sup>107</sup> sem interrupções, para que a pesquisadora pudesse ter um primeiro contato com o material analisado. Em seguida, a pesquisadora escutou a leitura novamente. Desta vez, pausando em cada frase lida, retomando, quando julgou necessário, a escuta de alguma palavra específica. A partir de tais procedimentos foram anotadas as palavras que tiveram oclusivas dessonorizadas/sonorizadas. Com isso, foram contabilizados: a) o número total de produções divergente dos padrões do português (dessonorizações/sonorizações); b) o número de transferências em cada uma das oclusivas; e c) o número de ocorrências em cada posição silábica. A partir disso, foi possível comparar os resultados divergentes do padrão do português com as regras de vozeamento do hunsriqueano apresentadas por Altenhofen (1996).

<sup>107</sup> As leituras, gravadas em formato *wav*, foram abertas e escutadas no programa computacional *Praat* (versão 5.3.81).

Ressalta-se aqui que o foco de análise da primeira etapa está no número total de transferências encontradas e, sobretudo, nos condicionamentos linguísticos que favorecem tais transferências. Por esta razão, optou-se, para esta etapa, por uma análise integral da leitura.

A análise da segunda etapa foi feita em duas partes. Primeiramente, para responder ao item 'a' do primeiro objetivo específico, foram comparadas 59 leituras dos dois primeiros parágrafos da 'Parábola do Filho Pródigo' em português. Os parágrafos analisados apresentaram 163 oclusivas, sendo: 28 <P>, 06 <B>, 40 <T>, 50 <D>, 30 <C/QU> e 09 <G>, conforme os quadros a seguir.

<b>Palavras com oclusivas bilabiais (34)</b>					
<b>&lt;P&gt; (28)</b>			<b>&lt;B&gt; (6)</b>		
<b>pretônica</b> (12)	<b>tônica</b> (15)	<b>postônica</b> (1)	<b>pretônica</b> (3)	<b>tônica</b> (3)	<b>postônica</b> (0)
<b>p</b> ediu	<b>p</b> ai (7)	campos	<b>b</b> olotas	também	-----
experiência	<b>p</b> arte		trabalhadores (2)	<b>b</b> ens	
<b>p</b> ertence	<b>p</b> oucos			trabalho	
<b>r</b> epartiu	<b>d</b> e depois				
<b>p</b> artiu	<b>p</b> ara (2)				
<b>p</b> adecer	<b>p</b> orcos (2)				
<b>p</b> edir	espécie				
<b>p</b> ensou					
<b>p</b> erdi					
<b>p</b> enúria					
<b>p</b> arado					
<b>p</b> equei					

**QUADRO 12:** Palavras com oclusivas bilabiais presentes no texto para leitura parcial (1º e 2º parágrafo) em português

<b>Palavras com oclusivas alveolares/dentais (90)</b>					
<b>&lt;T&gt; (40)</b>			<b>&lt;D&gt; (50)</b>		
<b>pretônica</b> (4)	<b>tônica</b> (20)	<b>postônica</b> (16)	<b>pretônica</b> (19)	<b>tônica</b> (19)	<b>postônica</b> (12)
também	tinha(2)	certo	decepcionado	disse	vida (2)
trabalho	tenho	parte	depois	dois(2)	decepcionado
trabalhadores (2)	pertence	entre	distante	pediu	onde
	repartiu	muito	dinheiro (2)	ideia	todo
	partiu	distante	desregrada	dá-me	desregrada
	terra	muita	padecer	dias	quando
	distante	sofrimento	desejava	liquidou	árido
	gastou	bolotas	doente	dele	necessidade
	todo	noite	de (6)*	necessidade	comida
	extrema	inquieto	da (2)*	pedir	parado
	estômago	tantos	do (2)*	mandou-o	chamado
	então	quanta		guardar	
	tantos	doente		cuidar	

	têm	contra (2)		dava	
	estou	aceita-me		perdi	
	ter			trabalhadores (2)	
	ti			digo-lhe	
	teu				
	teus				

**QUADRO 13:** Palavras com oclusivas alveolares/dentais presentes no texto para leitura parcial (1º e 2º parágrafo) em português

Palavras com oclusivas velares (39)					
<C/QU> (30)			<G> (9)		
pretônica (13)	tônica (13)	postônica (4)	pretônica (3)	tônica (3)	postônica (3)
liquidou	quando	poucos	ganhar	desregrada	estômago
começou	como (2)	porcos (2)	gastou	alguém	mínguo
cuidar	naquela	nunca	guardar	ninguém	digo-lhe
comiam	campos				
caiu	cães				
inquieta	riqueza				
comida	quanta				
que (4)*	querem				
com (2)*	aqui				
	pequei				
	contra (2)				

**QUADRO 14:** Palavras com oclusivas velares presentes no texto para leitura parcial (1º e 2º parágrafo) em português

As leituras analisadas para a segunda etapa foram coletadas nos 16 pontos do Projeto ALMA-H selecionados para a presente Tese, sendo: três nos pontos RS04, RS11, RS14, SC02 e MT02 e quatro nos pontos RS02, RS05, RS07, RS08, RS10, RS13, RS16, RS19, RS23, SC06 e PR03.

Das 59 leituras analisadas, 31 foram lidas por informantes da GI e 28, por informantes da GII. A partir de tais leituras, foram comparados os números de transferências realizadas pelos informantes das duas faixas etárias (GI *versus* GII). Desta forma, foi possível fazer uma comparação em *tempo aparente*, isto é, uma análise mesocronológica (THUN, 2009).

O foco de análise da segunda etapa recaiu sobre a dimensão diageracional. Apesar de não acreditar que pudessem haver diferenças na análise de condicionamentos linguísticos de velhos e jovens, foram verificados também, a título de curiosidade, o tipo de processo ocorrido (dessonorização/sonorização), a tonicidade em que ocorreram as transferências de velhos e jovens (sílabas pretônica, tônica ou postônica) e o tipo de oclusiva sonorizada/dessoronizada por informantes da GI e da GII.

Ainda situando-se nessa segunda etapa, para responder ao item b) do primeiro objetivo específico, foram analisadas 9 cartas antigas (datadas de 1892 até 1922), escritas em português, trocadas entre falantes

de hunsriqueano de diferentes localidades do Rio Grande do Sul. A partir da análise dessas cartas, recolhidas e transliteradas por Dr. Joachin Steffen e gentilmente disponibilizadas para o banco de dados do Projeto ALMA Histórico,<sup>108</sup> foi possível verificar o comportamento da variável desonorização/sonorização de oclusiva no eixo do *tempo real*, através de uma análise macrocronológica (THUN, 2009). Da mesma forma que anteriormente, foram analisadas nas cartas: o número de transferências, a tonicidade em que ocorre a troca grafêmica, o tipo de processo e o tipo de oclusiva que apresenta troca grafêmica.

Na terceira etapa, que contempla o segundo objetivo específico, foram comparadas novamente as 59 leituras dos dois primeiros parágrafos da ‘Parábola do Filho Pródigo’ em português. O foco de análise nesta fase recaiu, no entanto, na dimensão diastrática (Ca *versus* Cb). Das 59 leituras analisadas, 30 foram lidas por informantes da Ca e 29 por informantes da Cb. Apesar de acreditar novamente que não haveria diferenças na análise de condicionamentos linguísticos entre a ‘classe alta’ e a ‘classe baixa’, foram verificados, na terceira etapa, adicionalmente o número de desonorizações/sonorizações de cada classe social, o tipo de processo ocorrido (desonorização/sonorização), a tonicidade em que ocorreram as transferências nas diferentes classes sociais (sílabas pretônica, tônica ou postônica) e o tipo de oclusiva sonorizada/desonorizada por informantes da Ca e da Cb.

Na quarta etapa, correspondente ao terceiro objetivo específico da Tese, foram cartografados os dados analisados na segunda e terceira etapas. Com o foco voltado à dimensão diatópica (16 pontos de pesquisa analisados), buscou-se observar, através de mapas, o comportamento de velhos e jovens (GII e GI), das classes Ca e Cb, nos 16 pontos selecionados para a presente pesquisa. Com isso, pôde-se desenvolver uma macroanálise pluridimensional das desonorizações e sonorizações de oclusivas, ocorridas em diferentes posições silábicas, correlacionando-as com fatores extralinguísticos (área histórico-geográfica e índice populacional). Na figura a seguir, apresenta-se, em forma de cartograma, o número de leituras realizadas em cada um dos pontos.

---

<sup>108</sup> Os exemplos coletados por Joachin Steffen inserem-se no âmbito do Projeto ALMA-Histórico, que busca reunir fontes para a escrita da história da língua de imigração alemã, em suas diferentes variedades e formas de expressão. As cartas escritas entre imigrantes e entre esses e os que permaneceram na matriz de origem, na Alemanha, representam uma dessas fontes mais preciosas. Apesar de escritas em um alemão *standard* muitas vezes de domínio parcial, essas cartas deixam entrever uma série de marcas da língua usual da época, tanto do português quanto do hunsriqueano.

<b>MT02</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>-</td></tr> </table>				1	1	1	-												
1	1																		
1	-																		
<b>PR03</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>				1	1	1	1												
1	1																		
1	1																		
<b>SC06</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>		1	1	1	1	<b>SC02</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>-</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>		-	1	1	1								
1	1																		
1	1																		
-	1																		
1	1																		
<b>RS23</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS14</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>-</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	-	1	<b>RS10</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS05</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1
1	1																		
1	1																		
1	1																		
-	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
<b>RS19</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS13</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS08</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS04</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>-</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	-	1
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
-	1																		
<b>RS16</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS11</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>-</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	-	1	1	1	<b>RS07</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1	<b>RS02</b> <table border="1" style="margin: auto;"> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> <tr><td>1</td><td>1</td></tr> </table>	1	1	1	1
1	1																		
1	1																		
-	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		
1	1																		

**FIGURA 21** : Cartogramas das leituras (1º e 2º parágrafos) analisadas em cada um dos pontos da pesquisa

Para finalizar esta seção, apresento, a seguir, um quadro-resumo das quatro etapas de análise da Tese.

<b>Etapas</b>	<b>Objetiva-se...</b>	<b>Instrumentos de análise</b>	<b>Foco da análise</b>
1ª	...descrever a variação de sonorização e de dessonorização das oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ em dados de fala do português de falantes de hunsriqueano como língua de imigração alemã.	43 leituras completas da ‘Parábola do Filho Pródigo’.	- número total de produções divergentes dos padrões do Pt (dessonorizações/sonorizações); - condicionamentos linguísticos que favorecem as transferências.
2ª	...observar se há uma mudança em curso em relação à variável analisada, na comparação da fala da GII para GI.	a) 59 leituras parciais (1º e 2º parágrafos) da ‘Parábola do Filho Pródigo’.	- dimensão diageracional e diacrônica – comparação em <i>tempo aparente</i> – análise mesocronológica (THUN, 2009).
		b) 9 correspondências antigas (datadas de 1892 até 1922)	- dimensão diacrônica - descrição no <i>tempo real</i> – análise macrocronológica (THUN, 2009).

		trocadas entre falantes de Hrs de diferentes localidades do RS.	
3ª	...analisar o papel da escolaridade na manutenção ou mudança das marcas de influência do Hrs na sonorização/dessonorização das oclusivas do Pt falado por informantes de dois estratos sociais distintos (Ca e Cb).	59 leituras parciais (1º e 2º parágrafos) da 'Parábola do Filho Pródigo'.	- dimensão diastrática.
4ª	...correlacionar, por meio da cartografia pluridimensional, o comportamento variável de velhos e de jovens (GI e GII) com mais ou menos escolaridade (Ca e Cb) em uma rede de 16 localidades de pesquisa.	59 leituras parciais (1º e 2º parágrafos) da 'Parábola do Filho Pródigo'.	- dimensão diatópica.

**QUADRO 15:** Resumo das etapas de análise dos dados

### 3.6 Cartografia e apresentação dos dados analisados

Os dados analisados nas três primeiras etapas foram apresentados em tabelas e gráficos. Desta forma, foi possível ter uma boa visualização dos resultados. Já a quarta etapa contou com uma apresentação de dados diferenciada, baseada, sobretudo, na apresentação de mapas.

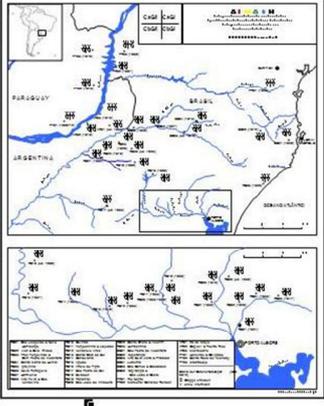
Para a elaboração dos mapas, os resultados encontrados nas diferentes comparações (nº de desonorizações/sonorizações, transferências em sílaba pretônica, tônica e postônica, tipo de oclusiva, etc.) foram convertidos em símbolos graduais (cf. fig. 22). Tais símbolos foram inseridos em planilhas do programa Excel, no arquivo do mapa-base do ALMA-H (cf. fig. 23), visando a cartografia digital.

Ressalta-se que os símbolos mais escuros são utilizados para as variantes mais relevantes; as variantes que merecem destaque nas análises feitas. Na comparação binária de produções de palavras conforme os padrões do português e divergentes dos padrões do português, por exemplo, as produções divergentes dos padrões são sinalizadas pelo círculo totalmente preto, enquanto que as produções de acordo com os padrões são sinalizadas pelo círculo totalmente branco (cf. mapa 17 (anexo C), por exemplo).



**FIGURA 22 :** Sequência de símbolos utilizada nos mapas

1	os símbolos	Q = Q	U = U
2		R = R	V = V
3		S = S	= borrar
4		T = T	
5	lugar	grupo	símbolo
6			
7	BRASIL		
8	RS01	CaGII	Q
9	São Leopoldo & Novo Hamburgo	CaGI	V
10		CbGII	Q
11		CbGI	V
12	RS02	CaGII	Q
13	Ivoti & Dois Irmãos	CaGI	Q
14		CbGII	Q
15		CbGI	Q
16	RS03	CaGII	V
17	Forquilha & Dom Pedro de Alcá	CaGI	V
18		CbGII	V
19		CbGI	V
20	RS04	CaGII	Q
21	Santa Maria do Herval	CaGI	Q



**FIGURA 23** : Exemplo de planilha do Excel utilizada pelo ALMA-H  
**Fonte:** Projeto ALMA-H

Como já ocorre nos demais atlas que fazem parte da trilogia rio-platense, de H. Thun – ADDU e ALGR –, também o ALMA-H se vale da utilização de uma cruz para registrar os dados dos quatro grupos entrevistados (CaGI, CaGII, CbGI, CbGII) – cf. Quadro 8. Com isso, é possível comparar os dados e correlacioná-los com fatores diversos observáveis nas dimensões diatópica, diageracional e diastrática.

Dito isso, finalizamos a apresentação da metodologia e passamos ao próximo capítulo, para as descrições, análises e interpretações dos dados.

## Capítulo 4

### DESCRIÇÕES, ANÁLISES E INTERPRETAÇÕES DOS DADOS

A análise dos dados da Tese, apresentada no presente capítulo, divide-se nas quatro etapas explanadas no capítulo anterior, mais precisamente em 3.5. Cada uma dessas etapas será responsável por responder as perguntas de pesquisa referentes aos objetivos apresentados na introdução do trabalho.

#### 4.1 Análise da primeira etapa: número total de transferências e condicionamentos linguísticos

Busca-se, nesta primeira etapa, a partir da análise de 43 leituras completas da ‘Parábola do Filho Pródigo’, responder ao objetivo central da Tese, de descrever a variação de sonorização e de dessonorização das oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ em dados de fala do português de falantes de hunsriqueano como língua de imigração alemã, identificando correlações com fatores linguísticos “internos”. Para tanto, são levantadas as seguintes perguntas de pesquisa:

- a) O processo de transferência do padrão de vozeamento das oclusivas do hunsriqueano para o português, com relação à dessonorização/sonorização, ocorre num número considerável de dados?
- b) Ocorrem mais sonorizações ou mais dessonorizações de oclusivas?
- c) A tonicidade da sílaba tem influência na dessonorização/sonorização das oclusivas?
- d) A dessonorização/sonorização ocorre mais em uma oclusiva do que em outra?
- e) Quais são os condicionamentos linguísticos mais salientes a serem observados na ocorrência de transferência?

##### 4.1.1 Número de transferências (dessonorizações e sonorizações) *versus* o número de dados lidos

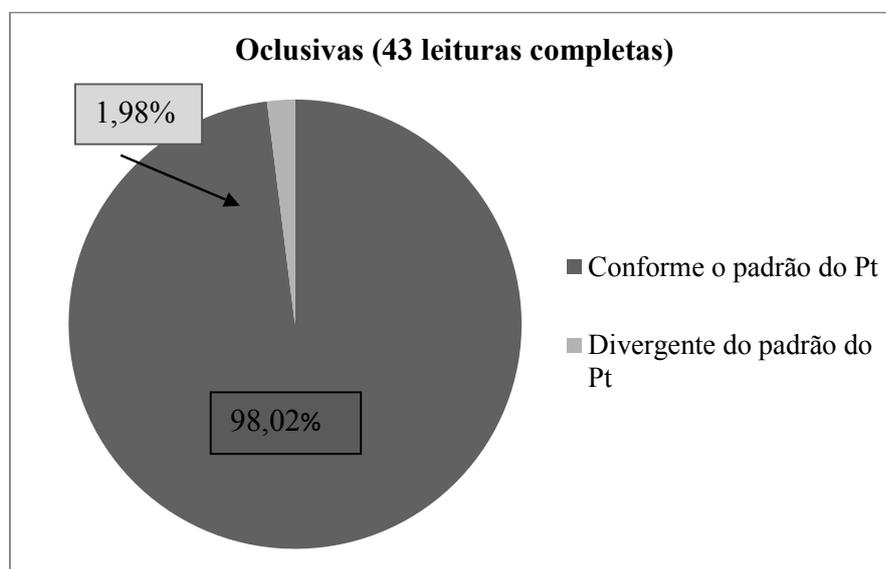
As 43 leituras da Parábola do Filho Pródigo em português apresentaram 15.781 oclusivas ao todo. Por razões diversas, foram anuladas,<sup>109</sup> na análise, 168, seja por dificuldades de interpretação da gravação,

---

<sup>109</sup> 8<P>, 11<B>, 55<T>, 55<D>, 23<C/QU> e 16<G>= 168

seja pela ausência/omissão da oclusiva, na leitura. A análise dos dados somou, deste modo, um total de 15.613 consoantes oclusivas.

Do total analisado, 15.304 ficaram dentro dos padrões do português, isto é, as respectivas oclusivas foram identificadas corretamente como sonoras ou surdas. No entanto, cabe ressaltar, novamente, que qualquer pronúncia de oclusiva produzida com alguma diferença foi considerada fora do padrão do português. O resultado foi a ocorrência de apenas 309 dados considerados divergentes dos padrões, perfazendo um percentual reduzido de 1,98% dos dados analisados. A diferença entre o que foi produzido fora e dentro dos padrões do português pode ser visualizada através do gráfico a seguir.



**GRÁFICO 1:** Análise geral da produção das oclusivas do Pt (43 leituras completas)

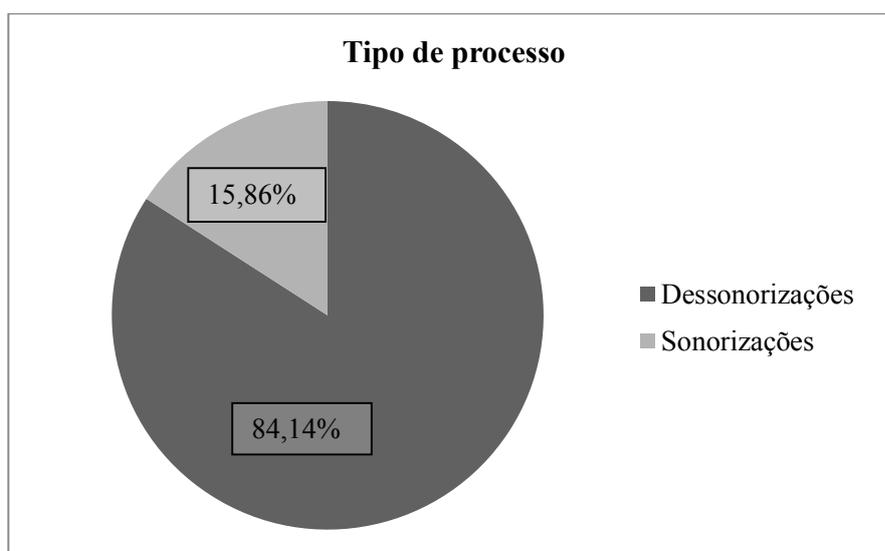
O baixo índice de ocorrência de transferências de sonoridade no português de falantes de hunsriqueano é corroborado pelo ALERS, que incluiu no questionário fonético-fonológico variáveis opostas de sonoridade como *papa* (pergunta 27) e *baba* (49), *queijo* (34) e *queixo* (48), *pomba* (28) e *bomba* (42), *corta* (38) e *corda* (41). Esses dados sequer foram cartografados com respeito à variação de oclusiva, porque mesmo tendo o ALERS 28 informantes bilíngues alemão-português, essas variáveis não se mostraram significativas, a ponto de justificar sua apresentação em mapa.

O que é preciso ressaltar para os propósitos desta Tese é que, apesar do número reduzido de transferências de sonoridade observadas nos dados do ALMA-H, na leitura em português, o que nos interessa nesta Tese é verificar correlações internas (com variáveis linguísticas) e externas (com variáveis

extralinguísticos) entre esses dados, para entender o que favorece e o que inibe as transferências de sonoridade e, conseqüentemente, os processos de sonorização e dessonorização das oclusivas na fala de informantes bilíngues em hunsriqueano e português.

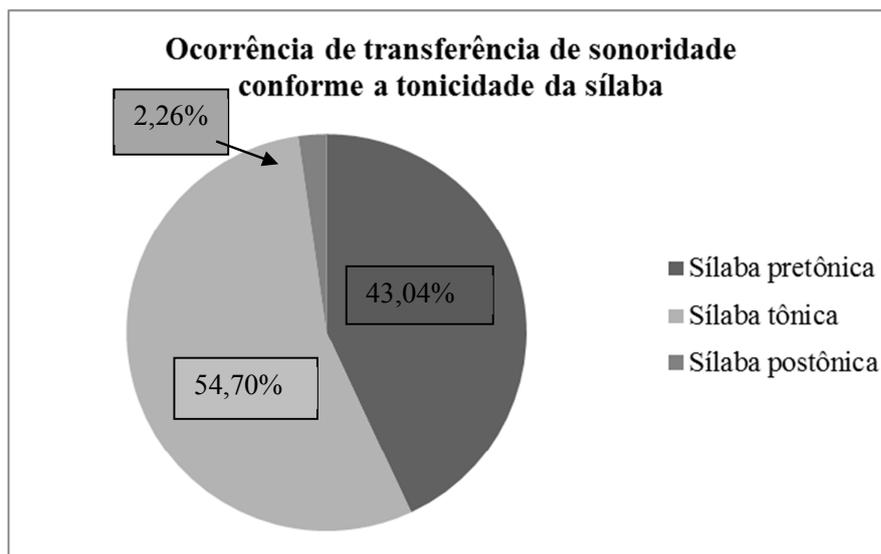
#### 4.1.2 Condicionamentos linguísticos mais propícios à ocorrência de transferências

Veamos o que, na língua, mais favorece a ocorrência de transferências, nos dados coletados pelo ALMA-H. Um primeiro ponto é o **tipo de processo ocorrido (dessonorização ou sonorização)**. Dos 309 dados divergente dos padrões do português, 260 apresentaram dessonorizações, e 49, sonorizações. Esses números equivalem a 84,14% e 15,86% dos dados, respectivamente, e mostram, conforme já se esperava, que a dessonorização é notoriamente mais frequente. O gráfico 2 a seguir não deixa dúvidas sobre essa diferença.



**GRÁFICO 2:** Relação entre os índices de dessonorização e sonorização das oclusivas do Pt (43 leituras completas)

Um segundo fator que precisa ser considerado é o **papel da tonicidade** para esse tipo de transferência (sílabas pretônica, tônica ou postônica). Conforme ilustra o gráfico 3, das 309 ocorrências de oclusiva divergente dos padrões do português, 133 ocorreram em sílaba pretônica (43,04%), 169 em sílaba tônica (54,70%) e apenas sete em sílaba postônica (2,26%), não distinguindo nesses percentuais o tipo de processo, se a oclusiva dessonoriza ou sonoriza.

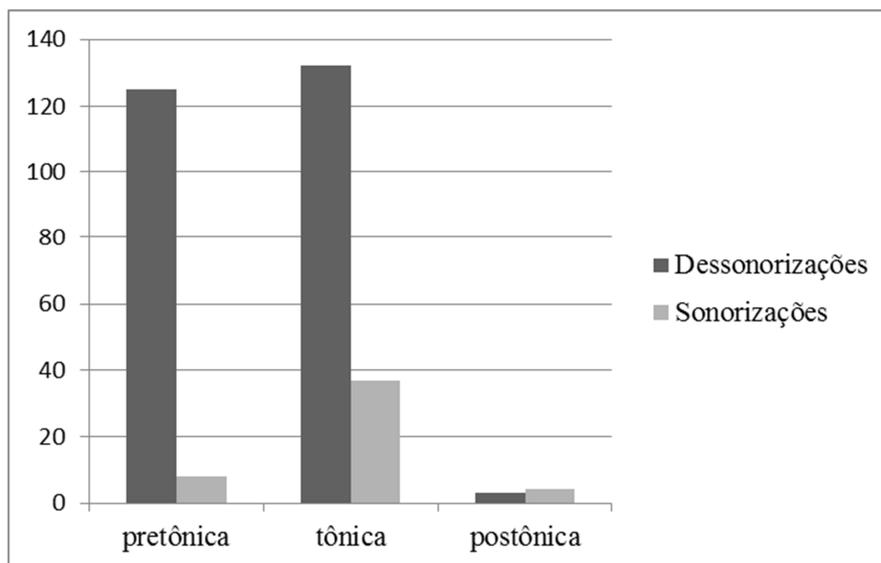


**GRÁFICO 3:** Transferências de dessonorização e sonorização das oclusivas divergente dos padrões do Pt conforme a tonicidade da sílaba (43 leituras completas)

Dos 133 dados divergente dos padrões em sílaba pretônica, 125 apresentaram dessonorizações (93,98%), e oito, sonorizações (6,02%). Dos 169 dados divergentes dos padrões em sílaba tônica, 132 tiveram dessonorizações (78,11%), e 37, sonorizações (21,89%). Por fim, dos sete dados em sílaba postônica divergente dos padrões do português, três apresentaram dessonorizações (42,86%), e quatro, sonorizações (57,14%). Como se vê, as dessonorizações predominam em praticamente todas as posições, com exceção da posição postônica, porém com baixo número de ocorrências.

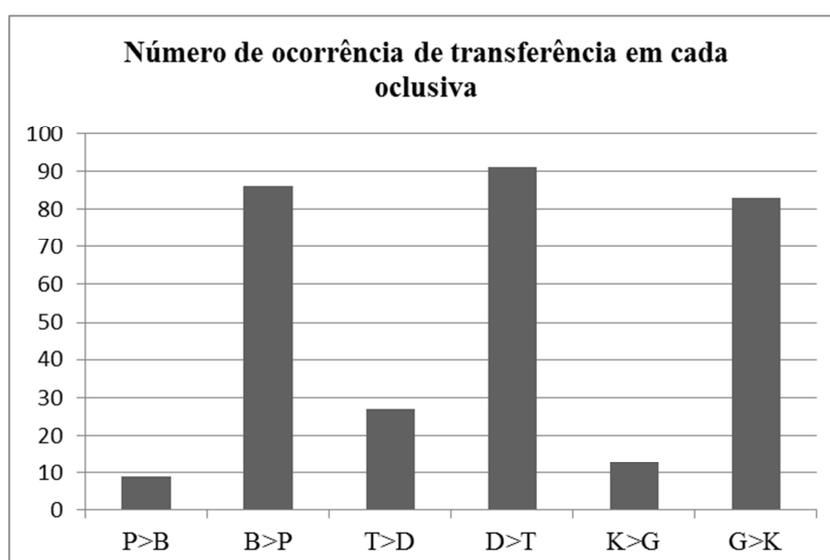
A comparação desses resultados com as regras de vozeamento do hunsriqueano (Altenhofen, 1996), relatadas no referencial teórico da presente Tese, mostra que 261 ocorrências de oclusivas foram produzidas seguindo as regras do hunsriqueano (84,46%), isto é, sofreram dessonorização em sílabas pretônica e tônica (257 ocorrências) e sonorizações em sílaba postônica (quatro ocorrências). Somente 48 casos (15,54%) têm origem diferente das regras do hunsriqueano (45 sonorizações em sílabas pretônica e tônica e três dessonorizações em sílaba postônica) e provavelmente se devem a fatores como hipercorreção.

O gráfico a seguir visualiza a relação entre as ocorrências de dessonorização e sonorização nas diferentes posições silábicas analisadas.



**GRÁFICO 4:** Dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt de acordo com a posição silábica (43 leituras completas)

Um terceiro ponto que se coloca diz respeito à pergunta se há diferenças de frequência do número de **ocorrências de transferência de sonoridade entre as oclusivas** analisadas. Dos 309 casos registrados como desviantes dos padrões do português, nove ocorreram com a oclusiva <P> (de [p] para [b]), 86 com a oclusiva <B> (de [b] para [p]), 27 com a oclusiva <T> (de [t] para [d]), 91 com a oclusiva <D> (de [d] para [t]), 13 com a oclusiva <K> (de [k] para [g]) e 83 com a oclusiva <G> (de [g] para [k]), conforme ilustra o gráfico 5.



**GRÁFICO 5:** Número de ocorrências de transferência em cada oclusiva (43 leituras completas)

No gráfico 5, observa-se, de um lado, uma discrepância grande entre as dessonorizações de <B, D, G> e as sonorizações de <P, T, K>, na leitura. De outro lado, porém, verifica-se que a oclusiva alvéolo-dental <D> se sobressai em relação às demais consoantes. No entanto, se formos considerar não apenas o número de ocorrências de transferência, mas também o percentual de ocorrência em cada uma das oclusivas, visto que o número de oclusivas analisadas não era idêntico para cada uma das seis oclusivas, teremos a oclusiva bilabial sonora <B> como a oclusiva de maior percentual de ocorrência de transferências (11,94%), seguida da oclusiva velar sonora <G>, com 7,53% de dessonorizações, e da oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, com 2,21% de dessonorizações. As oclusivas surdas <T>, <K> e <P> vêm em sequência, todas com menos de 0,70% de transferências, quando comparado o número de dados lidos *versus* o número de produções distintas dos padrões do português. A tabela 1 a seguir resume os resultados obtidos.

**TABELA 1:** Percentual de transferência em cada uma das oclusivas analisadas (43 leituras)

Oclusiva	Total nas 43 leituras	Anuladas	Total lido	Nº de ocorrências fora do padrão	%
<P>	64 (x 43) = 2.752	8	2.744	9	0,32%
<B>	17 (x43) = 731	11	720	86	11,94%
<T>	97 (x43) = 4.171	55	4.116	27	0,65%
<D>	97(x43) = 4.171	55	4.116	91	2,21%
<K>	66(x43) = 2.838	23	2.815	13	0,46%
<G>	26(X43) = 1.118	16	1.102	83	7,53%

Além da tonicidade da sílaba, do processo e tipo de oclusiva envolvidos, há **outros condicionamentos linguísticos** que podem favorecer ou inibir a transferência, aos quais precisamos ficar atentos.

De todas as palavras existentes na ‘Parábola do Filho Pródigo’, 89 ao todo sofreram processos de dessonorização ou sonorização. Dessas 89 palavras, 29 foram dessonorizadas/sonorizadas em apenas uma das 43 leituras, 44 de duas a cinco leituras e 16 de seis a 12 leituras. Vejamos o que pode ter exercido influência para que essas 16 palavras, especificamente, tenham sofrido um número maior de transferências.

Conforme apresentado no quadro 16, todas as 16 palavras que mais vezes ocorreram divergente dos padrões de pronúncia do português sofreram **processos** de dessonorização, sendo: quatro de [d] para [t], seis de [g] para [k] e seis de [b] para [p]. Este resultado reforça o entendimento de que os processos de dessonorização ocorrem com mais frequência do que os de sonorização.

Considerando apenas a **tonicidade silábica**, vemos que metade dessas palavras tem as oclusivas dessoronorizadas em sílaba pretônica (*desejava, ganhar, banquete, gastou, regressar, bolotas, guardar e bezerro*) e metade em sílaba tônica (*dava, dois, disse, desregrada, braços, bom, bens e gordo*), confirmando que as dessoronorizações realmente são características destes dois tipos de sílaba.

Com relação à **quantidade de sílabas**, duas palavras são compostas de quatro sílabas (*desejava e desregrada*), três palavras, de uma sílaba (*bom, dois e bens*), quatro palavras, de três sílabas (*banquete, bolotas, regressar e bezerro*) e sete palavras, de duas sílabas (*dava, ganhar, disse, braços, gastou, guardar e gordo*), o que demonstra que não há preferência no número de sílabas para a ocorrência da variável analisada na Tese.

Quanto ao **tipo de palavra**, sete são verbos (*dava, desejava, ganhar, disse, gastou, regressar e guardar*), cinco substantivos (*bens, braços, banquete, bolotas e bezerro*) e quatro adjetivos (*desregrada, bom, dois e gordo*). Da mesma forma, percebe-se uma ausência de preferência com relação ao tipo de palavra dessoronorizada.

O único condicionamento linguístico que parece ser relevante, pelo fato de ocorrer em 14 das 16 palavras mais dessoronorizadas, diz respeito à posição silábica da transferência. Apenas as palavras *desregrada* e *regressar* tiveram dessoronorizações em meio de palavra. Todas as outras, independentemente do número de sílabas, foram dessoronorizadas em início de palavra. Tendo em vista a relevância de tal condicionamento, decidi observar, nas 309 realizações fonéticas consideradas divergente dos padrões do português, quantas ocorreram em início de palavra. Dessas 309 ocorrências de oclusivas com desvio do padrão do português, 218 sofreram dessoronorização/sonorização em início de palavra, o que corresponde a 70,55% dos padrões distintos do português.

O quadro 16, a seguir, resume os números dessa análise por palavra. Com isso, finalizo as análises propostas para a primeira etapa da análise dos dados.

Palavra	Oclusiva dessoronorizada	Número de vezes da palavra em 1 leitura	Número de vezes dessoronorizada
<u>D</u> ava	d	1	6
<u>d</u> ejava	d	1	6
<u>G</u> anhar	g	1	6
<u>D</u> ois	d	2	6
<u>D</u> isse	d	2	6
des <u>r</u> egrada	g	1	7

<b>B</b> raços	b	1	7
<b>b</b> anquete	b	1	7
<b>B</b> om	b	1	8
<b>B</b> ens	b	1	8
<b>G</b> astou	g	1	9
regressar	g	1	10
<b>B</b> olotas	b	1	11
<b>G</b> uardar	g	1	12
<b>G</b> ordo	g	3	17
<b>B</b> ezerro	b	3	27

**QUADRO 16:** Palavras com maior ocorrência de dessonorização, na leitura da Parábola do Filho Pródigo, em português

Verificou-se, por fim, com os resultados desta primeira etapa, que os processos de transferência do padrão de vozeamento das oclusivas do hunsriqueano para o português, com relação à dessonorização/sonorização, ocorrem em número bastante reduzido, tendo em vista que apenas 309 oclusivas, o correspondente a 1,98% dos total de dados analisados, apresentaram dessonorização/sonorização na leitura de falantes de hunsriqueano entrevistados pelo ALMA-H. Esta etapa responde, neste sentido, à pergunta de pesquisa a), colocada no início da Tese.

Observou-se, além disso, que as dessonorizações de oclusivas (84,14%) são mais frequentes do que as sonorizações (15,86%), o que corrobora com os resultados já encontrados por Mueller (1985), Gewehr-Borella (2010) e Lara (2013) (pergunta de pesquisa b)).

Outro fato que merece ser destacado é a comprovação da influência da tonicidade silábica nas dessonorizações/sonorizações de oclusivas. Constatou-se que as sílabas pretônica e tônica favorecem a dessonorização, enquanto que a postônica favorece a sonorização. O predomínio do padrão de vozeamento silábico apresentado segue a mesma regra de vozeamento do hunsriqueano, com dessonorizações em sílabas pretônica e tônica, e sonorizações, em sílaba postônica (pergunta de pesquisa c)).

Com relação ao tipo de oclusiva, obteve-se o maior percentual de transferência na realização da oclusiva bilabial sonora <B> (com 11,94% de dessonorizações), seguida da oclusiva velar sonora <G> (7,53%) e da oclusiva alvéolo-dental sonora <D> (2,21%). As outras oclusivas (surdas) apresentaram índices baixos de transferência (<P>=0,32%, <T>=0,65% e <K>=0,46%) – (pergunta de pesquisa d)).

Por fim, na busca de outros condicionamentos linguísticos que pudessem ter exercido alguma influência, constatou-se que tanto as oclusivas sonoras quanto a posição inicial de palavra são mais propícias para a ocorrência do processo de transferência, uma vez que houve um predomínio de dessonorizações justamente em posição inicial de palavra (pergunta de pesquisa e).

## 4.2 Análise da segunda etapa: dimensão diageracional e diacrônica

Esta segunda etapa de análise dos dados tem como alvo responder ao primeiro objetivo específico da Tese, com o foco voltado para as dimensões diageracional e diacrônica. Objetiva-se verificar, portanto, nesta etapa, em que medida se mantêm ou mudam as marcas de influência da língua de imigração hunsriqueana na sonorização/dessonorização das oclusivas do português desses falantes, considerando sua mudança no *tempo real* e *aparente* e comparando, para tanto, os resultados das gerações GII e GI. As análises feitas, nesta etapa, respondem às seguintes perguntas de pesquisa a), b) e c), relativas ao objetivo específico 1), exposto na introdução da Tese:

- 1a) Há variação no grau de transferência entre falantes de faixas etárias distintas (GI e GII)?
- 1b) Como se dão os processos de sonorização e desonorização de oclusivas em cartas antigas (séc. XIX e XX), escritas em português, trocadas entre falantes de hunsriqueano?
- 1c) Como se dão os processos de sonorização e desonorização de oclusivas de períodos distintos (cartas antigas, GII e GI [dados atuais])?

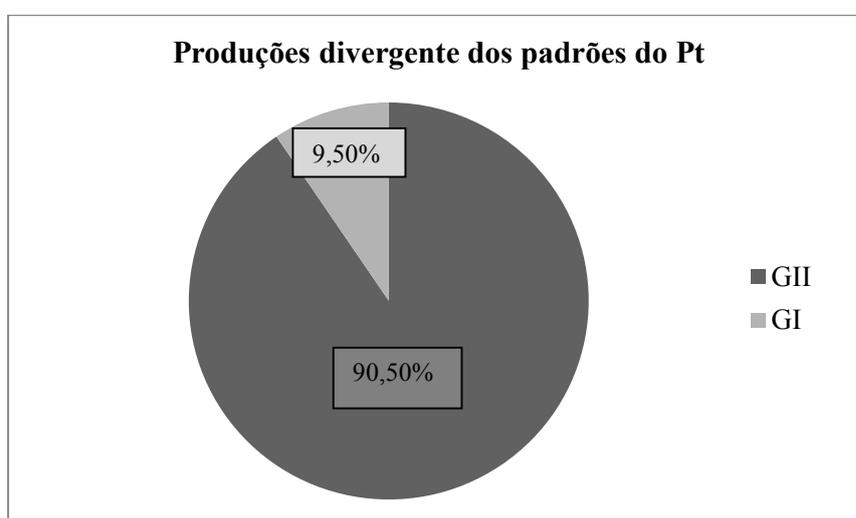
Para responder a essas perguntas, dividimos a análise em duas partes. A primeira desenvolve uma análise mesocronológica dos dados em *tempo aparente*, na comparação entre GII e GI (pergunta 1a)). A segunda faz uma análise macrocronológica, a partir de dados de cartas de imigrantes, comparados em *tempo real* (perguntas 1b) e 1c)).

### 4.2.1 Análise mesocronológica: 59 leituras (parágrafos 1 e 2) por falantes da GII e da GI

Para responder ao **objetivo específico 1a)**, serão comparadas, inicialmente, 59 leituras dos dois primeiros parágrafos da ‘Parábola do Filho Pródigo’, em português, por falantes da GII e da GI, destacando que, das 59 leituras, 31 foram lidas por informantes da GI e 28 por informantes da GII.

Ao todo, as 59 leituras contêm 9.617 oclusivas, sendo 5.053 oclusivas nas 31 leituras feitas pelos informantes da GI, e 4.564 oclusivas, nas 28 leituras da GII. Assim como ocorreu na primeira etapa, algumas oclusivas foram anuladas (100), ficando para a análise final 9.517 oclusivas, totalizando 5.017 oclusivas lidas pelo grupo GI, e 4.500, pelo grupo GII.

Do total produzido pelos dois grupos (9.517), apenas 179 oclusivas tiveram dessonorizações/sonorizações, o que equivale a 1,88% dos dados analisados. Das 179 oclusivas distintas dos padrões do português, 17 foram produzidas pela GI (9,50%) e 162 pela GII (90,50%), conforme mostra o gráfico 6. Este dado já evidencia a grande discrepância de resultados da geração mais velha (GII) para a mais jovem (GI), conforme já esperado nas hipóteses. Considerando as produções de cada um dos grupos com as taxas de transferências encontradas, observam-se apenas 0,33% de produções divergente dos padrões do português, nas leituras do grupo GI (17 transferências em 5.017 produções), e 3,60% no grupo GII (162 em 4.500 ocorrências de oclusiva).

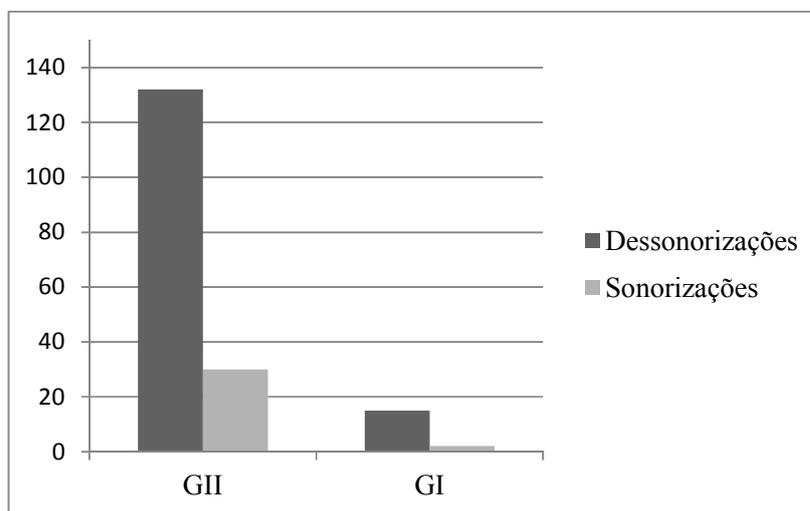


**GRÁFICO 6:** Produções das oclusivas divergente dos padrões do Pt na GI e GII (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

Das 179 oclusivas produzidas divergente dos padrões do português, houve 147 dessonorizações (82,12%) e 32 sonorizações (17,88%). Das 147 dessonorizações, 15 foram produzidas pelo grupo dos jovens (10,20%) e 132, pelo grupo dos velhos (89,80%). Das 32 sonorizações, duas foram produzidas pelo grupo dos jovens (6,25%) e 30, pelo grupo dos velhos (93,75%).

Das 17 oclusivas divergentes do padrão do português produzidas pelos informantes do grupo dos jovens, 15 foram dessonorizações (88,24%) e duas, sonorizações (11,76%), enquanto que das 162 produzidas pelos informantes do grupo dos velhos, 132 foram dessonorizações

(81,48%) e 30, sonorizações (18,52%). O gráfico 7 visualiza com mais clareza a proporção entre esses resultados.



**GRÁFICO 7:** Dessonorizações/Sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt na leitura da GI e da GII (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

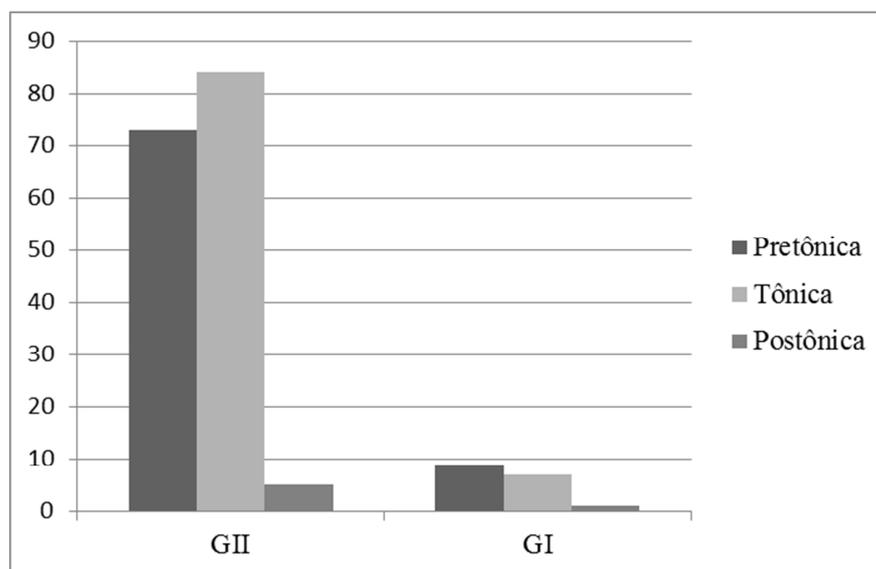
O gráfico acima não deixa dúvidas de que há uma mudança em progresso em favor da redução de transferências de dessonorização e/ou sonorização das oclusivas da geração mais velha para a mais jovem. Isso pode ter uma série de explicações. Não apenas os jovens têm acesso maior à escolaridade em português, como também o português está mais presente nas comunidades, em nossos dias, o que pode significar além disso uma competência bilíngue maior (considerando um equilíbrio entre as duas línguas) ou mesmo uma proficiência maior em português do que em hunsriqueano.

Ao observar o papel da tonicidade silábica na produção das transferências de sonoridade, corroborase o que já foi assinalado na etapa anterior da análise. Dos 179 dados, 82 ocorreram em sílaba pretônica (45,81%), 91 em sílaba tônica (50,84%) e seis em postônica (3,35%).

Dos 82 dados em sílaba pretônica, nove foram produzidos pelo grupo GI (10,98%) e 73 pelo grupo GII (89,02%). Dos 91 dados em sílaba tônica, sete foram produzidos pelo GI (7,69%) e 84 pelo grupo GII (92,31%). Por fim, dos seis dados em sílaba postônica, um foi produzido pelo grupo GI (16,67%) e cinco pelo grupo GII (83,33%).

O grupo GI registrou nove ocorrências em sílaba pretônica (52,94%), sete em sílaba tônica (41,18%) e um em posição postônica (5,88%). Já o GII realizou 73 transferências de sonoridade em sílaba

pretônica (45,06%), 84 em sílaba tônica (51,85%) e cinco em postônica (3,09%). A visualização desses resultados no gráfico 8 segue, assim, a mesma tendência de mudança em curso.



**GRÁFICO 8:** Tonicidade das transferências de sonoridade das oclusivas na GII e na GI (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

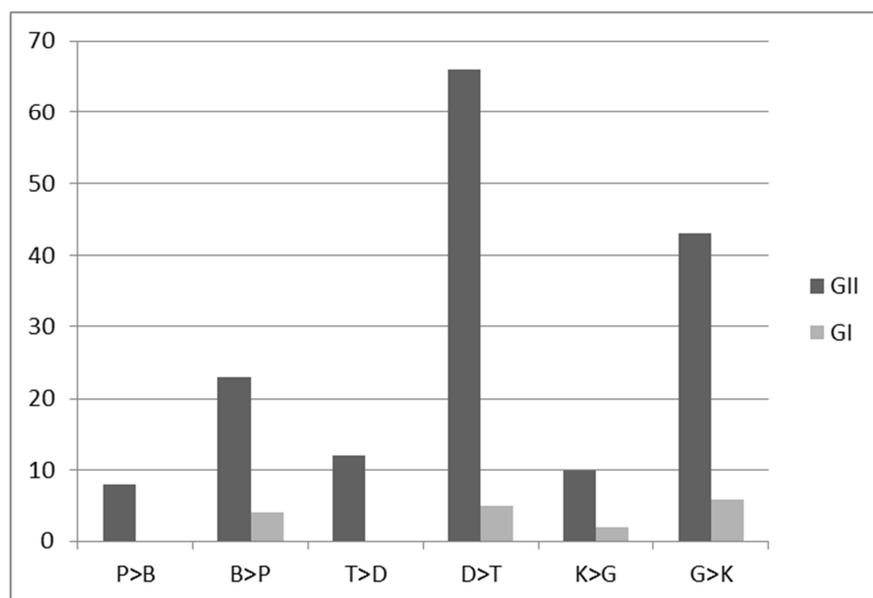
Vale ressaltar que todas as nove oclusivas realizadas divergente dos padrões do português, pela GI, em sílaba pretônica, foram dessonorizações (100%). O mesmo vale para o único dado que ocorreu em sílaba postônica. Das sete ocorrências em sílaba tônica, cinco foram dessonorizações (71,43%) e duas sonorizações (28,57%).

Comparando as produções realizadas pelos jovens com o padrão de vozeamento do hunsriqueano, têm-se 14 produções de acordo com as regras (82,35%), isto é com dessonorizações em sílabas pretônica e tônica e sonorizações em sílaba postônica, e três contrárias às regras (17,65%).

No que se refere aos dados da GII, as 73 oclusivas em sílaba pretônica constituem-se de 66 dessonorizações (90,41%) e sete sonorizações (9,59%). Das 84 produções em sílaba tônica, registraram-se 63 dessonorizações (75%) e 21 sonorizações (25%). Este índice parece sugerir que a sílaba tônica é mais propícia à sonorização, o que pode significar que o falante realiza uma hipercorreção, uma vez que não aplica a regra do hunsriqueano, que costuma dessonorizar a consoante em sílaba tônica. É o contrário da sílaba postônica, onde o hunsriqueano de fato prevê a sonorização da consoante. E de fato: das cinco oclusivas registradas em sílaba postônica, os informantes da GII realizam, nos dados da leitura em português, três dessonorizações (60%), mas também duas sonorizações (40%). Na comparação geral com as

regras do hunsriqueano, o grupo de informantes mais velhos obteve 131 produções conforme as regras (80,86%) e 31 em desacordo às regras (19,14%).

No que se refere ao tipo de oclusiva, dos 179 dados desviantes dos padrões do português, produzidos por ambos os grupos, oito ocorreram na oclusiva <P>, 27 na oclusiva <B>, 12 na oclusiva <T>, 71 na oclusiva <D>, 12 na oclusiva <K> e 49 na oclusiva <G><sup>110</sup>. Curiosamente, nenhum informante jovem (da GI) apresentou transferências nas oclusivas bilabial e alvéolo-dental surda <P e T>, e sim registraram-se apenas quatro dessonorizações da oclusiva bilabial sonora <B>, cinco dessonorizações da oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, duas sonorizações da oclusiva velar surda <K> e seis dessonorizações da oclusiva velar sonora <G>. Já os informantes da GII realizaram oito sonorizações da oclusiva bilabial surda <P>, 23 dessonorizações da oclusiva bilabial sonora <B>, 12 sonorizações da oclusiva alvéolo-dental surda <T>, 68 dessonorizações da oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, 10 sonorizações da oclusiva velar surda <K> e 43 dessonorizações da oclusiva velar sonora <G>. As diferenças apresentadas entre os dois grupos podem ser observadas no gráfico a seguir.



**GRÁFICO 9:** Tipo de oclusiva transferida pela GI e pela GII (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

<sup>110</sup> Porcentagem de ocorrência em cada uma das oclusivas: <p> (0,48%), <b> (7,80%), <t> (0,51%), <d> (2,43%), <k> (0,68%) e <g> (9,28%).

Nota-se, no gráfico 9, que o maior número de transferências na GI recai sobre a oclusiva velar sonora <G>, seguida da oclusiva alvéolo-dental sonora <D>. A diferença, no entanto, é mínima. Já na GII, a dessonorização é mais comum na realização da oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, com uma diferença significativa em relação à segunda, a oclusiva velar sonora <G>. Tanto na GI, quanto na GII, a oclusiva bilabial sonora <B> aparece com uma frequência menor, em terceiro lugar. Novamente, assim como nas análises da primeira etapa, as sonorizações desviantes do padrão do português – equivalentes à ocorrência das oclusivas surdas, no gráfico, ocorreram em número bem menor. Isso ocorreu na leitura de ambas as gerações analisadas.

Ao considerar, novamente, a porcentagem de ocorrências em cada uma das oclusivas, isto é, a relação entre a quantidade de cada tipo de oclusiva *versus* o número de padrões distintos apresentados por cada oclusiva, tem-se um maior percentual de ocorrência de transferências na GI na oclusiva bilabial sonora <B>, seguida da oclusiva velar sonora <G>. Os informantes da GII apresentam, por outro lado, um percentual maior de transferências de sonoridade na oclusiva velar sonora <G>, seguida da oclusiva bilabial sonora <B>, conforme mostra a tabela 2. Na sequência, tem-se, novamente, a oclusiva alvéolo-dental sonora <D> em ambos os grupos. As oclusivas surdas <K>, <T> e <P> vêm em seguida, todas com menos de 1,5% de transferências tanto no grupo dos jovens quanto no dos informantes velhos.

**TABELA 2:** Percentual de transferência em cada uma das oclusivas analisadas (GI e GII - 59 leituras)

Oclusiva	Geração	Total nas 31 (GI) / 28 (GII) leituras		Anuladas	Total lido	Nº de ocorrências % fora do padrão	
<P>	GI	28 X 31=868	3	865	0	0%	
	GII	28 X 28=784	6	778	8	1,02%	
<B>	GI	6 X 31= 186	4	182	4	2,19%	
	GII	6 X 28= 168	4	164	23	14,02%	
<T>	GI	40 X 31= 1.240	12	1.228	0	0%	
	GII	40 X 28= 1.120	16	1.104	12	1,08%	
<D>	GI	50 X 31= 1.550	11	1.539	5	0,32%	
	GII	50 X 28= 1.400	24	1.376	66	4,79%	
<K>	GI	30 X 31= 930	5	925	2	0,21%	
	GII	30 X 28= 840	12	828	10	1,20%	
<G>	GI	9 X 31= 279	1	278	6	2,15%	
	GII	9 X 28= 252	2	250	43	17,20%	

Com esta parte a) da segunda etapa de análise dos dados, fica evidente uma mudança em progresso em favor da redução dos índices de dessonorização e sonorização das oclusivas no português devido à transferência do padrão do hunsriqueano, tendo em vista que o grau de transferência é bastante menor entre falantes da GI, na comparação com os mais velhos (pergunta de pesquisa 1a)). É preciso ponderar, no entanto, que se trata de dados do estilo de leitura, que equivale a um estilo mais monitorado. É provável que em dados de conversa livre essa diferença se mantenha ou até aumente, visto que a probabilidade de os informantes da GII produzirem sobretudo dessonorizações desviantes do padrão do português é maior do que se pode hipotetizar para os jovens (GI), visto que possuem uma competência maior em português. Estas conclusões precisam, por sua vez, ser correlacionadas com a dimensão diastrática, para controlar a influência da escolaridade. Assim, teremos condições, por exemplo, de refinar a análise, identificando por exemplo quais jovens e quais falantes mais velhos realizam mais ou menos transferências de sonoridade, se os de escolaridade maior (CaGI e CaGII) ou de escolaridade menor (CbGI e CbGII). Voltarei a esta questão na seção 4.3.

Com relação ao tipo de processo ocorrido, observou-se um número relativamente maior de dessonorizações pelo grupo de informantes mais jovens (88,24%) do que pelos informantes mais velhos (81,48%), e um número mais elevado de sonorizações pelo grupo de informantes da GII (18,52%) do que da GI (11,76%). Se pensarmos que as sonorizações ocorrem mais vezes em razão da hipercorreção, observaremos que os falantes mais jovens cometem menos hipercorreções que os mais velhos. Frases do tipo “isto não é com <p>, é com <b>” são direcionadas, por exemplo, muito mais a falantes mais velhos, com dificuldades na escrita em português.

A respeito da tonicidade silábica, a GI apresentou maior número de transferências em sílaba pretônica (52,94%), seguida de tônica (41,18%) e, por fim, da sílaba postônica (5,88%). Já os resultados da GII mostram um percentual maior de transferências em sílaba tônica (51,85%), seguida da pretônica (45,06%) e, por último, assim como na GI, na postônica (3,09%).

Com relação ao tipo de oclusiva, ambos os grupos apresentaram um maior número de padrões distintos em oclusivas sonoras do que em surdas, com uma pequena diferença de ordenamento, seguindo a GI a sequência <B> (2,19%), <G> (2,15%), <D> (0,32%), <K> (0,21%) <P/T> (0%), enquanto na GII ocorreram <G> (17,20%), <B> (14,02%), <D> (4,79%), <K> (1,20%), <T> (1,08%) <P> (1,02%).

#### 4.2.2 Análise macrocronológica: cartas antigas (1892-1922)

Para responder **ao objetivo específico 1b)**, analisam-se, nesta seção, nove cartas antigas escritas em português por falantes de hunsriqueano, já mencionadas na seção 3.5. Oito dessas cartas foram escritas na última década do século XIX, nas cidades de Passo Fundo (RS), Santa Maria (RS) e Cruz Alta (RS). Uma dessas cartas provém da segunda década do século XX, escrita no distrito de Pulador (Passo Fundo). As cartas, coletadas e transcritas por Joachim Steffen, que gentilmente as colocou à disposição para este estudo, apresentam diferentes tamanhos, com extensão que vai de uma a quatro páginas. Quatro dessas cartas estão incompletas, o que no entanto não compromete a análise, visto que a presente análise se foca na grafia, e não na estrutura ou conteúdo do texto.

Para uma análise diacrônica da variável <dessonorização/sonorização das oclusivas>, tem-se assim, nesta Tese, três conjuntos de dados: a) o grupo dos mais antigos (dados antigos das cartas); b) o segundo grupo mais antigo (dados atuais orais do grupo GII) e c) o grupo mais recente (dados atuais orais do grupo GI).

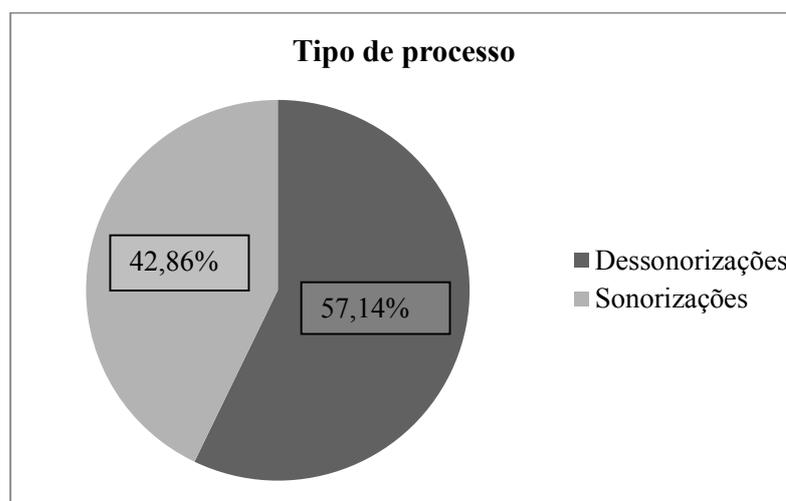
Nas nove cartas analisadas, foi encontrado um total de 35 oclusivas escritas divergente dos padrões do português, o que dá uma média de aproximadamente quatro desvios de escrita por carta. Esse índice permite constatar, antes de tudo, que se trata de um problema antigo, isto é, que a transferência de sonoridade do padrão fonológico do hunsriqueano para o português tem registros já nessa época, apesar de sua baixa ocorrência nos dados escritos. O quadro 17 apresentado a seguir resume os exemplos encontrados nas cartas que contêm grafias de consoantes oclusivas desviantes do padrão do português e que remetem tanto à dessonorização quanto à sonorização.

Carta		Origem	Palavra-alvo	Palavra escrita
1	22/02/1892	Passo Fundo	enquanto querendo estão	enquando querento dão
2	14/04/1892	Santa Maria	enquanto está doente estabelecido rincão São Pedro vontade desde	inquando datuente estabelesito rengão São Petro vondade deste
3	18/03/1893	Passo Fundo	ganhou querendo	canhou querento

			<b>mu</b> ito	<b>mu</b> ido
4	15/04/1893	Passo Fundo	<b>ta</b> mbém aconteceu	<b>ta</b> mpem acondeceu
5	24/05/1893	Passo Fundo	sapatos <b>de</b> ram vontade dizendo participando <b>gr</b> ávidas	sapados <b>te</b> ram vondade dizento participanto <b>cr</b> avidas
6	27/07/1897	Cruz Alta	<b>ba</b> stante <b>ta</b> mbém <b>Be</b> nto divertido diga	<b>pa</b> stante <b>da</b> mpem <b>Pe</b> nto diverdido dica
7	19/08/1897	Cruz Alta	mal <b>cri</b> ada <b>bo</b> tou	mal <b>gr</b> iada <b>po</b> to
8	24/06/1898	Passo Fundo	mantimento morando venda	mandimento moranto venta
9	08/07/1922	Estação Pulador	res <b>po</b> ndido <b>br</b> eve	res <b>bo</b> ndido <b>pr</b> eve

**QUADRO 17:** Transferências grafo-fônico-fonológicas de oclusivas nas cartas antigas

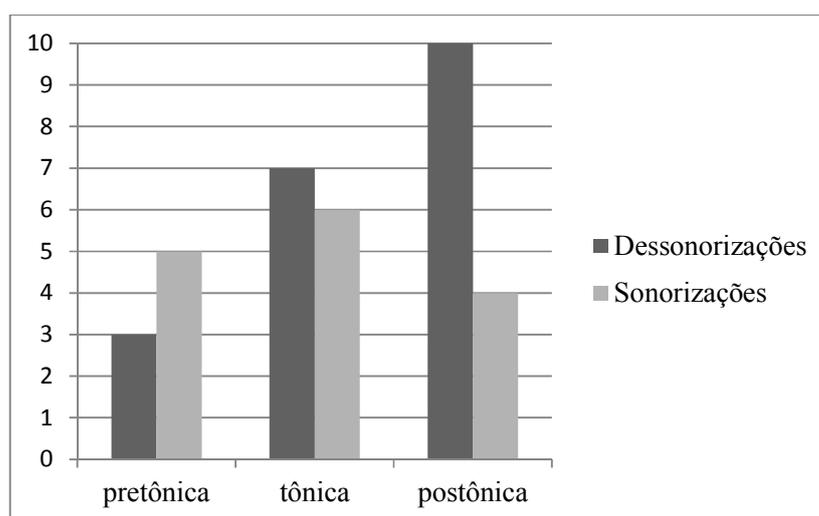
Com relação ao tipo de processo observado, dos 35 dados, 20 refletem dessonorizações (57,14%) e 15, sonorizações (42,86%). A relação entre esses processos mostra um equilíbrio muito maior, na escrita, do que havíamos observado na leitura. O gráfico a seguir explicita essa relação.



**GRÁFICO 10:** Desvios de grafia das oclusivas conforme o tipo de processo subjacente (cartas antigas)

A alta taxa de sonorizações nas cartas antigas analisadas pode indicar que os falantes de hunsriqueano desse período já tinham consciência das diferenças de sonoridade das consoantes entre a língua portuguesa e sua língua de imigração, o hunsriqueano. Porém, devido à dificuldade de distinguir entre sonora e surda, as hipercorreções na escrita do português já eram comuns. É preciso lembrar também que, na escrita, o informante não leva em consideração as decodificações grafo-fônico-fonológicas existentes na leitura, fato que pode ter influenciado os resultados obtidos. Interferências morfológicas, a partir das quais o autor das cartas identifica determinados morfemas e os reproduz, podem também ter contribuído para o elevado número de sonorizações nessas cartas.

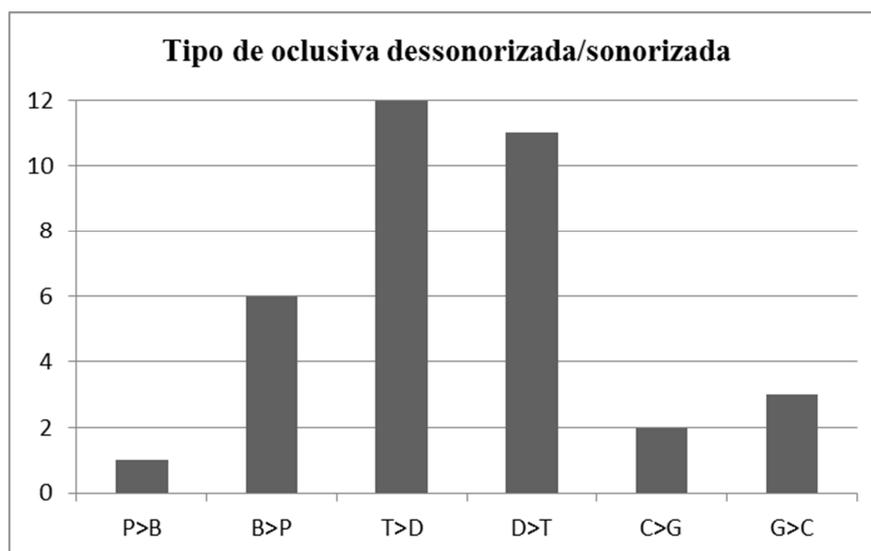
Com relação à tonicidade, registraram-se aqui oito ocorrências em sílaba pretônica (22,86%), 13 em sílaba tônica (37,14%) e 14 em postônica (40%). Dos dados escritos em sílaba pretônica, três refletem dessonorizações (37,50%) e cinco, sonorizações (62,50%). Dos padrões distintos produzidos em sílaba tônica, sete provêm de dessonorizações (53,85%) e seis, de sonorizações (46,15%). Em sílaba postônica, somam-se 10 grafias derivadas de dessonorizações (71,43%) e quatro, de sonorizações (28,57%). Os resultados da análise de tonicidade nas cartas podem ser conferidos no gráfico 11.



**GRÁFICO 11:** Dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt conforme a tonicidade da sílaba (cartas antigas)

Comparando os resultados apontados nas cartas com as regras de vozeamento do hunsriqueano, observamos uma inversão de comportamento em relação ao que havíamos constatado na análise dos dados de leitura. Nas cartas, registram-se 14 ocorrências de grafia desviante do padrão do português que seguem as regras do hunsriqueano. Isso equivale a 40% dos casos (10 dessonorizações em sílabas pretônica e tônica e quatro sonorizações em sílaba postônica). Os casos que não seguem o padrão fonológico do hunsriqueano representam mais que o dobro, ou seja, 21 ocorrências (60%, distribuídos entre 11 sonorizações em sílabas pretônica e tônica e 10 dessonorizações em sílaba postônica).

Por fim, se considerarmos o tipo de oclusiva, temos uma sonorização da oclusiva bilabial surda <P> (2,86%), seis dessonorizações da oclusiva bilabial sonora <B> (17,14%), 12 sonorizações da oclusiva alvéolo-dental surda <T> (34,29%), 11 dessonorizações da oclusiva alvéolo-dental sonora <D> (31,43%), duas sonorizações da oclusiva velar surda <C> (5,71%) e três dessonorizações da oclusiva velar sonora <G> (8,57%). É o que atesta, de forma mais clara, o gráfico 12.

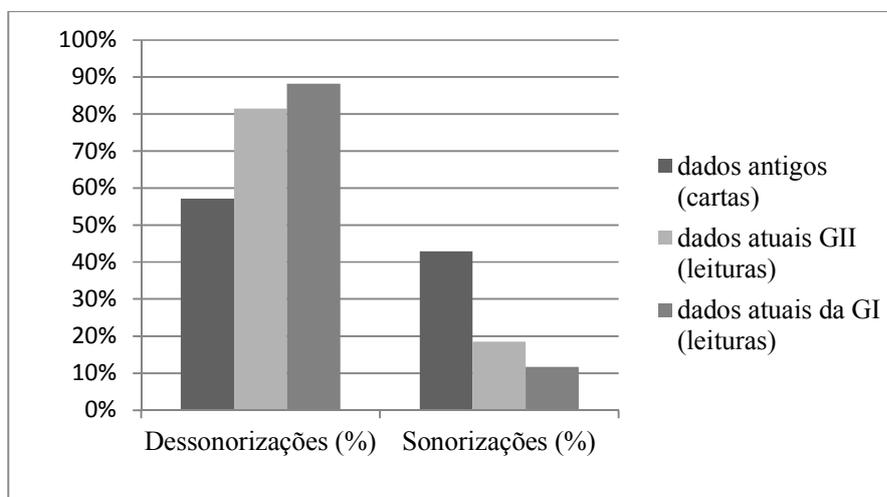


**GRÁFICO 12:** Desvios de grafia conforme o tipo de oclusiva dessonorizada/sonorizada (cartas antigas)

Os dados provenientes de cartas antigas (séc. XIX e XX), escritas em português, trocadas entre falantes de hunsriqueano, dão testemunho 1) de que a “trocas de letras” é um fenômeno que está presente já bem cedo no contato entre português e alemão (já no século XIX) e 2) as diferenças observadas em relação aos dados de leitura decorrem sobretudo do estilo de fala utilizado, neste caso a produção de um texto que leva o escrevente a um grau de monitoramento e de formalidade muito maior do que na leitura, onde ele está

mais preocupado em decodificar o que está escrito. Com isso, acredito ter dado uma resposta pelo menos satisfatória à pergunta 1b) colocada ao início. Infelizmente, não é possível identificar a idade dos autores das cartas nem seu perfil sócio-cultural, especialmente a escolaridade, o que impossibilita a separação de jovens e velhos na análise dos dados escritos.

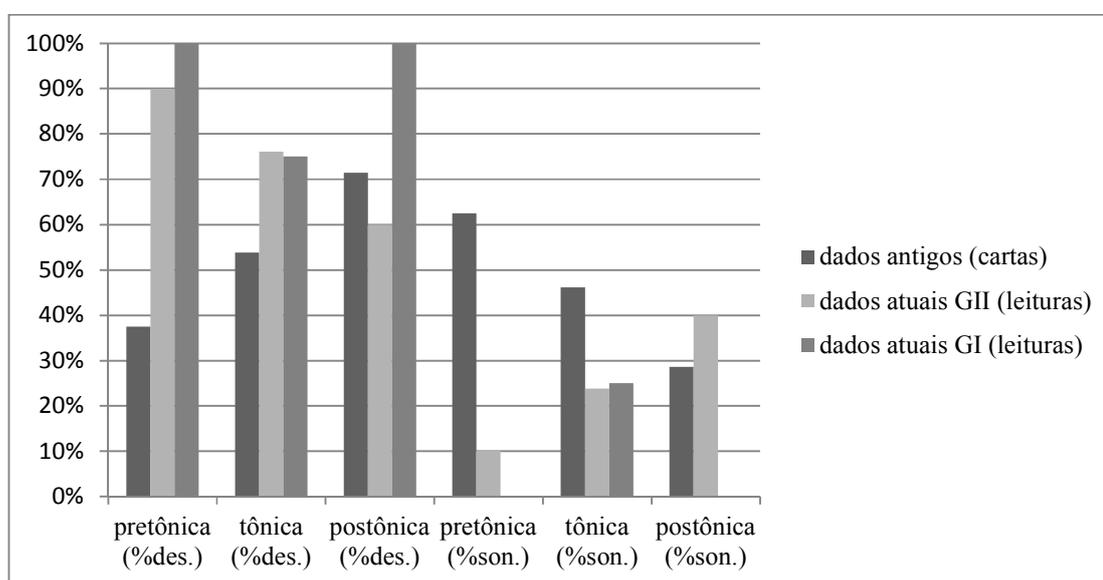
Como já se observou, aparece nos dados escritos (cartas) um número maior de sonorizações (42,86% contra 57,14% dessonorizações) do que nos dados orais (leituras), seguindo a tendência já apresentada na comparação dos dados da GI com a GII, isto é, um crescente aumento no número de dessonorizações e uma queda no número das sonorizações com o passar dos anos. Tal afirmação pode ser observada no gráfico 13 abaixo, o qual apresenta, a partir de uma escala cronológica de ordenamento das cartas, cada vez mais dessonorizações do que sonorizações. Os dados antigos (cartas) apresentam 42,86% de sonorização, comparados com 57,14% de dessonorização; os dados atuais da GII (leituras) são compostos de 18,52% de sonorização e 81,48% de dessonorização; e, finalmente, os dados atuais da GI (leituras) possuem 11,76% de sonorização e 88,24% de dessonorização.



**GRÁFICO 13:** Dessorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt (análise diacrônica)

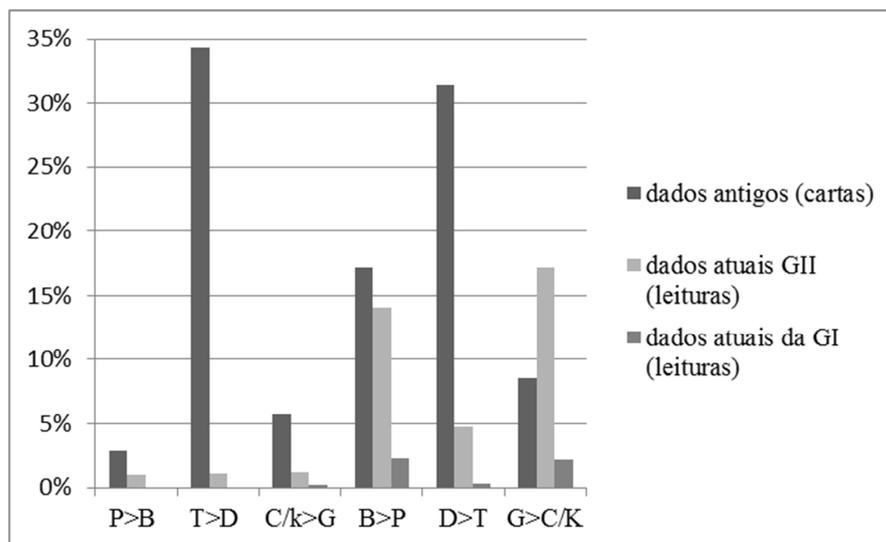
Com relação à tonicidade, no que diz respeito à sílaba pretônica, percebe-se um aumento de dessonorizações e uma conseqüente queda no número de sonorizações com o passar do tempo, sendo os dados atuais da GI mais dessonorizados que os da GII e os da GII mais dessonorizados que as cartas. É preciso, contudo, considerar que essa diferença pode refletir, na comparação entre a leitura e a escrita das cartas, uma variação diafásica, isto é, de estilos de uso da língua distintos. Isso explica por que os dados das cartas contêm mais casos de suposta sonorização, seguidos pelos dados da GII e depois pela GI. A mesma

explicação vale para a sílaba tônica, onde o maior percentual de dessonorizações e o menor de sonorizações ocorre nos dados orais atuais da GII, seguido pelos da GI e, por último, novamente, nos dados escritos das cartas. Por fim, os dados em sílaba postônica são mais dessonorizados e, conseqüentemente, menos sonorizados pelos informantes da GI, seguidos pelos das cartas e, por fim, pelos informantes da GII. Isso denota que provavelmente os escreventes das cartas transferem em menor grau o padrão de lenização postônica do hunsriqueano da oralidade para a escrita, do que inversamente os falantes da GII para a leitura em voz alta. Os resultados aqui descritos podem ser melhor visualizados no gráfico 14.



**GRÁFICO 14:** Tonicidade silábica das dessonorizações e sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt (análise diacrônica)

Para finalizar, com respeito ao tipo de oclusiva, os três grupos analisados apresentaram diferentes ordenamentos, sendo as sequências de padrões distintos de mais para menos: <B, G, D, K, P/T> para os dados atuais da GI; <G, B, D, K, T, P> para os dados atuais da GII e <T, D, B, G, C, P> para os dados antigos (cartas), conforme demonstra o gráfico 15.



**GRÁFICO 15:** Tipo de oclusiva desonorizada/sonorizada (análise diacrônica)

Chama a atenção o fato de que nos dados atuais, tanto da GI quanto da GII, as oclusivas sonoras são as que mais apresentam padrões distintos, enquanto que, nos dados das cartas, o maior número de dados em desacordo com o padrão do português encontra-se em uma oclusiva surda. Em razão do pequeno número de dados escritos analisados não é possível fazer afirmações a respeito da diferença existente. Talvez o simples fato de comparar modalidades/estilos distintos (oral *versus* escrita) já seja um dos motivos da diferença nos resultados. Tudo isso evidencia, de certa forma, as dificuldades de uma análise diacrônica, quando não se possui dados plenamente comparáveis de um mesmo estilo e perfil sócio-cultural de falantes. O que os resultados da análise dos três conjuntos de dados (dados escritos de cartas antigas, dados orais de GII e GI atuais) pode estar indicando é muito mais uma variação diafásica (entre estilos de leitura e de escrita de uma carta), ou diamésica (entre meio oral e escrito) do que propriamente uma diferença no eixo macrocronológico (pergunta de pesquisa 1c).

Vejamos, a seguir, o que é possível identificar com respeito à influência da escolaridade, que distingue os dois grupos de informantes do ALMA-H (Ca e Cb), para a análise da dimensão diastrática.

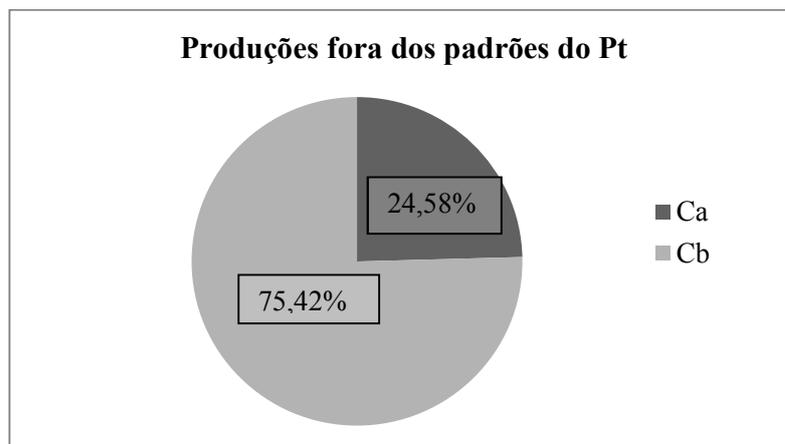
### 4.3 Análise da terceira etapa: dimensão diastrática

A terceira etapa de análise dos dados ocupou-se com o objetivo específico 2) da Tese, em que se buscou analisar o papel da escolaridade nos processos de desonorização ou sonorização das oclusivas motivados pela influência da língua de imigração hunsriqueana na leitura em português dos informantes do ALMA-H. Esse objetivo implica, acima de tudo, em comparar os resultados das leituras dos informantes dos dois estratos sociais considerados, Ca e Cb. Essa comparação diastrática é recomendável, contudo, que se complemente com aspectos do contexto sócio-histórico da escolarização que são distintos nas duas gerações (GI e GII) e nos diferentes pontos/áreas de pesquisa (16 localidades – ver 4.4) A pergunta de pesquisa associada a este objetivo específico 2), vale lembrar, é a seguinte:

**2a)** As transferências analisadas são exclusivas das classes menos escolarizadas? Qual o papel da escolaridade no grau de ocorrência das transferências de sonorização/dessonorização?

Para responder a esta pergunta, foram analisadas 59 leituras em português dos dois primeiros parágrafos da ‘Parábola do Filho Pródigo’, feitas nos 16 pontos selecionados do Projeto ALMA-H. Dessas 59 leituras, 30 foram lidas por informantes da Ca e 29, por informantes da Cb. O segmento do texto analisado resultou em uma amostra de 4.890 oclusivas na Ca (163 oclusivas vezes 30 leituras) e 4.727 na Cb (163 oclusivas vezes 29 leituras). Foram descartadas 100 ocorrências, por conterem erros de gravação ou sobreposições de vozes. Com isso, foram utilizados para a análise final 9.517 dados, sendo 4.860 da Ca e 4.657, da Cb.

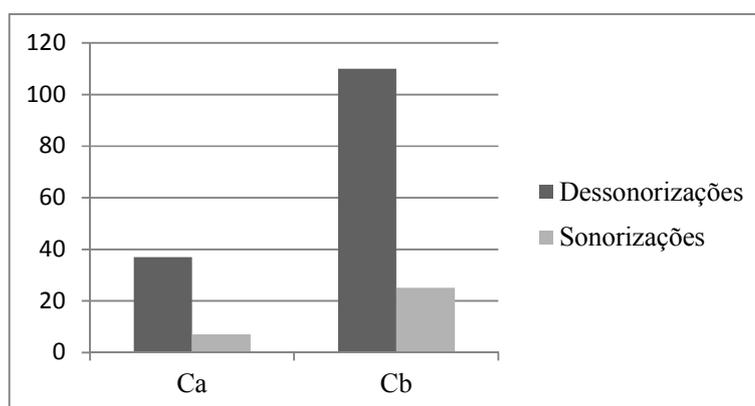
Conforme já dito na análise das gerações, dos 9.517 dados, apenas 179 ocorrências dizem respeito a desonorizações ou sonorizações desviantes dos padrões do português. Deste total, 44 ocorreram em leituras da Ca (24,58%) e 135, da Cb (75,42%), como mostra o gráfico 16. Em relação ao total de oclusivas produzidas nesse segmento do texto (4.860 na Ca e 4.657 na Cb), o número de oclusivas produzidas fora do padrão do português equivale a 0,90% na Ca e 2,89% na Cb.



**GRÁFICO 16:** Produções das oclusivas divergente dos padrões do Pt na Ca e Cb (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

Como já se colocou na análise diageracional, das 179 realizações de oclusivas fora do padrão fonético do português, 147 foram dessonorizações e 32, sonorizações. Das 147 dessonorizações, 37 foram produzidas por informantes da Ca (25,17%) e 110 por informantes da Cb (74,83%). Das 32 sonorizações, sete foram produzidas por informantes da Ca (21,88%) e 25 por informantes da Cb (78,12%).

Das 44 produções divergente dos padrões do português produzidas por informantes da Ca, 37 foram dessonorizações (84,09%) e sete sonorizações (15,91%), enquanto que das 135 produções da Cb, 110 foram dessonorizações (81,48%) e 25 sonorizações (18,52%). A comparação dos resultados dessas duas classes pode ser melhor visualizada através do gráfico 17.

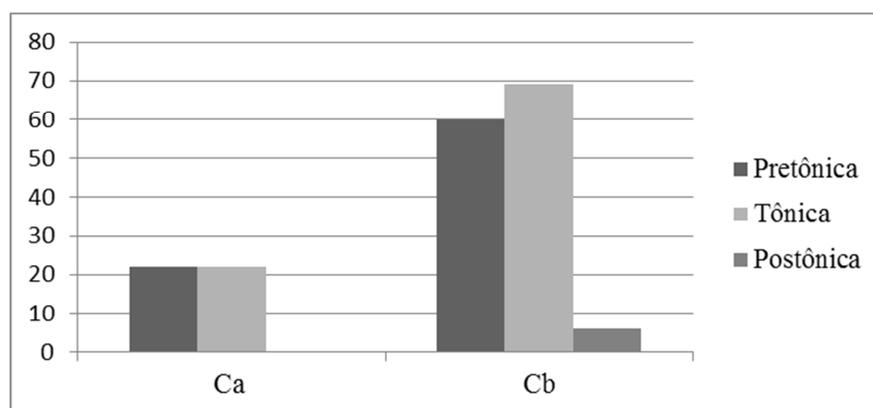


**GRÁFICO 17:** Dessonorizações/Sonorizações das oclusivas divergente dos padrões do Pt na Ca e na Cb (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

Como se vê, há uma nítida marcação diastrática das transferências de sonoridade nos dados analisados, pois a Cb produz muito mais dessonorizações e também mais sonorizações (interpretadas como hipercorreções). Isso significa que a escolaridade desempenha um papel relevante no sentido de inibir esses processos do padrão fonológico do hunsriqueano no português. Mas isso pode não ser o único fator que atua nessa diferença. É preciso considerar que os informantes da Ca possuem, de modo geral, um grau de proficiência maior em português do que os da Cb, tendo em vista que as práticas linguísticas da Ca, em função inclusive de sua ocupação e *modus vivendi*, tendem a ser mais frequentes em português. Seria necessário recolher mais informações sobre essas práticas, que nesse momento de análise do *corpus* ainda não foram possíveis.

Com relação à tonicidade silábica, dos 179 dados, 82 ocorreram em sílaba pretônica (45,81%), 91 em sílaba tônica (50,84%) e seis em postônica (3,35%). Dos 82 dados em sílaba pretônica, 22 foram produzidos pela Ca (26,83%) e 60 foram produzidos pela Cb (73,17%). Dos 91 dados em sílaba tônica, 22 foram produzidos pela Ca (24,18%) e 69, pela Cb (75,82%). Por fim, todos os seis dados em sílaba postônica foram produzidos pela Cb (100%).

Das 44 oclusivas divergentes do padrão do português produzidas pela classe alta, 22 ocorreram em sílaba pretônica (50%), outras 22 em sílaba tônica (50%) e nenhuma em sílaba postônica (0%). Já das 135 oclusivas produzidas pela classe baixa, 60 ocorreram em sílaba pretônica (44,45%), 69 em sílaba tônica (51,11%) e seis em postônica (4,44%). Conforme se pode perceber através do gráfico 18, seguem aqui as mesmas tendências observadas na comparação dos dados da Ca e da Cb quanto ao tipo de processo envolvido.

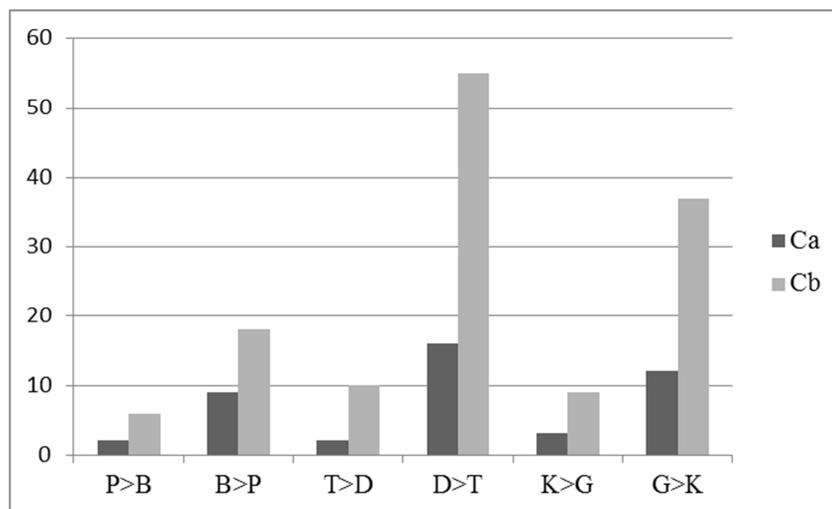


**GRÁFICO 18:** Tonicidade das transferências de oclusivas na Ca e Cb (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

Todos os 22 padrões distintos em sílaba pretônica da Ca envolveram dessonorizações (100%). Já os 22 casos observados em sílaba tônica representaram 15 dessonorizações (68,18%) e sete sonorizações (31,82%). Comparando os padrões apresentados pela Ca com as regras de vozeamento do hunsriqueano, 37 produções distintas dos padrões do português da Ca estavam de acordo com essas regras (84,09%) e sete em desacordo (15,91%).

Por outro lado, dos 60 dados em sílaba pretônica da Cb, 53 envolveram dessonorizações (88,33%) e sete, sonorizações (11,67%). Dos 69 dados em sílaba tônica, ocorreram 53 dessonorizações (76,81%) e 16 sonorizações (23,19%). Já nos seis dados em sílaba postônica houve quatro dessonorizações (66,67%) e duas sonorizações (33,33%). Das oclusivas observadas nos dados da Cb, 108 seguiram as regras do hunsriqueano (80%), enquanto que 27 foram contrárias a elas (20%). Isso significa que, na comparação com a Ca, a Cb realizou mais hipercorreções.

Finalmente, quanto ao tipo de oclusiva em que ocorreram as dessonorizações/sonorizações, dos 179 dados produzidos por ambos os grupos, oito ocorreram na oclusiva <P>, 27 na oclusiva <B>, 12 na oclusiva <T>, 71 na oclusiva <D>, 12 na oclusiva <K> e 49 na oclusiva <G>. Nos dados da Ca registraram-se dois dados divergente dos padrões na oclusiva bilabial surda <P>, nove na oclusiva bilabial sonora <B>, dois na oclusiva alvéolo-dental surda <T>, 16 na oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, três na oclusiva velar surda <K> e 12 na oclusiva velar sonora <G>. Já a classe baixa produziu seis dados distintos dos padrões do português na oclusiva bilabial surda <P>, 18 na oclusiva bilabial sonora <B>, 10 na oclusiva alvéolo-dental surda <T>, 55 na oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, nove na oclusiva velar surda <K> e 37 na oclusiva velar sonora <G>. O gráfico 19 permite comparar melhor essas diferenças com relação ao tipo de oclusiva produzidas pelos grupos Ca e Cb.



**GRÁFICO 19:** Tipo de oclusiva transferida pela Ca e pela Cb (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

A partir do gráfico 19, é possível observar, abstraindo as diferenças de resultado entre Ca e Cb, que ambas as classes seguem a mesma tendência de dessonorização/sonorização quanto ao tipo de oclusiva, produzindo na mesma ordem um maior número de padrões distintos do português primeiro na oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, em seguida na velar sonora <G> e, por último, na bilabial sonora <B>. Apenas as oclusivas surdas apresentaram uma ordem de frequência diferente na comparação entre as duas classes, mesmo assim com uma diferença de índices não tão significativa.

Observando a relação entre o número de oclusivas existentes e o número de produções distintas, tem-se na tabela 3 o real ordenamento de transferências (em termos de percentual) de cada uma das oclusivas nas duas classes sócio-culturais analisadas.

**TABELA 3:** Percentual de transferências em cada uma das oclusivas analisadas (Ca e Cb - 59 leituras)

Oclusiva	Grupo	Total nas 30 (Ca)/ 29 (Cb) leituras	Anuladas	Total lido	Nº de ocorrências fora do padrão	%
<P>	Ca	28 X 30=840	3	837	2	0,23%
	Cb	28 X 29=812	6	806	6	0,74%
<B>	Ca	6 X 30= 180	2	178	9	5,05%
	Cb	6 X 29= 174	6	168	18	10,71%
<T>	Ca	40 X 30= 1.200	10	1.190	2	0,16%
	Cb	40 X 29= 1.160	18	1.142	10	0,87%
<D>	Ca	50 X 30= 1.500	9	1.491	16	1,07%
	Cb	50 X 29= 1.450	26	1.424	55	3,86%
<K>	Ca	30 X 30= 900	5	895	3	0,33%
	Cb	30 X 29= 870	12	858	9	1,04%
<G>	Ca	9 X 30= 270	1	269	12	4,46%
	Cb	9 X 29= 261	2	259	37	14,28%

Diferentemente do gráfico 19, percebe-se, a partir da análise de porcentagem das taxas de transferência, a seguinte sequência partindo da oclusiva com mais transferência para a com menos transferência na Ca: oclusiva bilabial sonora <B>, oclusiva velar sonora <G>, oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, oclusiva velar surda <K>, oclusiva bilabial surda <P> e oclusiva alvéolo-dental surda <T>. Já na Cb a sequência é a seguinte: oclusiva velar sonora <G>, oclusiva bilabial sonora <B>, oclusiva alvéolo-dental sonora <D>, oclusiva velar surda <K>, oclusiva alvéolo-dental surda <T> e oclusiva bilabial surda <P>. Apesar das diferenças apresentadas entre as classes, observa-se, novamente, o maior número de padrões distintos do português nas oclusivas sonoras seguido das surdas, tanto na Ca quanto na Cb.

Em resumo, pode-se concluir, a partir das análises apresentadas nesta fase, que buscou responder se as transferências analisadas eram exclusivas da classe menos escolarizada, buscando, ao mesmo tempo, determinar o papel da escolaridade no grau de ocorrência das transferências de sonoridade das oclusivas (pergunta de pesquisa 2a)), que os dados confirmam essa influência, na medida em que a Ca apresenta muito menos desses casos (24,58% contra 75,42% da Cb). Essa conclusão precisa no entanto ser atrelada a outros fatores que caracterizam as práticas linguísticas e a competência bilíngue em português e hunsriqueano de ambos os grupos, visto que, mesmo assim, os resultados mostraram que as transferências analisadas na Tese não são exclusivas da classe menos escolarizada (Cb).

#### **4.4 Análise da quarta etapa: dimensão diatópica**

Chegamos, por fim, à etapa final de macroanálise dos dados, enfocando especificamente a dimensão diatópica. Usando uma metáfora para ilustrar os diversos passos da pesquisa, até aqui descrevemos as diferenças na produção das oclusivas como num baralho de cartas, separando do total do baralho as cartas vermelhas (transferências de dessonorização/sonorização do padrão fonológico do hunsriqueano para o português) e descrevendo entre essas as diferenças entre os naipes e os grupos de cartas que interessaram no momento. (Por razões práticas, vale lembrar, deixamos de fora a comparação entre as damas e os valetes – dimensão diassexual.) Esta quarta e última etapa do jogo (a pesquisa) consiste em distribuir as cartas (as vermelhas) entre os 16 jogadores, que representam os diferentes pontos/localidades que participaram da pesquisa e que representam a dimensão e análise da variação diatópica. Constitui o objetivo (objetivo específico 3)), aqui, verificar se esses jogadores jogam diferente as cartas vermelhas (transferências de dessonorização/sonorização das oclusivas). A pergunta de pesquisa que se coloca é a seguinte:

**3a)** Há variação no grau de transferência associada ao contexto sociogeográfico de cada localidade da rede de pontos do Projeto ALMA-H ?

A hipótese que se colocou na introdução (v. hipótese 9)) foi de que o contexto sociogeográfico da rede de pontos analisados influencia na manutenção ou redução do número de transferências. Para constatar em que medida e de que modo se dá essa influência, decidiu-se dividir os 16 pontos de análise de dados em dois quesitos: índice populacional e área histórico-geográfica do ponto de pesquisa.

Com relação ao **índice populacional**, identificam-se dois grupos de localidades de pesquisa: a) pontos com baixo índice populacional (B<sup>111</sup>: sinalizado com a cor branca no Quadro 18): englobam-se aqui os pontos com até 15.000 habitantes (pontos que apresentam presença maior do português de contato); b) pontos com alto índice populacional (A: sinalizado com a cor cinza no Quadro 18): os pontos com mais de 15.000 habitantes (pontos que apresentam presença maior do português luso-brasileiro).

No que diz respeito à **área histórico-geográfica** do ponto, distinguem-se: a) colônia velha (CV: sinalizada com a cor cinza no Quadro 19): os pontos de imigração mais antiga, que receberam imigrantes diretamente da matriz de origem europeia (com presença maior do português de contato); b) colônias novas (CN: sinalizadas com a cor branca no Quadro 19): os pontos mais recentes (*Tochterkolonien*) originados da migração de descendentes das colônias anteriores (colônias velhas ou “colônias matriciais” – *Mutterkolonien*) – (com presença maior do português luso-brasileiro).

Outra distinção, como por exemplo entre a fala de informantes da área rural e da área urbana (*dimensão diazonal*, como sugere MARGOTTI, 2004), se mostra relevante. Na presente Tese essa distinção aparece de certo modo atrelada ao perfil dos pontos do ALMA-H, separados em pontos com índice populacional menor ([+rural]) e maior ([-rural]). O índice populacional foi adotado por ser um critério mais concreto e aplicável do que uma caracterização diazonal à exaustão. Mesmo assim, espera-se que o índice populacional e a área histórico-geográfica deem conta também dessa distinção, pelo menos em parte, tendo em vista que metade dos pontos

---

<sup>111</sup> Sigla ‘B’= baixo índice populacional. Sigla ‘A’= alto índice populacional. Sigla ‘CV’= colônia velha. Sigla ‘CN’= colônia nova.

apresenta um português de contato mais arraigado (colônias velhas e com baixo índice populacional), o que pode justificar essas diferenças.

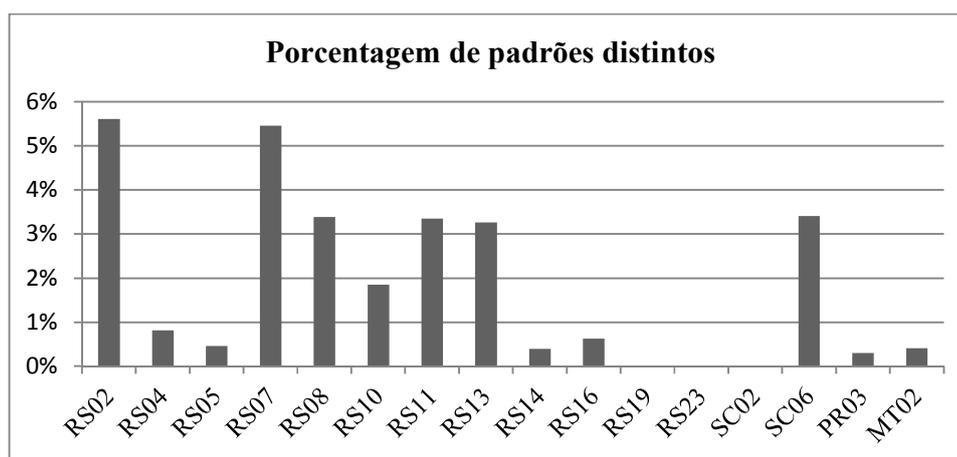
+	Sigla do Ponto	Município	Número de habitantes
Índice Populacional	RS13	Santa Cruz do Sul	124.577
	MT02	Sinop	123.634
	RS19	Panambi	40.439
	RS05	Igrejinha	33.711
	RS14	Candelária	31.334
	SC02	Ituporanga	23.490
	RS02	Ivoti	21.450
	RS23	Horizontina	19.112
	SC06 (CaGI e CaGII)	Itapiranga	16.107
	RS16	Arroio do Tigre	13.235
	PR03	Missal	10.813
	RS04	Santa Maria do Herval	6.295
	SC06 (CbGI e CbGII)	São João do Oeste	6.211
	RS07	Harmonia	4.571
	RS08	Alto Feliz	3.035
RS11	Forquetinha	2.537	
-	RS10	Colinas	2.497

**QUADRO 18:** Índice populacional dos 16 pontos de pesquisa analisados

+	Sigla do Ponto	Município	Ano de início da imigração
Área histórico-geográfica	RS02	Ivoti	1826
	RS04	Santa Maria do Herval	1835
	RS08	Alto Feliz	1846
	RS05	Igrejinha	1847
	RS13	Santa Cruz do Sul	1849
	RS11	Forquetinha	1853
	RS07	Harmonia	1856
	RS10	Colinas	1860
	RS14	Candelária	1863
	RS19	Panambi	1898
	RS16	Arroio do Tigre	Ca. 1900
	SC02	Ituporanga	1912
	SC06	Itapiranga/São João do Oeste	1926
	RS23	Horizontina	1928
	PR03	Missal	1960
-	MT02	Sinop	1974

**QUADRO 19:** Pontos de pesquisa quanto à área histórico-geográfica em que se situam

Começo, como nas dimensões anteriores, com a análise do **número total de transferências de dessonorização/sonorização desviantes dos padrões fonéticos** do português. Do total de 179 dados levantados, 35 foram produzidos por informantes do ponto RS02 (5,61%<sup>112</sup>), 34 por informantes do ponto RS07 (5,46%), 22 por informantes do ponto SC06 (3,41%) e RS08 (3,39%), 16 por informantes do ponto RS11 (3,35%), 21 por informantes do ponto RS13 (3,26%), 12 por informantes do ponto RS10 (1,85%), quatro por informantes dos pontos RS04 (0,81%) e RS16 (0,62%), três por informantes do ponto RS05 (0,46%), dois por informantes dos pontos MT02 (0,41%), RS14 (0,40%) e PR03 (0,30%) e nenhum por informantes dos pontos RS19, RS23 e SC02. Por esses números, pode-se já identificar uma polarização entre os pontos com mais de 3% e os com menos de 1%, com um dos pontos em posição intermediária (menos de 2%). O gráfico 20 ajuda a visualizar melhor essa polarização nos resultados<sup>113</sup>.



**GRÁFICO 20:** Porcentagem de oclusivas com padrões distintos do Pt nos 16 pontos (59 leituras -1º e 2º parágrafo)

<sup>112</sup> Os percentuais apresentados aqui se referem à comparação do **número de oclusivas lida versus o número de transferências apresentadas por ponto**. No ponto RS02, por exemplo, o informante CaGI leu 163 oclusivas e não apresentou transferências nas leituras (CaGI = 0% de transferência - 0 em 163 dados lidos); o informante CaGII leu 162 oclusivas e apresentou 15 transferências (CaGII = 9,25% de transferência - 15 em 162 dados lidos); o informante CbGI leu 163 oclusivas e apresentou 1 transferência (CbGI = 0,61% de transferência - 1 em 163 dados); por fim, o informante CbGII leu 151 oclusivas e apresentou 19 transferências (CbGII = 12,58% de transferência - 19 em 151 dados). Somando os percentuais apresentados, ou seja, 0% (CaGI) + 9,25% (CaGII) + 0,61% (CbGI) + 12,58% (CbGII) temos um total de 22,44%, o qual dividido pelo número de informantes (neste ponto 4) chega a marca de 5,61% apresentada. Para os outros pontos ver tabela 5 (Anexo D).

<sup>113</sup> Se considerarmos o percentual dos 179 dados divergente dos padrões do português por ponto, sem observar o **número de oclusivas lida versus o número de transferências apresentadas**, teremos os seguintes índices: RS02 (19,55%), RS07 (18,99%), SC06 (12,29%), RS08 (12,29%), RS13 (11,73%), RS11 (8,04%), RS10 (6,70%), RS04 (2,24%), RS16 (2,24%), RS05 (1,67%), MT02 (1,12%), RS14 (1,12%), PR03 (1,12%), RS19 (0%), RS23 (0%) e SC02 (05).

Se agruparmos esses valores por área histórico-geográfica, vemos que, 149 dos 179 dados divergente dos padrões do português foram produzidos por informantes pertencentes às colônias velhas (83,24%) e apenas 30 por informantes pertencentes às colônias novas (16,76%), sendo que grande parte se encontra especialmente em um ponto, SC06. Essa clara diferença, perceptível já no gráfico 20, explica em parte a polarização de resultados percebida acima e complementa, de certa forma, a tendência de mudança em curso observada na análise diacrônica e diageracional, uma vez que se tem também aqui uma comparação entre um ponto/dado mais antigo e outro mais recente. Evidentemente, essa constatação só é possível porque a cada área histórico-geográfica também estão associados outros fatores que condicionam esse resultado, entre os quais o tipo de português (de contato ou luso-brasileiro) e o índice populacional.

Com relação ao índice populacional, foram observadas 116 ocorrências de oclusivas desviantes do padrão do português em leituras de pontos com baixo índice. Isso equivale a 64,80% do total. Nos pontos com maior índice, esse número cai para 63 (35,20%).

Ao cartografar esses dados, tem-se um subsídio a mais para entender essas diferenças. O mapa 001 (Anexo C) corrobora o que se observou já na análise estatística sobre a distribuição do **total de oclusivas com padrões distintos** do português nos 16 pontos de análise dos dados<sup>114</sup>. A partir do mapa, observam-se as seguintes particularidades:

- a) os pontos que não apresentam transferência (RS19, RS23 e SC02) são todos pontos pertencentes às colônias novas (cf. quadro 19) e com alto índice populacional (cf. quadro 18);
- b) os pontos que apresentam mais padrões distintos (RS02 (5,61%) e RS07 (5,46%) são pontos pertencentes às colônias velhas (cf. quadro 19) e com índice populacional variado: alto (RS02) e baixo (RS07) (cf. quadro 18);

---

<sup>114</sup> Os valores totais e os percentuais que serviram de base para a construção dos mapas (Anexo C) encontram-se nas tabelas apresentadas no Anexo D.

- c) de modo geral, observa-se um predomínio de padrões distintos em informantes pertencentes às colônias velhas e com baixo índice populacional, como se pode deduzir do quadro 20<sup>115</sup>;
- d) confirmando o que se observou já nas etapas anteriores de análise dos dados, o mapa 001 mostra o predomínio de padrões distintos nos informantes CbGII, seguidos dos informantes CaGII, CbGI e, por fim, CaGI.

	Ponto	Município	Percentual de padrões distintos	Índice populacional	Área histórico-geográfica
+	RS02	Ivoti	5,61%	alto	Colônia Velha
	RS07	Harmonia	5,46%	baixo	Colônia Velha
	SC06	São João do Oeste	3,41%	baixo	Colônia Nova
	RS08	Alto Feliz	3,39%	baixo	Colônia Velha
	RS11	Forquetinha	3,35%	baixo	Colônia Velha
	RS13	Santa Cruz do Sul	3,26%	alto	Colônia Velha
	RS10	Colinas	1,85%	baixo	Colônia Velha
	RS04	Santa Maria do Herval	0,81%	baixo	Colônia Velha
	RS16	Arroio do Tigre	0,62%	baixo	Colônia Nova
	RS05	Igrejinha	0,46%	alto	Colônia Velha
	MT02	Sinop	0,41%	alto	Colônia Nova
	RS14	Candelária	0,40%	alto	Colônia Velha
	PR03	Missal	0,30%	baixo	Colônia Nova
	-	RS23	Horizontina	0%	alto
RS19		Panambi	0%	alto	Colônia Nova
SC02		Ituporanga	0%	alto	Colônia Nova

**QUADRO 20:** Comparativo entre percentual de oclusivas com padrões distintos do Pt, índice populacional e área histórico-geográfica

A fim de ampliar a análise diatópica, elaborei uma série de mapas adicionais, para explicitar comparativamente os aspectos observados nas análises das etapas anteriores, envolvendo os condicionamentos linguísticos (etapa 1) e as dimensões diageracional e diacrônica (etapa 2) e diastrática (etapa 3). Esses mapas envolvem o seguinte:

a) **Tipo de processo** envolvido:

<sup>115</sup> O quadro 21 foi dividido em 3 cores, conforme o número de padrões distintos presentes em cada um dos pontos, sendo os com maiores índices de padrões distintos representados pela cor cinza escuro (de 5,61% até 1,85%), os com índices intermediários pela cor cinza claro (de 0,81% até 0,30%) e os sem padrões distintos pela cor branca.

- Mapa 002 – Total de dessonorizações de oclusivas sonoras;
- Mapa 003 – Total de sonorizações de oclusivas surdas.

**b) Tonicidade silábica:**

- Mapa 004: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba pretônica;
- Mapa 004.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba pretônica;
- Mapa 004.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba pretônica;
- Mapa 005: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba tônica;
- Mapa 005.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba tônica;
- Mapa 005.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba tônica;
- Mapa 006: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba postônica;
- Mapa 006.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba postônica;
- Mapa 006.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba postônica.

**c) Tipo de oclusiva dessonorizada/sonorizada:**

- Mapa 007: Sonorizações de /p/;
- Mapa 008: Dessonorizações de /b/;
- Mapa 009: Sonorizações de /t/;
- Mapa 010: Dessonorizações de /d/;
- Mapa 011: Sonorizações de /k/;
- Mapa 012: Dessonorizações de /g/.

**d) Palavras dessonorizadas com maior frequência:**

- Mapa 013: G(uardar);
- Mapa 014: B(olotas);
- Mapa 015: G(astou);
- Mapa 016: B(ens);
- Mapa 017: (desre)G(rada).

Considerando o **tipo de processo**, das 147 dessonorizações apresentadas, 118 foram produzidas por informantes pertencentes às colônias velhas (80,27%) e 29 por informantes pertencentes às colônias novas (19,73%). Quanto ao índice populacional, 95 ocorreram em pontos com menor índice, equivalente a 64,62%, e 52 em pontos com maior índice (35,38%).

A macrovisão dada pelo mapa 002 (Anexo C), combinada com a tabela 6 (Anexo D), permite afirmar que sete dos 16 pontos apresentaram mais de 1,5% de dessonorizações de oclusivas sonoras (RS02, RS07, SC06, RS11, RS13, RS08 e RS10). Destes, seis localizam-se nas colônias velhas e um, na colônia nova. Com relação ao índice populacional, cinco são pertencentes a pontos com menor índice e dois, com maior índice. Com relação aos grupos, observa-se nas dessonorizações a mesma tendência apresentada no número total de padrões distintos, tendo os informantes CbGII o maior percentual de dessonorizações, seguido dos informantes CaGII, CbGI e, por último, CaGI.

Das 32 sonorizações apresentadas, 31 foram produzidas por informantes pertencentes às CV (96,87%) e uma apenas por informante pertencente à CN (3,13%). Com relação ao índice populacional, 21 foram produzidas por informantes de localidades de índice B (65,62%) e 11 por informantes de localidades de índice A (34,38%).

Destacam-se, no mapa 003 e na tabela 7, quatro pontos com mais de 0,60% de sonorizações (RS07, RS02, RS08 e RS13). Os quatro pontos em destaque são pontos pertencentes às colônias velhas. A metade apresenta baixo índice populacional. A sequência de sonorizações dos grupos é a mesma ocorrida nas outras análises (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

Com relação à **tonicidade silábica**<sup>116</sup>, o mapa 004 destaca cinco pontos com mais de 1,50% de produções divergente dos padrões do português em sílaba pretônica (RS07, RS08, SC06, RS11 e RS02). Destes, quatro são pontos pertencentes às colônias velhas e um à colônia nova. Quatro apresentam baixo índice populacional e um alto índice. A sequência de padrões distintos em sílaba pretônica é, aqui, a mesma presente nas outras análise (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI). Em termos percentuais, como mostra a tabela 8, dos 82 dados em sílaba pretônica, 65 foram realizados por informantes pertencentes às CV (79,27%) e 17 por informantes advindos das CN (20,73%), 59 provêm de informantes de localidades de índice B (71,95%) e 23, de índice A (28,05%).

---

<sup>116</sup> A **tonicidade silábica** é representada pelos mapas 004 a 006.2 e pelas tabelas 8 a 16, respectivamente.

As desonorizações da sílaba pretônica estão ilustradas no mapa 004.1. Destacam-se, neste mapa, sete pontos, os quais apresentam mais de 0,75% de desonorizações (RS07, SC06, RS02, RS11, RS08, RS13 e RS10). O índice populacional e a área histórico-geográfica dos pontos é a mesma do mapa 002. A sequência dos grupos segue a mesma apresentada até o momento. Das 75 desonorizações em sílaba pretônica, 58 foram produzidas por informantes pertencentes às CV (77,33%) e 17 por informantes das CN (22,67%). Quanto ao índice populacional, 53 foram produzidas por informantes de localidades com índice B (70,67%) e 22 por informantes de localidades com índice A (29,33%).

Das sete sonorizações da sílaba pretônica, todas foram produzidas por informantes das CV (100%), sendo seis de contextos de índice B (85,71%) e uma de informante de localidade de índice A (14,29%). Na cartografia dos dados (v. mapa 004.2), evidencia-se que são pouquíssimas as sonorizações apresentadas. Na realidade, apenas quatro células contêm resultados de oclusivas surdas sendo sonorizadas (todas com mais de 0,15%). Novamente repetem-se os mesmos pontos pertencentes às colônias velhas (RS08, RS07, RS11 e RS02), como sendo os mais propensos às transferências (três com baixo índice populacional e um com alto índice). O que mais chama a atenção, neste item, é o fato de todas as produções divergente dos padrões do português serem de informantes CbGII.

Para os 91 dados de oclusivas em sílaba tônica, registraram-se em pontos das CV 79 ocorrências (o equivalente a 86,81%) contra 12 ocorrências nas CN, isto é, 13,19%. Deste total, 55 ocorreram com informantes de localidades de índice B (60,44%) e 36, com informantes de localidades de índice A (39,56%). As produções divergente dos padrões em sílaba tônica são ilustradas pelo mapa 005. Destacam-se, aqui, os mesmos sete pontos do mapa 002, ou seja, RS02, RS07, RS13, RS11, SC06, R08 e RS10, porém com outra sequência e com percentual, neste tópico, de mais de 1% de casos de transferência. Os grupos com mais produções divergente dos padrões em sílaba tônica seguem a sequência registrada até aqui (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

As desonorizações em sílaba tônica estão representadas no mapa 005.1. Das 68 desonorizações em sílaba tônica, 57 foram produzidas por informantes das CV (83,82%) e 11 por informantes das CN (16,18%), sendo 41 produzidas por informantes de localidades de índice B (60,29%) e 27, por informantes de localidades de índice A (39,71%). Apesar de pertencerem aos mesmos sete pontos que as anteriores, as desonorizações em sílaba pretônica apresentam uma pequena diferença sequencial (RS02, RS07, SC06, RS11, RS13, RS08 e RS10), além de

serem produzidas com um percentual superior aos 0,75% em todos os pontos de destaque. O ordenamento que vai do grupo com mais até o com menos dessonorizações em sílaba pretônica segue o usual (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

Diferentemente das dessonorizações, as sonorizações em sílaba tônica destacam-se em apenas três pontos (RS07, RS02 e RS13), todos com mais de 0,60% de oclusivas surdas sonorizadas. Das 23 sonorizações registradas nesta posição, 22 foram produzidas por informantes das CV (95,65%) e uma por informante da CN (4,35%), sendo 14 de informantes de localidades de índice B (60,87%) e nove de índice A (39,13%). No mapa 005.2, observa-se que se destacam pontos pertencentes às colônias velhas, sendo dois com alto índice populacional e um com baixo índice. O ordenamento dos grupos que produziram oclusivas surdas sonorizadas em sílaba tônica segue a mesma sequência apresentada pela grande maioria das análises (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

Por fim, o mapa 006 mostra as seis ocorrências de oclusivas desviantes do padrão do português, em sílaba postônica. Nesta posição, os desvios são pouco frequentes, sendo cinco ocorridos com informantes das CV (83,33%) e um por informante da CN (16,67%); dois com informantes de localidades de índice B (33,33%) e quatro com informantes de localidades de índice A (66,67%). Observa-se transferência de sonoridade em apenas quatro células (todas com mais de 0,10%), pertencentes aos pontos RS02, RS07, RS13 e SC06 (três pontos pertencentes às colônias velhas e um à nova/ metade com baixo índice populacional e metade com alto índice). As produções divergente dos padrões em sílaba postônica ocorrem apenas nos informantes da classe baixa (CbGII (5 casos) e CbGI (1 caso)).

As dessonorizações em sílaba postônica são representadas no mapa 006.1. Das quatro dessonorizações nesta posição, três ocorreram com informantes das CV (75%) e uma com informante da CN (25%). Quanto ao índice populacional do ponto de pesquisa, uma ocorrência provém de informante de localidade de índice B (25%) e três, de índice A (75%). As ocorrências de dessonorização em sílaba postônica aparecem em apenas três células (todas com mais de 0,10%), pertencentes aos pontos RS02, RS13 e SC06. Destes, dois pontos pertencem às CV e um à CN, sendo um com baixo índice populacional e dois com alto índice. As dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba postônica ocorrem três vezes no grupo CbGII e uma vez no grupo CbGI.

As duas sonorizações em sílaba postônica ocorreram com informantes das CV (100%), sendo metade com índice B (50%) e a outra metade com índice A (50%). As sonorizações em

sílaba postônica são ilustradas no mapa 006.2. Elas são produzidas somente em duas células (com 0,16% cada), por informantes dos pontos RS02 e RS07 (ambos pontos pertencentes às colônias velhas, com índice populacional dividido entre alto e baixo). As duas sonorizações de oclusivas surdas em sílaba postônica acontecem com informantes CbGII.

Quanto ao **tipo de oclusiva**<sup>117</sup>, das oito ocorrências de desvio do padrão do português envolvendo a oclusiva bilabial surda /p/, todas foram produzidas por informantes das CV (100%), das quais cinco foram produzidas por informantes de localidades de índice B (62,5%) e três por informantes de localidades de índice A (37,5%). Conforme o mapa 007, essas sonorizações concentram-se em cinco pontos distintos (RS02, RS07, RS08, RS10 e RS13), todos pertencentes às colônias velhas, sendo três pontos com índice populacional baixo e dois com alto índice. Vale destacar que as sonorizações da oclusiva bilabial surda foram realizadas apenas por informantes da GII, sendo seis na Cb e duas na Ca.

No que se refere às dessoronizações da oclusiva bilabial sonora /b/, representadas no mapa 008, de 27 casos, 20 ocorreram com informantes das CV (74,07%) e sete com informantes das CN (25,93%), sendo 18 de informantes de localidades de índice B (66,67%) e nove de informantes de localidades de índice A (33,33%). Essas dessoronizações ocorreram em 11 dos 16 pontos analisados, destacando-se com mais de 0,30% em sete deles (RS02, SC06, RS08, RS07, RS13, RS11 e RS10). Os pontos que se destacaram são os mesmos descritos nos mapas 002 e 005. O ordenamento dos grupos que apresentaram dessoronizações da oclusiva bilabial sonora segue a tendência usual (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

As sonorizações da oclusiva alvéolo-dental surda /t/, representadas no mapa 009, foram produzidas apenas por informantes de quatro células (todas com mais de 0,25%), provenientes dos pontos RS07, RS13, RS02 e RS08 (todos pontos pertencentes às colônias velhas, dois com índice populacional baixo e dois com alto índice). As sonorizações da oclusiva alvéolo-dental surda foram produzidas somente por informantes da GII, sendo 10 na Cb e duas na Ca. As 12 ocorrências registradas ocorreram exclusivamente com informantes das CV (100%), sendo sete produzidas por informantes de localidades de índice B (58,33%) e cinco por informantes de localidades de índice A (41,67%).

---

<sup>117</sup> Os mapas 007 a 012 e as tabelas 17 a 22, respectivamente, descrevem o tipo de oclusiva dessoronizadas/sonorizada nos 16 pontos analisados.

O processo mais corrente observado nos dados foi o das dessonorizações da oclusiva alvéolo-dental sonora /d/. Conforme mostra o mapa 010, 9 dos 16 pontos apresentam dessonorizações dessa consoante, com destaque para sete pontos que apresentaram um índice superior a 0,90% de dessonorizações (RS02, RS07, RS11, RS13, SC06, RS08 e RS10). Merecem destaque os mesmos pontos dos mapas 002, 005 e 008. Das 71 ocorrências de dessonorização da oclusiva alvéolo-dental sonora /d/, 62 ocorreram com informantes das CV (87,32%) e nove com informantes das CN (12,68%). Com relação ao índice populacional, 46 ocorreram com informantes de localidades de índice B (64,79%) e 25 com informantes de localidades de índice A (35, 21%). O ordenamento das dessonorizações da oclusiva alvéolo-dental sonora também seguiu a tendência apresentada pela maioria dos mapas (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

Em relação à oclusiva velar surda /k/, 11 das 12 ocorrências levantadas foram produzidas por informantes das CV (91,67%) e uma por informante da CN (8,33%), sendo que nove foram produzidas por informantes de localidades de índice B (75%) e três por informantes de localidades de índice A (25%). A sua distribuição se dá de modo especial nos pontos RS11, RS02, RS07 e RS08, todos localizados nas colônias velhas, três com índice populacional baixo e um com índice alto. Registrou-se nos pontos em destaque um percentual de mais de 0,25% de sonorizações. A ordem de frequência da sonorização da oclusiva velar surda segue a tendência geral CbGII, CaGII, CbGI e CaGI.

Por fim, das 49 ocorrências de oclusiva velar sonora /g/ dessonorizada, 36 ocorreram com informantes das CV (73,47%) e 13 das CN (26,53%), sendo que 31 (63,27%) ocorreram em localidades do tipo B, com índice populacional menor, e 18 de pontos com índice populacional maior, tipo A (36,73%). No mapa 012, observa-se que a dessonorização da oclusiva /g/ aparece em 12 dos 16 pontos de análise, com destaque para os pontos RS02, SC06, RS07, RS08 e RS13, que perfazem mais de 0,75% de dessonorização. Quatro desses pontos pertencem às colônias velhas e um à nova, três com índice populacional baixo e dois com alto índice. Novamente, se confirma a ordem da frequência da maioria das análises (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI).

Para finalizar, procurou-se identificar as palavras do texto da Parábola do Filho Pródigo que mais frequentemente apresentaram dessonorização de uma oclusiva. Para a oclusiva velar sonora, tem-se as palavras <G(uardar)>, <G(astou)> e <(Desre)G(rada)> (ver mapas 13, 15 e 17,

respectivamente); para a oclusiva bilabial sonora /b/, as palavras <B(olotas)> e <B(ens)> (ver mapas 14 e 16, respectivamente).

A palavra <G(uardar)> teve a oclusiva velar sonora desonorizada em 10 dos 16 pontos, com destaque para os pontos RS02, RS07, RS08 e SC06, com 50% de desonorizações (três pontos pertencentes às colônias velhas e um à nova, três com baixo índice populacional e um com alto índice). O ordenamento dos grupos deu-se da forma usual (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI). A palavra <G(astou)> apresentou desonorização da oclusiva em oito pontos, com destaque nos mesmos quatro pontos (também com 50%) da palavra ‘guardar’. O ordenamento dos grupos ocorreu, novamente, da forma usual (CbGII, CaGII, CbGI e CaGI). Já a palavra <(Desre)G(rada)> teve a oclusiva velar desonorizada em sete pontos, com destaque para os pontos RS02 (ponto pertencente à colônia velha/alto índice populacional) e SC06 (ponto pertencente à colônia nova/baixo índice populacional), com 50% de desonorizações. Diferentemente do que vinha ocorrendo, o ordenamento dos grupos deu-se na seguinte sequência: CbGII, CbGI, CaGII e CaGI. Como se vê, houve uma polarização diestrática maior, provavelmente por se tratar de uma palavra não muito familiar para os falantes da Cb.

A palavra <B(olotas)> teve produzida com desonorização a oclusiva bilabial sonora em 10 dos 16 pontos, com 50% de desonorização nos pontos RS08, RS16 e SC06 (dois pertencentes às colônias novas e um à velha, todos com baixo índice populacional). O ordenamento dos grupos também foi diferente do usual, com igual grau nos grupos CbGII e CaGII, seguido dos grupos CbGI e CaGI. Por fim, a palavra <B(ens)> teve a oclusiva bilabial desonorizada em metade dos pontos analisados, com 50% de desonorizações nos pontos RS02 e SC06 (a exemplo do que se observou com a palavra *desregrada*). O ordenamento dos grupos seguiu, novamente, a tendência apresentada em grande parte das análises (CbGII, CbGI, CaGII e CaGI).

Apresenta-se, a seguir, uma tabela-resumo com os resultados aqui descritos.

TABELA 4: Resumo dos dados cartografados nos mapas 002 a 017

Mapa	Dado analisado	Ocorrência	Colônias Velhas	Colônias Novas	Baixo Índice Popul.	Alto Índice Popul.	Grupos
002	Total de dessonorizações	7 pontos	6	1	5	2	Ordem usual <sup>118</sup>
003	Total de sonorizações	4 pontos	4	-	2	2	Ordem usual
004	Padrões distintos em pretônica	5 pontos	4	1	4	1	Ordem usual
004.1	Dess. em pretônica	7 pontos	5	1	5	2	Ordem usual
004.2	Son. em pretônica	4 células	4	-	3	1	CbGII
005	Padrões distintos em tônica	7 pontos	6	1	5	2	Ordem usual
005.1	Dess. em tônica	7 pontos	6	1	5	2	Ordem usual
005.2	Son. em tônica	3 pontos	3	-	1	2	Ordem usual
006	Padrões distintos em postônica	4 células	3	1	2	2	CbGII e CbGI
006.1	Dess. em postônica	3 células	2	1	1	2	CbGII e CbGI
006.2	Son. em postônica	2 células	2	-	1	1	CbGII
007	Son. de /p/	5 pontos	5	-	3	2	CbGII e CaGII
008	Des. de /b/	7 pontos	6	1	5	2	Ordem usual
009	Son. de /t/	4 células	4	-	2	2	CbGII e CaGII
010	Des. de /d/	7 pontos	6	1	5	2	Ordem usual
011	Son. de /k/	4 pontos	4	-	3	1	Ordem usual
012	Des. de /g/	5 pontos	4	1	3	2	Ordem usual
013	<G(uardar)>	4 pontos	3	1	3	1	Ordem usual
014	<B(olotas)>	3 pontos	2	1	3	-	CbGII/CaGII (empatados), CbGI e CaGI
015	<G(astou)>	4 pontos	3	1	3	1	Ordem usual
016	<B(ens)>	2 pontos	1	1	1	1	Ordem usual
017	<(Desre)G(rada)>	2 pontos	1	1	1	1	CbGII, CbGI, CaGII e CaGI
		100	85	15	66	34	

Como podemos observar na tabela 4, das 100 ocorrências em destaque registradas, 85 ocorreram nas CV (85%) e 15 nas CN (15%); 66 em localidades com índice populacional B (66%) e 34 com índice populacional A (34%). Os resultados revelam um maior índice de ocorrência de transferência, portanto, em informantes advindos das colônias velhas e com baixo

<sup>118</sup> Ordem usual = Maior número de padrões distintos apresentados pelo grupo CbGII, seguido dos grupos CaGII, CbGI e, por fim, CaGI.

índice populacional. Na comparação entre área histórico-geográfica e índice populacional, percebe-se uma maior discrepância com relação à área histórico-geográfica.

Para finalizar a análise de dados na dimensão diatópica, vale fazer menção a um fenômeno que se observou com relativa frequência nos dados e que consistiu na autocorreção de palavras que tiveram oclusivas dessonorizadas/sonorizadas num primeiro momento, mas que foram **corrigidas** pelos informantes, na sequência da leitura. Pela duplicidade de sentido e de interpretação que se poderia dar a esses exemplos, decidiu-se por desconsiderá-los na análise. Esses exemplos servem, contudo, para mostrar que a variável <dessonorização/sonorização das oclusivas> é amplamente suscetível à variação intraindividual, isto é, o mesmo indivíduo pode variar a sonoridade das oclusivas no mesmo segmento de fala (eixo nanocronológico da variação diacrônica, segundo THUN, 2009). O quadro a seguir dá uma noção desse comportamento variável.

Ponto	Grupo	Nº de produções divergente dos padrões contabilizadas	Palavra	Oclusiva em questão
RS02	CaGII	0	tragam	de [t] para [d]
RS02	CbGI	0	matamos	de [t] para [d]
RS04	CbGI	1	tinha	de [t] para [d]
RS07	CaGII	4	depressa	de [d] para [t]
RS07	CbGII	59	poucos penúria (penúria)	de [p] para [b] de [p] para [b]
RS08	CbGI	6	pequei	de [k] para [g]
RS10	CaGII	0	quando	de [k] para [g]
RS10	CbGI	2	pequei tragam	de [k] para [g] de [g] para [k]
RS10	CbGI	3	pequei	de [k] para [g]
RS11	CbGI	0	pequei	de [k] para [g]
RS16	CbGI	0	pequei	de [k] para [g]
RS23	CaGI	0	pequei	de [k] para [g]
PR03	CbGI	2	tragam	de [t] para [d]

**QUADRO 21:** Produções corrigidas pelos informantes

Alguns fatos chamam a atenção no quadro 21. Dos 13 informantes que se autocorrigiram, seis não apresentaram outras palavras divergente dos padrões do português. Este fato nos mostra a existência de informantes aptos a barrar as transferências interlinguísticas em situações mais

monitoradas, como neste caso no estilo da leitura. A partir disso, pode-se imaginar que as transferências interlinguísticas no dia a dia dos informantes sejam maiores do que as encontradas nas análises realizadas.

O grupo de informantes que utiliza a autocorreção é outro fator a ser considerado. Dos 13 informantes, nove são da GI e quatro da GII, nove da Cb e quatro da Ca. Vemos nos exemplos que os informantes mais velhos são os que menos utilizam a autocorreção. Dentro do grupo GII, os da classe alta corrigem-se mais que os da classe baixa. O maior convívio com o mundo letrado pode ser a explicação para a diferença encontrada. Talvez tal convívio faça com que os informantes CaGII percebam mais claramente as diferenças fonético-fonológicas entre o hunsriqueano e o português do que os informantes CbGII. Ao ampliar sua atenção às diferenças existentes, os informantes da Ca aplicam mais vezes a autocorreção do que os da Cb.

Diferentemente do que foi observado no grupo mais velho, dentre os informantes da GI os informantes da Cb corrigem-se mais do que os da Ca. Isso se deve, porém, ao fato de haver pouquíssima ocorrência de transferência no grupo CaGI. Por esta razão, as autocorreções são também raras no grupo da Ca. O que se percebe entre os jovens é que os informantes da Cb apresentam mais autocorreções que os da Ca pelo fato de produzirem um número maior de transferências.

Em 13 das 15 palavras corrigidas, a autocorreção se deu da variante sonora para a respectiva oclusiva surda, enquanto que duas ocorreram no sentido oposto. Com isso, o número de sonorizações totais nas palavras contabilizadas foi reduzido. Esse número maior de autocorreções de sonorizações encaixa-se perfeitamente com os resultados encontrados nas demais análises feitas. Por serem mais incomuns, as sonorizações são mais percebidas e, conseqüentemente, corrigidas com muito maior probabilidade pelos informantes.

Das 15 correções feitas, 12 são de informantes de pontos pertencentes às colônias velhas e três às colônias novas; 12 são de locais com índice populacional baixo e três de índice alto. Talvez a pouca ocorrência de padrões distintos do português nos pontos pertencentes às colônias novas (somente 30) seja a razão para o maior número de autocorreções por informantes dos pontos pertencentes às colônias velhas (com 149 padrões distintos). O mesmo aplica-se para o índice populacional. Via de regra, quanto maior o índice populacional da localidade do

informante<sup>119</sup>, menor o número de ocorrências e autocorreções de oclusivas com padrões distintos.

Ao finalizar a quarta e última etapa de análise de dados, referente à dimensão diatópica, pode-se observar que as variantes desviantes do padrão de sonoridade das oclusivas do português predominam na leitura de informantes das colônias velhas e com baixo índice populacional, que equivalem a contextos de presença maior da língua minoritária de imigração e, não apenas isso, de interação com o que constitui uma forma de *português de contato*. Esse duplo condicionamento vindo da língua minoritária e da língua majoritária do meio parece ser um fator determinante para a ocorrência maior de processos de transferência, nesses pontos da pesquisa do ALMA-H (pergunta de pesquisa 3a)). Estas constatações podem ser formuladas, no entanto, em termos de macrotendências e precisam ser relativizadas, uma vez que se verificam transferências também em pontos pertencentes às colônias novas e com índice populacional alto. Esta constatação comprova a relevância da dimensão diatópica para entender os condicionamentos sócio-históricos do entorno na variação fonética de falantes bilíngues, bem como a necessidade de ampliar a cartografia para o conjunto da área pesquisada pelo ALMA-H, a fim de abranger mais contextos e variáveis extralinguísticas, como p.ex. a influência do espanhol, nos pontos situados no Paraguai e em Misiones (Argentina).

---

<sup>119</sup> Índice populacional alto: 63 padrões distintos, índice populacional baixo: 116.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A despeito da grande complexidade e variabilidade interna observada em relação às dessonorizações e sonorizações das oclusivas em leituras em português feitas por falantes de hunsriqueano entrevistados pelo ALMA-H, pôde-se identificar – por meio de macroanálises pluridimensionais – algumas regularidades e tendências gerais sobre o comportamento dessa variável.

A presente Tese, vale lembrar, teve como objetivo central descrever a variação da sonorização e da dessonorização das oclusivas /p, b/, /t, d/ e /k, g/ em dados de fala do português de falantes de hunsriqueano como língua de imigração alemã. Para tanto, dividiu-se a análise nas seguintes quatro etapas de trabalho: 1º) análise dos condicionamentos linguísticos que podem ter influenciado os resultados; 2º) análise da variação em foco na dimensão diageracional (tempo aparente) e na dimensão diacrônica (tempo real); 3º) análise da variação em foco na dimensão diastrática (papel da escolaridade); 4º) diferenças de comportamento variável na dimensão diatópica, comparando dados das áreas histórico-geográficas das colônias velhas e novas e dados de localidades com contingente populacional alto ou baixo. Em cada uma dessas etapas, procurou-se responder às perguntas de pesquisa apresentadas na introdução da Tese: perguntas do objetivo central a), b), c), d) e e), e perguntas dos objetivos específicos 1a), 1b), 1c), 2a) e 3a). Resumem-se aqui os resultados relativos a estas perguntas, contrastados com as hipóteses formuladas para a Tese.

A primeira pergunta de pesquisa, a), relativa ao objetivo central, visava **verificar o número total de transferências** do padrão de vozeamento das oclusivas do hunsriqueano para o português. Os resultados mostraram, tanto nos dados analisados para a primeira etapa (43 leituras completas) quanto para as etapas seguintes (1º e 2º parágrafo das 59 leituras), um número bastante reduzido de dessonorizações/sonorizações de oclusivas, tendo em vista a ocorrência de 309 padrões distintos em 15.613 oclusivas analisadas na primeira etapa (1,98%) e 179 em 9.517 oclusivas analisadas nas etapas seguintes (1,88%). Com o apresentado, a primeira hipótese, a qual afirmava que *o padrão de vozeamento do hunsriqueano seria transferido de forma significativa para o português nos dados dos informantes entrevistados pelo ALMA-H*, não foi confirmada. Contrariamente ao mito que circula na sociedade, *de que todo falante de alemão troca letras*, os

resultados comprovam que o padrão de vozeamento do hunsriqueano, com relação às oclusivas, na maioria das vezes não é transferido para a fala do português. Apesar de se referir a dados de leitura, portanto de um estilo de fala mais monitorada, esses resultados são bastante consistentes. A comparabilidade dos dados de leitura foi um fator determinante para a realização da pesquisa.

A segunda pergunta de pesquisa (pergunta b)) buscou observar o **tipo de processo envolvido**, dessonorizações e sonorizações. Novamente, ambas as análises (leituras completas e leituras parciais) chegaram aos mesmos resultados, mostrando que as dessonorizações de oclusivas (260 nas leituras completas (84,14%) e 147 nas parciais (82,12%)) são mais frequentes que as sonorizações ((49 (15,86%) e 32 (17,88%), respectivamente), o que corrobora os resultados já encontrados por Mueller (1985), Gewehr-Borella (2010) e Lara (2013). Com isso, a segunda hipótese, segundo a qual *o índice de dessonorizações superaria quantitativamente o de sonorizações das oclusivas*, foi confirmada. O padrão de vozeamento verificado nas transferências, portanto, segue a lógica do padrão de vozeamento do hunsriqueano, com um número bem mais expressivo de dessonorizações do que de sonorizações.

A terceira pergunta de pesquisa (pergunta c)) buscou observar a **tonicidade silábica** presente nas transferências. Com relação à *silaba pretônica*, a dessonorização/sonorização de oclusivas ocorreu em 133 dados (43,04%) analisados na primeira etapa (leituras completas), dos quais 125 representaram oclusivas dessonorizadas (93,98%) e oito sonorizadas (6,02%), e em 82 dados (45,81%) analisados nas etapas seguintes (leituras parciais), dos quais 75 foram dessonorizados (91,46%) e sete sonorizados (8,54%). Na *silaba tônica* ocorreram padrões distintos em 169 dados (54,70%) analisados na primeira etapa, dos quais 132 foram dessonorizados (78,11%) e 37 sonorizados (21,89%), e em 91 dados (50,84%) nas etapas seguintes, dos quais 68 foram dessonorizados (74,73%) e 23 sonorizados (25,27%). Por fim, a respeito da *silaba postônica* foram observados padrões distintos em sete dados (2,26%) da primeira etapa, dos quais três foram dessonorizados (42,86%) e quatro sonorizados (57,14%), e em seis dados (3,35%) das etapas seguintes, dos quais quatro foram dessonorizados (66,67%) e dois sonorizados (33,33%). A hipótese formulada relativa à tonicidade silábica previa que *seriam esperadas mais dessonorizações em sílabas tônicas e pretônicas e mais sonorizações em sílabas postônicas, seguindo as regras de vozeamento do hunsriqueano* (ALTENHOFEN, 1996). A partir dos resultados apresentados, pode-se notar que tal hipótese foi confirmada na maior parte dos dados. Apenas os dados relativos à tonicidade silábica da sílaba postônica das leituras parciais

apresentaram um padrão de vozeamento oposto à regra, com um maior número de dessonorizações do que sonorizações em sílaba postônica. Tal fato talvez tenha ocorrido em razão da alofonia da regra na posição postônica, ocorrendo de forma variável também no hunsriqueano, conforme apontado no referencial teórico da Tese.

A quarta pergunta de pesquisa (pergunta d)) abordou o **tipo de oclusiva** dessonorizada/sonorizada. As análises das leituras completas apontaram a seguinte sequência, partindo da oclusiva com maior percentual para a oclusiva com menor percentual de padrão distinto: /b, g, d, p, t, k/. Já as análises das leituras parciais mostraram a sequência: /g, b, d, k, t, p/. Apesar das diferenças de ordenamento encontradas, em ambas as análises as oclusivas sonoras são as que apresentam o maior percentual de padrões distintos do português. Em contrapartida, as oclusivas surdas são produzidas com índices baixos de transferência. De acordo com a quarta hipótese levantada para a Tese, *a oclusiva mais propensa à dessonorização seria a oclusiva velar*, em razão da menor cavidade de oclusão entre a produção de tal oclusiva e a glote, conforme explicado no referencial teórico. Os resultados apontam para uma confirmação parcial da hipótese. É muito provável que a pequena quantidade de oclusivas bilabiais sonoras presente na Parábola do Filho Pródigo (apenas 6 por leitura) tenha sido a razão do elevado percentual obtido pela oclusiva bilabial sonora em ambas as análises. Infelizmente, as diferenças encontradas eram esperadas, uma vez que foram analisados números diferentes de oclusivas. Mesmo assim, é possível afirmar, a partir dos resultados, que as oclusivas sonoras sofrem processos de transferência bem mais que as oclusivas surdas.

A quinta pergunta de pesquisa (pergunta e)) buscou verificar quais eram os **condicionamentos linguísticos** mais salientes a serem observados na ocorrência das transferências. Para tanto, foram observadas nas leituras completas as palavras com oclusivas mais vezes dessonorizadas/sonorizadas, observando seus condicionamentos linguísticos. Constatou-se, a partir de tais análises, que tanto as oclusivas sonoras quanto a posição inicial de palavra foram propícias para a ocorrência do processo de transferência, uma vez que foi encontrado um número elevado de dessonorizações em posição inicial de palavra. A quinta hipótese previa que *o tipo de oclusiva e a tonicidade da sílaba seriam condicionamentos linguísticos especialmente relevantes no processo de transferência das oclusivas da língua de imigração para o português*. Na análise das 16 palavras do texto mais frequentemente dessonorizadas, não houve a preferência de um tipo específico de oclusiva. No entanto, como já

se mencionou, em geral as oclusivas sonoras, sobretudo a velar e a bilabial, foram dessonorizadas em um número maior de vezes. Quanto à tonicidade silábica, dos 16 exemplos selecionados, metade ocorreu em sílaba pretônica e metade em posição tônica, ocorrendo o empate na análise das palavras mais vezes transferidas. De forma geral, no entanto, sobressaíram-se nas análises os padrões distintos em sílaba tônica, seguida da sílaba pretônica e, por fim, da postônica. Vê-se nas análises, de certo modo, a preferência da transferência nas sílabas pretônica e tônica. Sendo assim, pode-se dizer que a quinta hipótese foi em parte confirmada, se considerarmos como *tipo de oclusiva* o conjunto das oclusivas sonoras, e como *tonicidade silábica* tanto a sílaba pretônica quanto a tônica.

A sexta pergunta de pesquisa (pergunta 1a)) referiu-se à variação no grau de transferência entre falantes de faixas etárias distintas (GI e GII – **dimensão diageracional - análise mesocronológica**, cf. THUN, 2009). Para observar essa variação, foram utilizadas as análises das leituras parciais (59 leituras). No que diz respeito ao *total de transferências*, os resultados apontaram um percentual de 90,50% para os informantes da geração GII (162 dados) e 9,50% para os de GI (17 dados). Neste sentido, a sexta hipótese formulada para esta Tese, de que *seriam esperadas mais ocorrências de transferência na fala dos informantes da GII (mais velhos) do que da GI (mais jovens)*, foi amplamente confirmada. A maior interação dos jovens com a língua portuguesa e o maior contato com os meios de comunicação podem ser algumas das razões para a diferença existente no número de transferências entre as gerações analisadas.

As sétima e oitava perguntas de pesquisa (perguntas 1b) e 1c)) buscaram verificar como as dessonorizações/sonorizações de oclusivas ocorriam em cartas antigas (séc. XIX e XX), escritas em português, trocadas entre falantes de hunsriqueano (pergunta 1b)). Com isso, pretendeu-se observar o comportamento das transferências de sonoridade ao longo do tempo (pergunta 1c) – **dimensão diacrônica - análise macrocronológica**, cf. THUN, 2009). Para tanto, foram analisadas 9 cartas antigas. O que mais chamou a atenção nas análises das cartas escritas em português por falantes de hunsriqueano foi o elevado número de sonorizações apresentado (42,86%). Acreditamos que os autores das cartas associavam o traço de sonoridade ao português, visto conseqüentemente como mais sonoro do que o hunsriqueano. A influência dessa suposição na escrita em português produziu, neste caso, hipercorreções que explicam o número significativo de sonorizações encontrado nessas cartas. Chama a atenção, além disso, na comparação das cartas com os dados orais produzidos pelos informantes GI e GII, o crescente percentual de dessonorizações e a queda no percentual de sonorizações com o passar do tempo, tendo em vista

que as cartas apresentaram 57,14% de dessonorizações (20 dados) e 42,86% de sonorizações (15 dados), ao passo que os informantes da GII apresentaram 81,48% de dessonorizações (132 dados) e 18,52% de sonorizações (30 dados) e os da GI 88,24% de dessonorizações (15 dados) e 11,76% de sonorizações (dois dados). A partir das análises descritas, foi comprovada a sétima hipótese da Tese, a qual afirmava que *as dessonorizações/sonorizações de oclusivas ocorrem com frequência já desde os primeiros tempos da imigração*.

A nona pergunta de pesquisa (pergunta 2a)) buscou identificar as diferenças existentes entre falantes de estratos sociais distintos (**dimensão diastrática**), visando verificar o papel da escolaridade no grau de ocorrência das transferências analisadas. A comparação de informantes da Ca com informantes da Cb foi feita a partir das análises das leituras parciais. Os resultados apontaram uma evidente diferença entre os informantes das duas classes, tendo os da Ca 24,58% de transferências (44 dados) e os da Cb 75,42% de padrões distintos (135 dados). A diferença constatada deve-se provavelmente à escolaridade maior dos informantes da Ca. As demais análises realizadas com os grupos Ca e Cb (tipo de processo envolvido, tonicidade silábica e tipo de oclusiva) não apresentaram grandes diferenças entre os grupos entrevistados, o que sugere que o grau de escolaridade não interfere nestes fatores. Com isso, chegou-se a evidências que confirmam a oitava hipótese da Tese, a qual sugeria que *os informantes menos escolarizados tenderiam a apresentar mais dessonorizações/sonorizações de oclusivas do que os mais escolarizados, mostrando que quanto maior o grau de escolaridade, menor a probabilidade de ocorrência de transferência*.

Por fim, a décima pergunta de pesquisa (pergunta 3a)) buscou correlacionar a variação no grau de transferência com fatores relacionados ao contexto sociogeográfico da rede de pontos do Projeto ALMA-H (**dimensão diatópica**). Para tanto, foram comparadas as transferências ocorridas nas leituras parciais dos 16 pontos analisados para a Tese. Para as comparações das análises, dividimos os 16 pontos em colônias velhas e novas, de acordo com a área histórico-geográfica do ponto, e em localidade com baixo e alto índice populacional, conforme o número de habitantes do ponto. Chama a atenção nos resultados obtidos que: a) os três pontos (RS19, RS23 e SC02) que não apresentaram transferência são todos pertencentes às colônias novas e apresentam índice populacional alto. A probabilidade de um contato mais acentuado com um português luso-brasileiro, isento de marcas de transferência, aparentemente é maior nessas colônias novas. Como segundo aspecto, tem-se em contrapartida que b) os dois pontos (RS02 e

RS07) que apresentaram mais padrões distintos são pertencentes às colônias velhas, com índice populacional variado: alto (RS02) e baixo (RS07). De forma geral, verifica-se nas análises o predomínio de padrões distintos do português em informantes pertencentes às colônias velhas e com baixo índice populacional. A última hipótese levantada para esta Tese, portanto, de que o *contexto sociogeográfico da rede de pontos analisados influenciaria na manutenção ou redução do número de transferências*, de certa forma foi confirmada, tendo em vista o grande número de ocorrências de padrões distintos nas localidades pertencentes às colônias velhas e com baixo índice populacional. No entanto, não podemos esquecer a variação existente. Mesmo em pontos pertencentes às colônias novas e com alto índice populacional ocorreram transferências, ao mesmo tempo em que em colônias velhas e com baixo índice populacional houve informantes que não apresentaram transferências, mostrando que as dessonorizações/sonorizações de oclusivas analisadas apresentam variação.

A análise dos dados permitiu identificar ainda outras marcas de transferência do hunsriqueano para o português, tais como: a) utilização de tepe ao invés da vibrante (ex: te[r]a, [r]iqueza, etc.); b) produção do fonema /l/ não vocalizado em final de palavra (ex: lenço[l], anel[l]) e c) prosódia típica do hunsriqueano, com entonações e alongamentos característicos (ex: v[i:]da, sofrim[ê:]to, etc.). Cabe ressaltar que tais marcas ocorrem em maior quantidade que a variável dessonorização/sonorização de oclusiva. Vários foram os informantes que não apresentaram transferência de oclusiva, mas que produziram padrões distintos com respeito às marcas citadas. Faz-se necessário que mais trabalhos sejam feitos, suprimindo as lacunas existentes com relação a estas outras transferências. Seria interessante que novos estudos abordassem também as transferências de oclusivas produzidas em outros estilos de coleta como a *conversa livre*, por exemplo. É de se esperar que em estilos menos monitorados, os índices de transferência aumentem em comparação com os estilos mais monitorados.

Para finalizar, é preciso ressaltar que foram encontradas variações, isto é, padrões com e sem transferência, nos dados das três dimensões básicas analisadas na presente Tese: diageracional, diastrática e diatópica. As variações existentes, no entanto, não ocorrem de forma sistemática. O que ocorre sistematicamente são os padrões distintos do português, realizados com mais frequência pela geração mais velha, sobretudo pelos informantes CbGII. Tal fato nos leva a crer que a variável dessonorização/sonorização de oclusiva passa atualmente por um processo de **mudança linguística**. Daqui alguns anos, muito provavelmente, as transferências referentes às oclusivas não serão mais observadas na fala de falantes bilíngues hunsriqueano-português.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALERS = Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do |Brasi: **Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas**. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

ALTENHOFEN, C. V. **A aprendizagem do Português em uma Comunidade Bilíngue do Rio Grande do Sul**. 1990. f. Dissertação (Mestrado em Letras)- Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1990.

\_\_\_\_\_. **Hunsrückisch in Rio Grande do Sul**: Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1996.

\_\_\_\_\_. Política linguística, mitos e concepções lingüísticas em áreas bilíngües de imigrantes (alemães) no Sul do Brasil. **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana**, Frankfurt a.M., v. 3, p. 83-93, 2004.

\_\_\_\_\_. **A constituição do corpus para um “Atlas Lingüístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata”**. In: Martius-Staden-Jahrbuch, São Paulo, n. 51, p. 135-165, 2004.

\_\_\_\_\_. **Interfaces entre dialetologia e história**. In: MOTA, Jacyra & CARDOSO, Suzana Alice Marcelino (orgs.). *Documentos 2: Projeto Atlas Lingüístico do Brasil*. Salvador : Quarteto, 2006. p. 159-185.

\_\_\_\_\_. O status de brasilidade das línguas de imigração em contato com o português. In: FÓRUM INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA, 1, 2008, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: EVANGRAF/ Instituto de Letras (UFRGS), 2008. p. 25-40.

\_\_\_\_\_. **A substituição da “língua-teto” e a delimitação de variedades dialetais no contato Alemão-Português no Brasil**”. Adaptado de: ALTENHOFEN, Cléo. V. Dachsprachenwechsel und Varietätenabgrenzung im Kontakt zwischen Hunsrückisch und Portugiesisch in Brasilien. In: Festschrift für Harald Thun zum 60. Geburtstag. Kiel: Westenseeeverlag, 2009.

\_\_\_\_\_. **Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil**. In: NICOLAIDES, Christine et al. (orgs.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013a. p. 93-116.

\_\_\_\_\_. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. **Revista de Letras Norteamentos**, Sinop, n. 12, v. 6, p. 19-43, 2013b. Acessível em: [http://projetos.unemat-net.br/revistas\\_eletronicas/index.php/norteamentos](http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos).

\_\_\_\_\_. **O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata.** In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69-103.

ALTENHOFEN, C.V. et al. Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no sul do Brasil. In: DREHER, M. N.; KUNZ, J. A.; MUGGE, M. H. (Orgs.) **Imigração e relações interétnicas.** XVII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO. 2008. São Leopoldo: Oikos, 2008, p 1199-1216. 1 CD ROM.

ALTENHOFEN, C. V. & BROCH, I. K. **Fundamentos para uma “pedagogia do plurilinguismo” baseada no modelo de conscientização linguística (language awareness).** In: BEHARES, Luis (org.). *V Encuentro Internacional de Investigadores de Políticas Lingüísticas.* Montevideo: Universidad de la República e Asociación de Universidades Grupo Montevideo / Núcleo Educación para la Integración, 2011. p. 15-22.

BAGNO, M. **Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz.** São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BANDEIRA, M. E. T. **Diferenças entre crianças monolíngues e multilíngues no desempenho de tarefas de funções executivas e na transferência de padrões de VOT (Voice Onset Time) entre as plosivas surdas do pomerano, do português e do inglês.** 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010.

BEST, C. T & TYLER, M. D. Nonnative and second-language speech perception: commonalities and complementarities. In: BOHN, O. S.; MUNRO, M. J. **Language Experience in Second Language Speech Learning:** In honor of James Emil Flege. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007, p. 13-34.

BIALYSTOK, Ellen. **Bilingualism in development: language, literacy and cognition.** New York. Cambridge University Press, 2001.

BISTER, H. Language attitudes and language change in the urban community of Krefeld, Germany. In: HALLIDAY, M. A. K.; GIBBONS, J.; NICHOLAS, H. eds. **Learning, keeping and using language.** Amsterdam, 1990, p. 63-73.

BOERSMA, P.& WEENINK, D. **PRAAT:** doing phonetics by computer. Versões 5.0.3.2 e 5.3.81 (programa computacional). Disponível em: <http://www.praat.org>. Acesso em: 2008 e 2014.

BOURDIEU, P. **Questões de sociologia.** Rio de Janeiro: Marco Zero limitada, 1983.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas linguísticas.** São Paulo: Edusp, 2008.

BRAUN, A. Zur regionalen Distribution von VOT im Deutschen. In: BRAUN, A. (Hg.). **Untersuchungen zu Stimme und Sprache: Papers on Speech and Voice**, Germany, 1996, p. 19-32.

BROCH, I. K. **Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares**. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014.

CAGLIARI, L.C. **Elementos de fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007.

CALVET, L.J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002. 176p.

CAMARA Jr., J. M. **Dicionário de linguística e gramática: referente à língua Portuguesa**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAVALCANTI, M Collusion, resistance and reflexivity: Indigenous teacher education in Brazil. **Linguistics and Education**, 8: 3-16, 1996a.

\_\_\_\_\_. Estudos Sobre Educação Bilíngüe e Escolarização em Contextos de Minorias Lingüísticas no Brasil. **DELTA**, vol.15, no.spe, p.385-417, 1999.

CHAMBERS, J. K. & TRUDGILL, P. **Dialectology**. (Cambridge Textbooks in Linguistics.) Cambridge: Cambridge University Press, 1980. 218p.

\_\_\_\_\_. **Dialectology**. 2nd ed. (Cambridge Textbooks in Linguistics.) Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

COHEN, G. V. **The VOT Dimension: a bi-directional experiment with English and Brazilian-Portuguese stops**. 2004. 70 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Inglês e Literatura correspondente) – Faculdade de Letras. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, [2004].

COSERIU, E. **Sentido y tareas de la dialectología**. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas, 1982 (Cuadernos de Lingüística; 8.).

CRISTÓFARO-SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de fonética e fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

CRYSTAL, D. The equality of languages. **The Cambridge encyclopedia of language**. 2 ed., 1997. p. 6-9.

EDWARDS, V.& NEWCOMBE, L. Back to basics: marketing the benefits of bilingualism to parents. In: GARCÍA, O.; SKUTNABB-KANGAS, T.; TORRES-GUZMÁN, M. E. (eds.). **Imagining multilingual schools: languages in education and glocalization**. Clevedon et al.: Multilingual Matters, 2006.p. 137-149.

EDWARDS, J. Societal multilingualism: reality, recognition and response. In: AUER, P. & WIE, L. (eds.). **Handbook of multilingualism and multilingual communication**. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2007, p. 447-467.

FARACO, C. A.. **Por uma pedagogia da variação linguística**. In: CORREIA, Djane Antonucci (org.). *A relevância social da linguística: linguagem, teoria e ensino*. São Paulo: Parábola; Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007. p. 21-50. (Na Ponta da Língua; 18.)

FLEGE, J. E. Interactions between the native and second-language phonetic systems. In: BURMEISTER, P.; PIRSKE, T.; RHODE, A. **An integrated view of language development: papers in honor of Henning Wode**. Trier: Wissenschaftlicher Verlag, p. 217-243, 2002.

FLORES, H.A.H. **História da Imigração Alemã no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2004. 143f.

GARRETT, P. Attitude measurements/Messung von Einstellungen. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Hrsg.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik**. 2. ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. (HSK; v.3.2.) p. 1251-1260.

GEWEHR, S. A influência da fala bilíngue Hunsrückisch - PB na aprendizagem da escrita do PB. In: 8º ENCONTRO DO CELSUL - CÍRCULO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2008. Porto Alegre. **Anais...** Pelotas, RS: Educat, 2008. 1 CD ROM.

GEWEHR, S. & ZIMMER, M. C. A influência do dialeto alemão Hunsrückisch na aquisição da escrita do PB entre participantes bilíngues. In: VI CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Ideia, 2009, p. 2541-2550.

GEWEHR-BORELLA, S.; ALVES, U. K.; ZIMMER, M. C. Padrões de vozeamento das plosivas iniciais (PB-Hunsrückisch) em crianças monolíngues e bilíngues. In: BORBA, V.; CARVALHO, M.; LIMA, G. (Orgs.). **Contribuições para a pesquisa em linguística nas diferentes áreas: compartilhando reflexões e resultados**. Maceió: EDUFAL, 2009, p. 49-56.

GEWEHR-BORELLA, S. **A influência da fala bilíngue Hunsrückisch- Português brasileiro na escrita de crianças brasileiras em séries iniciais**. 2010. 205f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada)- Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010.

GEWEHR-BORELLA, S. & ALTENHOFEN, C. Macroanálise pluridimensional da variação de consoantes oclusivas do português por falantes de hunsriqueano. In: IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE FONOLOGIA, 2012, Porto Alegre, **Anais...** Porto Alegre, RS: Upplay, 2012. 1 CD ROM.

GNERRE, M. **Linguagem, escrita e poder**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HILGEMANN, C.M. **Mitos e concepções linguísticas do professor em contextos multilíngues**. 2004. 169f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2004.

HORNBERGER, N.H. Language policy, language education, language rights: Indigenous, immigrant and international perspectives. **Language in Society**, 27: 439-458, 1998.

HORST, A. **Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari**. 2014. 232f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada)- Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2014.

IMAGUIRE, L.M.C. Métodos e procedimentos utilizados no estudo geolinguístico de alguns municípios do litoral sul paulista: abordagens de aspectos semântico-lexicais. In: AGUILERA, V. **A Geolinguística no Brasil**: trilhas seguidas, caminhos a percorrer. Londrina: Eduel, 2005.

JESSEN, M. **Phonetics and phonology of tense and lax obstruents in German**. John Benjamins publishing company. Amsterdam/Philadelphia, 1998, 394p.

JESSEN, M.& RINGEN, C. Laryngeal features in German Phonology. **Phonology**. n. 19, p. 189-218, 2002.

KAUFMANN, G. Atitudes na sociolinguística: aspectos teóricos e metodológicos. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 121-138.

KOCH, W. Gegenwärtiger Stand der deutschen Sprache im brasilianischen Gliedstaat Rio Grande do Sul. In: ENGEL, U. & VOGEL, I. (Hrsg.). **Deutsch in der Begegnung mit anderen Sprachen**. Beiträge zur Soziologie der Sprachen. Bearb. V. Heinz Kloss. Mannheim: Institut für Deutsche Sprache; Tübingen: Narr, 1974b. p. 79-117.

KOHLER, K. Orientação realizada durante o doutorado sanduíche. Christian-Albrechts-Universität zu Kiel, Alemanha, jan./fev., 2014.

KUHN, C. Die Interferenzen des Dialekts Hunsrückisch beim Erlernen von Deutsch als Fremdsprache: ein Störfaktor oder eine Hilfe? 2009. 93 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras Português/Alemão). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, [2009].

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. Tradução de Marcos Bagno. 392p.

LAMELI, A. Linguistic atlases: traditional and modern. In: AUER, P.;SCHMIDT, J.E. **Language and space: theories and methods : an international handbook of linguistic variation**. Berlin/New York: Walter de Gruyter GmbH & Co. KG,, 2010, p. 567-587.

LARA, C. C. **Variação fonológica, redes e práticas sociais numa comunidade bilíngue português-alemão do Brasil meridional**. 2013. 105f. Dissertação (Mestrado em

Letras/Fonologia e morfologia)- Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2013.

LEÃO, P. B. **Transmissão intergeracional do alemão em contato com o português em Vale Real –RS**. 2007.130 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- - Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007.

LENZ, Alexandra. *Zur Struktur der westmitteldeutschen Substandards – Dynamik Von Varietäten*. In: EGGERS, Eckhard; SCHMIDT, Jürgen Erich; STELLMACHER, Dieter (Hg.). *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie*. Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD). Stuttgart: Franz Steiner Verlag, p. 229-252, 2005.

LIEBERMAN, P.& BLUMSTEIN, S. E. **Speech physiology, speech perception, and acoustic phonetics**. United States: Cambridge University Press, 1988.

LISKER, L. & ABRAMSON, A.S. A Cross-Language Study of Voicing in Initial Stops: Acoustical Measurements, **Word**, 20,1964, p.384-422.

MACKEY,W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. (ed.) **Readings in the Sociology of Language**. The Hague: Mouton, 1972, p.554-584

\_\_\_\_\_. Bilingualism and multilingualism/Bilingualismus und Multilingualismus. In: AMMON, U; DITTMAR, N; MATTHEIER, K. J. Trudgill (Hrsg.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik**.2.ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005 (HSK; v. 3.2.) p. 1483-1495.

MacWHINNEY, B. The Competition Model: The input, the context, and the brain. In: ROBINSON, P. (Ed.). **Cognition and second language instruction**. Cambridge: CUP, 2001, p.69-90.

\_\_\_\_\_. Emergent fossilization. In: HAN, Z; ODLIN, T. (Eds.). **Perspectives on fossilization**. Clevedon, UK: Multilingual Matters, 2007, p. 1-33.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFRGS, 2004. (Disponível em <http://www.ufrgs.br/ppgletras/defesas/2004/FelicioWesslingMargotti.pdf> ).

MARTINS, S.A. **diferenças entre idosos bilíngues e monolíngues no desempenho de tarefas relacionadas às funções executivas, memória de trabalho e memória emocional de longo prazo**.2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística Aplicada) - Pós-Graduação em Letras. Universidade Católica de Pelotas: Pelotas, 2010.

MATHEWS, P. **The Concise Oxford Dictionary of Linguistics**. United States: Oxford University Press, 1997.

MIOLO. Descrição articulatória do português. In: MARCHAL, A; REIS, C. **Produção da fala**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2011, p. 163-184.

MRhSA = Bellmann, Günter; Herrgen, Joachim & Schmidt, Jürgen Erich: *Mittelrheinischer Sprachatlas (MrhSA)*. Unter Mitarb. von Georg Drenda. Tübingen : Niemeyer, 1994 (Bd. 1), 1999 (Bd. 4).

MUELLER, M. **A influência da língua portuguesa nos falantes da língua alemã do interior do município de Tenente Portela**. 1985. Curso de Pós-graduação em Língua Portuguesa. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUÍ), [1985].

MÜLLER, T. L. **Imigração alemã**: sua presença no RS há 180 anos. Porto Alegre: Edições EST, 2005, 219p.

NEDEL, V. **Picada Café - Geschichte und Sprachliche Entwicklung**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Letras Português/Alemão). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 1995.

NEUMANN, G. R. A tradição escrita do Hunsrückisch. In: XVII SIMPÓSIO DE HISTÓRIA DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO, 2006. **Anais...** São Leopoldo: Oikos, 2008, p 1217-1229. 1 CD ROM.

OLIVEIRA, G. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. **LINGUASAGEM**, vol.11, Nov./Dez., UFSCAR, 2009.

OLIVEIRA, G. M. & ALTENHOFEN, C. V. **O in vitro e o in vivo na política da diversidade lingüística do Brasil: inserção e exclusão do plurilingüismo na educação e na sociedade**. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (orgs.). *Os contatos lingüísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 187-216.

PAIVA, M.& DUARTE, M. Quarenta anos depois: a herança de um programa na sociolinguística brasileira. In: WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M.I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968], p. 131-151.

PRESTON, D. R. The perception of language variety in Brazil. In: \_\_\_\_\_. **Perceptual Dialectology: Nonlinguists' Views of Areal Linguistics**. Dordrecht-Holland/Providencer R.I. – U.S.A: Foris Publications, 1989, p. 85-112.

RADTKE, E. & THUN, H. *Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance*. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

REIS, M. & NOBRE-OLIVEIRA, D (2008) Effects of perceptual training on the identification and production of English voiceless plosives aspiration by Brazilian EFL learners. In: RAUBER, A. S.; BAPTISTA, B. O.; WATKINS, M.A. (Eds.), *New Sounds: FIFTH INTERNATIONAL*

SYMPOSIUM ON THE ACQUISITION OF SECOND LANGUAGE SPEECH. 2007. **Anais...** Florianópolis, SC: UFSC, 2007. p. 398-407.

SANTOS, R. M. Sobre consciência fonoarticulatória. In: LAMPRECHT, R. R. et al. **Consciência dos sons da língua**: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa. 1. ed. Porto Alegre-RS: EDIPUCRS, 2009, p.65-86.

SCHNEIDER, M. N. **Atitudes e concepções linguísticas e sua relação com as práticas sociais de professores em comunidades bilíngues alemão-português do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2007. 261 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SKUTNABB-KANGAS, T. Multilingualism and the education of minority children. In: SKUTNANN-KANGAS, T.; CUMMINS, J. (eds.). **Minority education**: from shame to struggle. Clevedon/Avon: Multilingual Matters, 1988. P. 9-44 (Multilingual Matters; 40).

SKUTNABB-KANGAS, T.; PHILLIPSON, R. Linguicide and linguisticism. In: GOEBL, H. et al. (Eds.) **Contact linguistics**: an international handbook of contemporary research. Berlin: Gruyter, 1996. p. 667-675.

STEFFEN, J. Aspectos históricos do contato linguístico entre o alemão e o português no sul do Brasil através de cartas antigas: interferências fonéticas no português dos imigrantes. **Revista de Letras Norteamericanas**. Revista eletrônica de estudos linguísticos e literários do norte de Mato Grosso. Ed. 12 – Estudos Linguísticos 2013/02, p. 66-86.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 2007, 96p.

THUN, H. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidianos en Rivera. In: RADTKE, Edgar & THUN, Harald [orgs.]. **Neue Wege der romanischen Geolinguistik**: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 210-269.

\_\_\_\_\_. **La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay)**. In: INTERNATIONAL CONGRESS OF ROMANCE LINGUISTICS AND PHILOLOGY (21. : 1995 : Palermo). Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Org. Giovanni Ruffino. Tübingen : Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729, incluindo resumo dos tópicos principais da seção 5, p. 787-789.

\_\_\_\_\_. **O tratamento do material etnográfico no Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático Del Uruguay (ADDU)**. In: ENCONTRO SOBRE CULTURA POPULAR (1.: 1997: Ponta Delgada-Açores). Actas...Org. Gabriela Funk. Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1999. p. 481-499 [CVA].

\_\_\_\_\_. O comportamento linguístico dos brasiguaios no Paraguai visto a partir do material do Atlas Lingüístico Guaraní-Románico (ALGR). In: DIETRICH, Wolf / NOLL, Volker (org.). **O português do Brasil**: perspectivas da pesquisa atual. Madri / Frankfurt a.M.: Iberoamericana; Vervuert, 2004. p. 169-191 (Lingüística Luso-brasileira; v. 1

\_\_\_\_\_. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, Ana M. S. (org.). **Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS**, 2005.p. 63-92.

\_\_\_\_\_. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, A. (Org). **Para a história do português brasileiro. V.III- Vozes, veredas, voragens.** Londrina: Eduel, 2009, p. 531-558.

\_\_\_\_\_. Pluridimensional cartography. In: LAMELI, A.; KEHREIN, R; RABANUS, C. (eds.). **Language mapping.** Berlin: de Gruyter Mouton, 2010.p. 506-523.

TRUDGILL, P. **On dialect:** social and geographical perspectives, Blackwell: Oxford, 1983.

VANDERMEEREN, S. Research on language attitudes/Spracheinstellungsforschung. In: AMMON, Ulrich; DITTMAR, Norbert; MATTHEIER, Klaus J.; TRUDGILL, Peter (Hrsg.). **Sociolinguistics: an international handbook of the science of language and society = Soziolinguistik.**2. ed. Berlin; New York, de Gruyter, 2005. (HSK; v.3.2.) p. 1318-1332.

WEINREICH, U.; LABOV,W.; HERZOG,M.I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

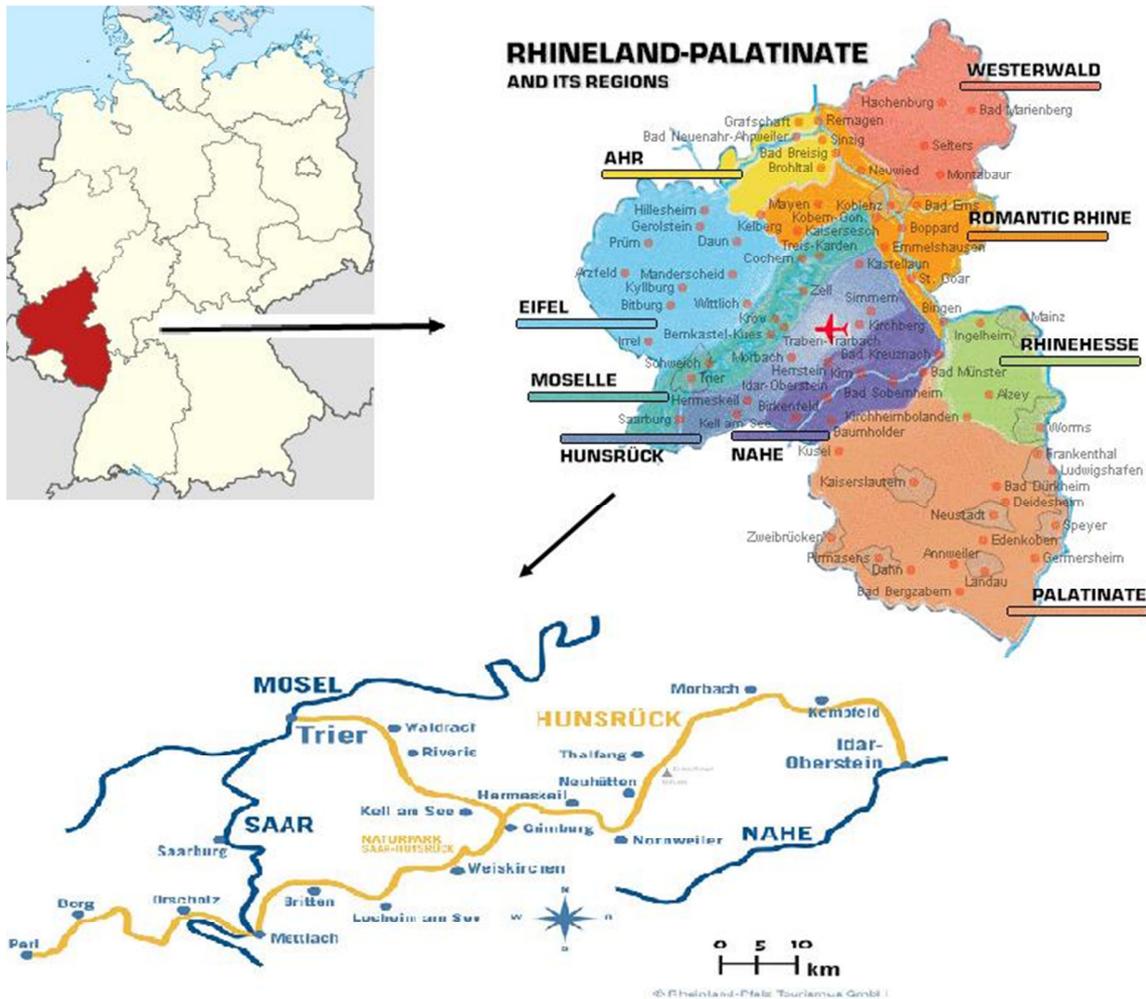
WILLI, U. Die segmentale Dauer als phonetischer Parameter von ‘fortis’ und ‘lenis’ bei Plosiven im Zürichdeutschen. Stuttgart: Steiner, 1996.

WINTELER, J. Die Kerenzer Mundart des Kantos Glarus in ihren Grundzügen dargestellt. Leipzig/Heidelberg: Winter, 1876.

ZÁGARI, M.R. Os falares mineiros: esboço de um atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, V. de A. (org.). **A geolinguística no Brasil:** caminhos e perspectivas. Londrina: Ed.UEL, 1998, p. 31-77.

ZIMMER, M. C.; ALVES, U. K. A produção de aspectos fonético-fonológicos da segunda língua: instrução explícita e conexãoismo. **Revista Linguagem e Ensino.** Pelotas, v.9, n.2, p.101-143, jul./dez. 2006.

## ANEXO A- DELIMITAÇÕES DO HUNSRÜCK



**FIGURA 24:** Anexo A- Delimitações do Hunsrück. Acima e à esquerda, o mapa da Alemanha com o estado Renânia-Palatino destacado. Ao lado, o mapa do estado ampliado, com divisões das regiões existentes. Dentre elas, a região do Hunsrück. Abaixo, os rios que delimitam a região do Hunsrück.

## ANEXO B – PARÁBOLA DO FILHO PRÓDIGO (LUCAS, 14,15)

### Parábola do Filho Pródigo (Lucas, 14,15)

Jesus disse também: “Um certo homem tinha dois filhos. O mais novo pediu ao pai: “Pai, tenho a idéia de ganhar experiência na vida. Dá-me a parte da herança que me pertence.” O pai, decepcionado, repartiu os seus bens entre os dois filhos. Poucos dias depois, o mais novo liquidou o que era dele e partiu para uma terra muito distante, onde gastou todo o dinheiro numa vida desregrada.

Quando já não tinha dinheiro, e como houve muita fome e árduo sofrimento naquela região, começou a padecer de extrema necessidade. Foi pedir trabalho a alguém da região. O homem mandou-o para os seus campos guardar e cuidar dos porcos. Desejava encher o estômago mesmo com uma espécie de bolotas que os porcos e os cães comiam, mas ninguém lhas dava. Foi então que, numa noite, ele caiu em si e, inquieto no seu exílio, pensou: “Eu mínguo a riqueza do meu pai. Perdi o juízo! E tantos trabalhadores do meu pai têm quanta comida querem. Nunca há penúria, e eu estou parado aqui doente no meu lençol e a morrer de fome! Amanhã vou mas é ter com o meu pai e digo-lhe: “Pai, pequei contra o céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho, mas aceita-me como um de teus trabalhadores.”

Levantou-se e voltou para o pai. [Mas] ainda ele vinha longe de casa e já o pai o tinha visto. Cheio de ternura, o bom pai correu para ele, apertou-o nos braços e cobriu-o de beijos. O filho disse-lhe então: “Pai, pequei contra Deus e contra ti. Já nem mereço ser chamado teu filho.” Mas o pai disse logo aos empregados: “Tragam depressa a melhor roupa e vistam-lho. Ponham-lhe também um anel no dedo e calcem-lhe sandálias nos pés. Tragam o bezerro mais gordo que criamos e matem-no. Vamos fazer um banquete no pátio. Porque este meu filho estava morto e voltou a viver; estava perdido e apareceu.” E começaram com a festa.

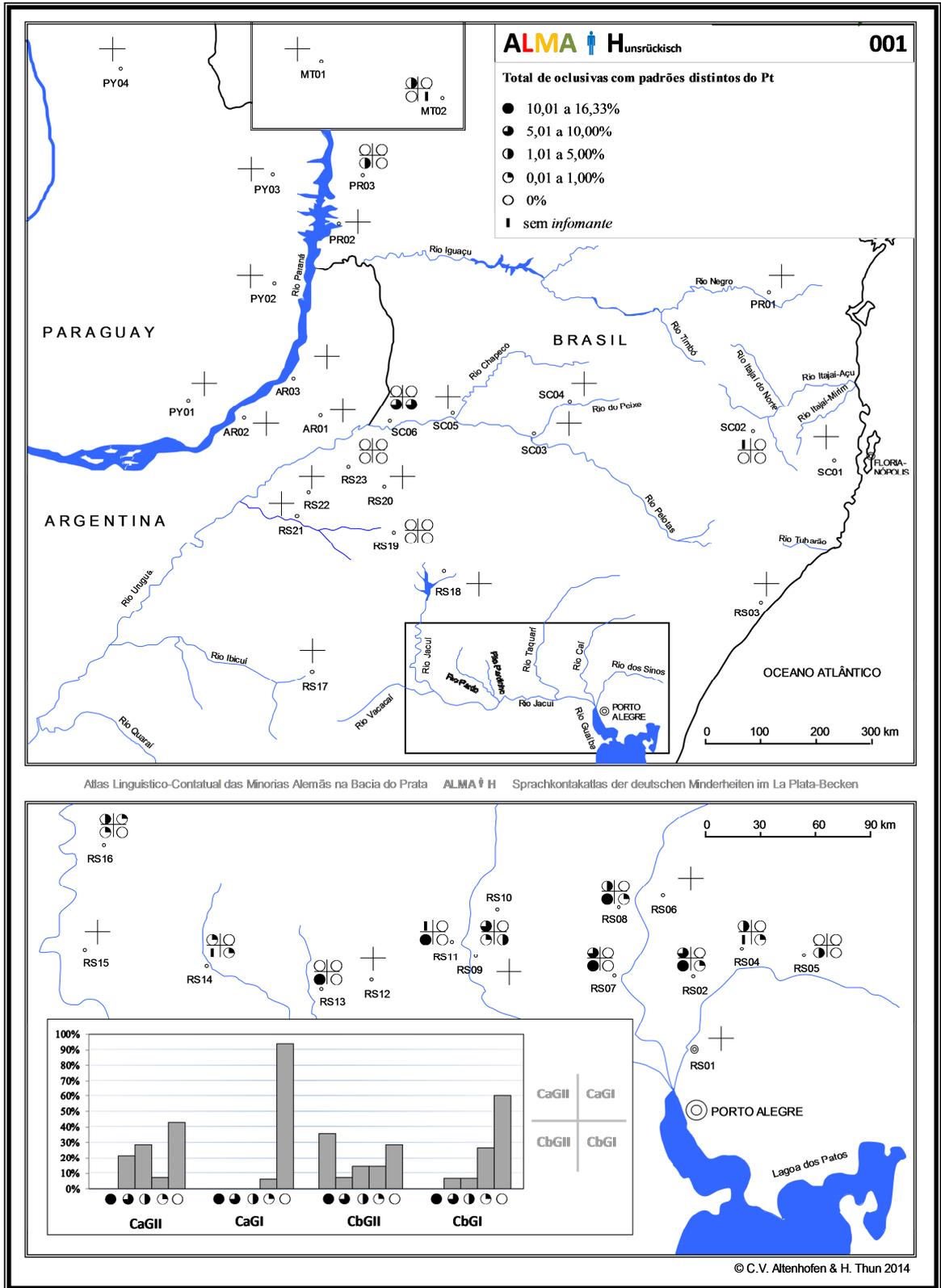
Ora, o filho mais velho estava no campo. Ao regressar, aproximando-se da casa, ouviu a música e as danças. Chamou um dos empregados e perguntou-lhe admirado o que era aquilo. E o empregado disse-lhe: “Foi o teu irmão que voltou, e por ordem do pai matamos o bezerro mais gordo, por ele ter chegado são e salvo.” Ao ouvir isso, ficou indignado e mui amolado e nem queria entrar. Mas o pai saiu para o convencer.

Mas o filho maior respondeu: “Sirvo-te há tantos anos, sem nunca ter desobedecido às tuas ordens, e não me deste sequer um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos. Isso me dói. Vem agora este teu filho, que desperdiçou o teu dinheiro com mulheres de má vida, e nós matamos o bezerro mais gordo. Não quero que míngues mais a tua riqueza nem a minha com este infeliz.”

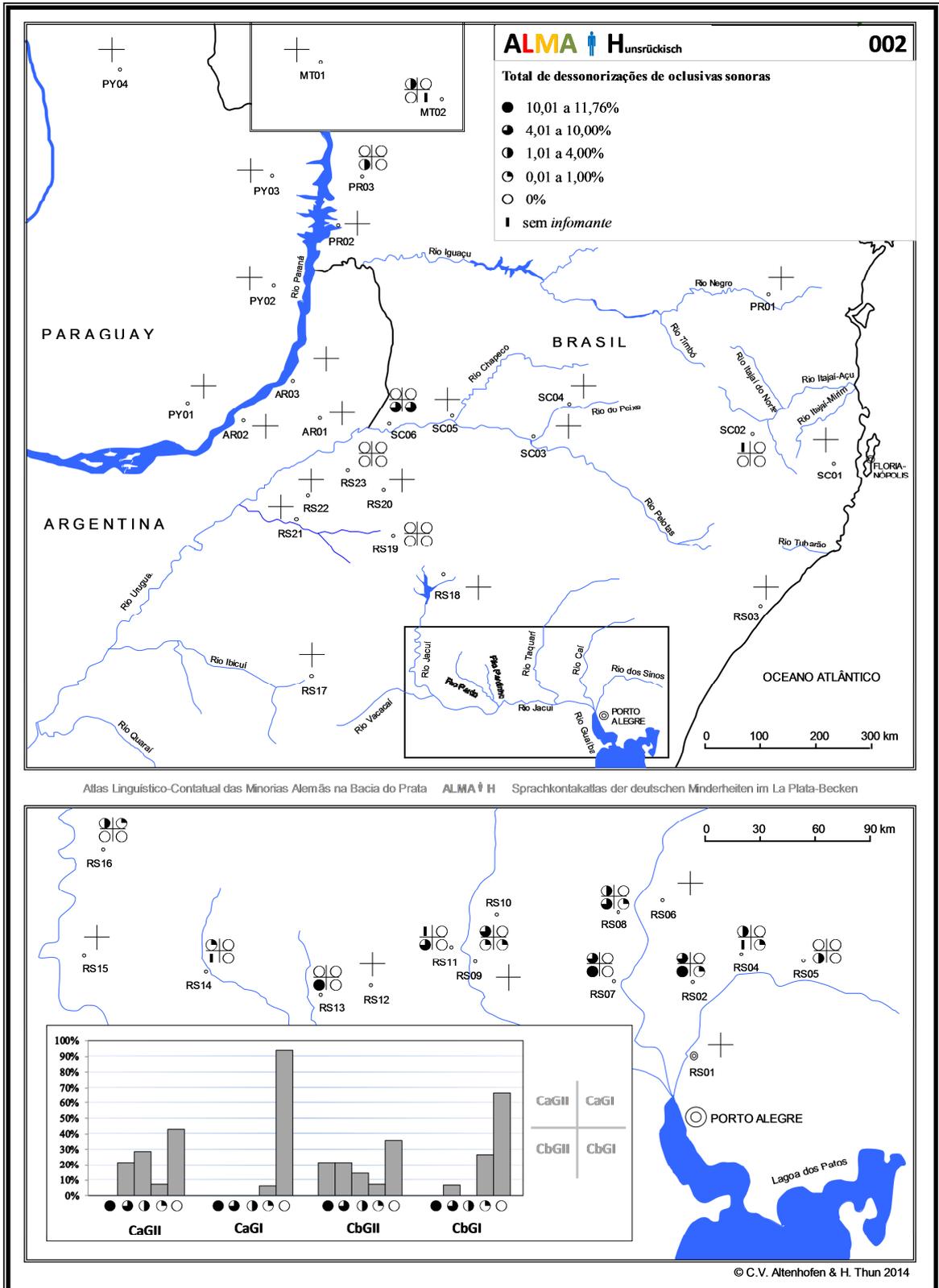
O pai disse-lhe com voz tênue: “Meu filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que eu tenho é teu. Mas era preciso fazermos uma festa e alegrarmo-nos, porque o teu irmão estava morto e voltou a viver, estava perdido e apareceu.”

**QUADRO 22:** Anexo B- Parábola do Filho Pródigo com oclusivas destacadas.

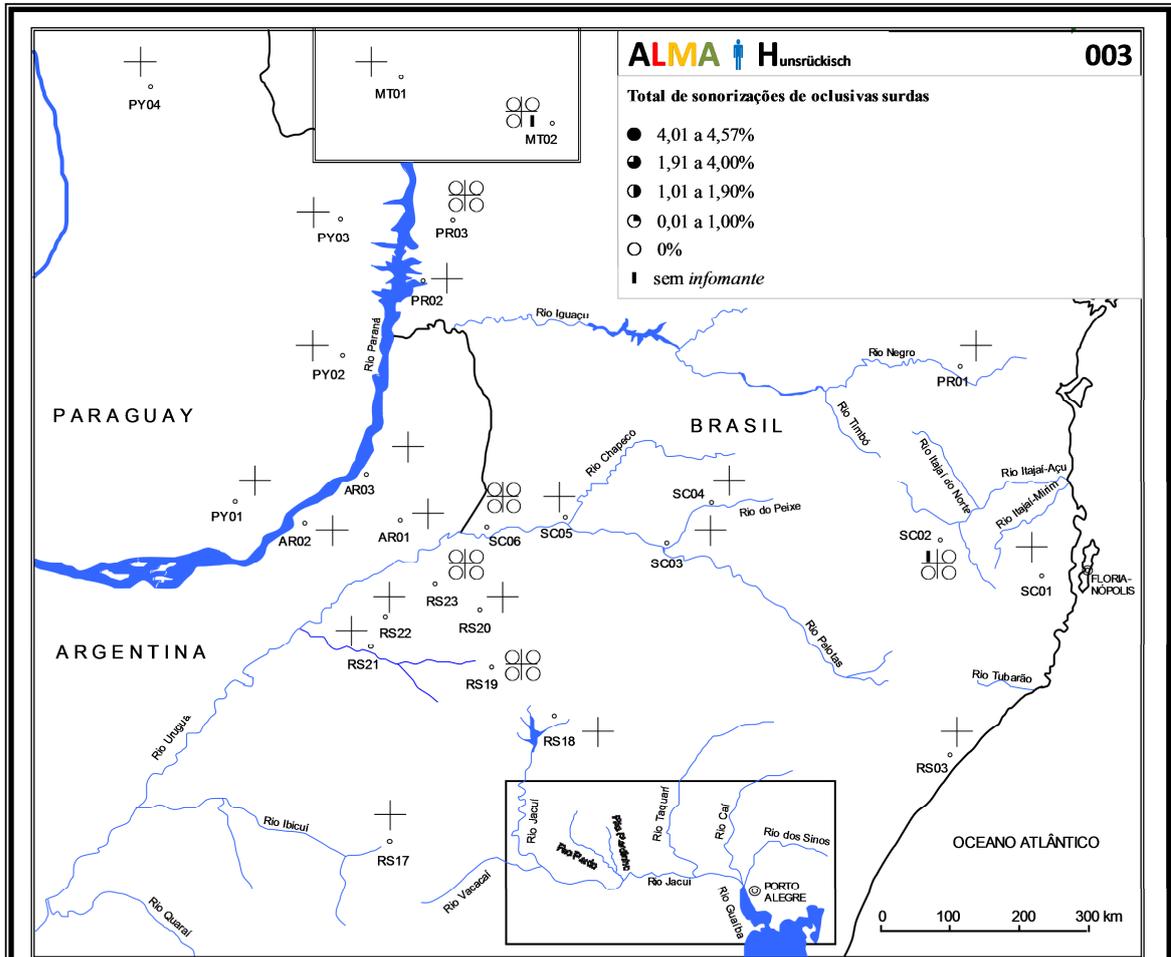
ANEXO C - MAPAS



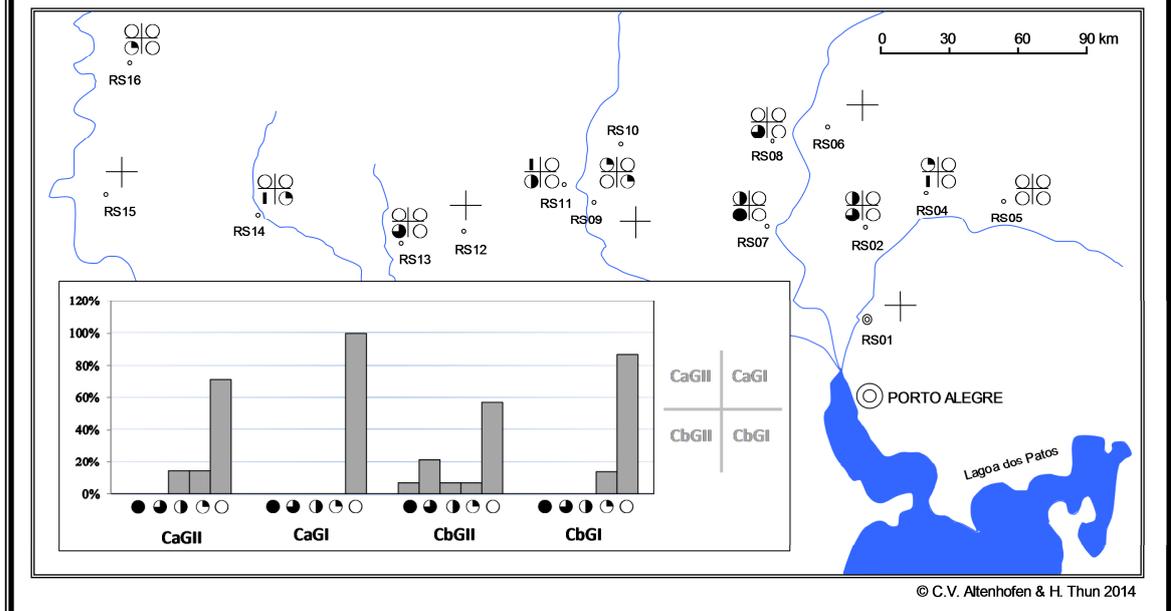
MAPA 001: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt



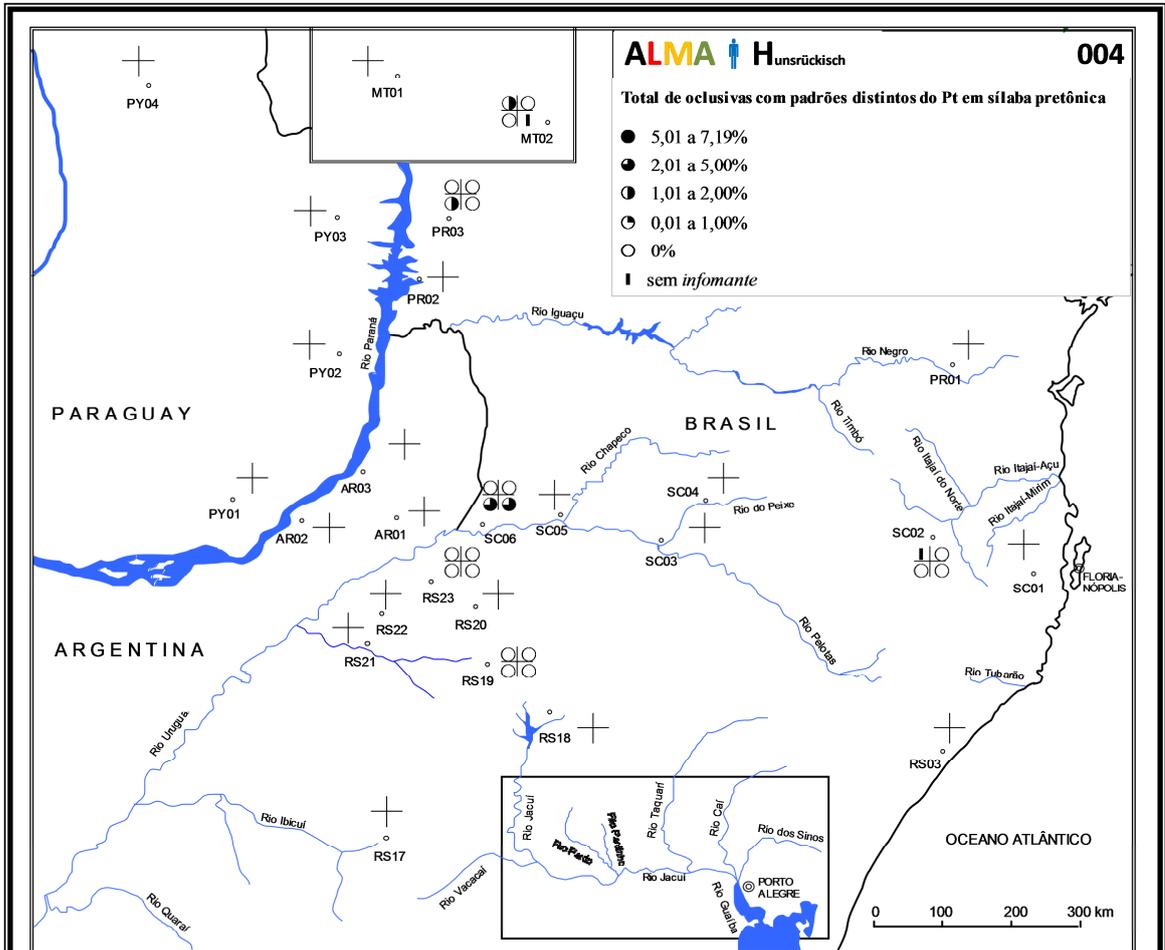
MAPA 002: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras



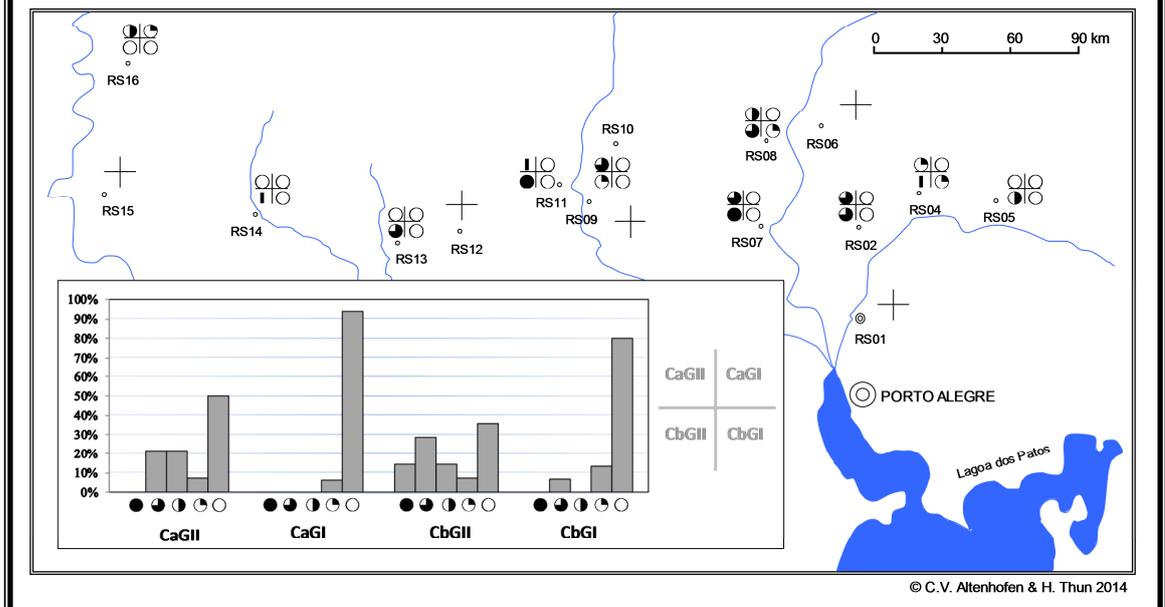
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken



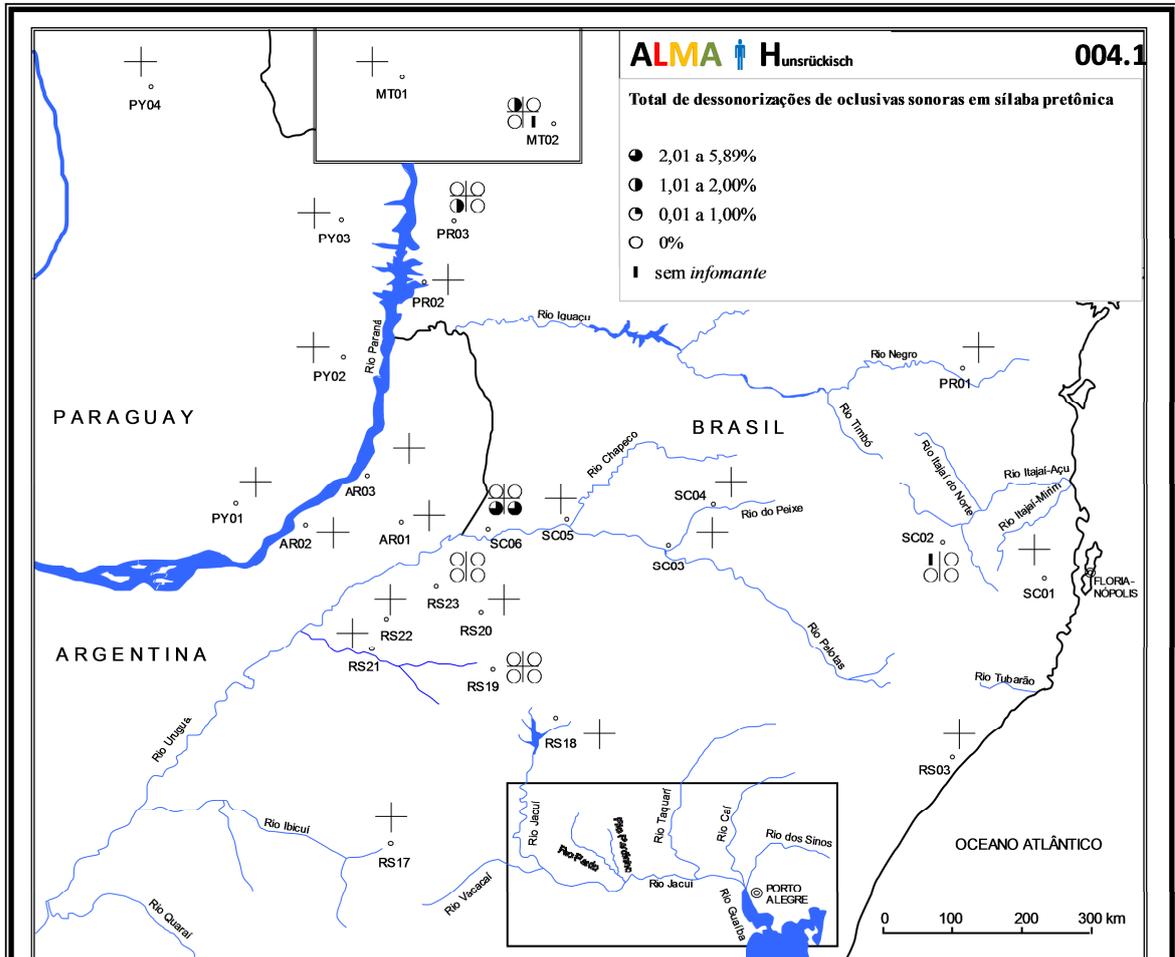
MAPA 003: Total de sonorizações de oclusivas surdas



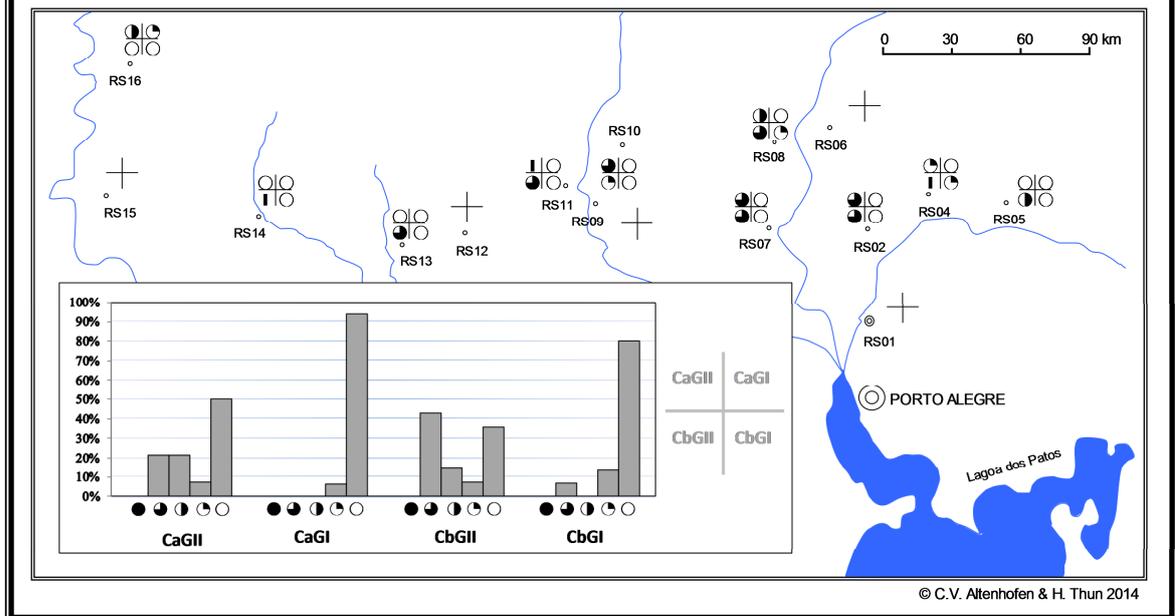
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken



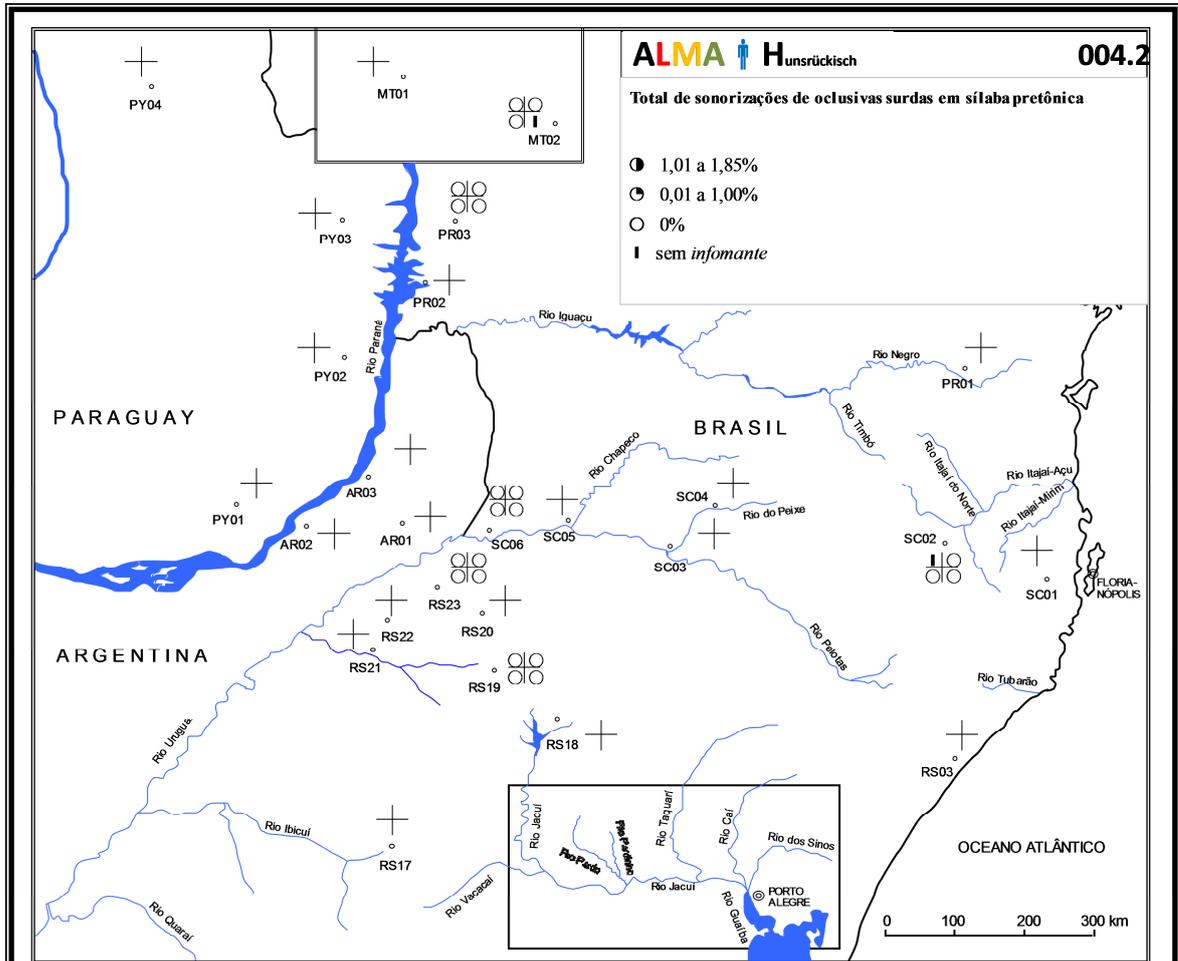
MAPA 004: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba pretônica



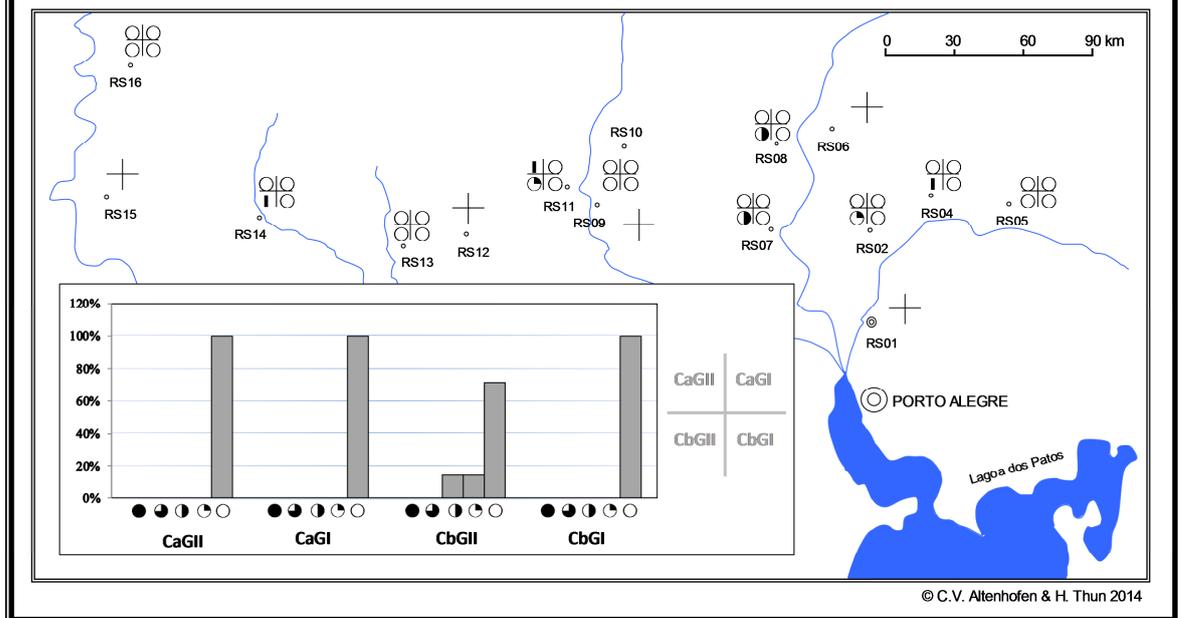
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken



MAPA 004.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba pretônica

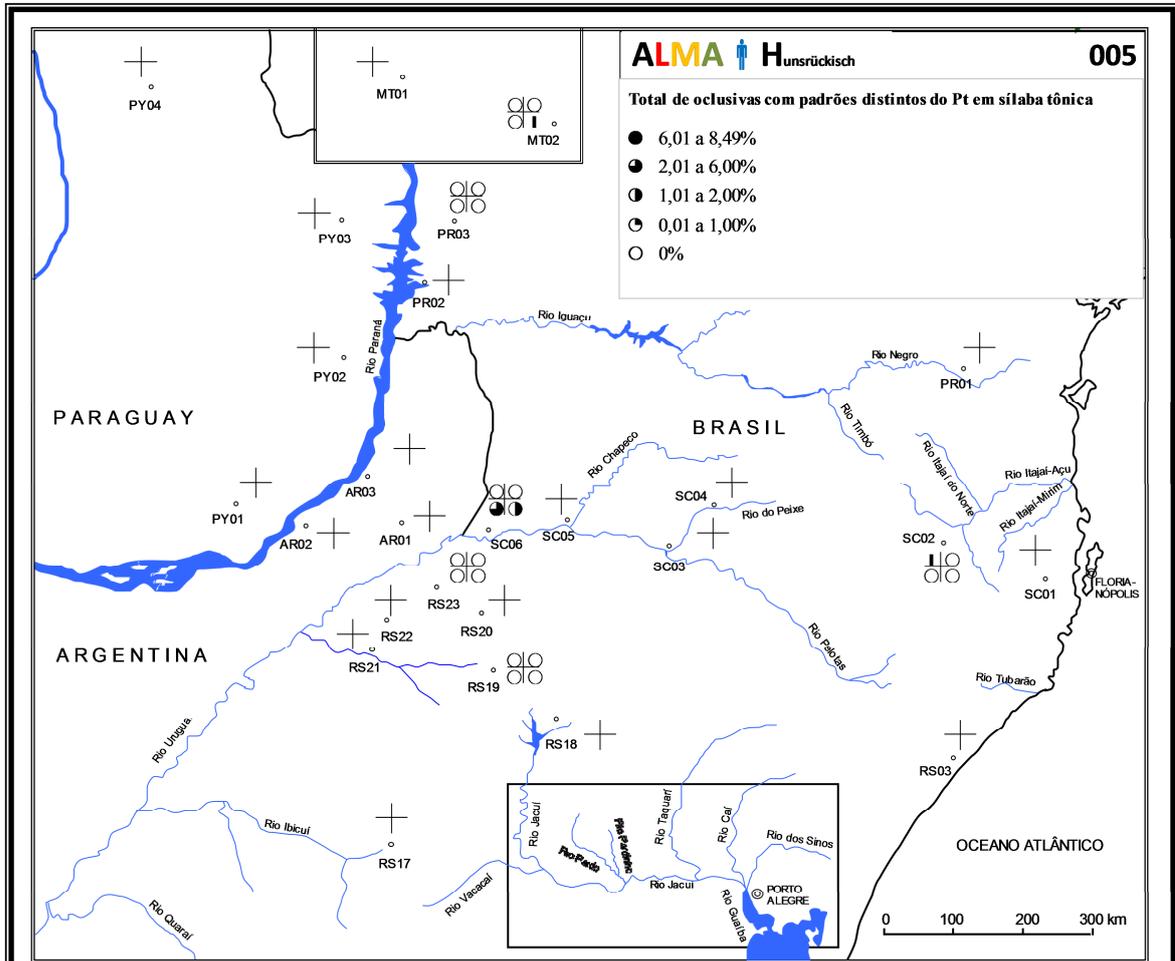


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakttatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

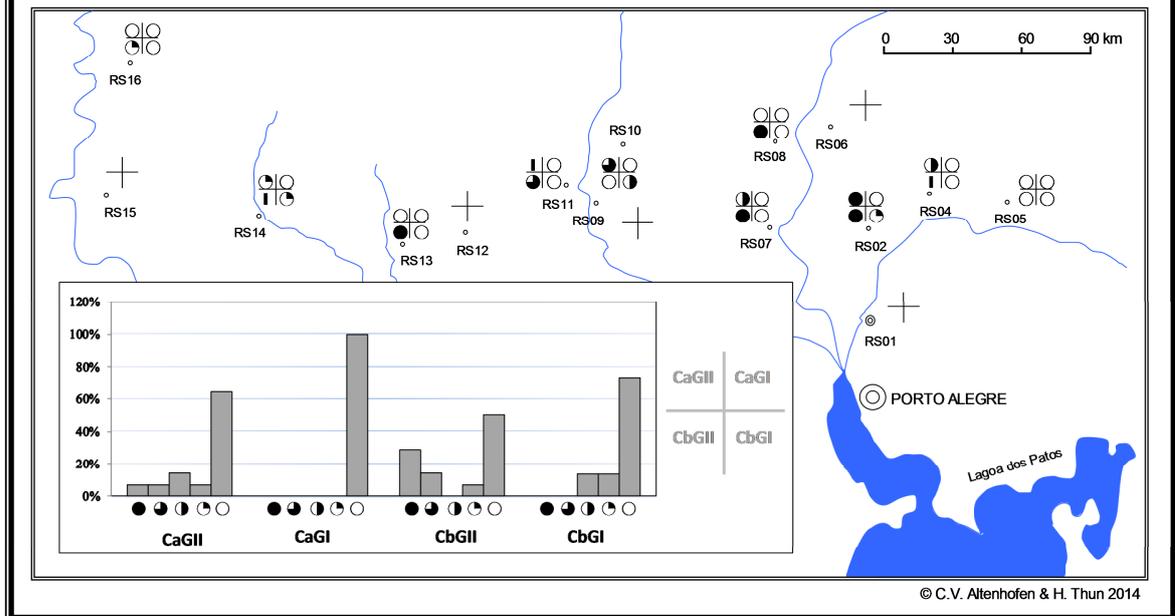


© C.V. Altenhofen & H. Thun 2014

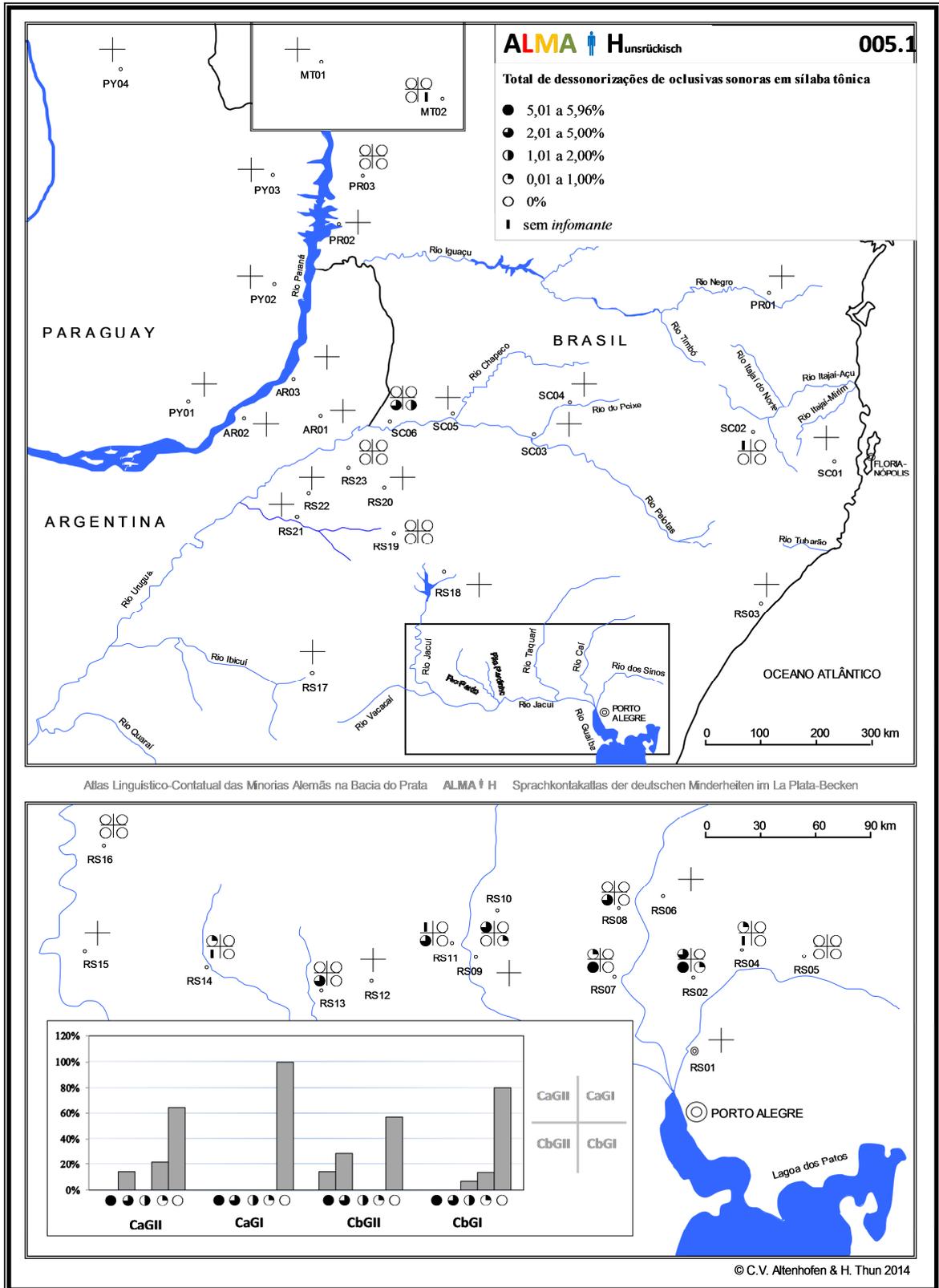
MAPA 004.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba pretônica



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

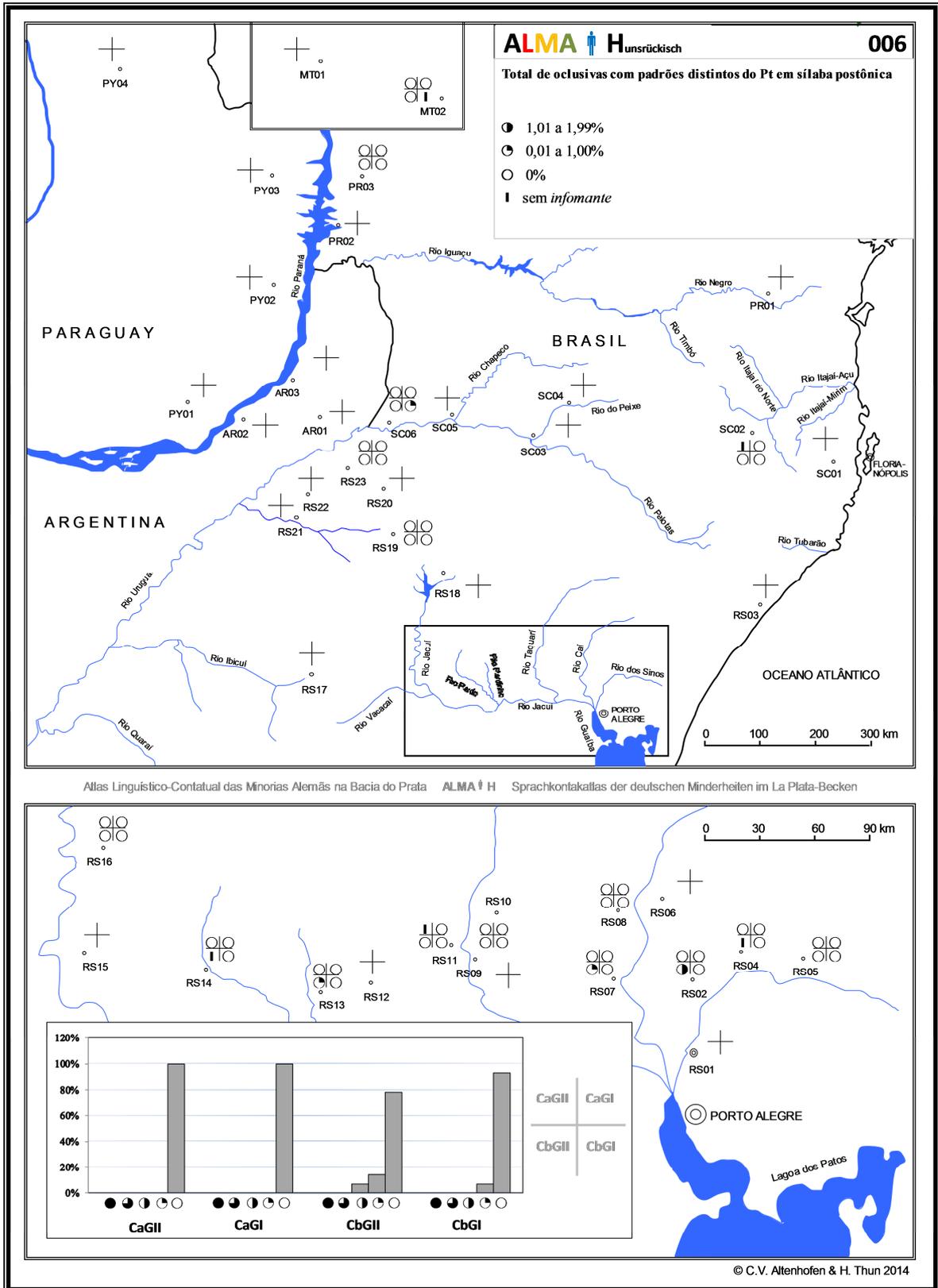


MAPA 005: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba tônica

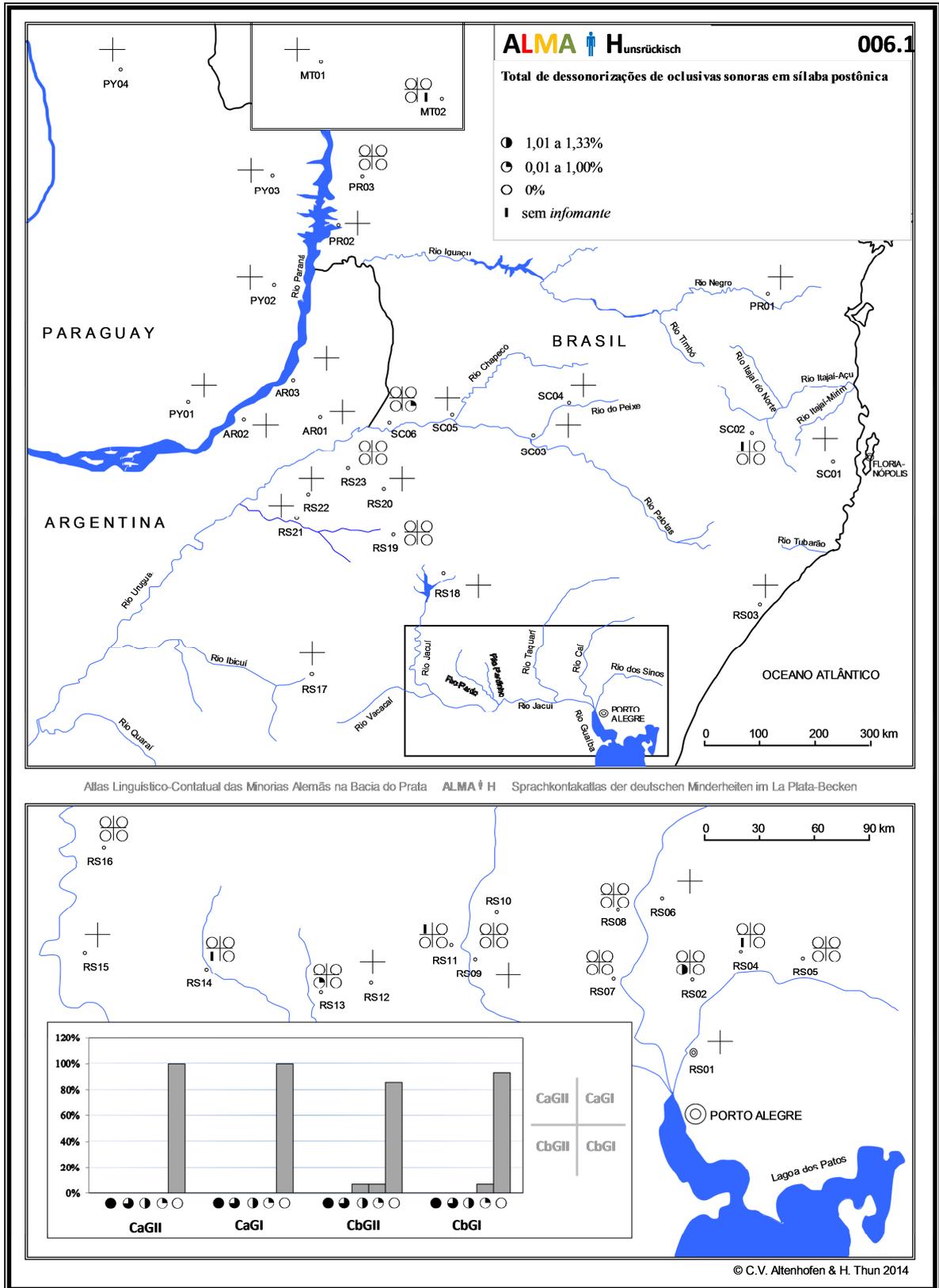


MAPA 005.1: Total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba tônica

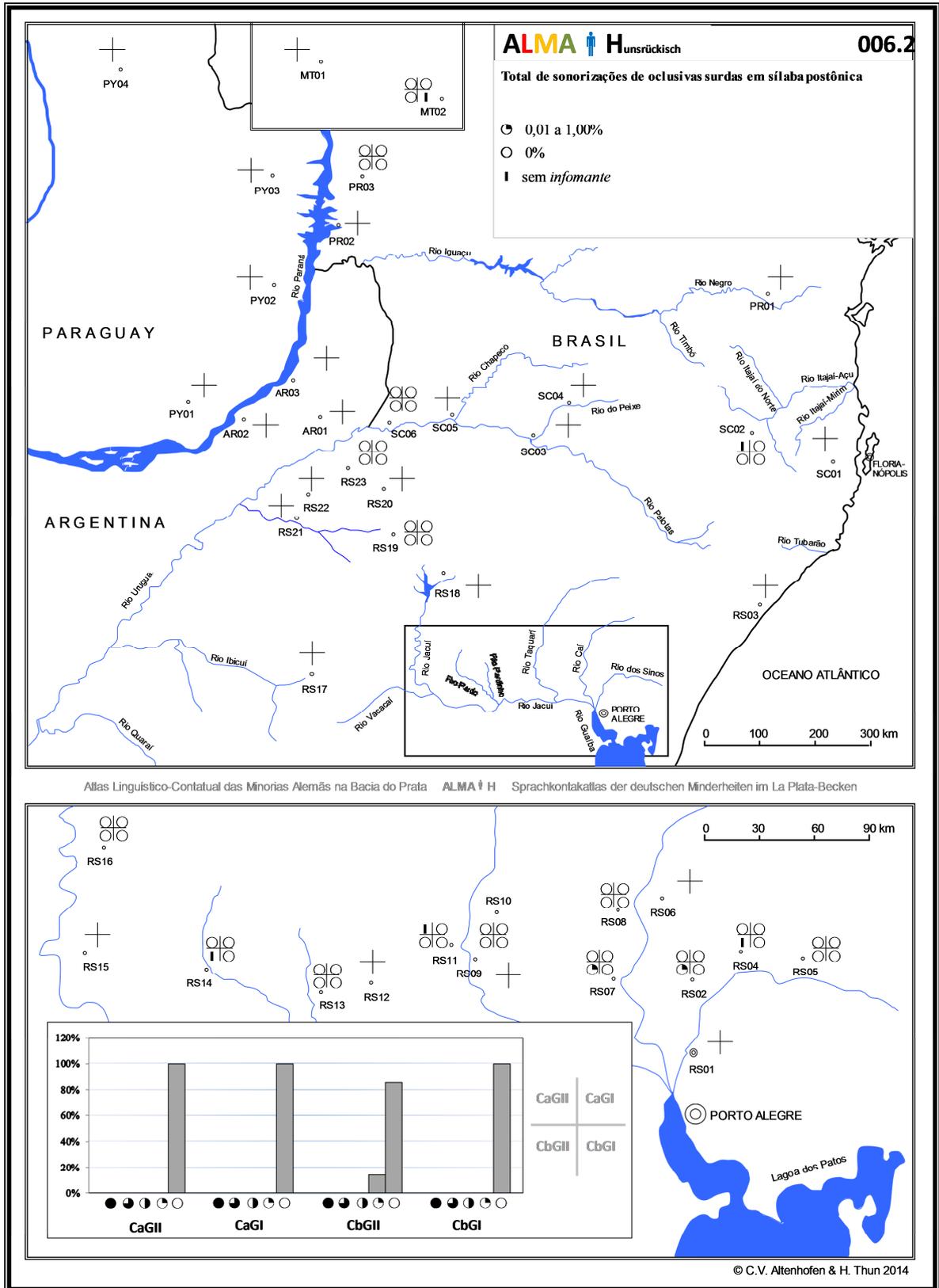




MAPA 006: Total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba postônica

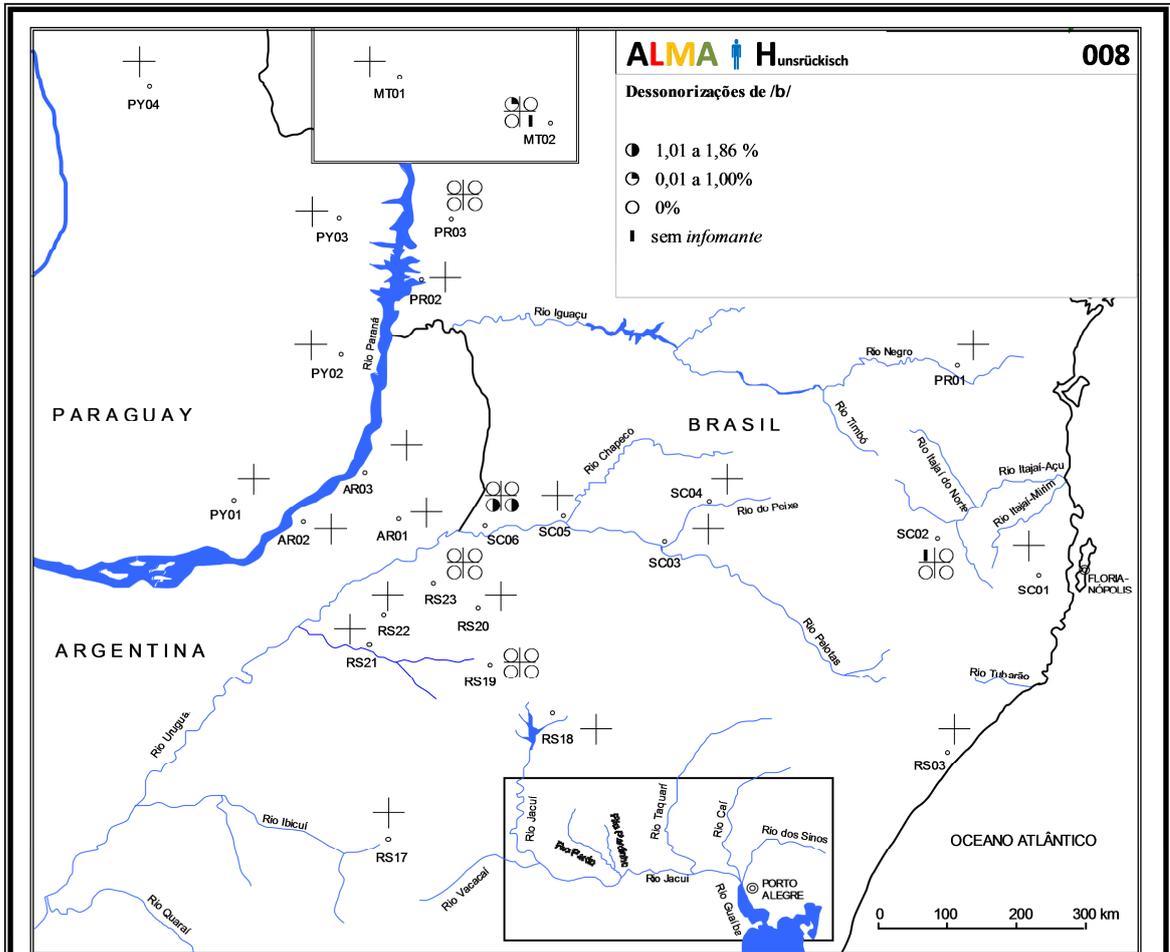


MAPA 006.1: Total de desonorizações de oclusivas sonoras em sílaba postônica

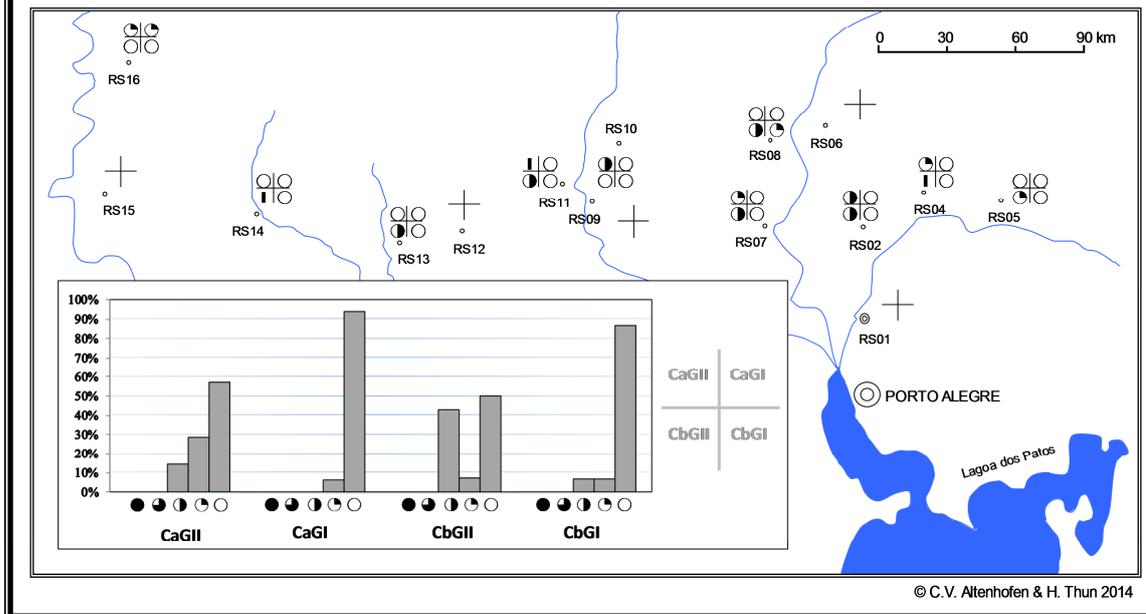


MAPA 006.2: Total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba postônica



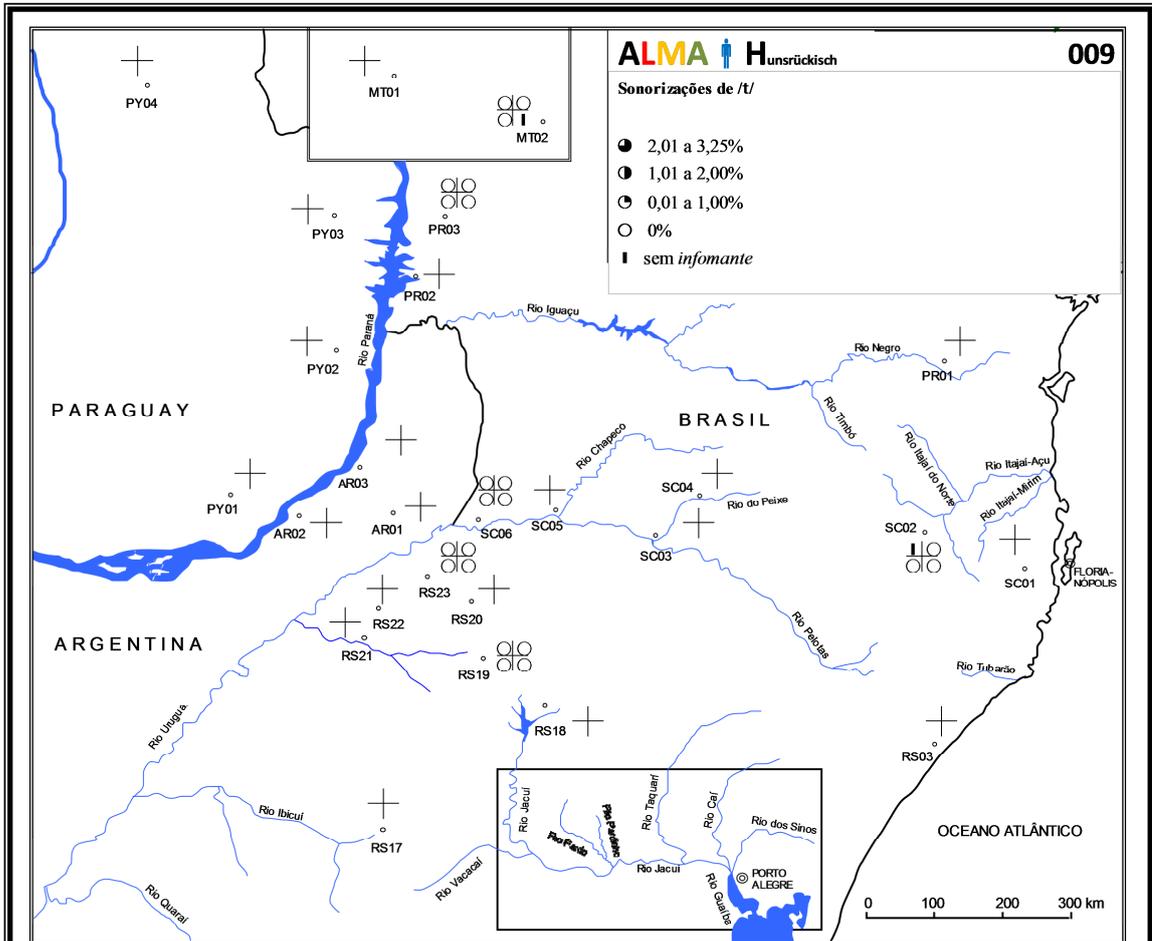


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

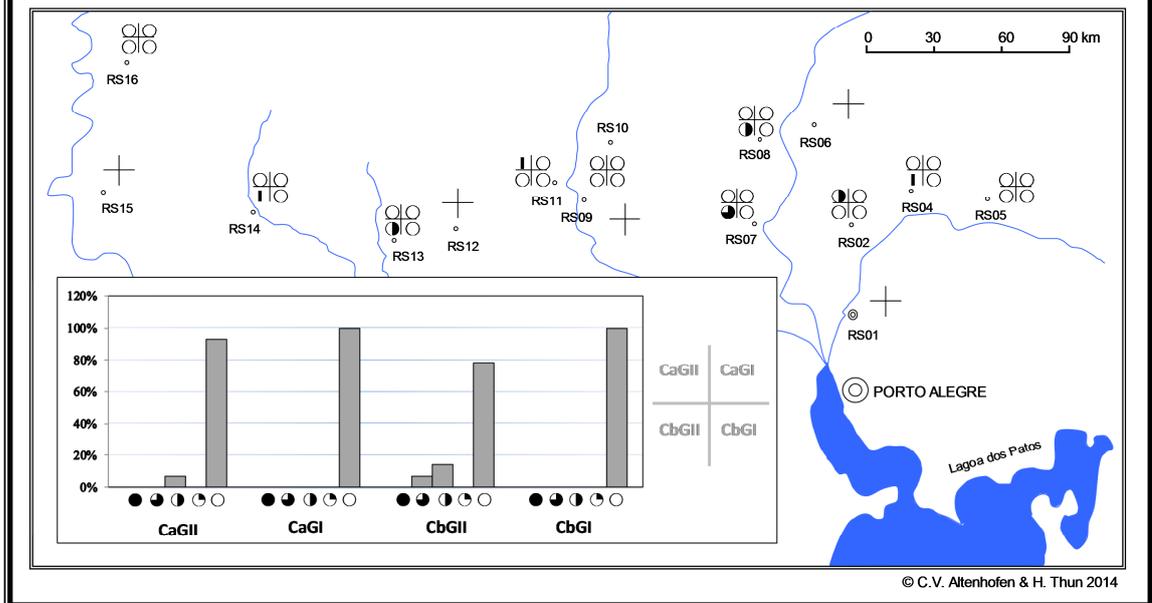


© C.V. Altenhofen & H. Thun 2014

MAPA 008: Dessonorizações de /b/

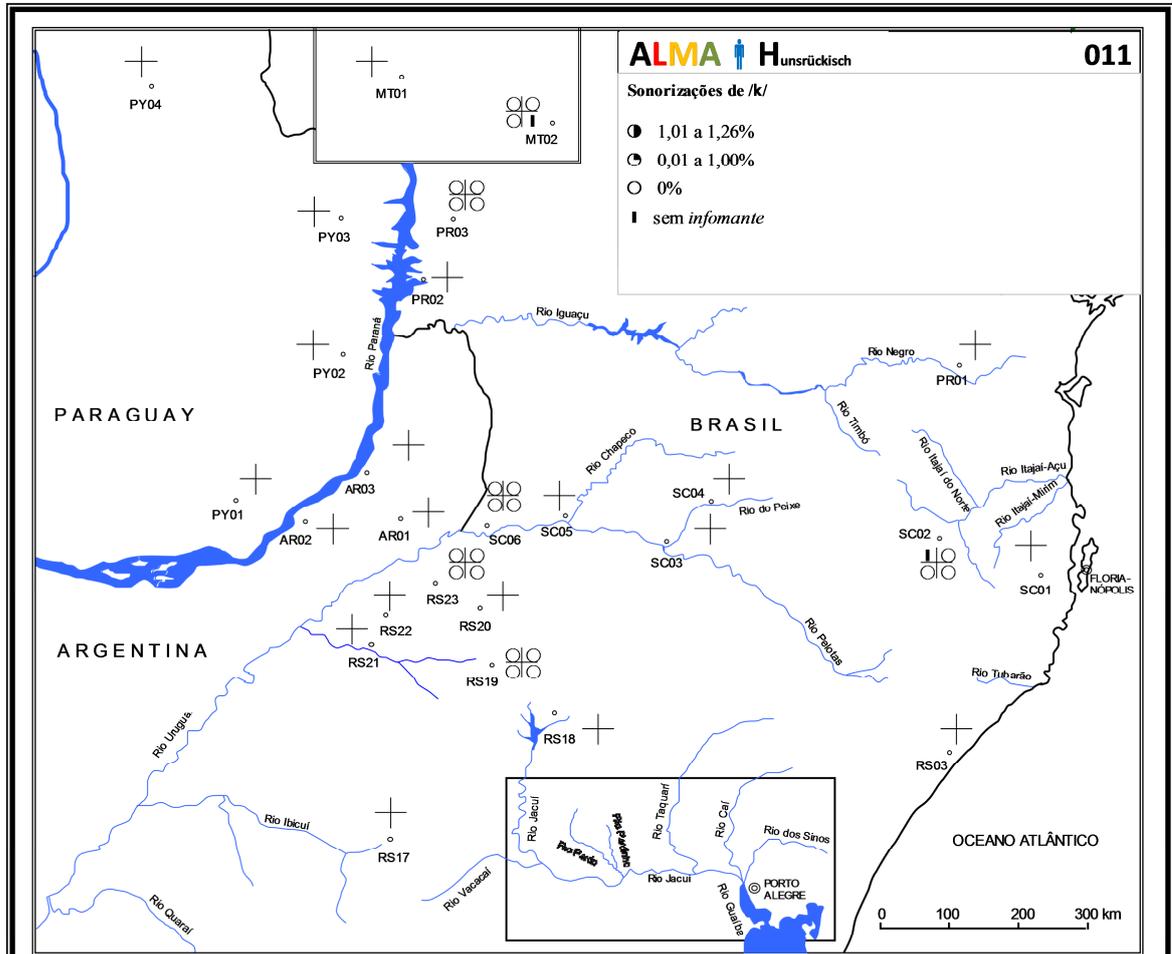


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

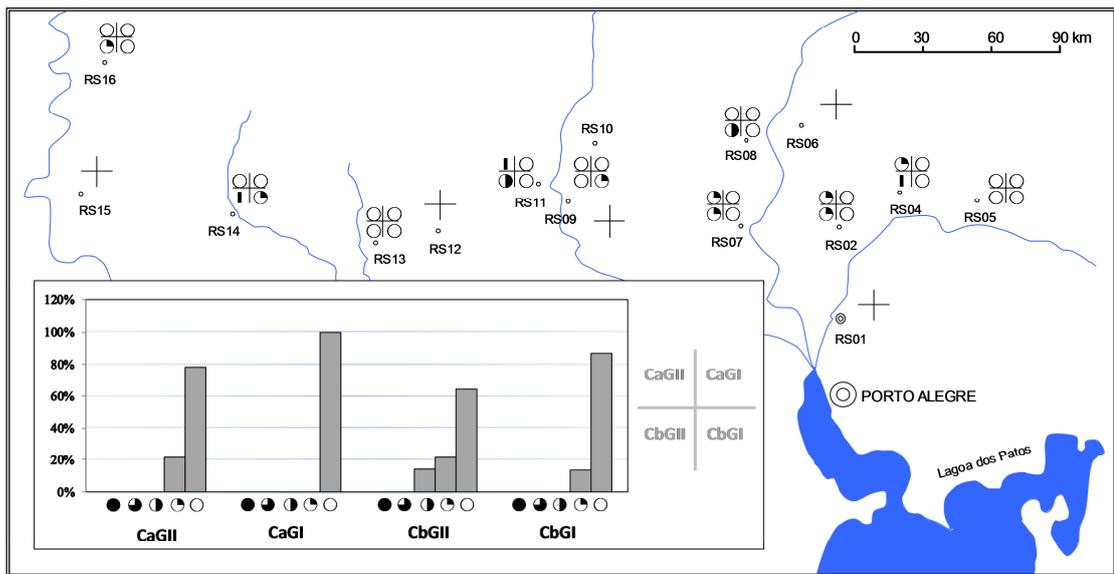


MAPA 009: Sonorizações de /t/



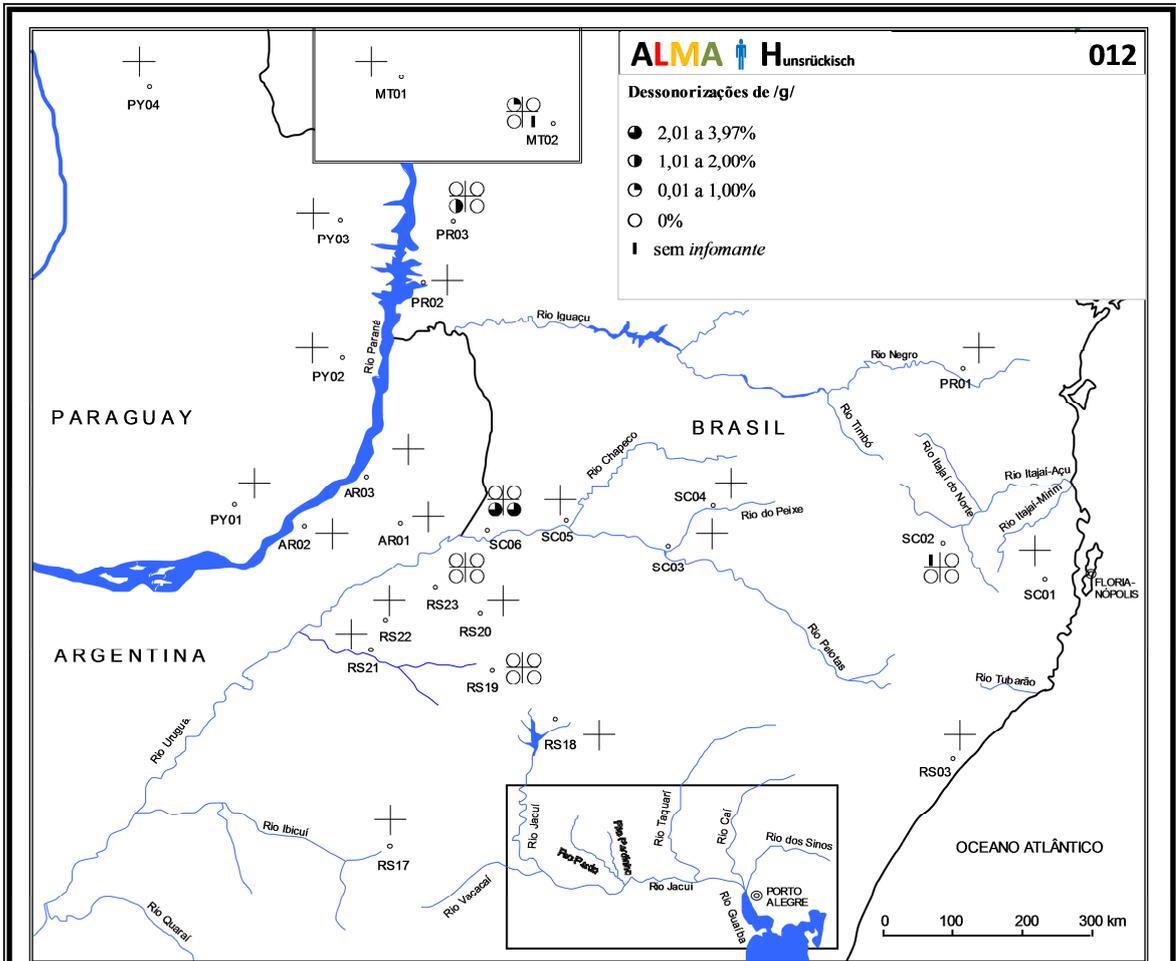


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

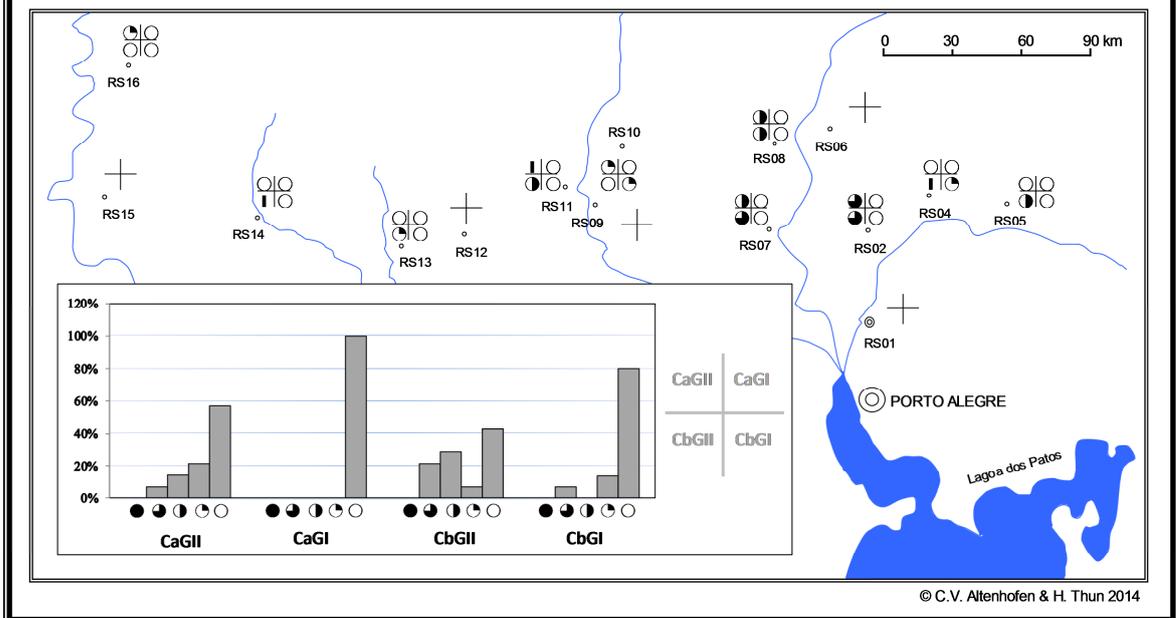


© C.V. Altenhofen & H. Thun 2014

MAPA 011: Sonorizações de /k/

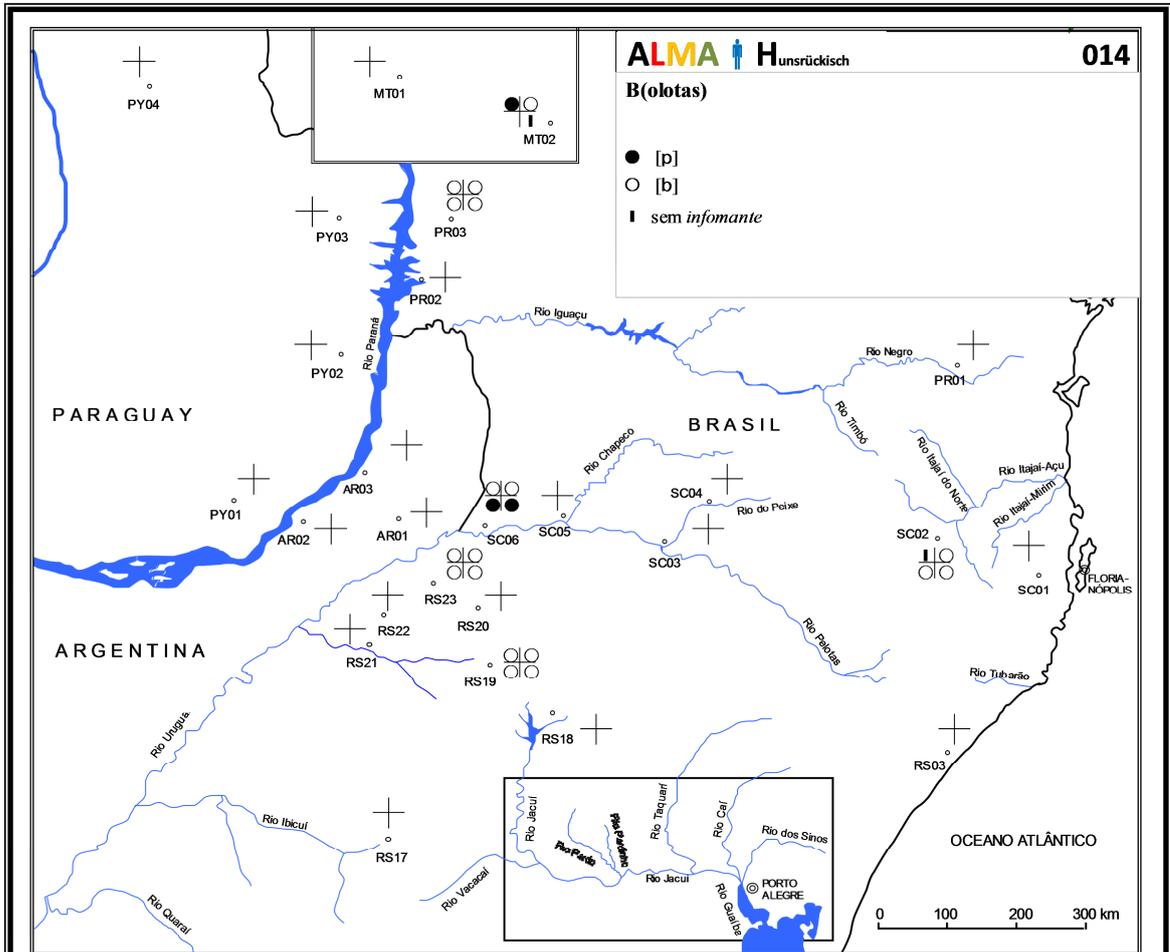


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlans der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

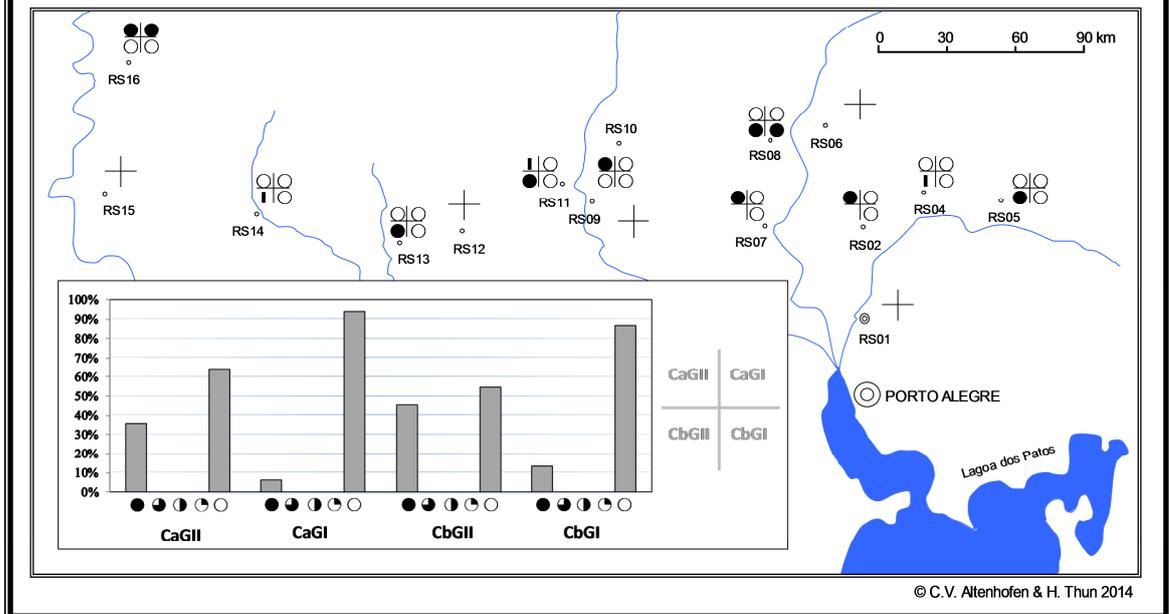


MAPA 012: Dessoronizações de /g/



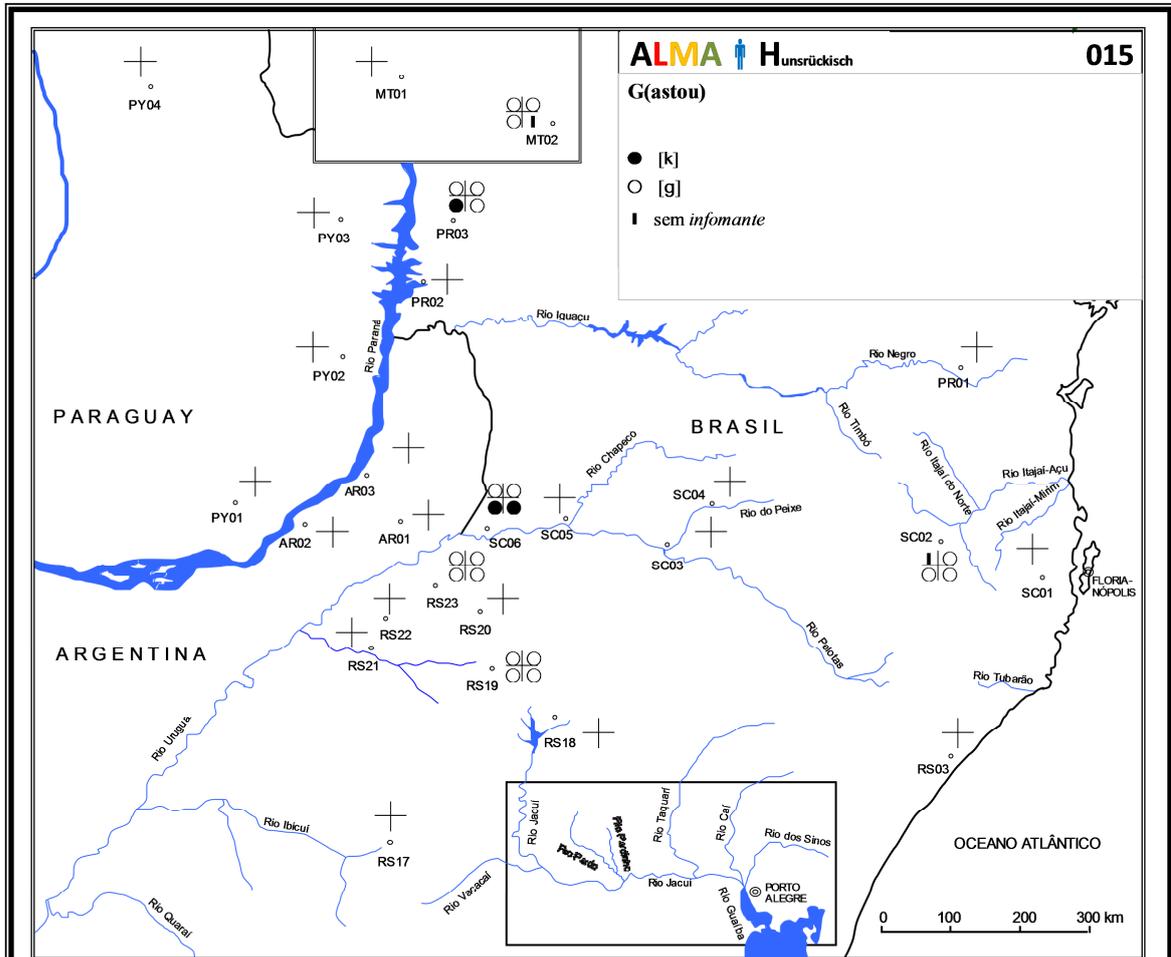


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

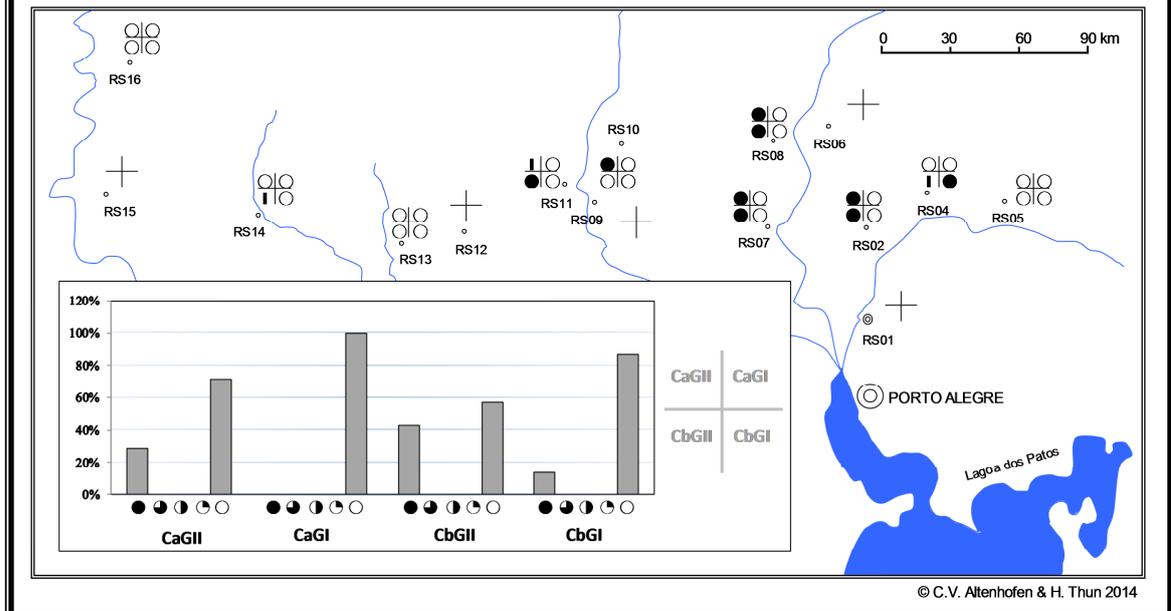


© C.V. Altenhofen & H. Thun 2014

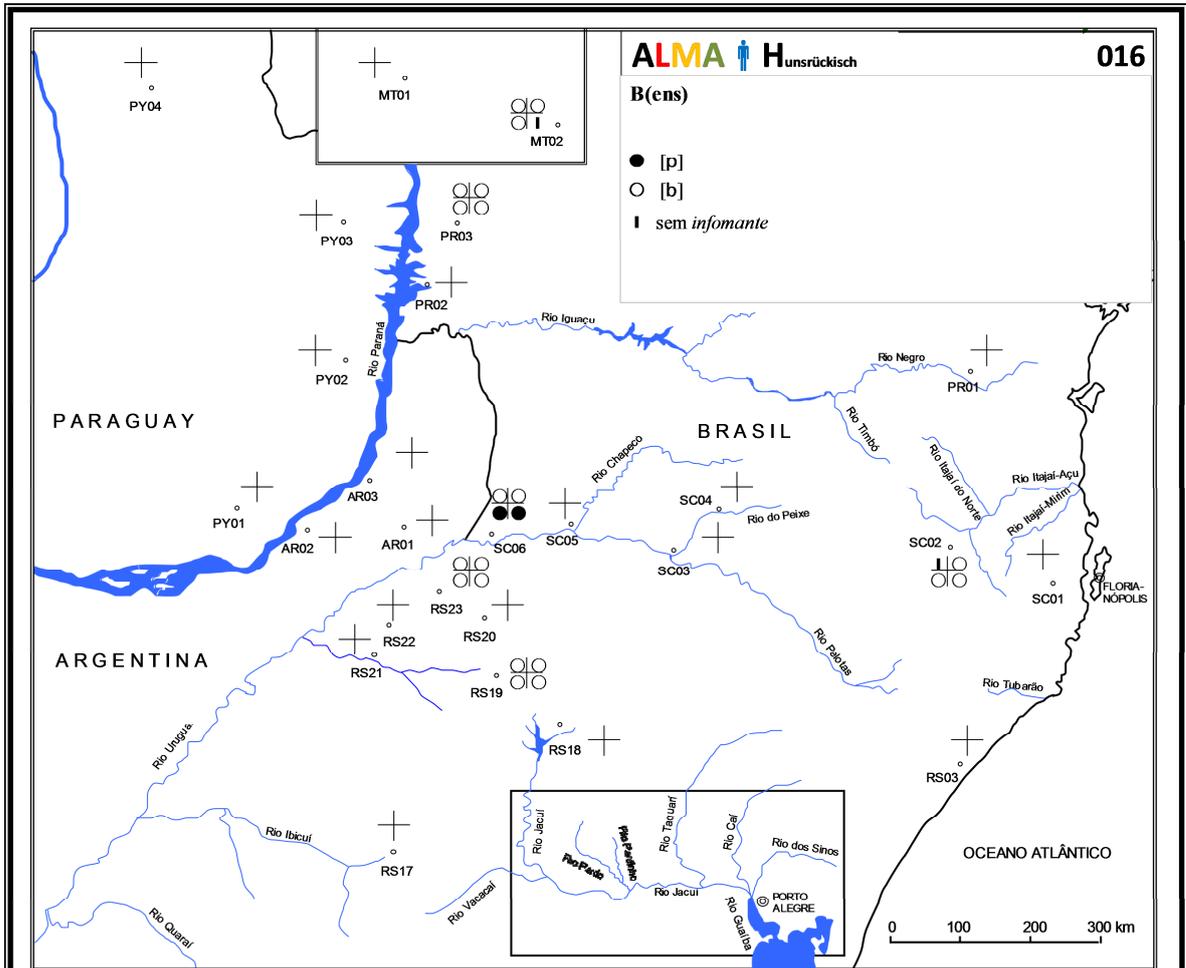
MAPA 014: B(olotas)



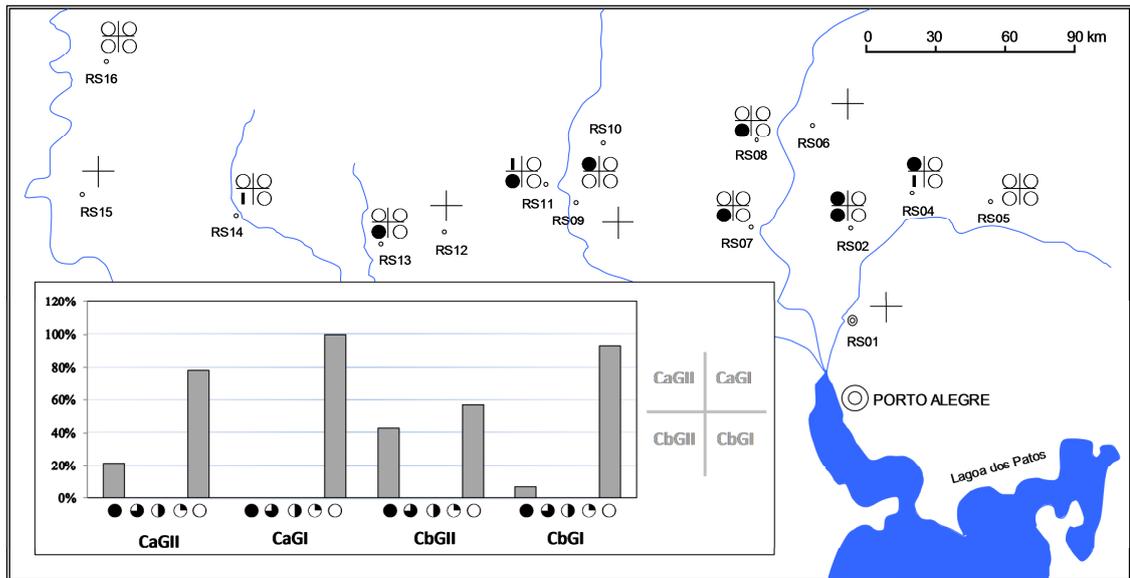
Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken



MAPA 015: G(astou)

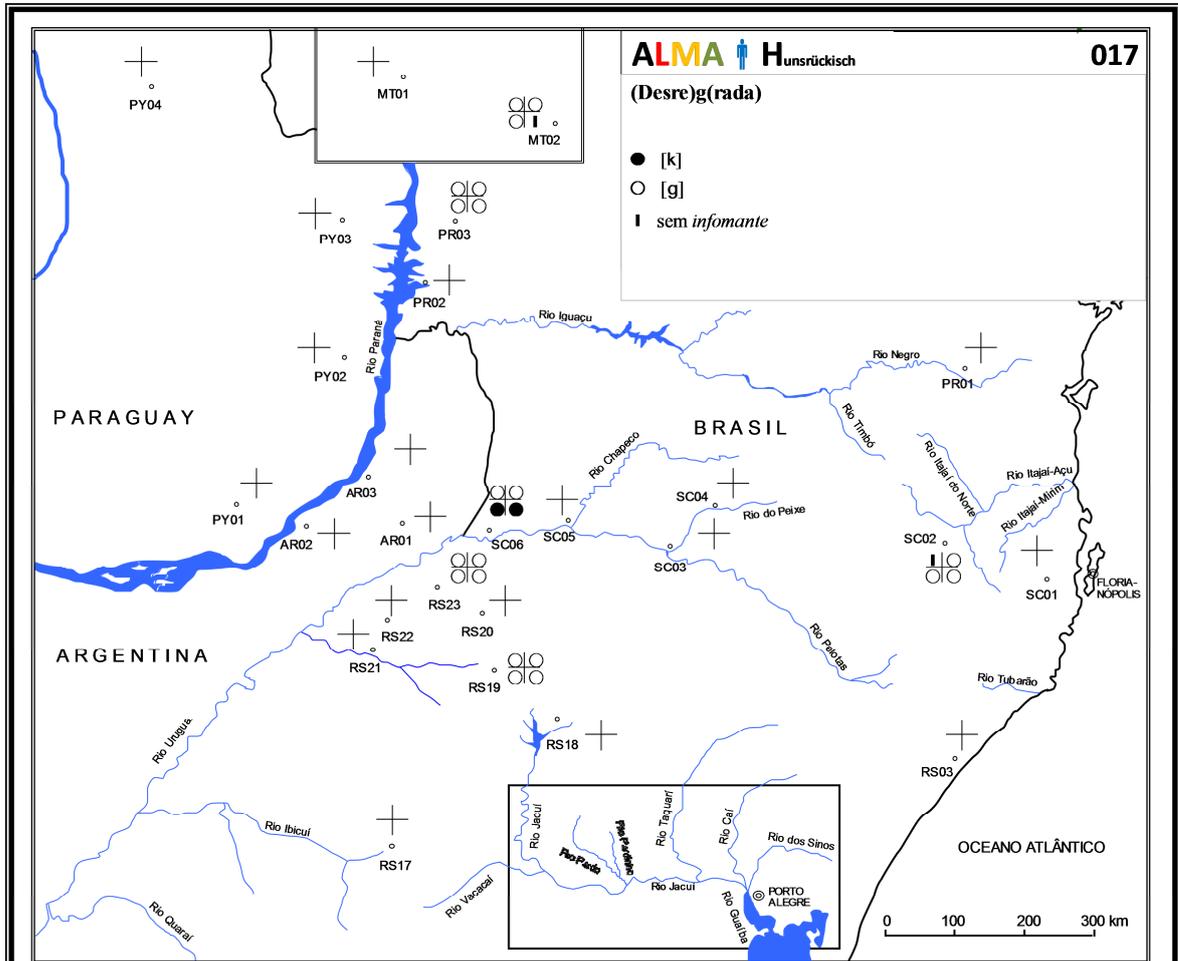


Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken

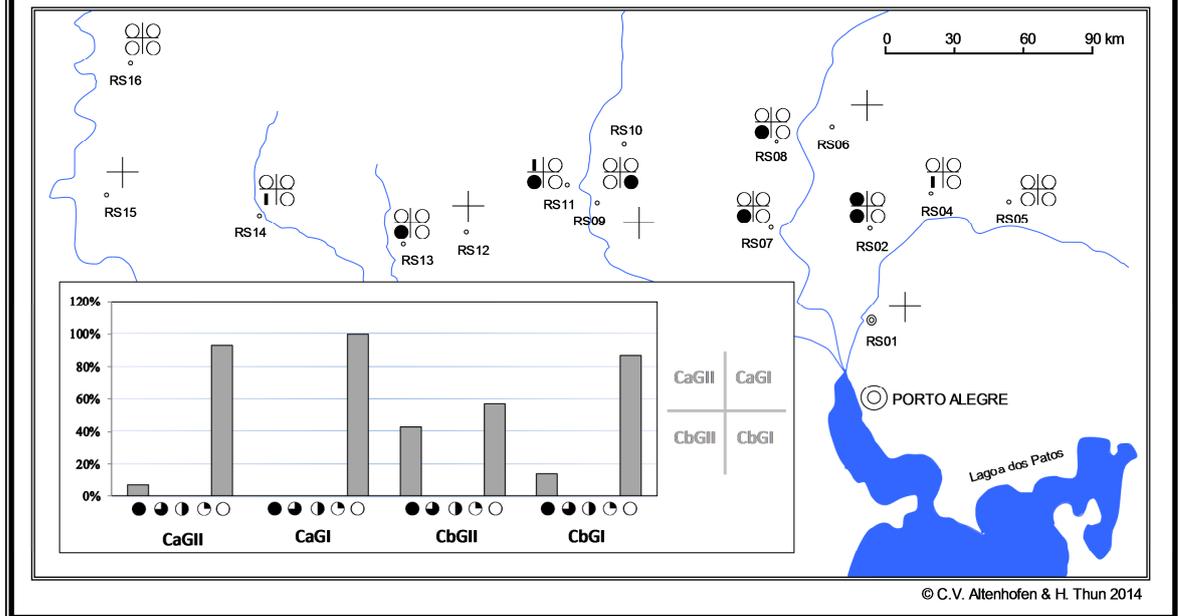


© C.V. Altenhofen & H. Thun 2014

MAPA 016: B(ens)



Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata ALMA H Sprachkontakttatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken



© C.V. Altenhofen & H. Thun 2014

MAPA 017: (Desre)g(rada)

## ANEXO D – VALORES E PORCENTAGENS DOS MAPAS

**TABELA 5:** Valores e porcentagens do total de padrões distintos do Pt

Mapa 001	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	15	9,25	1	0,61	19	12,58	35	5,61
RS04	0	0	3	1,84	1	0,61	-	-	4	0,81
RS05	0	0	0	0	0	0	3	1,86	3	0,46
RS07	0	0	9	5,52	0	0	25	16,33	34	5,46
RS08	0	0	2	1,24	1	0,62	19	11,72	22	3,39
RS10	0	0	9	5,55	2	1,23	1	0,63	12	1,85
RS11	0	0	-	-	0	0	16	10,06	16	3,35
RS13	0	0	0	0	0	0	21	13,04	21	3,26
RS14	0	0	1	0,61	1	0,61	-	-	2	0,40
RS16	1	0,61	2	1,25	0	0	1	0,62	4	0,62
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	10	6,25	12	7,40	22	3,41
PR03	0	0	0	0	0	0	2	1,22	2	0,30
MT02	0	0	2	1,23	-	-	0	0	2	0,41
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>43</b>		<b>16</b>		<b>119</b>		<b>179</b>	

**TABELA 6:** Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras

Mapa 002	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	12	7,4	1	0,61	16	10,59	29	4,65
RS04	0	0	2	1,23	1	0,61	-	-	3	0,61
RS05	0	0	0	0	0	0	3	1,86	3	0,46
RS07	0	0	7	4,29	0	0	18	11,76	25	4,01
RS08	0	0	2	1,24	1	0,62	13	8,02	16	2,47
RS10	0	0	8	4,94	1	0,615	1	0,63	10	1,54
RS11	0	0	-	-	0	0	14	8,8	14	2,93
RS13	0	0	0	0	0	0	17	10,56	17	2,64
RS14	0	0	1	0,61	0	0	-	-	1	0,20
RS16	1	0,61	2	1,25	0	0	0	0	3	0,46
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	10	6,25	12	7,4	22	3,41
PR03	0	0	0	0	0	0	2	1,22	2	0,30
MT02	0	0	2	1,23	-	-	0	0	2	0,41
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>36</b>		<b>14</b>		<b>95</b>		<b>147</b>	

TABELA 7: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas

Mapa 003	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	3	1,85	0	0	3	1,99	6	0,96
RS04	0	0	1	0,61	0	0	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	2	1,23	0	0	7	4,57	9	1,45
RS08	0	0	0	0	0	0	6	3,7	6	0,92
RS10	0	0	1	0,61	1	0,615	0	0	2	0,30
RS11	0	0	-	-	0	0	2	1,26	2	0,42
RS13	0	0	0	0	0	0	4	2,48	4	0,62
RS14	0	0	0	0	1	0,61	-	-	1	0,20
RS16	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>7</b>		<b>2</b>		<b>23</b>		<b>32</b>	

TABELA 8: Valores e porcentagens do total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba pretônica

Mapa 004	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	4	2,46	0	0	6	3,97	10	1,60
RS04	0	0	1	0,61	1	0,61	-	-	2	0,40
RS05	0	0	0	0	0	0	3	1,86	3	0,46
RS07	0	0	6	3,68	0	0	11	7,19	17	2,71
RS08	0	0	2	1,24	1	0,62	8	4,93	11	1,69
RS10	0	0	4	2,47	0	0	1	0,63	5	0,77
RS11	0	0	-	-	0	0	8	5,03	8	1,67
RS13	0	0	0	0	0	0	8	4,96	8	1,24
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	1	0,61	2	1,25	0	0	0	0	3	0,46
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	6	3,75	5	3,08	11	1,70
PR03	0	0	0	0	0	0	2	1,22	2	0,30
MT02	0	0	2	1,23	-	-	0	0	2	0,41
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>21</b>		<b>8</b>		<b>52</b>		<b>82</b>	

**TABELA 9:** Valores e porcentagens do total de desonorizações de oclusivas sonoras em sílaba pretônica

Mapa 004.1	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	4	2,46	0	0	5	3,31	9	1,44
RS04	0	0	1	0,61	1	0,61	-	-	2	0,40
RS05	0	0	0	0	0	0	3	1,86	3	0,46
RS07	0	0	6	3,68	0	0	9	5,89	15	2,39
RS08	0	0	2	1,24	1	0,62	5	3,08	8	1,23
RS10	0	0	4	2,47	0	0	1	0,63	5	0,77
RS11	0	0	-	-	0	0	7	4,40	7	1,46
RS13	0	0	0	0	0	0	8	4,96	8	1,24
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	1	0,61	2	1,25	0	0	0	0	3	0,46
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	6	3,75	5	3,08	11	1,70
PR03	0	0	0	0	0	0	2	1,22	2	0,30
MT02	0	0	2	1,23	-	-	0	0	2	0,41
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>21</b>		<b>8</b>		<b>45</b>		<b>75</b>	

**TABELA 10:** Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba pretônica

Mapa 004.2	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	0	0	0	0	1	0,66	1	0,16
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	2	1,3	2	0,32
RS08	0	0	0	0	0	0	3	1,85	3	0,46
RS10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS11	0	0	-	-	0	0	1	0,63	1	0,21
RS13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>0</b>		<b>0</b>		<b>7</b>		<b>7</b>	

**TABELA 11:** Valores e porcentagens do total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba tônica

Mapa 005	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	11	6,79	1	0,61	10	6,62	22	3,50
RS04	0	0	2	1,23	0	0	-	-	2	0,41
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	3	1,84	0	0	13	8,49	16	2,58
RS08	0	0	0	0	0	0	11	6,79	11	1,69
RS10	0	0	5	3,08	2	1,23	0	0	7	1,07
RS11	0	0	-	-	0	0	8	5,03	8	1,67
RS13	0	0	0	0	0	0	12	7,46	12	1,87
RS14	0	0	1	0,61	1	0,61	-	-	2	0,40
RS16	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	3	1,88	7	4,32	10	1,55
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>22</b>		<b>7</b>		<b>62</b>		<b>91</b>	

**TABELA 12:** Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba tônica

Mapa 005.1	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	8	4,94	1	0,61	9	5,96	18	2,87
RS04	0	0	1	0,615	0	0	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	1	0,61	0	0	9	5,88	10	1,62
RS08	0	0	0	0	0	0	8	4,94	8	1,23
RS10	0	0	4	2,47	1	0,615	0	0	5	0,77
RS11	0	0	-	-	0	0	7	4,40	7	1,46
RS13	0	0	0	0	0	0	8	4,98	8	1,25
RS14	0	0	1	0,61	0	0	-	-	1	0,20
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	3	1,88	7	4,32	10	1,55
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>15</b>		<b>5</b>		<b>48</b>		<b>68</b>	

TABELA 13: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba tônica

Mapa 005.2	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	3	1,85	0	0	1	0,66	4	0,62
RS04	0	0	1	0,615	0	0	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	2	1,23	0	0	4	2,61	6	0,96
RS08	0	0	0	0	0	0	3	1,85	3	0,46
RS10	0	0	1	0,61	1	0,615	0	0	2	0,30
RS11	0	0	-	-	0	0	1	0,63	1	0,21
RS13	0	0	0	0	0	0	4	2,48	4	0,62
RS14	0	0	0	0	1	0,61	-	-	1	0,20
RS16	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>7</b>		<b>2</b>		<b>14</b>		<b>23</b>	

TABELA 14: Valores e porcentagens do total de oclusivas com padrões distintos do Pt em sílaba postônica

Mapa 006	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	0	0	0	0	3	1,99	3	0,49
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	1	0,65	1	0,16
RS08	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS11	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
RS13	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	0,62	0	0	1	0,15
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>0</b>		<b>1</b>		<b>5</b>		<b>6</b>	

TABELA 15: Valores e porcentagens do total de dessonorizações de oclusivas sonoras em sílaba postônica

Mapa 006.1	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	0	0	0	0	2	1,33	2	0,33
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS08	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS11	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
RS13	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	0,62	0	0	1	0,15
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>0</b>		<b>1</b>		<b>3</b>		<b>4</b>	

TABELA 16: Valores e porcentagens do total de sonorizações de oclusivas surdas em sílaba postônica

Mapa 006.2	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	0	0	0	0	1	0,66	1	0,16
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	1	0,65	1	0,16
RS08	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS11	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
RS13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>0</b>		<b>0</b>		<b>2</b>		<b>2</b>	

TABELA 17: Valores e porcentagens do total de sonorizações de /p/

Mapa 007	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	0	0	0	0	2	1,325	2	0,33
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	1	0,615	0	0	1	0,66	2	0,31
RS08	0	0	0	0	0	0	2	1,23	2	0,30
RS10	0	0	1	0,61	0	0	0	0	1	0,15
RS11	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
RS13	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>2</b>		<b>0</b>		<b>6</b>		<b>8</b>	

TABELA 18: Valores e porcentagens do total de desonorizações de /b/

Mapa 008	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	1	1,23	0	0	2	1,32	3	0,63
RS04	0	0	1	0,615	0	0	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS07	0	0	1	0,61	0	0	2	1,3	3	0,47
RS08	0	0	0	0	1	0,62	3	1,85	4	0,61
RS10	0	0	2	1,24	0	0	0	0	2	0,31
RS11	0	0	-	-	0	0	2	1,26	2	0,42
RS13	0	0	0	0	0	0	3	1,86	3	0,46
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	1	0,61	1	0,625	0	0	0	0	2	0,30
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	2	1,25	2	1,24	4	0,62
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	1	0,615	0	0	-	-	1	0,20
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>7</b>		<b>3</b>		<b>15</b>		<b>26</b>	

TABELA 19: Valores e porcentagens do total de sonorizações de /t/

Mapa 009	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	2	1,23	0	0	0	0	2	0,30
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	5	3,25	5	0,81
RS08	0	0	0	0	0	0	2	1,23	2	0,30
RS10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS11	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
RS13	0	0	0	0	0	0	3	1,86	3	0,46
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>2</b>		<b>0</b>		<b>10</b>		<b>12</b>	

TABELA 20: Valores e porcentagens do total de desonorizações de /d/

Mapa 010	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	6	3,7	1	0,61	8	5,3	15	2,40
RS04	0	0	1	0,615	0	0	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	3	1,84	0	0	11	7,20	14	2,26
RS08	0	0	0	0	0	0	7	4,33	7	1,08
RS10	0	0	5	3,08	0	0	1	0,63	6	0,92
RS11	0	0	-	-	0	0	9	5,66	9	1,88
RS13	0	0	0	0	0	0	9	5,60	9	1,40
RS14	0	0	1	0,61	0	0	-	-	1	0,20
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	4	2,5	5	3,08	9	1,39
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>16</b>		<b>5</b>		<b>50</b>		<b>71</b>	

TABELA 21: Valores e porcentagens do total de sonorizações de /k/

Mapa 011	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	1	0,62	0	0	1	0,665	2	0,32
RS04	0	0	1	0,61	0	0	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	1	0,615	0	0	1	0,66	2	0,31
RS08	0	0	0	0	0	0	2	1,23	2	0,30
RS10	0	0	0	0	1	0,615	0	0	1	0,15
RS11	0	0	-	-	0	0	2	1,26	2	0,42
RS13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS14	0	0	0	0	1	0,61	-	-	1	0,20
RS16	0	0	0	0	0	0	1	0,62	1	0,15
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>3</b>		<b>2</b>		<b>7</b>		<b>12</b>	

TABELA 22: Valores e porcentagens do total de desonorizações de /g/

Mapa 012	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
RS02	0	0	4	2,47	0	0	6	3,97	10	1,61
RS04	0	0	0	0	1	0,61	-	-	1	0,20
RS05	0	0	0	0	0	0	2	1,24	2	0,31
RS07	0	0	3	1,84	0	0	5	3,26	8	1,27
RS08	0	0	2	1,24	0	0	3	1,85	5	0,77
RS10	0	0	1	0,62	1	0,615	0	0	2	0,30
RS11	0	0	-	-	0	0	3	1,88	3	0,62
RS13	0	0	0	0	0	0	5	3,1	5	0,77
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	1	0,625	0	0	0	0	1	0,15
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	4	2,5	5	3,08	9	1,39
PR03	0	0	0	0	0	0	2	1,22	2	0,30
MT02	0	0	1	0,615	-	-	0	0	1	0,20
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>12</b>		<b>6</b>		<b>31</b>		<b>49</b>	

TABELA 23: Dessonorização da oclusiva velar na palavra ‘g(uardar)’

Mapa 013	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS07	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS08	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS10	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS11	0	0	-	-	0	0	1	100	1	0,33
RS13	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	1	100	0	0	0	0	1	0,25
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	100	1	100	2	0,50
PR03	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
MT02	0	0	-	-	0	0	1	100	1	0,33
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>4</b>		<b>1</b>		<b>9</b>		<b>14</b>	

TABELA 24: Dessonorização da oclusiva bilabial na palavra ‘b(olotas)’

Mapa 014	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	1	100	0	0	-	-	1	0,33
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS07	0	0	1	100	0	0	-	-	1	0,33
RS08	0	0	0	0	1	100	1	100	2	0,50
RS10	0	0	1	100	0	0	0	0	1	0,25
RS11	0	0	-	-	0	0	1	100	1	0,33
RS13	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	1	100	1	100	0	0	0	0	2	0,50
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	100	1	100	2	0,50
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	1	100	-	-	-	-	1	0,50
<b>Total</b>	<b>1</b>		<b>5</b>		<b>2</b>		<b>5</b>		<b>13</b>	

TABELA 25: Dessonorização da oclusiva velar na palavra ‘g(astou)’

Mapa 015	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS04	0	0	0	0	1	100	-	-	1	0,33
RS05	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS07	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS08	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS10	0	0	1	100	0	0	0	0	1	0,25
RS11	0	0	-	-	0	0	1	100	1	0,33
RS13	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	100	1	100	2	0,50
PR03	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>4</b>		<b>2</b>		<b>6</b>		<b>12</b>	

TABELA 26: Dessonorização da oclusiva bilabial na palavra ‘b(ens)’

Mapa 016	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS04	0	0	1	100	0	0	-	-	1	0,33
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS08	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS10	0	0	1	100	0	0	0	0	1	0,25
RS11	0	0	-	-	0	0	1	100	1	0,33
RS13	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	100	1	100	2	0,50
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>3</b>		<b>1</b>		<b>6</b>		<b>10</b>	

TABELA 27: Dessonorização da oclusiva velar na palavra '(desre)g(rada)'

Mapa 017	CaGI		CaGII		CbGI		CbGII		Total	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
RS02	0	0	1	100	0	0	1	100	2	0,50
RS04	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS05	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS07	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS08	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS10	0	0	0	0	1	100	0	0	1	0,25
RS11	0	0	-	-	0	0	1	100	1	0,33
RS13	0	0	0	0	0	0	1	100	1	0,25
RS14	0	0	0	0	0	0	-	-	0	0
RS16	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS19	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
RS23	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
SC02	0	0	-	-	0	0	0	0	0	0
SC06	0	0	0	0	1	100	1	100	2	0,50
PR03	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
MT02	0	0	0	0	-	-	0	0	0	0
<b>Total</b>	<b>0</b>		<b>1</b>		<b>2</b>		<b>6</b>		<b>9</b>	

## ANEXO E – RESUMO DOS RESULTADOS DAS ANÁLISES DOS DADOS

<b>1ª etapa</b>																			
<b>Material analisado</b>	43 leituras completas/15 pontos/15.781 oclusivas/ -168 (anuladas) 15.613 oclusivas																		
<b>Nº de transferências</b>	309 oclusivas divergente dos padrões do português (1,98%)																		
<b>Tipo de processo ocorrido</b>	260 dessonorizações (84,14%) 49 sonorizações (15,86%).																		
<b>Tonicidade silábica</b>	*133 pretônica (43,04%): 125 des. (93,98%) e 8 son. (6,02%). *169 tônica (54,70%): 132 des. (78,11%) e 37 son. (21,89%) . *7 postônica (2,26%): 3 des.(42,86%) e 4 son.(57,14%).																		
<b>Regras do hunsriqueano</b>	261 = regras (84,46%) 48 ≠ regras (15,54%)																		
<b>Tipo de oclusiva</b>	<table border="1" style="display: inline-table; vertical-align: top;"> <tbody> <tr> <td>9p</td> <td>0,32%</td> <td>6º</td> </tr> <tr> <td>86b</td> <td>11,94</td> <td>1º</td> </tr> <tr> <td>27t</td> <td>0,65%</td> <td>4º</td> </tr> <tr> <td>91d</td> <td>2,21%</td> <td>3º</td> </tr> <tr> <td>13k</td> <td>0,46%</td> <td>5º</td> </tr> <tr> <td>83g</td> <td>7,53%</td> <td>2º</td> </tr> </tbody> </table>	9p	0,32%	6º	86b	11,94	1º	27t	0,65%	4º	91d	2,21%	3º	13k	0,46%	5º	83g	7,53%	2º
9p	0,32%	6º																	
86b	11,94	1º																	
27t	0,65%	4º																	
91d	2,21%	3º																	
13k	0,46%	5º																	
83g	7,53%	2º																	

**QUADRO 23:** Anexo E- Resumo dos resultados da 1ª etapa de análise dos dados

<b>2ª etapa (a)</b>	
<b>Material analisado</b>	59 leituras (1º e 2º parágrafos)/16 pontos/ 9.617 oclusivas/-100 (anuladas)/9517 oclusivas 5.017 GI e 4.500 GII
<b>Nº de transferências</b>	179 oclusivas divergente dos padrões do português (1,88%) 17(9,50%) GI (0,33%) 162(90,50%)GII (3,60%)
<b>Tipo de processo ocorrido</b>	147 dessonorizações (82,12%) e 32 sonorizações (17,88%). Des. 15 na GI (10,20%) e 132 na GII (89,80%)./Son. 2 na GI (6,25%) e 30 na GII (93,75%). GI- 15 des. (88,24%)/2 son. (11,76%) GII – 132 des. (81,48%)/ 30 son. (18,52%)
<b>Tonicidade silábica</b>	* 82 pretônica (45,81%): 9 na GI (10,98%) e 73 na GII (89,02%) GI – 9 (52,94%): 9 des.(100%). GII- 73 (45,06%): 66 des. (90,41%) e 7 son.(9,59%). *91 tônica (50,84%): 7 na GI (7,69%) e 84 na GII (92,31%) GI – 7 (41,18%): 5 des. (71,43%) e 2 son. (28,57%). GII- 84 (51,85%): 63 des. (75%) e 21 son. (25%). *6 postônica (3,35%): 1 na GI (16,67%) e 5 na GII (83,33%) GI- 1(5,88%): 1 des. (100%). GII – 5 (3,09%): 3 des. (60%) e 2 son.(40%).
<b>Regras do hunsriqueano</b>	GI 14 = regras (82,53%) e 3 ≠ regras (17,65%) GII 131= regras (80,86%) e 31 ≠ regras (19,14%)

Tipo de oclusiva	Geral			GI			GII		
	8p	0,48%	6°	0p	0%	5°	8p	1,02%	6°
	27b	7,80%	2°	4b	2,19%	1°	23b	14,02%	2°
	12t	0,51%	5°	0t	0%	5°	12t	1,08%	5°
	71d	2,43%	3°	5d	0,32%	3°	68d	4,79%	3°
	12k	0,68%	4°	2k	0,21%	4°	10k	1,20%	4°
	49g	9,28%	1°	6g	2,15%	2°	43g	17,20%	1°

**QUADRO 24:** Anexo E- Resumo dos resultados da 2ª etapa (a) de análise dos dados

2ª etapa (b)			
<b>Material analisado</b>	9 correspondências (datadas de 1892 até 1922)		
<b>Nº de transferências</b>	35 oclusivas divergente dos padrões do português		
<b>Tipo de processo ocorrido</b>	20 dessonorizações (57,14%) 15 sonorizações (42,86%).		
<b>Tonicidade silábica</b>	* 8 pretônica (22,86%): 3 des. (37,50%) e 5 son. (62,50%). * 13 tônica (37,14%): 7 des. (53,85%) e 6 son. (46,15%). * 14 postônica (40%): 10 des. (71,43%) e 4 son. (28,57%).		
<b>Regras do hunsriqueano</b>	14= regras (40%) e 21 ≠ regras (60%)		
<b>Tipo de oclusiva</b>	1p	2,86%	6°
	6b	17,14%	3°
	12t	34,29%	1°
	11d	31,43%	2°
	2c	5,71%	5°
	3g	8,57%	4°

**QUADRO 25:** Anexo E- Resumo dos resultados da 2ª etapa (b) de análise dos dados

3ª etapa	
<b>Material analisado</b>	59 leituras (1º e 2º parágrafos)/16 pontos/9.617 oclusivas/-100 (anuladas)/9517 oclusivas 4.860 Ca e 4.657 Cb
<b>Nº de transferências</b>	179 oclusivas divergente dos padrões do português (1,88%) 44(24,58%) Ca (0,90%) 135(75,42%)Cb (2,89%)
<b>Tipo de processo ocorrido</b>	147 dessonorizações (82,12%) e 32 sonorizações (17,88%). Des. 37 na Ca (25,17%) e 110 na Cb (74,83%)./Son. 7 na Ca (21,88%) e 25 na Cb (78,12%). Ca- 37 des. (84,09%)/7 son. (15,91%) Cb – 110 des. (81,48%)/ 25 son. (18,52%)
<b>Tonicidade silábica</b>	* 82 pretônica (45,81%): 22 na Ca (26,83%) e 60 na Cb (73,17%) Ca – 22 (50%): 22 des. (100%). Cb- 60 (44,45%): 53 des.(88,33%) e 7 son.(11,67%). *91 tônica (50,84%): 22 na Ca (24,18%) e 69 na Cb (75,82%) Ca – 22 (50%): 15 des. (68,18%) e 7 son. (31,82%). Cb- 69 (51,11%): 53 des. (76,81%) e 16 son. (23,19%). *6 postônica (3,35%):

	6 na Cb (100%) Cb – 6 (4,44%): 4 des. (66,67%) e 2 son. (33,33%).								
<b>Regras do hunsriqueano</b>	Ca 37= regras (84,09%) e 7 ≠ regras (15,91%) Cb 108= regras (80%) e 27 ≠ regras (20%)								
<b>Tipo de oclusiva</b>	Geral			Ca			Cb		
	8p	0,48%	6°	2p	0,23%	5°	6p	0,74%	6°
	27b	7,80%	2°	9b	5,05%	1°	18b	10,71%	2°
	12t	0,51%	5°	2t	0,16%	6°	10t	0,87%	5°
	71d	2,43%	3°	16d	1,07%	3°	55d	3,86%	3°
	12k	0,68%	4°	3k	0,33%	4°	9k	1,04%	4°
	49g	9,28%	1°	12g	4,46%	2°	37g	14,28%	1°

**QUADRO 26:** Anexo E- Resumo dos resultados da 3ª etapa de análise dos dados

4ª etapa					
<b>Material analisado</b>	59 leituras (1º e 2º parágrafos)/16 pontos/9.617 oclusivas/-100 (anuladas)/9517 oclusivas Área: 5.316 colônias velhas (CV)/4.201 colônias novas (CN) Índice populacional: 4.510 baixo (B) e 5.007 alto(A)				
<b>Nº de transferências</b>	179 oclusivas divergente dos padrões do português (1,88%) Área: 149 CV (83,24%) e 30 CN (16,76%) Índice populacional: 116 B (64,80%) e 63 A (35,20%)				
<b>Tipo de processo ocorrido</b>	147 dessonorizações (82,12%) e 32 sonorizações (17,88%). Área: CV: 118 des. (80,27%) e 31 son. (96,87%) CN: 29 des. (19,73%) e 1 son. (3,13%) Índice populacional: B: 95 des.(64,62%) e 21 son. (65,62%) A: 52 des. (35,38%) e 11 son. (34,38%)				
<b>Tonicidade silábica</b>	* 82 pretônica (45,81%): Área: CV: 65 (79,27%): 58 des. (77,33%) e 7 son. (100%). CN: 17 (20,73%): 17 des.(22,67%) Índice populacional: B: 59 (71,95%): 53 des. (70,67%) e 6 son. (85,71%) A- 23 (28,05%): 22 des. (29,33%) e 1 son. (14,29%) *91 tônica (50,84%): Área: CV: 79 (86,81%): 57 des.(83,82%) e 22 son. (95,65%). CN: 12 (13,19%): 11 des. (16,18%) e 1 son. (4,35%). Índice populacional: B: 55 (60,44%): 41 des. (60,29%) e 14 son. (60,87%) A: 36 (39,56%): 27 des.(39,71%) e 9 son. (39,13%) *6 postônica (3,35%): Área: CV: 5 (83,33%): 3 des.(75%) e 2 son.(100%). CN: 1 (16,67%): 1 des. (25%). Índice populacional: B: 2 (33,33%): 1 des. (25%) e 1 son. (50%) A: 4 (66,67%): 3 des. (75%) e 1 son. (50%)				
<b>Regras do hunsriqueano</b>	* Área: CV: 117= regras (78,52%) e 32 ≠ regras (21,48%) CN: 28= regras (93,33%) e 2 ≠ regras (6,67%) * Índice populacional: B: 95= regras (81,90%) e 21 ≠ regras (18,10%) A: 50= regras (79,37%) e 13 ≠ regras (20,63%)				
<b>Tipo de oclusiva</b>	Oclusiva	CV	CN	B	A
	8p	8 (100%)	- (0%)	5 (62,5%)	3 (37,5%)
	27b	20 (74,07%)	7 (25,93%)	18 (66,67%)	9 (33,33%)
	12t	12 (100%)	- (0%)	7 (58,33%)	5 (41,67%)
	71d	62 (87,32%)	9 (12,68)	46 (64,79%)	25 (35,21%)
	12k	11 (91,67%)	1 (8,33%)	9 (75%)	3 (25%)
	49g	36 (73,47%)	13 (26,53%)	31 (63,27%)	18 (36,73%)

**QUADRO 27:** Anexo E- Resumo dos resultados da 4ª etapa de análise dos dados